Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas

Alexandre Agnolon

A Festa de Saturno

O *Xênia* e o *Apoforeta* de Marcial

São Paulo
2013
versão corrigida

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas

Alexandre Agnolon

(agnolon@gmail.com / agnolon@usp.br)

A Festa de Saturno

O *Xênia* e o *Apoforeta* de Marcial

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto

São Paulo
2013

Resumo

Trataremos de dois livros de epigramas do poeta latino Marcial: *Xênia* e *Apoforeta*, dados a lume, respectivamente, nas Saturnais de 83 (ou 84) e 85 d.C. sob o principado de Domiciano. Nosso objetivo, em primeiro lugar, será discutir as características intensamente apotropaicas e propiciatórias tanto das Saturnais, como do próprio deus Saturno – a despeito dos elementos lúgubres comumente a ele associados –, para, em seguida, tentar demonstrar de que maneira a festividade romana interfere na fruição dos epigramas que compõem as referidas recolhas e exige que o poeta abandone, temporariamente, a comum acerbidade de seus versos. Tanto pelas Saturnais constituírem o princípio de unidade desses livros, como por Marcial buscar emular um conjunto de tratados antigos de natureza jocosa, populares durante os festejos consagrados a Saturno, acreditamos que o poeta legitima a existência de novo subgênero epigramático que é corolário das próprias Saturnais romanas. No final, apresentamos, como resultado de nossa investigação, tradução poética de *Xênia* e *Apoforeta*, inédita em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Marcial; *Xênia* e *Apoforeta*; Saturno; Saturnais; Epigrama; Tradução.

Abstract

We will discuss two books of epigrams by the Latin poet Martial: *Xenia* and *Apophoreta*, published, respectively, in the *Saturnalia* of 83 (or 84) and 85 A.D. under the reign of Domitian. Our goal, in the first place, is to discuss the highly apotropaic and propitiatory features of both the *Saturnalia*, as the god Saturn itself – despite the gloomy elements commonly associated with him. Then we'll try to demonstrate how the Roman festival interferes with the fruition of the epigrams in these collections, and demands that the poet abandons temporarily the common poignancy of his verses. Not only because *Saturnalia* constitute the principle of unity of these books, but because Martial seek to emulate a set of ancient treatises of facetious nature, popular during the festival dedicated to Saturn, we believe that the poet legitimate the existence of new epigrammatic subgenre which is corollary of the very Roman *Saturnalia*. Finally, we will present as a result of our investigation an original translation into Portuguese verse of *Xenia* and *Apophoreta*.

KEY WORDS: Martial; *Xenia* and *Apophoreta*; Saturn; *Saturnalia*; Epigram; Translation.

Para Aline Araújo,

nunc et semper,

Se cio non fosse, il ciel che tu cammine
producerebbe sí li suoi effetti,
che non sarebbero arti, ma ruine.

Dante, *Paraíso*, VII, 106-108.

Agradecimentos

Agradeço a João Angelo Oliva Neto, meu orientador, pelas observações atentas, pela interlocução e amizade ao longo desses mais de treze anos de confiança depositada. Aos professores doutores Paulo Martins e Robson Tadeu Cesila da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo pela arguição generosa e sugestões diversas feitas no exame de qualificação. A Llewelyn Morgan, do *Brasenose College*, meu tutor durante o estágio na Universidade de Oxford, pelos preciosos conselhos. Aos professores doutores James Adams e Stephen Harrison pelo empenho em viabilizar minha visita a Oxford, bem como o acesso às bibliotecas da Universidade, mormente a Sackler Library.

Ao Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pelo apoio e compreensão nesses anos difíceis. Aos colegas do LEIR – *Laboratório de Estudos sobre o Império Romano* –, sobretudo a Fábio Faversani e a Fábio Joly e aos pesquisadores Douglas Carneiro, João Victor Lanna de Freitas, Mamede Queiroz, Lucas Almeida de Souza, Mariana Alves de Aguiar, Prema Hari Perroni Campos, Sarah Fernandes Lino de Azevedo, Thiago Paschoal, Vinicius Albano Blanc, William Mancini Vieira e Ygor Klain Belchior, pelo intenso diálogo e amigável convívio.

A Alexandra Santos, Eliane Mourão, Fábio César Montanheiro e Leandra Batista Antunes que gentilmente me acolheram na *Caterva* logo que cá cheguei, nas *Minas Geraes*. Aos comparsas de Mariana, companheiros de todas as horas, inclusive as cinzentas: Dalton Sanchez, Emílio Maciel, Mateus Henrique Pereira, Melliandro Mendes Galinari. A Cilza Bignotto, Luana Melo, Luisa Rauter, Marcelo Abreu,

Mirko Lerotic Filho, Kassandra Muniz, Valdei Lopes de Araújo, pela convivência feliz em nossa *uilla*. A Alan Nicoliche, Alexandre Pinheiro Hasegawa, Antonio Marcos Afonso, Artur Costrino, Carlos Eduardo de Oliveira, Iara Marcondes, Marcelo Cizaurre e Renato Araújo Cruz, pela amizade firme e certa. A Adriano Scatolin e Marcelo Vieira Fernandes, amigos das tardes ciceronianas e das noites na Túsculo das pizzas: *l'officina*.

E, finalmente, agradeço a minha *piccola famiglia*: meu pai Elizeu, minha mãe Terezinha, meu irmão Adriano e Aline, *amoureuse*, pelo apoio indispensável e amor incondicional sem o qual nada seria possível.

Abreviaturas

Obras de Referência

AP	PATON, W.R. (ed.). *Antologia Grega ou Palatina*
BMCRR	GHEY, Eleanor (ed.); LEINS, Ian (ed.); CRAWFORD, M. H. (contribution by). *A catalogue of the Roman Republican coins in the British Museum with descriptions and chronology based on M. H. Crawford,* Roman Republic coinage (1974)
CIL	MOMMSEN, T., *Corpus Inscriptionum Latinarum*
ILS	DESSAU, H., *Inscriptiones Latinae Selectae*
LSJ	LIDDEL, H.G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *A Greek-English Lexicon*
LS	LEWIS & SHORT. *A Latin Dictionary*
OLD	GLARE, P.G.W. *Oxford Latin Dictionary* (1968)
RCV	SEAR, David R. *Roman coins and their Values*. vol. I (2000); vol. II (2002); vol. III. (2005)
RIC	SUTHERLAND, C. H. V.; CARSON, R. A. G. *The Roman Imperial Coinage*
RRC	CRAWFORD, M. H. *Roman Republican Coinage*. Cambridge, 1974

Autores Gregos

Ael. *NA*	Eliano, *Da natureza dos animais*
Archil.	Arquíloco de Paros
Ath. *Deip.*	Ateneu de Náucratis, *O banquete dos sofistas*
Arist. *Po.*	Aristóteles, *Poética*
Pr.	*Os problemas*
Call.	Calímaco de Cirene
D.C. *H.R.*	Díon Cássio, *História Romana*
D.H. *A.R.*	Dionísio de Helicarnasso, *Antiguidades Romanas*
EM	*Etymologicum Magnum* (Gaisford)
Heph.	Hefestião, gramático.
Hes. *Th.*	Hesíodo, *Teogonia*
Op.	*Os trabalhos e o dias*
Hom. *Il.*	Homero, *Ilíada*
Od.	*Odisseia*
Iamb. *Myst.*	Iâmblico, *Dos mistérios*
Lucian. *Sat.*	Luciano, *As Saturnais*
Paus.	Pausânias, periegeta.
Pl. *Phdr.*	Platão, *Fedro*
R.	*República*
Plu. *Q.R.*	Plutarco, *Questões Romanas*

Ptol. *Tetr.*	Ptolomeu, *Tetrabiblos*
X. *Mem*.	Xenofonte, *Memoráveis*

Autores Latinos

Apic.	Apício, *Da culinária*
August.	Augusto, *Os feitos do divino Augusto*
Aus. *Ecl.*	Ausônio, *Éclogas*
Cato, *Agr.*	Catão, *Da agricultura*
Cat. *Carm.*	Catulo, *Carmina*
Cic. *Am*.	Cícero, *Da Amizade*
Att.	*Cartas a Ático*
Cael.	*Oratio pro M. Caelio*
de Orat.	*Do Orador*
Div.	*De divinatione*
Fam.	*Aos familiares*
Inv.	*Da Invenção*
Leg.	*Das leis*
N.D.	*Da natureza dos deuses*
Off.	*Dos deveres*
Orat.	*O Orador*
Q.fr.	*Cartas ao irmão Quinto*
Rep.	*Da República*
Tusc.	*Tusculanas*
Col.	Columela, *De re rustica*
Dig.	*Digesto*
Diom.	Diomedes, gramático
Enn. *Ann*.	Ênio, *Os anais*
Fest. *Sign*.	Festo, *Do significado das palavras*
Her.	[Anônimo], *Retórica a Herênio*
Hor. *A.P.*	Horácio, *Arte Poética*
Epod.	*Epodos*
Od.	*Odes*
Sat.	*Sátiras*
Isid. *Etym.*	Isidoro de Sevilha, *Etymologiarum libri*
Lact. *Mort. Pers.*	Lactâncio, *De mortibus persecutorum*
Liv.	Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*
Macr. *Sat.*	Macróbio, *As Saturnais*
Manil. *Astron.*	Manílio, *Astronômicas*
Mart. *Spect*.	Marcial, *O Livro dos Espetáculos*
Xen.	*Xênia*
Apoph.	*Apoforeta*
Epig.	*Epigramas*
Ov. *Am*.	Ovídio, *Amores*
Fast.	*Os Fastos*
Met.	*Metamorfoses*
Trist.	*Tristia*
Petr. *S.*	Petrônio, *Satíricon*

Phisiog.	[Anônimo], *O livro da Fisiognomonia*
Plin. *H.N.*	Plínio, o Velho, *História Natural*
Plin. *Ep.*	Plínio, o Jovem, *Epístolas*
Pan.	*Panegírico*
Priap.	*Priapeia*
Pseud.Ac.	Pseudo-Acrão
Sall. *Cat.*	Salústio, *A conjuração de Catilina*
Scrip. H.A. Ver.	*Escritores da História Augusta, Vida de Lúcio Vero*
Sen. *Ep.*	Sêneca, *Cartas a Lucílio*
Apocol.	*Apocoloquintose do divino Cláudio*
Serv.	Sérvio Honorato, gramático.
Suet. *Aug.*	Suetônio, *Augusto*
Cal.	*Calígula*
Cl.	*Cláudio*
Jul.	*Júlio César*
Ner.	*Nero*
Quint., *Inst.*	Quintiliano, *As instituições oratórias*
Tac. *Ann.*	Tácito, *Anais*
Tert. *Apol.*	Tertuliano, *Apologético*
Idol.	*Idolatria*
Tib.	Tibulo, *Elegias*
Varr. *L.L.*	Varrão, *Da língua latina*
R.R.	*De re rustica*
Verg. *Aen.*	Vergílio, *Eneida*
Ecl.	*Bucólicas*
G.	*Geórgicas*

Sumário

AGRADECIMENTOS....6
ABREVIATURAS....8
SUMÁRIO....11

INTRODUÇÃO....13

I. DE CRONO A SATURNO....17
O FILHO PRÓDIGO....18
O SATURNO CIVILIZADOR....30
A STELLA NOCENS....52

II. *SATURNUS IOCULATOR*: BEBER E BRINCAR, A PANACEIA UNIVERSAL....64
IO SATURNALIA! BONA SATURNALIA!....66
SATURNAIS E CONTROLE SOCIAL....99
A FESTA INTERROMPIDA: O SATURNO DESTRONADO....125

III. MARCIAL, AS SATURNAIS E A RECUSA AO VITUPÉRIO....129
O EPIGRAMA, A NOZ, O DADO E O FRITILO....131
O FRANCOLIN VINGADOR, *XEN*. 61....150
A NOZ OU O FIGO DE QUÍOS?....164
O *RISUM MOUERE* DE CÍCERO: A CLASSIFICAÇÃO LATINA DO RIDÍCULO....168

IV. O BANQUETE MARCIÁLICO OU O PANTAGRUEL EPIGRAMÁTICO....191
O QUE LIAM OS ROMANOS NAS FRIAS NOITES DE DEZEMBRO?....194
MARCIAL, O POETA DAS SATURNAIS....212

CONSIDERAÇÕES FINAIS....234

XENIA ET APOPHORETA....238
BREVE NOTA ACERCA DA TRADUÇÃO....239
XENIA....241
APOPHORETA....286

BIBLIOGRAFIA....362
ÍNDICE DE IMAGENS....380

Se contigo, querido Marcial,
pudesse eu dias desfrutar serenos,
se pudesse do tempo dispor no ócio,
livre para viver La dolce vita*,*
nem átrios, nem mansões dos poderosos,
graves litígios – nem o triste foro! –,
nem alta efígie nós conheceríamos.
Mas passeios, conversas, os livrinhos,
Campo, o Pórtico, a sombra, a Virgem, termas:
os locais, o dever seriam estes.
Nenhum de nós de fato vive agora,
sentimos só fugir, passar bons sóis,
que perecem e são por nossa conta.
Quem se demora, sabendo viver?

Marcial, 5. 20.

Introdução

Qui legis Oedipoden caligantemque Thyestem,
Colchidas et Scyllas, quid nisi monstra legis?
Quid tibi raptus Hylas, quid Parthenopaeus et Attis,
quid tibi dormitor proderit Endymion,
exutusue puer pinnis labentibus, aut qui
odit amatrices Hermaphroditus aquas?
Quid te uana iuuant miserae ludibria chartae?
Hoc lege, quod possit dicere uita "meum est."
Non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque
inuenies: hominem pagina nostra sapit.
Sed non uis, Mamurra, tuos cognoscere mores
nec te scire: legas Aetia Callimachi[1].

Marco Valério Marcial (c. 40–104 d.C.) fora sem dúvida o epigramatista mais fecundo da Antiguidade. Ainda que tenha emulado a grande tradição epigramática grega, oferecendo uma resposta em latim à poesia de Calímaco de Cirene, Leônidas de Tarento, Posidipo de Pela e outros, preocupou-se em praticar uma tradição de poesia ligeira amparada por autores latinos, principalmente por poetas do período tardo-republicano, como Catulo, e os poetas da época de Augusto, já tomados como verdadeiros clássicos e, por esse motivo, se constituíam paradigma de imitação para a tradição poética posterior. Não surpreende, portanto, a centralidade alcançada por Catulo, Ovídio, Horácio, Vergílio, Propércio, Tibulo, séculos depois, uma vez que sobrevivera, por meio deles – e também por Marcial –, o legado clássico, fundamental para a gestação das grandes tradições literárias do Ocidente. No entanto, Marcial tornou-se também epigramatista notável, porque a própria vida se lhe converteu em matéria de poesia: a despeito das tonalidades jocosas, o poeta transpõe em versos espécie de grande instantâneo da cena romana de seu tempo, conferindo ao gênero um grau de materialidade decisivo para o que ainda hoje se considera ser o epigrama.

[1] Mart. *Epig.* 10. 4.

Como consequência, as Saturnais acabaram por desempenhar papel de suma importância para os epigramas do poeta, uma vez que Marcial pôde concentrar nos poemas dedicados ao Festival – tomado como que metáfora da cena festiva – todos os elementos constituintes das várias espécies do gênero epigramático: o simpósio, o amor erótico, o riso, os divertimentos, a função descritiva e anatemática do epigrama, o caráter lúdico da poesia ligeira, a reflexão poética, de modo que as Saturnais se constituíram viés temático indispensável para compreender a verve poética de Marcial.

O objetivo mais importante de nosso trabalho é investigar a presença das Saturnais em epigramas de Marcial, principalmente nos livros que o poeta consagrou, explicitamente, ao Festival romano: *Xênia* e *Apoforeta*, em tradução livre, *O Livro dos Brindes* e *O Livro das Lembrancinhas* [2]. Os dois livros, dados a lume em dezembro de 83 (ou 84 d.C.) e 85 d.C. [3], são compostos, com exceção dos poemas que os introduzem, por centenas de dísticos que, em princípio, serviriam como *tituli* aos brindes e lembrancinhas que cada epigrama refere e descreve – amiúde de modo muito alusivo, como se exigissem do leitor a perspicácia de adivinhar o mimo que recebeu, o que reforça o caráter de παίγνιον[4]. *Xênia* constitui-se de enorme catálogo (124 dísticos no total) de alimentos mais ou menos valiosos, ofertados e consumidos durante as Saturnais, como carne de aves, azeite, vinhos, peixes, cereais, frutas, molhos, etc, ao passo que os dísticos de *Apoforeta* fazem referência a mais de 220 objetos, desde caçarolas, copas, cálices, filtros para vinho até vestes, mesas, travessas, estatuetas, livros, pinças, etc, itens que ao todo poderiam compor um generoso elenco de artigos dos banquetes invernais.

---

[2] Ambas as expressões se referem aos seguintes substantivos neutros, *xenium* e *apophoreta*, que, basicamente, podem ser compreendidos como mimos, presentes, brindes ou lembrancinhas com que o anfitrião presentava seus convidados nos banquetes, sobretudo nos festins saturnalícios, em que a prática, antes mera praxe de hospitalidade, passava a se imbuir de um caráter ritual específico, como veremos adiante. Cf. OLD *s. u. xenium*; *s. u. apophoreta*.

[3] Endossamos a datação proposta por Leary (2001: 1996).

[4] Cf. LSJ *s. u.* παίγνιον: "brinquedo, chistes, jogo, poesia ligeira".

Nas próximas páginas trilharemos o seguinte caminho. Os dois primeiros capítulos têm como fim precípuo rastrear, em fontes gregas e latinas, a figura do Crono/ Saturno. Veremos que a ambivalência é a característica mais notável na representação do deus segundo o testemunho dos autores, como Hesíodo, Homero, Ovídio, Macróbio, Vergílio, Varrão, Festo, Plutarco, Ênio, Tito Lívio, Plínio, o Velho, Luciano. De um lado, a deidade figura como o tirano, deus destronado pelo filho, divindade forjada sob o signo da melancolia; porém, de outro, Saturno é figurado, justamente em virtude de sua disposição melancólica, como deidade cuja proeminência intelectual é evidente, pois que, como soberano da Idade de Ouro, teria vivido entre os homens, inventado a agricultura e, rei bondoso que teria sido, fundado as bases de Roma, reunindo a seu alvitre os povos do Lácio que eram antes todos selváticos. Em seguida, trataremos das Saturnais e, a despeito da ambígua figuração de Saturno, apontaremos os mais importantes elementos constituintes da festa, com destaque para os ingredientes apotropaicos e propiciatórios associados ao festival. Verdadeira festa da colheita, é responsável por instaurar, temporariamente, regime diverso de vida, que se caracterizou pela suspensão (e subversão) da ordem vigente estabelecida.

Os dois últimos capítulos abordam de maneira mais detida a própria poesia de Marcial de matiz saturnalício. Em um primeiro momento, o leitor verá que tentaremos perceber nos epigramas de Marcial, em especial aqueles consagrados ao festival romano, que o poeta empreende espécie de recusa, não só dos gêneros elevados – incorporando, pois, *tópos* já tradicional de poetas do período augustano –, mas sobretudo do riso de caráter injurioso. Tentaremos demonstrar que Marcial, ao rejeitar o vitupério, busca adequar os poemas à ambiência exuberante, festiva e propiciatória dos folguedos das Saturnais e, com fazê-lo, distingue, mediante léxico bastante preciso, espécies do risível análogas às categorias propostas por Aristóteles, na

Poética, bem como por Cícero entre os latinos, no excurso *De Ridiculis*, do segundo livro do diálogo *Do orador*. O quarto e último capítulo, mais calcado na leitura dos epigramas de *Xênia* e *Apoforeta*, discutirá de que modo o poeta busca legitimar nova espécie de epigrama, o que, parece-nos, é indicado tanto pelo princípio de unidade dos livros em questão – que faz coincidir livro e festa *pari passu* –, como pela elocução amiúde tratadística de que o poeta reveste muitos epigramas, a indicar a emulação que perfaz de um conjunto de tratados jocosos que era composto e fruído ao longo das Saturnais.

Todo o estudo é proêmio e preparação para o que há de vir. Estudo de poesia que é, e consequência de nossa investigação, oferecemos também tradução integral de *Xênia* e *Apoforeta* que, por ser poética, vertida em metros fixos, penso ser inédita em nossas Letras. O fim da tradução não é meramente ilustrativo aqui, nem intenta preencher pretensa lacuna nos Estudos Clássicos e, sobretudo, nos trabalhos que se dedicam ao poeta de Bílbilis, ainda que de certo modo o faça, mas ajuda a compor o argumento, talvez fundamental – e por isso mesmo se integra à hipótese que tentaremos demonstrar –, de que os livros saturnalícios de Marcial, pelo princípio de unidade que ensejam, constituem enorme mosaico – vivaz, exuberante, superabundante, positivo – das Saturnais romanas: da festa de Marcial.

I. De Crono a Saturno

Hic locus est partes ubi se via findit in ambas:
dextera, quae Ditis magni sub moenia tendit;
hac iter Elysium nobis: at laeva malorum
exercet poenas, et ad impia Tartara mittit[5].

Saturnus faz referência na Antiguidade [6], e nas tradições posteriores, como na Idade Média e no Renascimento [7], a) ao deus cujo reinado, até ser destronado por Júpiter, foi símbolo de abundância e felicidade plenas para a humanidade; b) ao rei mítico do Lácio, entidade civilizatória que trouxe consigo as artes agrárias e o bom governo; c) ao deus ctônico, habitante do Tártaro, sob cujo signo, o planeta Saturno, jaz a ventura e desventura dos homens; e d) à melancolia, *atra bilis*, responsável pelos humores saturninos de acordo com a arte antiga da medicina. Meu objetivo, nos dois primeiros capítulos, antes de discutirmos a repercussão das Saturnais no riso epigramático de Marcial em *Xênia* e *Apoforeta*, será circunscrever o lugar ocupado por Saturno na Antiguidade. Não se tem, aqui, o fim de esgotar o tema ou de rastrear exaustivamente, em todas as fontes antigas, as referências a Crono/ Saturno, mas, sim, apontar suas características principais, sob

[5] Verg., *Aen.* 6. 540-543.
[6] Cf. Há também, em antigas inscrições, as formas *Saeturni* (CIL 1. 449) e *Sateurnus* (Fest. *Sign.* 325).
[7] Cf. Klibansky, Panofsky, Saxl (1964); Ripa, *Iconologia* (1645); Della Porta, *De Humana Physiognomonia* (1618). Destaquem-se a astrologia e a medicina, cuja separação nem sempre foi muito clara, o grande *Teatro da Memória* de Giulio Camillo, o *Corpus Hermeticum* de Marsílio Ficino, o *Roman d'Hippocrate*, e tantos outros tratados de medicina, astrologia, fisiognomonia e iconografia. Cf. Yates (2007: 188): "As imagens básicas no Teatro [de Camillo] são as dos deuses planetários. O apelo afetivo ou emocional de uma boa imagem de memória – de acordo com as regras – está presente em tais imagens, que expressam: a tranquilidade de Júpiter, a ira de Marte, a melancolia de Saturno, o amor de Vênus". Cf. Scliar (2003: 33-34): "O saturnino Ficino era admirador de Mercúrio, deus que, penetrando diretamente na mente "através do nevoeiro da razão", era capaz de instruir os homens sobre as "questões divinas". Saturno e Mercúrio são os astros que condicionam o clima emocional do Renascimento. O inquieto Mercúrio convida à descoberta do novo (inclusive de novos mercados para o comércio); Saturno induz à ruminação do passado. Nessa "constelação planetária", Vênus também desempenha um papel, antecipando a erotização – uma das características da atual cultura ocidental".

o crivo da coexistência de aspectos ambivalentes em relação à deidade [8]. Nosso intuito é perfazer espécie de retrato de Saturno, cujo dualismo, como há de se ver, interfere na percepção antiga do deus, sobretudo nos textos latinos supérstites[9]. Saiba já o leitor que preponderam, nas Saturnais romanas – cujos elementos mais importantes trataremos no próximo capítulo –, a face favorável e propiciatória da divindade a que os romanos atribuíam a invenção da agricultura e, com esta arte, as bases da civilização romana[10].

O Filho Pródigo

Comecemos, pois, pelo princípio. Comecemos por Crono, a quem Saturno, desde tempo antigo, de acordo com as principais fontes textuais, fora relacionado. Hesíodo[11] circunscreve-o entre as deidades primordiais, nascidas de Gaia e Urano:

> [...] αὐτὰρ ἔπειτα
> Οὐρανῷ εὐνηθεῖσα τέκ' ᾽Ωκεανὸν βαθυδίνην
> Κοῖόν τε Κρεῖόν θ' ῾Υπερίονά τ' ᾽Ιαπετόν τε
> Θείαν τε ῾Ρείαν τε Θέμιν τε Μνημοσύνην τε 135

[8] Cf. Lages (2004: 215): "as duplicidades na representação [*Melencolia I*, de Dürer] são correlatas da ambivalência inerente a toda disposição melancólica e que se caracteriza pela oscilação entre posições contraditórias: alto e baixo, triste e alegre, espiritual e material, infernal e divino". Sendo, pois, a melancolia o humor de Saturno, julgamos que essa mesma ambivalência participa dos caracteres da divindade.

[9] Cf. Guastella (1992: 11): "Obviamente, a separação dos dois "lados" de Saturno não é nítida e mecânica. Algumas vezes, as duas imagens parecem se sobrepor a tal ponto que, nas versões conflitantes das fontes literárias, a oposição entre Saturno e Júpiter não parece fazer qualquer sentido com o "período italiano" da história de Saturno; e, em outros casos, a Idade de Ouro ela mesma poderia similarmente ter existido apenas em terras italianas (D.H., 1. 36. 1). A sobreposição incerta dos dois caracteres deixou, nos textos latinos, traços de uma ambiguidade irresolúvel".

[10] Cf. *Idem*, *Ibidem*, 9: "As características do modelo cultural que os autores romanos conectam ao tema da Idade de Ouro podem ser definidas mais precisamente do que as sugeridas pelos autores gregos. Alguns poetas em particular, como Vergílio, estabeleceram um paradigma definitivo de valores explicitamente tributável à tradição itálica, no lugar de exaltar em termos gerais uma gama de valores positivos percebidos no contexto fabuloso da vida primitiva. A imagem do reino de Saturno adquiriu um significado novo mais adequado aos moldes da tradição romana".

[11] *Th.* 132-138.

Φοίβην τε χρυσοστέφανον Τηθύν τ' ἐρατεινήν.
τοὺς δὲ μέθ' ὁπλότατος γένετο Κρόνος ἀγκυλομήτης,
δεινότατος παίδων, θαλερὸν δ' ἤχθηρε τοκῆα.

[...] Depois pariu
do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos
e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
e Teia e Reia e Têmis e Memória
e Febe de áurea coroa e Tétis amorosa.
E após com ótimas armas Crono de curvo pensar,
filho o mais terrível: detestou o florescente pai[12].

Nos dois últimos versos da referida passagem (137-8), Hesíodo narra o nascimento de Crono: o de "curvo pensar" (ἀγκυλομήτης). O adjetivo importa, pois que, ambivalente que é, determina suas características e atributos mais importantes: de um lado, a astúcia e inteligência, sua capacidade inata de elocubrações complexas – aliás, é esse mesmo o sentido de ἀγκυλομήτης: formado pela justaposição de ἀγκύλος, "curvado", "curvo", daí "intrincado", "complexo"; e μῆτις, "sabedoria", "sagacidade", "discernimento", "perícia", "destreza". De outro, seu lado sombrio: o desejo latente de tomar ao pai o trono dos deuses, pois que "curvo" remete também, por sinédoque, à arma com que investe contra Urano. Em resumo, no adjetivo ἀγκυλομήτης residem virtude e fado, haja vista que sintetiza as potencialidades intelectuais do deus, seu engenho e sabedoria, e ao mesmo tempo é índice da μοῖρα, pois, em ἀγκυλος jaz o golpe fatal: a voz imanente e reveladora das Musas, carregada de ἀλήθεια, sempre pronta, no poema hesiódico, para indicar o futuro e o passado.

O epíteto, na *Teogonia*, para qualificar o Uranida, aparece quatro vezes: respectivamente, nos versos 18, 137, 169 e 473[13]. O mesmo

[12] Tradução de Jaa Torrano (2007: 109).
[13] Ver também Homero (*Od.* 21. 414-415): "Muito se alegra com isso o divino e sofrido Odisseu,/ pois Zeus, nascido de Crono astucioso, um sinal lhe mandara", γήθησέν τ' ἄρ' ἔπειτα πολύτλας δῖος Ὀδυσσεύς,/ ὅττι ῥά οἱ τέρας ἦκε Κρόνου πάϊς ἀγκυλομήτεω. Tradução de Carlos Alberto Nunes (2009: 363). Repare-se que o tradutor opta verter ἀγκυλομήτης por "astucioso", o mesmo termo que utiliza para traduzir o epíteto de Odisseu, πολύτροπος. Cf. também *Il*. 2. 205.

ἀγκυλομήτης é empregado por Hesíodo no verso 546, agora para se referir a Prometeu: Προμηθεύς ἀγκυλομήτης, cuja sagacidade, como se sabe, é fundamental para a história do filho de Jápeto.

O ódio soma-se aqui à inteligência. Crono, dentre os filhos é o mais terrível, implacável (δεινότατος παίδων). A fúria contra o pai, Urano, que aprisiona todos os filhos nas profundezas da Terra[14], manifesta-se nos ardis de Gaia para libertar seus filhos e, pela violência, tomar-lhe o poder: às exortações da mãe responde Crono, previdente e armado do aço urdido por ela; à noite, quando Urano já estreitava a esposa nos braços, o filho desferiu-lhe o golpe, castrando-o[15]:

αἶψα δὲ ποιήσασα γένος πολιοῦ ἀδάμαντος
τεῦξε μέγα δρέπανον καὶ ἐπέφραδε παισὶ φίλοισιν·
εἶπε δὲ θαρσύνουσα, φίλον τετιημένη ἦτορ·
“παῖδες ἐμοὶ καὶ πατρὸς ἀτασθάλου, αἴ κ' ἐθέλητε
πείθεσθαι· πατρός κε κακὴν τεισαίμεθα λώβην
ὑμετέρου· πρότερος γὰρ ἀεικέα μήσατο ἔργα.”
ὣς φάτο· τοὺς δ' ἄρα πάντας ἔλεν δέος, οὐδέ τις αὐτῶν
φθέγξατο. θαρσήσας δὲ μέγας Κρόνος ἀγκυλομήτης
αἶψ' αὖτις μύθοισι προσηύδα μητέρα κεδνήν·
“μῆτερ, ἐγώ κεν τοῦτό γ' ὑποσχόμενος τελέσαιμι
ἔργον, ἐπεὶ πατρός γε δυσωνύμου οὐκ ἀλεγίζω
ἡμετέρου· πρότερος γὰρ ἀεικέα μήσατο ἔργα.”
ὣς φάτο· γήθησεν δὲ μέγα φρεσὶ Γαῖα πελώρη·
εἷσε δέ μιν κρύψασα λόχῳ, ἐνέθηκε δὲ χερσὶν
ἅρπην καρχαρόδοντα, δόλον δ' ὑπεθήκατο πάντα.
ἦλθε δὲ νύκτ' ἐπάγων μέγας Οὐρανός, ἀμφὶ δὲ Γαίῃ
ἱμείρων φιλότητος ἐπέσχετο, καί ῥ' ἐτανύσθη
πάντῃ· ὁ δ' ἐκ λοχέοιο πάις ὠρέξατο χειρὶ
σκαιῇ, δεξιτερῇ δὲ πελώριον ἔλλαβεν ἅρπην,
μακρὴν καρχαρόδοντα, φίλου δ' ἀπὸ μήδεα πατρὸς
ἐσσυμένως ἤμησε, πάλιν δ' ἔρριψε φέρεσθαι
ἐξοπίσω. [...]

[Gaia] rápida criou o gênero do grisalho aço,
forjou grande podão e indicou aos filhos.
Disse com ousadia, ofendida no coração:
“filhos meus e do pai estólido, se quiserdes
ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.
Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém
vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar

[14] Cf. *Th.* 156-158.
[15] Cf. *Ibidem*, 162-182.

devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa:
"mãe, isto eu prometo e cumprirei
a obra, porque nefando não me importa o nosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas."
Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa,
colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos
a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil.
Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra
desejando amor sobrepairou e estendeu-se
a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice
longa e dentada. E do pai o pênis
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo
para trás [...][16].

O poder de Crono é incontestável. Decepar o falo paterno corresponde não só a amputar-lhe a virilidade, mas sobretudo, simbolicamente, o poder que exerce sobre deuses e homens. O pênis decepado, ainda que não perca, na narrativa hesiódica, sua capacidade vital, já que mesmo à deriva gerou, do conúbio com as ondas, Vênus Citereia, oblitera a Urano as potencialidades viris que ao falo se relacionam, como o poder de decisão e de comando – justamente as faculdades mais importantes de um Soberano –, legando-lhe tão-somente o peso da lembrança do passado, da eterna ruminação do que passou e não voltará, teatralizado, no poema, pela inexorabilidade do corte da foice, que é também oráculo de Crono: destronado posteriormente por Zeus, a paronomásia entre Κρόνος e χρόνος, portanto, converte-se em metáfora do destino do Uranida, entregue às vagas do tempo eterno sob as sombras do Tártaro[17]. Assumindo o lugar do pai passa também, como este, a ser odioso aos filhos de sua união com Reia. Devora-os um a um conforme nascem[18]. Pois sabe, por desígnio, "que lhe era destino por um filho ser submetido", οὕνεκά οἱ πέπρωτο ἑῷ

[16] Tradução de Jaa Torrano (2007: 111).
[17] Yates (2007: 73) menciona os juízos de Alberto Magno em *De memoria et reminiscentia* (edição Borgnet, IX, p. 108) acerca da rememoração. Para ele, caso os homens desejem lembrar-se de algo devem retirar-se das luzes públicas "para a sombra da intimidade", porque com a luz a imagem das coisas sensíveis se dispersa em confuso movimento. Para a relação entre Saturno e o Tempo, cf. Cícero, *N.D.* 2. 64.
[18] Cf. *Th.* 453-460.

ὑπὸ παιδὶ δαμῆναι[19]. Zeus, ao nascer, é enviado para Creta, onde deve ser criado e nutrido. Enquanto isso, Crono é enganado por Reia e engole uma pedra, julgando que se trata do recém-nascido[20]. Zeus retorna e cumpre o fado tomando o poder ao pai, lançando-o ao Tártaro onde jaz em companhia de Hades e dos Titãs temíveis[21]. E o filho reina soberano sobre mortais e imortais, tendo o trovão como cetro real [22]:

λῦσε δὲ πατροκασιγνήτους ὀλοῶν ὑπὸ δεσμῶν,	
[βρόντην τε Στερόπην τε καὶ Ἄργην ὀβριμόθυμον,]	501a
Οὐρανίδας, οὓς δῆσε πατὴρ ἀεσιφροσύνῃσιν·	
οἵ οἱ ἀπεμνήσαντο χάριν εὐεργεσιάων,	
δῶκαν δὲ βροντὴν ἠδ' αἰθαλόεντα κεραυνὸν	
καὶ στεροπήν· τὸ πρὶν δὲ πελώρη Γαῖα κεκεύθει·	505
τοῖς πίσυνος θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισιν ἀνάσσει.	

E livrou das perdidas prisões os tios paternos	
Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo,	501a
filhos de Céu a quem o pai em desvario prendeu;	
e eles lembrados da graça benéfica	
deram-lhe o trovão e o raio flamante	
e o relâmpago que antes Terra prodigiosa recobria.	505
Neles confiante reina sobre mortais e imortais[23].	

O ímpeto e a violência de Zeus ao destronar o pai equivalem, por seu turno, ao golpe da foice, espécie de castração moral de Crono. A despeito da crueldade do Uranida no que tange aos filhos e do caráter lúgubre que se lhe relaciona, Crono é associado à época de inocência do homem, espécie de Paraíso perdido, atemporal, em cuja condição viviam os homens até o momento em que Zeus tomou ao pai o reino dos céus, e Prometeu, mediante ardis, tentou ludibriar o rei dos deuses e homens. A Idade de Ouro é caracterizada por Hesíodo como uma Era de absoluta paz onde a velhice não nos atingia, nem a dor e a morte cruel abatiam

[19] Cf. *Ibidem,* 464.
[20] Cf. *Ibidem,* 485.
[21] Cf. *Ibidem,* 850-852: "tremem Hades lá embaixo rei dos mortos/ e Titãs no Tártaro em torno de Crono/ pelo irreprimível clangor e pavorosa luta", τρέε δ' Ἀΐδης ἐνέροισι καταφθιμένοισιν ἀνάσσων/ Τιτῆνές θ' ὑποταρτάριοι Κρόνον ἀμφὶς ἐόντες/ ἀσβέστου κελάδοιο καὶ αἰνῆς δηιοτῆτος. Tradução de Jaa Torrano (2007: 147).
[22] Cf. *Ibidem,* 501-506.
[23] Tradução de Jaa Torrano (2007: 129).

os homens; morria-se, sim, mas como que tomados por doce sono eterno. O trabalho não existia, os homens viviam somente em festins, completamente apartados de todos os males, e a terra nutriz, espontânea, lhes oferecia generosa e abundante todos os bens [24]:

Εἰ δ' ἐθέλεις, ἕτερόν τοι ἐγὼ λόγον ἐκκορυφώσω
εὖ καὶ ἐπισταμένως· σὺ δ' ἐνὶ φρεσὶ βάλλεο σῇσιν
[ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοί τ' ἄνθρωποι].
Χρύσεον μὲν πρώτιστα γένος μερόπων ἀνθρώπων
ἀθάνατοι ποίησαν Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες.
οἳ μὲν ἐπὶ Κρόνου ἦσαν, ὅτ' οὐρανῷ ἐμβασίλευεν·
ὥστε θεοὶ δ' ἔζωον ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες
νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ ὀιζύος, οὐδέ τι δειλὸν
γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι
τέρποντ' ἐν θαλίῃσι, κακῶν ἔκτοσθεν ἁπάντων·
θνῄσκον δ' ὥσθ' ὕπνῳ δεδμημένοι· ἐσθλὰ δὲ πάντα
τοῖσιν ἔην· καρπὸν δ' ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα
αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον· οἳ δ' ἐθελημοὶ
ἥσυχοι ἔργ' ἐνέμοντο σὺν ἐσθλοῖσιν πολέεσσιν.

Se queres, com outra estória esta encimarei;
bem e sabiamente lança-a em teu peito!
[como da mesma origem nasceram deuses e homens.]
primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados,
morriam como por sono tomados; todos os bens eram
para eles: espontânea a terra nutriz fruto
trazia abundante e generoso e eles, contentes,
tranquilos nutriam-se de seus pródigos bens [25].

Só posteriormente, porém, a imagem e a sorte de Crono foram associadas a Saturno, como se percebe, por exemplo, em Ovídio, Vergílio, Tibulo, Manílio e Marcial [26], bem como nos versos seguintes dos *Anais* de Lúcio Ácio (170–86 a.C.), conservados por Macróbio [27]:

[24] Cf. Hes., *Op.* 106-119.
[25] Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer (2006: 29)
[26] Cf. Ov., *Met.* 1. 89-114: "Primeva, a idade de ouro, sem ultor nem lei,/ cultivava o direito e a fé espontaneamente./ Faltos de pena e medo, em bronze não se liam/ ameaças, nem, súplice, a turba temia/ juiz, mas, sem ultor, sentiam-se seguros./ Dos montes não descera ainda o pinho às ondas,/ visitando o estranho orbe, e mortal

Maxima pars Graium Saturno et maxime Athenae
Conficiunt sacra, quae Cronia esse iterantur ab illis,
Eumque diem celebrant: per agros urbesque fere omnes
Exercent epulis laeti: famulosque procurant
Quisque suos, nostrique itidem: et mos traditus illinc
Iste, ut cum dominis famuli epulentur ibidem.

Os gregos – sobretudo Atenas – a Saturno
dedicam festas: clamam sem cessar as Crônias.
Celebram pelos campos todos e cidades!
Alegres, em festins, banqueteiam-se pagens,
senhores, todos juntos: a praxe tomamos
deles: donos e escravos juntos no banquete.

A associação entre Crono e Saturno é clara até mesmo iconicamente: é possível perceber, nos dois primeiros versos, o paralelismo entre *Saturnus* e *Cronia*. Vale notar ainda o caráter

---

algum/ dos outros litorais sabia, fora o seu./ Fossos fundos ainda não cingiam muros;/ não havia clarim reto ou curva corneta,/ nem capacete e espada; e, sem usar polícia,/ as pessoas em paz fruíam doces ócios./ A terra mesma tudo dava, sem impostos,/ intacta de rastelo ou arados quaisquer;/ contentes com os frutos dados sem esforço,/ colhiam o medronho e morangos silvestres./As cerejas e amoras nas moitas de espinho/ e as landes que caíam da árvore de Júpiter./ A primavera era eterna e em sopros tépidos/ afagavam incultas flores calmos Zéfiros./ Logo, intocada, a terra produzia grãos/ e o campo branquejava de espigas pesadas;/ ora corriam rios de leite ou de néctar/ e do verde azinheiro o louro mel brotava./ Após Saturno ir ao tenebroso Tártaro,/ sob Júpiter surgia a idade de prata", *Aurea prima sata est aetas, quae uindice nullo,/ sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat./ poena metusque aberant, nec uerba minantia fixo/ aere legebantur, nec supplex turba timebat/ iudicis ora sui, sed erant sine uindice tuti./ nondum caesa suis, peregrinum ut uiseret orbem,/ montibus in liquidas pinus descenderat undas,/ nullaque mortales praeter sua litora norant;/ nondum praecipites cingebant oppida fossae;/ non tuba derecti, non aeris cornua flexi,/ non galeae, non ensis erat: sine militis usu/ mollia securae peragebant otia gentes./ ipsa quoque inmunis rastroque intacta nec ullis/ saucia uomeribus per se dabat omnia tellus,/ contentique cibis nullo cogente creatis/ arbuteos fetus montanaque fraga legebant / cornaque et in duris haerentia mora rubetis/ et quae deciderant patula Iouis arbore glandes. /uer erat aeternum, placidique tepentibus auris/ mulcebant zephyri natos sine semine flores;/ mox etiam fruges tellus inarata ferebat,/ nec renouatus ager grauidis canebat aristis; /flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant, / flauaque de uiridi stillabant ilice mella. /Postquam Saturno tenebrosa in Tartara misso / sub Ioue mundus erat, subiit argentea proles.* Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (2010: 41-42). Cf. também Verg., *Aen.* 8. 319-20; Tib., 1. 3. 35-50; Manil., *Astron.*, 2. 951-955; Mart. *Epig.*, 11. 6. 1; *Apoph.,* 1. 10. Cf. também McGeough (2004: 187): "ele [Saturno] desempenhou um importante papel na religião romana. Alguns escritores latinos afirmam que Saturno, originariamente, fora um deus grego, mas as razões para afirmá-lo se baseiam nas práticas de culto gregas presentes nas cerimônias de Saturno".

[27] Cf. Macr., *Sat.* 1. 7. 36. Tradução métrica dodecassilábica nossa.

democrático da festividade em honra ao deus, congregando num mesmo espaço escravos e senhores a banquetearem-se, como ocorriam nas Saturnais romanas, que, aliás, segundo o poeta, tomavam o costume aos gregos. O festival institui espécie de breve retorno à Idade de Ouro, sob o reinado de Crono/ Saturno, como veremos. No terceiro verso, é possível perceber, além da popularidade e o grande alarde do ritual, pois que os homens festejam "pelos campos e em quase todas as cidades", *per agros urbesque fere omnes*, o caráter profundamente agrário de que se imbuía a festa, o que pode demonstrar as origens rústicas, de um lado, das Saturnais – de que trataremos adiante –, e, de outro, do próprio Saturno. Ao que tudo indica, ainda que suas origens sejam obscuras, Saturno fora um dos deuses agrários do Lácio[28].

A história do culto de Saturno em Roma ainda é bastante incerta; o templo de Saturno, porém, situa-se ao pé do Monte Capitolino e teria sido erguido por ordem dos cônsules Aulo Semprônio e Marco Minúcio em 497 a.C. Foram também estes mesmos magistrados que teriam instituído as Saturnais [29].

> Equiti admoti equi, ut persequi hostem posset; secuta et pedestris acies. ibi nihil nec diuinae nec humanae opis dictator praetermittens aedem Castori uouisse fertur ac pronuntiasse militi praemia, qui primus, qui secundus castra hostium intrasset; tantusque ardor fuit ut eodem impetu quo fuderant

[28] Cf. *Idem*, *Ibidem,* 1.10.20: "Alguns também se convenceram de que são o céu e a terra: Saturno provém de "semeadura" (*satus*), cuja causa está no céu; Ópis é a terra por cuja obra os alimentos necessários para a vida humana são produzidos, ou porque é pelo trabalho, e através dele, que nascem os frutos e os grãos", *quos etiam nonnullis caelum ac terram esse persuasum est, Saturnumque a satu dictum, cuius causa de caelo est, et terram Opem, cuius ope humanae uitae alimenta quaeruntur, uel ab opere per quod fructus frugesque nascuntur.* Tradução nossa. Cícero (*N.D.* 3. 62) associa também Saturno à saturação, à semeadura e à abundância dos campos. Uma inscrição (ILS, 11. 4439) encontrada no templo de Saturno e Ópis, na região da Numídia, confirma a relação estabelecida entre os dois deuses por Macróbio: *pro salute Antonini imp. Et Iulie Dome* (sic) | *po. as. eor. Saturno domino et Opi reginae sac. Templum et aram et porticum fecerunt L. Veturius Felix et Lucia Quieta, feliciter*. Sobre as origens obscuras de Saturno, ver McGeought (2004: 187); Fowler (1899: 269). Cf. também Verg., *Aen*. 7. 48-49.

[29] Cf. Liv., 2. 20-21. Tradução nossa.

hostem Romani castra caperent. hoc modo ad lacum Regillum pugnatum est. dictator et magister equitum triumphantes in urbem rediere. Triennio deinde nec certa pax nec bellum fuit. Consules Q. Cloelius et T. Larcius, inde A. Sempronius et M. Minucius. His consulibus aedis Saturno dedicata, Saturnalia institutus festus dies. A. deinde Postumius et T. Verginius consules facti. hoc demum anno ad Regillum lacum pugnatum apud quosdam inuenio; A. Postumium, quia collega dubiae fidei fuerit, se consulatu abdicasse; dictatorem inde factum. Tanti errores implicant temporum, aliter apud alios ordinatis magistratibus, ut nec qui consules secundum quos, nec quid quoque anno actum sit, in tanta uetustate non rerum modo sed etiam auctorum digerere possis.

Os cavaleiros apressaram os cavalos para que pudessem perseguir o inimigo, seguidos pela infantaria. Então, conta-se que o ditador [Aulo Postúmio], que auxílio algum, divino ou humano, negligenciava, consagrou um templo a Castor e prometeu prêmios aos soldados que fossem o primeiro e o segundo a penetrar nos acampamentos inimigos. O entusiasmo foi tamanho que os acampamentos sofreram com a mesma violência que num só movimento os romanos desbarataram o inimigo e tornaram aos acampamentos. Assim foi o combate no lago Regilo. O ditador e o chefe da cavalaria retornaram a Roma para receberem as honras triunfais. Os três anos seguintes não foram nem de paz segura, nem de tempos beligerantes. Eram cônsules Quinto Clélio e Tito Lárcio, que foram seguidos por Aulo Semprônio e Marco Minúcio. Um templo a Saturno foi dedicado por estes cônsules, e as Saturnais instituídas como um dia festivo [497 a.C.]. Posteriormente, Aulo Postúmio e Tito Vergínio foram eleitos. Descobri em outros autores que, precisamente neste ano, a Batalha do Lago Regilo estava, na verdade, prestes a acontecer; e que Aulo Postúmio, porque, diz-se, seu colega na magistratura era de confiança duvidosa,

> abdicou do consulado e, em seguida, foi feito ditador. Eram tantos os erros que, naqueles tempos, se embaralhavam nos testemunhos que nos chegaram, precisamente quanto à ordem das magistraturas, que tu não serias capaz de discriminar, em tamanha antiguidade de assuntos e de escritores que cônsules se sucederam, nem que acontecimentos ocorreram em cada ano.

A despeito das diversas tradições manuscritas e dificuldades de se situar com precisão a sucessão dos acontecimentos e, principalmente, segundo Lívio, dos próprios cônsules, é notável o fato de o templo de Saturno ser erguido e dedicado em um período que, se não foi de absoluta paz, não fora decerto beligerante – ainda que a guerra, mais do que evento histórico, constituía-se verdadeira instituição no mundo antigo, já que as legiões eram um dos meios não só de expansão romana, mas também de enriquecimento do erário: a paz aqui é compreendida como a imagem da estabilidade da República, protegida tanto do assédio de inimigos externos, como de guerras civis. Importante também que se note certo caráter propiciatório vinculado à fundação do templo, já que os romanos consolidavam, à época da batalha do lago Regilo, seu poder no Lácio, como que estabelecendo justa correlação entre a Idade de Ouro presidida por Saturno e a nova Idade de Ouro, presidida por Roma. Tito Lívio não tem certeza quanto à cronologia dos eventos: se o templo de Saturno foi fundado antes ou depois daquela batalha decisiva para o poder romano. De qualquer maneira, Roma está na iminência de se tornar a principal potência da Península, quase a ponto de unificar, sob seu jugo, os povos latinos. Saturno, na narrativa do historiógrafo, figura claramente como um índice desta paz romana. Erguer o templo é honrar o deus, mas também, em chave política, é legitimar o poder romano na Itália. Parece-nos que esse aspecto é bem evidenciado pelo contraste entre os dois deuses referidos na passagem acima: após a batalha, em agradecimento o ditador Aulo Postúmio – assim nomeado em um estado

de exceção, período de ameaça às instituições da República – dedica um templo a Castor, divino cavaleiro, que auxilia a cavalaria romana a desbaratar o inimigo. Em seguida, em seu consulado, é hora de honrar a paz consubstanciada no culto de Saturno, que congrega aqui não a imagem do guerreiro, do deus ousado que, instado por Gaia, decepa o falo paterno e lhe toma o reinado, mas sim a imagem do rei justo e bondoso, civilizador e benfazejo, amálgama da Idade de Ouro de quando reinou sobre os homens. Macróbio nos informa que tão sagradas eram as Saturnais, que no decurso de seus festejos era absolutamente ímpio empreender guerras[30]. Com efeito, parece que a paz desempenhava grande importância no culto saturnino. Vejamos o testemunho de Dionísio de Helicarnasso, que também relaciona a fundação do templo a um período pacífico [31]:

> Ἐπὶ τούτων φασὶ τῶν ὑπάτων τὸν νεὼν καθιερωθῆναι τῷ Κρόνῳ κατὰ τὴν ἄνοδον τὴν εἰς τὸ Καπετώλιον φέρουσαν ἐκ τῆς ἀγορᾶς, καὶ δημοτελεῖς ἀναδειχθῆναι τῷ θεῷ καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν ἑορτάς τε καὶ θυσίας. Τὰ δὲ πρὸ τούτων βωμὸν αὐτόθι καθιδρύσθαι λέγουσι [τὸν] ὑφ' Ἡρακλέους κατεσκευασμένον, ἐφ' οὗ τὰς ἐμπύρους ἀπαρχὰς ἔθυον Ἑλληνικοῖς ἔθεσιν οἱ τὰ ἱερὰ παρ' ἐκείνου παραλαβόντες· τὴν δ' ἀρχὴν τῆς ἱδρύσεως τοῦ ναοῦ τινες μὲν ἱστοροῦσι λαβεῖν Τῖτον Λάρκιον τὸν ὑπατεύσαντα τῷ πρόσθεν ἐνιαυτῷ, οἱ δὲ καὶ βασιλέα Ταρκύνιον τὸν ἐκπεσόντα τῆς ἀρχῆς· τὴν δὲ καθιέρωσιν τοῦ ναοῦ λαβεῖν Πόστομον Κομίνιον κατὰ ψήφισμα βουλῆς. τούτοις μὲν δὴ τοῖς ὑπάτοις εἰρήνης ὥσπερ ἔφην βαθείας ἐξεγένετο ἀπολαῦσαι.
>
> Dizem que, sob o governo destes cônsules [Aulo Semprônio e Marco Minúcio], um templo foi dedicado a Saturno no caminho que, partindo do Foro, leva ao Capitólio, e festejos e sacrifícios anuais, às expensas públicas, foram proclamados em honra

[30] Cf. *Sat.* 1. 10. 1.
[31] D. H. *A.R.* 6. 1. 3. Tradução nossa.

> daquele deus. Um templo foi erigido no mesmo local em que outrora havia outro, construído, dizem, por Hércules, onde aqueles que herdaram dele os ritos religiosos consagravam, segundo os costumes gregos, primícias ardentes. Há alguns autores que nos informam que foi Tito Lárcio, cônsul no ano anterior, a se incumbir da fundação do templo; outros, porém, que foi Tarquínio, o rei destronado. Contudo, foi Póstumo Comínio que se encarregou, por decisão do Senado, de consagrá-lo. Sem dúvida, como eu já disse, durante o período em que esses homens foram cônsules, foi possível gozar de uma paz profunda.

Dionísio de Helicarnasso, da mesma maneira que o historiógrafo latino, deixa entrever a dificuldade em precisar a sequência de acontecimentos que culmina na fundação do templo de Saturno, mencionando de passagem a versão de alguns que atribuem a fundação do templo ao cônsul anterior, Tito Lárcio, e a de outros que a atribuem ao antigo rei, Tarquínio – que, como Saturno, também foi destronado. Dionísio, assim como Tito Lívio, é da opinião de que o referido templo data da época do consulado de Aulo Semprônio e Marco Minúcio. Vale observar ainda a mesma correspondência entre Saturno e a paz: "durante o período em que esses homens foram cônsules, foi possível gozar de uma paz profunda", τούτοις μὲν δὴ τοῖς ὑπάτοις εἰρήνης ὥσπερ ἔφην βαθείας ἐξεγένετο ἀπολαῦσαι. Que outro fim teria o templo de Saturno senão a paz? O mesmo Saturno que destrona o pai, devora os filhos, é para os homens a lembrança longínqua de uma época de plena felicidade tendo a paz por corolário.

O Saturno Civilizador

Vimos anteriormente que em Hesíodo Crono era amiúde chamado "o de curvo pensar", ἀγκυλομήτης; e que esse epíteto dá conta da ousadia, inteligência e sagacidade associadas ao deus. Se foram justamente a audácia e astúcia que lhe legaram o Tártaro, se foram elas também que levaram Prometeu à ruína – ἀγκυλομήτης, como vimos, é ainda o qualificativo do filho de Jápeto –, em compensação estas foram as qualidades, as potencialidades, se se quiser assim, que constituíram o cerne da indústria e engenho humanos: o fogo infatigável roubado aos deuses nada mais é do que a faculdade, dada ao homem, de figurar sua realidade, transformar o meio à sua volta, de modo que possa satisfazer suas necessidades; de, enfim, planejar o futuro e minimizar as vicissitudes de que padece domando a natureza: o fogo é "longevisível" (τηλεσκόπος[32]), pois é o instrumento que auxilia aos homens a ver longe, a contemplar aquilo que sua visão ordinariamente não lhes permitiria. Antes de Prometeu, porém, somente os deuses dele gozavam. Como fogo que é, o bem e o mal participam estreitamente de sua natureza, tão benfazeja quanto mortal. Camões, no célebre episódio do Velho do Restelo n'*Os Lusíadas*, dirige censuras à empreitada ultramarina lusitana: "Ó maldito o primeiro que no mundo/ nas ondas velas pôs em seco lenho[33]".

A fala do velho evidencia a perícia humana em encontrar meios de superar suas limitações, perícia que, prometeica, é capaz de glória e grandes façanhas, mas que também é causa das maiores desgraças. Assim, da mesma maneira que a astúcia e a audácia foram funestas a Saturno, também são essas mesmas qualidades as responsáveis por seu caráter civilizador. Na Itália, Crono/ Saturno era considerado o rei

[32] Cf. Hes., *Th.* 569.
[33] Cf. *Os Lusíadas*, IV, 102-103.

mítico do Lácio, o inventor dos trabalhos nos campos, conforme já se referiu pouco acima, responsável pelo cultivo dos alimentos e, com cultivá-los, pela melhoria das condições da vida humana. Ademais, é aquele que reuniu os povos do Lácio, até então selváticos, e lhes deu leis, criando, portanto, as bases jurídicas da Cidade[34]:

primus ab aetherio uenit Saturnus Olympo
arma Iouis fugiens et regnis exsul ademptis.
is genus indocile ac dispersum montibus altis
composuit legesque dedit, Latiumque uocari
maluit, his quoniam latuisset tutus in oris.
aurea quae perhibent illo sub rege fuere
saecula: sic placida populos in pace regebat,
deterior donec paulatim ac decolor aetas
et belli rabies et amor successit habendi.
tum manus Ausonia et gentes uenere Sicanae,
saepius et nomen posuit Saturnia tellus;

De Júpiter fugindo, aqui Saturno
Do Olimpo veio, expulso do seu trono:
Selvagem povo indócil ajuntando,
Legislou, chamou Lácio a plaga antiga,
Onde um latente Couto deparara.
No célebre reinou século de ouro,
De justiça e de paz; mas pouco a pouco
Em peior descorou-se a idade nossa,
Raiva belaz surgindo e atroz cobiça,
De Ausônios e Sicanos invadida,
Variou de nomes a Satúrnia terra[35].

O governo saturnino, em Vergílio e em outros poetas, como Ovídio, é sempre o símbolo de um passado mítico em que reinava a paz e não se ouviam ainda as tubas da guerra, nem espadas retinirem[36]. Ao

[34] Cf. Verg., *Aen.* 8. 319-329.
[35] Tradução de Manuel Odorico Mendes (2008: p. 328, vv. 316-326).
[36] Cf. Verg., *G.* 2. 538-540: "Na terra de Saturno esta era a vida,/ na terra de áureo Saturno, antes de rei/ nos ter sido o dicteu, antes também/ duma ímpia raça humana sustentar-se/ de carne de novilho degolado/ e não se ter ainda ouvido o som/ duma tuba de guerra ou das espadas/ numa rija bigorna retinirem", *ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante/ impia quam caesis gens est epulata iuuencis,/ aureus hanc uitam*

mesmo tempo, pela instituição das leis, da lavoura e dos princípios civilizatórios, Saturno se constitui rei justo e bondoso, modelar para seus supostos descendentes.

Noutro passo da *Eneida*, no momento em que, com seus embaixadores, Eneias ingressa no palácio do rei Latino, os troianos contemplam as *imagines* dos reis de outrora, célebres antepassados: Ítalo, Sabino, o bifronte Jano e, finalmente, o próprio Saturno. Logo em seguida encontram no palácio, no trono, o rei Latino, que lhes convida a gozar de sua hospitalidade: "o hospício não fujais, sabei que a gente/ latina de Saturno, por si reta,/ não por temor da lei, tem-se aos ditames/ do prisco deus", *Ne fugite hospitium; neue ignorate Latinos/ Saturni gentem, haud uinclo nec legibus aequam,/ Sponte sua, ueterisque dei se more tenentem*[37]*.*

Saturno como *exemplum* do bom rei é evidente. Os índices de civilização são marcados nas noções de hospitalidade a que o próprio soberano se submete não por temor da lei ela mesma, mas porque convém aos *mores*, antonomásia, aqui, dos "ditames do prisco deus", *ueteris dei mos*. O *mos* é transmitido a seus descendentes, de modo que Latino, reinando sob proteção da divindade, é, pois, quase que a imagem mesma de Saturno a receber os estrangeiros: "Velho, em sossego e paz Latino as lavras/ E as cidades regia. É voz que a ninfa/ Marica de Laurento houve-o de Fauno;/ A Fauno gerou Pico; e este, ó Saturno,/ Pai te refere: da família és tronco*.", Iam senior longa placidas in pace regebat./ hunc Fauno et nympha genitum Laurente Marica/ Accipimus. Fauno Picus Pater; isque parentem/ Te, Saturne, refert; tu sanguinis ultimus auctor* [38]*.*

---

in terris Saturnus agebat; / necdum etiam audierant inflari classica, necdum /impositos duris crepitare incudibus ensis. Tradução de Agostinho da Silva.

[37] Cf. Verg., *Aen.* 7. 202-204. Tradução de Odorico Mendes (2008: p. 284, vv. 204-206).

[38] Cf. *Idem, Ibidem*, 46-49. Tradução de Odorido Mendes (*Ibidem*, p. 278, vv. 48-52).

O brevíssimo retrato do monarca inicia-se pela apresentação de sua origem[39]. O poeta arrola seus antepassados até Saturno: *Te, Saturne, refert: tu sanguinis ultimus auctor*. Ora, no limite, se levarmos em consideração o caráter laudatório da *Eneida*, no que tange à consolidação do Principado, podemos estabelecer a devida sobreposição, de um lado, entre Eneias e Augusto, fundador e refundador da *Urbe*, respectivamente, e, de outro, entre a *pax romana* e uma imagem saturnina do *princeps*, tomada ao pio Eneias que continua, por unir-se à Lavínia[40], a progênie de Saturno e possibilita, assim, a transmissão do caráter deste último[41]. Em resumo, Augusto, em que, retoricamente, se refundem as virtudes do deus, apresenta-se na qualidade de restaurador da paz e da ordem após as guerras civis com emular os motivos característicos da Idade de Ouro saturnina, como a paz, a abundância, a riqueza e a prosperidade (figura 1), incorporando no tronco familiar, além de Vênus e Eneias, os antigos reis latinos, supostos descendentes de Saturno:

---

[39] Cf. Quint., *Inst.* 5. 10. 23-24: "Assim, em primeiro lugar, os argumentos devem ser amiúde extraídos da pessoa, visto que, como eu já disse, dividimos todos eles em duas partes: a primeira, relativa às matérias e a segunda, às pessoas, de modo que a causa, o tempo, o lugar, a ocasião, o instrumento, o modo, etc sejam consequência das ações. Entretanto, não devo tratar tudo o que sucede às pessoas, tal como fez a maioria dos autores, mas só aquilo de que se podem retirar argumentos. Ei-los: origem, pois quase sempre os filhos julgam-se semelhantes aos pais e aos antepassados e por vezes é disto que emanam as razões de viver honesta ou torpemente", *In primis igitur argumenta saepe a persona ducenda sunt, cum sit, ut dixi, diuisio ut omnia in haec duo partiamur, res atque personas: ut causa tempus locus occasio instrumentum modus et cetera rerum sint accidentia. Personis autem non quidquid accidit exequendum mihi est, ut plerique fecerunt, sed unde argumenta sumi possunt. Ea porro sunt: genus, nam similes parentibus ac maioribus suis plerumque creduntur, et nonnumquam ad honeste turpiterque uiuendum inde causae fluunt: natio, nam et gentibus proprii mores sunt.* Tradução nossa. Cf. também *Her.* 3. 13; Cícero, *Inv.* 2. 177.

[40] Cf. Verg., *Aen.* 6. 760-66: "Notas? Próximo à luz por sorte, um jovem / se arrima em hasta pura: à vida, misto / Latino sangue, surgirá primeiro / O teu postremo Sílvio, nome albano, / Que a ti longevo parirá nas selvas / Tarde Lavínia; rei de reis estípite, / Por quem seremos de Alba inda senhores.", *ille, uides, pura iuuenis qui nititur hasta, / proxima sorte tenet lucis loca, primus ad auras / aetherias Italo commixtus sanguine surget, / Siluius, Albanum nomen, tua postuma proles, / quem tibi longaeuo serum Lauinia coniunx / educet siluis regem regumque parentem, /unde genus Longa nostrum dominabitur Alba*. Tradução de Manuel Odorico Mendes (2008: p. 253, vv. 780-786).

[41] Não é à toa que a quarta bucólica de Vergílio versa sobre o retorno da Idade de Ouro. Ainda que muito se tenha associado o poema ao advento do Cristianismo, Vergílio aludia à paz de Brundísio entre Marco Antônio e Otávio. Vale observar ainda que Augusto buscou somar à imagem de restaurador da República a de pacificador. Cf. Guastella (1992: 5).

Figura 1: RIC 252 – Denário de Prata (32 - 29 a.C.) – The British Museum, Londres

A paz, figurada no denário de prata com vestes drapejadas, portando um ramo de oliveira e a cornucópia, é de suma importância, pois ela é somada às outras virtudes transmitidas a Augusto. Sua força é reforçada, como insígnia, nas *imagines* supérstites do *princeps*, bem como em fontes textuais, destaquem-se, em especial, as *Res gestae diui Augusti*, em que há estreita relação entre o fim das guerras civis e a coroa cívica (*corona ciuica*) com que lhe foram adornadas as portas da residência, por ordem do Senado[42]: ao obsequiar Roma com a *pax*, Augusto simultaneamente impede que a guerra ceife a vida de mais cidadãos – OB CIVES SERVATOS[43]. O mérito de Augusto é figurável – a

[42] *August. 34*: "No sexto e sétimo consulados, após extinguir as guerras civis, quando eu era senhor de tudo por consenso universal, transferi a República de minha autoridade para o arbítrio do Senado e do Povo de Roma. Pelo que, fui cognominado Augusto por decreto do Senado; não somente os umbrais de minha casa, publicamente, foram ornados com louros e, sobre a porta, dependurada a coroa cívica; mas também foi depositado na Cúria Júlia o Escudo de Ouro, que o Senado e o Povo de Roma me ofertaram devido à minha virtude e clemência, justiça e piedade – atesta-o uma inscrição no próprio escudo. Depois dessa época, excedi a todos em autoridade, não gozei, porém, de poderes mais amplos do que aqueles que foram meus colegas em cada magistratura", *In consulatu sexto et septimo, postquam bella ciuilia exstinxeram, per consensum uniuersorum potitus rerum omnium, rem publicam ex mea potestate in senatus populique Romani arbitrium transtuli. Quo pro merito meo senatus consulto Augustus appellatus sum et laureis postes aedium mearum uestiti publice coronaque ciuica super ianuam meam fixa est et clupeus aureus in curia Iulia positus, quem mihi senatum populumque Romanum dare uirtutis clementiaeque et iustitiae et pietatis causa testatum est per eius clupei inscriptionem. Post id tempus auctoritate omnibus praestiti, potestatis autem nihilo amplius habui quam ceteri qui mihi quoque in magistratu conlegae fuerunt.* Tradução nossa.

[43] Cf. Martins (2011: 188): "Essa coroa [cívica] feita de folhas de carvalho, da mais alta simbologia, era acompanhada da inscrição OB CIVES SERVATOS – por ter salvado cidadãos – e originariamente apenas outorgada a quem salvara um *ciuis* na guerra.

coroa, a cornucópia –, coadunando-se com as virtudes de estirpe que já se lhe associam.

A relação entre cultura agrícola e cultura do espírito é bastante evidente em latim. O termo *cultus* – particípio de *colo* – dá conta tanto do cultivo dos campos, como do esmero da linguagem e dos costumes; é sobretudo metáfora do aperfeiçoamento intelectual, em que a filosofia desempenhava papel fundamental:

> Nam ut agri non omnes frugiferi sunt qui coluntur, falsumque illud Acci: "Probae etsi in segetem sunt deteriorem datae / Fruges, tamen ipsae suapte natura enitent", sic animi non omnes culti fructum ferunt. Atque, ut in eodem simili uerser, ut ager quamuis fertilis sine cultura fructuosus esse non potest, sic sine doctrina animus; ita est utraque res sine altera debilis. Cultura autem animi philosophia est; haec extrahit uitia radicitus et praeparat animos ad satus accipiendos eaque mandat is et, ut ita dicam, serit, quae adulta fructus uberrimos ferant.
>
> Pois, da mesma maneira que os campos cultivados não são todos fecundos, e é falso aquele passo de Ácio: "embora em solo estéril plantadas, são boas / sementes: brilha a própria natureza nelas", assim também nem todos os espíritos cultivados fornecem frutos. E, para que eu pondere sobre este símile, do mesmo modo que um campo, ainda que fértil, não pode ser produtivo sem cultura, assim também é o espírito sem doutrina. Sem a outra parte, ambos são débeis. A cultura da alma é, pois, a filosofia. Esta arranca os vícios pela raiz e prepara o espírito para que possa receber as sementes, delega-as e, como eu diria, semeia-o, a fim de que possam, quando adultas, render os mais abundantes frutos[44].

Para Cícero, a fecundidade sozinha, a potencialidade vital da terra, não garante a produção agrícola, pois esta necessita da cultura, ou seja, da intenvenção humana que lavra e semeia a terra: assim também é o espírito humano, embora por natureza já seja provido de todas as

---

Dessa forma, Augusto, além de ser predestinado, por conta dessa nova designação, é também aquele que salvaguarda a cidade. Por outro lado, vale lembrar o valor simbólico do carvalho, que, associado aos seixos, são representação da dureza originária do mundo".

[44] Cf. Cic., *Tusc.* 2. 13. Tradução nossa.

faculdades necessárias – recordemos o passo de Aristóteles: "o aprender não só muito apraz os filósofos, mas também, igualmente, aos demais homens", μανθάνειν οὐ μόνον τοῖς φιλοσόφοις ἥδιστον ἀλλὰ καὶ τοῖς ἄλλοις ὁμοίως[45] –, é a doutrina responsável por lhe garantir o desenvolvimento intelectual: a filosofia prepara o espírito para que receba as sementes. Nesse sentido, não parece coincidência a relação de Saturno com a semeadura dos campos (*Satus*/ *Saturnus*) e, ao mesmo tempo, com o cultivo de valores civilizatórios, pois é ele quem primeiro traz para o Lácio as técnicas agrícolas de produção, bem como, consoante vimos há pouco em Vergílio, as leis que regem o povo e a prudência dos antigos reis latinos.

A civilização, e a cultura que lhe é inerente, dependeu enormemente do cultivo dos campos, ainda que tradicionalmente se tomem os termos *rusticus* e *urbanus* como opostos. O campo, de fato, circunscrevia para os antigos o lugar da criação, seja da força da Natureza, seja das searas cujo plantio e planejamento dependem do homem. A cidade, por seu turno, era o território do refinamento e urbanidade advindas do convívio entre as pessoas. Ela delimitava outro tipo de espaço: da discussão política, da constituição jurídica a que o ser humano se submete. No entanto, amiúde, esses lugares se sobrepunham. Veja-se, por exemplo, a filosofia que paulatinamente tomou o campo, o jardim – a natureza regida pelo homem – como o espaço próprio da discussão filosófica. Fugir da cidade significava rejeitar a confusão e os embates capazes de dispersar as atividades do ócio; contudo, não poderiam os filósofos abdicar dos valores citadinos, como a educação e a urbanidade, que lhes eram necessários em função da natureza complexa de suas discussões[46]. No *Fedro*, Platão deixa

[45] Cf. Arist., *Po.* 1448b 14. Tradução de Eudoro de Souza (1973: 445).
[46] Cf. Oliva Neto (2006: 19): "A partir do século IV a.C., o jardim já se tornara o espaço da atividade filosófica. Se a Academia de Platão se situa nos jardins dedicados a Academo, o Liceu, já um tanto agreste por situar-se em local dedicado a Apolo Lício, não deixa de ser ele mesmo jardim, sem falar dos jardins de Epicuro. No seio da filosofia, com a desagregação da *polis*, a cidade-estado grega, no limiar do período helenístico da história da Grécia, o jardim atraiu as várias correntes filosóficas, que, repugnando o tumulto e a corrupção que entendiam próprios da cidade, não poderiam,

Atenas em busca de um plátano agradável, um *locus amoenus* filosófico, a fim de iniciar sua discussão com Fedro acerca do discurso de Lísias[47]; as personagens de Cícero fazem o mesmo em Túsculo[48]. E o ócio, a circunstância decorosa em Roma para a prática da filosofia, se relacionava diretamente com os negócios da República: *in otio cum dignitate*[49].

As primeiras civilizações se consolidaram em função do sedentarismo propiciado pela invenção da agricultura, responsável pela melhoria da alimentação, já que pelas técnicas agrícolas aumentou-se a produção de grãos e frutos. Não nos parece coincidência que Macróbio, n'*As Saturnais*, associe Saturno não só à invenção das técnicas de plantio, mas também à figura de governante justo e bondoso, da mesma maneira que Vergílio há pouco deixou já entrever [50]:

> **21.** Hic igitur Ianus, cum Saturnum classe peruectum excepisset hospitio et ab eo edoctus peritiam ruris ferum illum et rudem ante fruges cognitas uictum in melius redegisset, regni eum societate munerauit. **22.** Cum primus quoque aera signaret, seruauit et in hoc Saturni reuerentiam, ut, quoniam ille naui fuerat aduectus, ex una quidem parte sui capitis effigies, ex altera uero nauis exprimeretur, quo Saturni memoriam in posteros propagaret. Aes ita fuisse signatum hodieque intellegitur in aleae lusum, cum pueri denarios in sublime iactantes capita aut nauia lusu teste uetustatis exclamant. **23.** Hos una concordesque regnasse uicinaque oppida communi opera condidisse praeter Maronem, qui refert: "Ianiculum huic, illi fuerat Saturnia nomen", etiam illud in promptu est, quod posteri

todavia, prescindir da proximidade nem da sofisticação do lugar onde ocorriam os eventos importantes, aonde acorriam as pessoas interessantes. Os filósofos, buscando o necessário ócio, queriam afastar-se do espaço urbano, mas não podiam distanciar-se da urbanidade que suas discussões demandavam; corriam então para esse jardim".

[47] Cf. Pl., *Phdr.* 230b-c.

[48] Cf. Cic., *de Orat*. 1. 24-28.

[49] Cf. *Idem*, *Ibidem*, 1. 1.

[50] Cf. Macr., *Sat.*. 1. 7. 21-24. Tradução nossa.

quoque duos eis continuos menses dicarunt, ut December sacrum Saturni, Ianuarius alterius uocabulum possideret. **24** Cum inter haec subito Saturnus non conparuisset, excogitauit Ianus honorum eius augmenta. Ac primum terram omnem ditioni suae parentem Saturniam nominauit: aram deinde cum sacris tamquam deo condidit, quae Saturnalia nominauit. Tot seculis Saturnalia praecedunt Romanae urbis aetatem. Obseruari igitur eum iussit maiestate religionis quasi uitae melioris auctorem: simulacrum eius indicio est, cui falcem, insigne messis, adiecit.

21. Jano, portanto, como recebesse com hospitalidade Saturno, quando este aportou com sua frota, e aperfeiçoasse, após ele ter lhe ensinado a perícia do trabalho nos campos, a qualidade da alimentação, que, antes de conhecidas as técnicas de produção agrícola, era rude e agreste, premiou-o com a partilha do poder. **22.** Quando cunhou pela primeira vez moedas de bronze, observou nisso também a reverência a Saturno: determinou que se imprimisse no anverso delas uma efígie com a cabeça dele e, no reverso, uma nau, já que ele chegara à Itália em um navio, a fim de que se transmitisse aos pósteros a memória de Saturno. Sabe-se que o cobre assim foi cunhado também por causa do jogo de azar, uma vez que os garotos, durante o jogo – que atesta os costumes antigos –, lançando as moedas para o alto, gritavam "cabeças ou navios". **23.** Eles reinaram concordes em tudo e fundaram em comum trabalho cidadelas vizinhas, além de Vergílio, que nos oferece o seguinte testemunho: "De Satúrnia e Janículo, cidades/ Que o pai Jano e Saturno edificaram".[A. 8. 357-8 [51]], há também outro testemunho que se nos apresenta à mão: a posteridade dedicou-lhes meses contíguos, de modo que dezembro se ocupasse de um culto a Saturno, e janeiro contivesse o nome do outro. **24.** Quando subitamente Saturno desaparecera daquelas terras, Jano pensou em meios que

[51] Tradução dos versos de Vergílio de Odorico Mendes.

> pudessem aumentar as honras daquele. Primeiro, nomeou Satúrnia toda a terra que jazia sob seu poder; depois, como a um deus, instituiu um altar, juntamente com festividades a que chamou "Saturnais" – elas precedem, pois, em muitos séculos a época da própria cidade de Roma. Em consequência disso, ordenou que Saturno fosse honrado com toda a majestade do culto religioso na qualidade de pai da vida mais feliz. Construiu-se, por decisão de Jano, uma estátua, a que ele acrescentou, como insígnia da colheita, uma foice.

É bastante ilustrativo o testemunho de Macróbio. Chamo atenção de início a dois aspectos: o primeiro é a proximidade de Saturno com Jano, de modo que as duas divindades, a quem o calendário reserva meses contíguos, figuram como reis míticos do território[52]; o segundo, a partilha do poder, quase que figurando aí uma espécie de "proto-consulado". Pelo menos no que compete à narrativa, ao testemunho do autor latino, é possível perceber, pela concordância harmoniosa entre os dois reis-deuses, as bases da instituição republicana. Juntos, em comum alvitre, fundaram cidades e iniciaram o processo de cunhagem de moedas (que, a propósito, por determinação de Jano, deveriam, em honra das boas ações de Saturno, figurar no obverso a efígie dele e, no reverso, uma nau, referindo-se à sua chegada à Itália, tal como Eneias chegará um dia ao Lácio). Embora o relato de Macróbio seja muito posterior, coincide inegavelmente com representações em moedas de bronze do período republicano (figura 2 e 3):

[52] Cf. Daremberg et Saglio (1877-1919: 609): "a tradição popular via em Jano o mais antigo rei do país, cujo reinado ocorreu à época de ouro do Lácio".

Figura 2: RRC 50/4 (Ghey, Leins & Crawford, 2010, 50. 4. 2) – The British Museum, Londres. Moeda de bronze, período republicano. 209 - 208 a.C. Obverso: Saturno coroado, perto da nuca: *S[aturnus]*; Reverso: Proa de uma nau, acima um S (*Saturnus*).

Figura 3: RRC 56/3 (Ghey, Leins & Crawford, 2010, 56. 3. 10) – Moeda de Bronze, 211 a.C. (*circa*) – The British Museum, Londres.

Outro testemunho, ainda de Macróbio, reforça a identificação de Saturno com a cunhagem de moedas e, principalmente, com a riqueza e prosperidade: informando que o templo do deus fora em tempo antigo o erário, o autor deixa entrever provável intenção apotropaica. Repare-se ainda a reafirmação da relação entre o Uranida e a Idade de Ouro[53]:

> **3.** Aedem uero Saturni aerarium Romani esse uoluerunt, quod tempore quo incoluit Italiam fertur nullum in eius finibus furtum esse commissum, aut quia sub illo nihil erat cuiusquam

[53] Cf. *Sat.*1. 8. 3.

> priuatum: nec signare solum aut partiri limite campum/ Fas erat: in medium quaerebant, ideo apud eum locaretur populi pecunia communis, sub quo fuissent cunctis uniuersa communia.
>
> **3.** Sem dúvida, os romanos desejaram que o templo de Saturno fosse o erário, porque dizem que no tempo em que habitou a Itália não ocorrera furto algum em seu território, ou porque sob seu reinado nada pertencia a ninguém, nem a terra: "sacrilégio/ seria dividi-la e pôr extremas,/ ao comum vindo todo o produzido" [*G.* 1. 126[54]] , por isso é que se localizava, próximo do templo, o pecúnio público: sob seu domínio, os bens eram comuns a todos[55].

Outras divindades eram associadas frequentemente à cunhagem de moedas, como Jano e sobretudo Juno[56], em cujo templo, o de Juno Moneta, funcionara por séculos a casa da moeda. Em função das circunstâncias augurais que marcaram a fundação do templo, narradas, a propósito por Tito Lívio[57], é de crer que *moneta* (originalmente, o termo deriva de *monere*, daí a "admoestadora", conforme aponta Cícero)[58] passou a designar a oficina de cunhagem. Vejamos, como exemplo, o denário de prata a seguir, que agrega a um só tempo a imagem de Juno Moneta e a cunhagem de moedas:

---

[54] Tradução dos versos de Vergílio de Agostinho da Silva.
[55] Tradução nossa.
[56] Era no templo de *Iuno Moneta* que se localizava a casa da moeda. Por séculos, até o principado de Domiciano, as moedas eram cunhadas no templo de *Iuno Moneta*. Cf. Aicher (2004: 66).
[57] Cf. Liv. 7. 28. 4.6: "Como a guerra fora provocada pelos auruncos e eles não haviam hesitado em aceitar o combate, o ditator achou necessário fazer um apelo aos deuses e, durante a peleja, prometeu um templo a Juno Moneta. Atendido em sua súplica, regressou em triunfo a Roma e abdicou a ditadura. O Senado decretou a nomeação de duúnviros para construir um templo que correspondesse à grandeza do povo romano, destinando-lhe na cidadela um terreno onde outrora se erguia a casa de Marco Mânlio Capitolino", *dictator tamen, quia et ultro bellum intulerant et sine detractatione se certamini offerebant, deorum quoque opes adhibendas ratus inter ipsam dimicationem aedem Iunoni Monetae uouit; cuius damnatus uoti cum uictor Romam reuertisset, dictatura se abdicauit. senatus duumuiros ad eam aedem pro amplitudine populi Romani faciendam creari iussit; locus in arce destinatus, quae area aedium M. Manli Capitolini fuerat*. Tradução de Paulo Matos Peixoto (1989: 113).
[58] Cf. Cic., *Div.* 1. 101.

Figura 4: BMCRR Rome 4058 – Denário de Prata de Juno Moneta (46 a.C.) – The British Musem, Londres.

Vê-se claramente no obverso a efígie de Juno com os cabelos penteados e, atrás, a palavra *moneta*, inscrita em posição vertical, imediatamente próxima à nuca da deidade; e, no reverso, os instrumentos típicos da metalurgia, encimados pela inscrição: *T[itus] Carisius*, nome do triúnviro monetário. A associação estreita que se estabelece entre riqueza, abundância e felicidade – Juno é o nume dos enlaces matrimoniais – explica não somente o fato de a deusa ser associada ao dinheiro, o que, aliás, é indiciado pelas fontes numismáticas, principalmente as anteriores ao Principado, mas sobretudo nos ajuda a reforçar a ligação entre Saturno, divindade também monetária, como se viu, e as faculdades propiciatórias de que é igualmente senhor[59]. Seja como for, a menção a processos monetários, no passo de Macróbio, condiz com seus outros atributos: distribuir riquezas, guardá-las e governar[60]. Vale observar que, embora autores romanos – Manílio[61], por exemplo – tomem o caráter adverso de Saturno como um dado inerente à sua natureza[62], proponderam, na grande

[59] Cf. Saturno como guardião do tesouro público coincide com representações posteriores do deus, evidentemente também associadas aos humores saturninos. Nicolau de Cusa (1401-1464) nos informa que aquele que sofre da *auaritiosa melancolia* tem a tendência de acumular riquezas. Cf. Nicolau de Cusa, *Opera*, Paris 1514, vol. 3, fol. 75 *apud* Klibansky, Panofsky, Saxl (1964: 120).
[60] Cf. Klibansky, Panofsky, Saxl (1964: 285).
[61] Cf. *Astron.* 2. 951-955.
[62] Sobre o lado obscuro de Saturno em fontes latinas, cf. Pucci (1992: 37-49).

maioria das fontes latinas, os traços positivos do deus[63], geralmente atrelados às origens do Lácio. Exemplo do que acabamos de dizer é a seguinte passagem de Plínio, o Velho, em que predominam as faculdades apotropaicas de Saturno, decerto correlatas a todas as qualidades já aqui enumeradas[64]:

> Basilisci, quem etiam serpentes ipsae fugiunt alias olfactu necantem, qui hominem, uel si aspiciat tantum, dicitur interemere, sanguinem Magi miris laudibus celebrant: coeuntem picis modo et colore, dilutum cinnabari clariorem fieri. attribuunt ei successus petitionum a potestatibus et a diis etiam precum, morborum remedia, ueneficiorum amuleta. Quidam e<t> Saturni sanguinem appellant.
>
> Os magos exaltam com admiráveis elogios o sangue do basilisco – que pelo cheiro põe em fuga até as próprias serpentes, chegando-a matá-las; dizem ainda que é capaz de dar cabo de um homem se apenas olhá-lo. No modo e na cor, aproxima-se do piche; diluído, porém, torna-se mais claro que o cinábrio. Atribui-se-lhe sucesso nas petições às potestades e ainda nas preces aos deuses; é remédio para as enfermidades, amuleto contra os sortilégios. Alguns chamam-no também "Sangue de Saturno"[65].

Com o desaparecimento de Saturno, Jano decide imortalizar, transmitir à posteridade a memória dele. Além das moedas que já cunhara, determina que se elevem mais ainda as honras do deus: passa a chamar "Satúrnia" todo o Lácio, ergue-lhe um altar, institui as

---

[63] Cf. Guastella (1992: 11): "[...] as fontes romanas do "período clássico" parecem reticentes no que se refere aos contornos "sombrios" desse deus. Se é verdade que esse "lado negro" permanece na base do culto, bem como da concepção romana de Saturno, é também verdade que os textos literários são bastante evasivos acerca desse ponto específico, preferindo, pelo contrário, enfatizar as qualidades positivas do divino benfeitor".

[64] Cf. Plin., *H.N.* 29. 66.

[65] Tradução nossa.

Saturnais (o relato de Macróbio, aqui, destoa bastante de Tito Lívio e Dionísio de Helicarnasso, já que, para ele, o templo de Saturno e as Saturnais "precedem em muitos séculos a época da própria cidade de Roma", *tot seculis Saturnalia praecedunt Romanae urbis aetatem*) e ordena que fosse honrado "como que o pai da vida mais feliz", *quasi uitae melioris auctorem*, aludindo sem dúvida às melhorias que engendrou para a vida dos homens. Jano também decidiu que se construísse uma estátua de Saturno, acrescentando-lhe uma foice como insígnia [66], distinguindo-o, assim, como o inventor da agricultura[67].

Das fontes materiais supérstites, existem afrescos, mosaicos, moedas que figuram Saturno com os mesmos traços distintivos já mencionados (a vetustez, a foice, a nau), como se pode ver, por exemplo, em uma pintura mural proveniente de Pompeia, em que o velho, brandindo a foice e coberto com a túnica, contempla com olhar franzido o espectador (figura 5). Ela, a um só tempo, pode ser entendida tanto como o instrumento da colheita, o símbolo da agricultura, como a arma com que Saturno decepou o falo do pai e tomou-lhe o poder.

[66] Cf. Mart., *Epig.* 11. 6. 1: "Nos lautos dias do velho da foice", *Unctis falciferi senis diebus*.

[67] Cf. também Macr., *Sat.* 1. 7. 25: "Com efeito, atribuem-se a Saturno os enxertos dos ramos, o cultivo dos pomares e os princípios de todas as técnicas de plantio dessa espécie. Não é à toa que, quando lhe prestam sacrifícios, os habitantes de Cirene, que acreditam ser Saturno o inventor da apicultura e do cultivo dos frutos, usam guirlandas feitas com figos frescos e presenteiam uns aos outros com bolos. Além disso, os romanos costumam chamá-lo "Estércuto", pois que teria sido ele o primeiro a estimular a fecundidade dos campos com o uso de esterco", *Huic deo insertiones surculorum pomorumque educationes et omnium huiuscemodi fertilium tribuunt disciplinas. Cyrenenses etiam, cum rem diuinam ei faciunt, ficis recentibus coronantur placentasque mutuo missitant, mellis et fructuum repertorem Saturnum aestimantes. Hunc Romani etiam Stercutum uocant, quod primus stercore fecunditatem agris conparauerit.* Tradução nossa. É de notar o curioso epíteto de Saturno: "Estércuto", *Estercutus*. O termo enfatiza a origem agrária da divindade, atribuindo-lhe a descoberta das técnicas de fertilização do solo mediante o emprego de esterco – repare-se ainda que Macróbio atesta que os habitantes de Cirene, colônia grega no que seria hoje a Líbia, atribuem a ele a invenção da apicultura e, em sua homenagem, festejam com guirlandas de figos frescos e se presenteiam mutuamente com bolos (a troca de presentes, como veremos, é característica marcante das Saturnais).

Figura 5: Saturno. Casa dos Dióscuros, Pompeia (séc. I d.C.). 68x41cm. – Museo Archeologico Nazionale, Nápoles.

Figura 6: RIC V 606, RCV (2005) 10170 – Moeda de Bronze, séc. III d.C. Principado de Galieno (254 – 268 d.C.). Obverso: Galieno com vestes drapejadas, em torno a inscrição: GALLIENUS AUG[USTUS].

A moeda de Galieno, ainda que extemporânea, demonstra a longa duração das representações de Saturno, de um lado, como divindade propiciatória, associada à riqueza e abundância, e, de outro, no que tange a seus atributos, nota-se a presença constante dos traços distintivos da imagem do deus, como se pode ver no reverso da moeda: Saturno com vestes drapejadas portando sua principal insígnia, a foice, alusão, conforme se viu, às benfeitorias promovidas pelo rei-deus quando reinou sobre os povos do Lácio. Repare-se ainda na inscrição que emoldura a imagem: *Aeternitas Augusta*, afim, portanto, ao caráter venerável com que Saturno era rememorado. Abaixo, outra moeda. Trata-se de um denário de prata do período republicano:

Figura 7: RRC 310/1b, Denário de Prata, 106 a.C. – The British Museum, Londres.

No obverso, o rosto de Saturno, que se distingue pela foice que está à direita, próxima à nuca e, logo abaixo, a inscrição ROMA. O reverso da moeda apresenta-nos Vênus numa biga sendo coroada por Cupido sobre o nome do triúnviro monetário, Lúcio Mêmio Galeria. As duas moedas cobrem um longo arco temporal, mas ambas representam o deus, como se pode ver, mediante os mesmos índices que compõem o seu nume. Além disso, pela presença de Vênus no denário republicano, remetendo, portanto, às origens da Urbe – lembremos que Eneias é filho da deusa – é possível supor que, além de propiciatória, as imagens de

Saturno em moedas o representem sob as cores do rei mítico, civilizador e justo e, ao mesmo tempo, reafirmam o poder romano: nesse caso, por se julgarem descendentes de Saturno, os romanos se apresentariam na qualidade de senhores legítimos do Lácio.

Macróbio nos oferece o testemunho, como vimos, de que Jano cognominara "Satúrnia" todo o território sob seu poder, tal como Ênio já mencionara[68], honrando a terra que tanto se beneficiou do governo de Saturno, quando para lá trouxe a cultura dos campos. O autor latino também nos informa, a partir de Vergílio[69], que Jano e Saturno teriam fundado cidades no Lácio a que chamaram "Janículo" e "Satúrnia". Outros autores antigos também fazem menção à Satúrnia e referem, inclusive, a existência de vestígios da cidadela que ainda subsistiam à época, como um altar dedicado ao nume, ruínas e paredes que foram ainda aproveitadas para a construção do templo de Saturno, próximo ao Capitolino. Segundo Varrão[70]:

> Ubi nunc est Roma, Septi[m]montium nominatum ab tot montibus quos postea urbs muris comprehendit; e quis Capitolinum dictum, quod hic, cum fundamenta foderentur aedis Iouis, caput humanum dicitur inuentum. hi[n]c mons ante Tarpeius dictus a uirgine Vestale Tarpeia, quae ibi ab Sabinis necata armis et sepulta: cuius nominis monimentum relictum, quod etiam nunc eius rupes Tarpeium appellatur saxum. hunc antea montem Saturnium appellatum prodiderunt et ab eo late Saturniam terram, ut etiam Ennius appellat. Antiquum oppidum in hac fuisse Saturnia scribitur. Eius uestigia etiam nunc manent tria, quod Saturni fanum in faucibus, quod Saturnia porta [...] quam nunc uocant Pandanam, quod post aedem Saturni in aedificiorum legibus priuatis parietes 'postici muri' sunt scripti.

[68] Cf. também Enn., *Ann.*1. fr. 20: *[...] late Saturnia terra*.
[69] Cf. *Aen.* 8. 857-858.
[70] Cf. Varr., *L.L.* 5. 41-43.

> O lugar onde agora se situa Roma era chamado "As Sete Colinas" por causa dos tantos montes que tempos depois a Cidade encerrou entre seus muros. A um chamou-se "Capitolino", porque dizem que nesse lugar se encontrou uma cabeça humana, quando se escavavam as fundações do templo de Júpiter. Antes, foi chamado "Monte Tarpeio": o nome provém de Tarpeia, a virgem vestal que os sabinos mataram com suas armas e que lá foi sepultada: há ainda nesse lugar um túmulo com seu nome; daí o fato de até agora seus penedos serem designados "Pedra Tarpeia". Antes, chegaram a cognominá-lo "Monte Satúrnio" e "Terra Satúrnia", os seus arredores, como os chama ainda Ênio. Registra-se que nessa região havia uma antiga cidadela cujos poucos vestígios, três na verdade, ainda hoje permanecem: o altar dedicado a Saturno, situado no desfiladeiro; a porta Satúrnia, que hoje chamam "Pandana"; e as paredes localizadas atrás do templo de Saturno, que são assinaladas como "os muros traseiros [setentrionais?]" nos estatutos privados do edifício [71].

As informações oferecidas por Varrão são de suma importância, pois associam o Lácio, ou pelos menos os arredores de Roma, aos antigos domínios de Jano e Saturno e, toponimicamente, nos informa o antigo nome do monte Capitolino, chamado outrora "Satúrnio", e "Satúrnia" toda a terra dos arredores. As informações de Varrão não param por aí; segundo o autor, antes ainda de ser o "Capitolino", o monte foi denominado "Pedra Tarpeia", por causa de Tarpeia (figura 8), a virgem vestal que traíra os romanos em guerra contra os sabinos, logo após o rapto de suas mulheres. O episódio é narrado por Tito Lívio. De acordo com o historiógrafo, enquanto os romanos se entregavam às comemorações pela vitória contra os cenicenses, e Rômulo depositava

[71] Tradução nossa.

no Capitólio as armas do chefe inimigo no templo de Júpiter – por ele consagrado como "Júpiter Ferétrio" (*Iuppiter Feretri*[72]) – os sabinos avançaram sobre o território romano e, utilizando-se de astúcia, subornaram com ouro Tarpeia, filha de Espúrio Tarpeio, a fim de que ela introduzisse no interior da Cidade soldados inimigos. No entanto, já nas muralhas, os sabinos mataram-na sob o peso de suas armas, talvez "para dar aos traidores o aviso de que não deveriam contar com promessas", *prodendi exempli causa ne quid usquam fidum proditori esset* [73].

Figura 8:

Reverso de um denário de prata da época republicana (89 a.C.). Tarpeia sob escudos resiste inutilmente aos soldados sabinos prestes a matá-la. Acima uma lua crescente. Abaixo a inscrição L[VCIVS] TITVR[IVS], o nome do emissor da moeda. RRC, 344/2a-b. – The University of Virginia Art Museum, Numismatic Collection.

Ao que parece, a menção à lenda de Tarpeia não é casual: não se constitui meramente um acréscimo, quase "romanesco", por assim dizer, ao passado mítico do Capitolino. O testemunho de Varrão apenas faz

[72] Liv., 1. 10. 6.
[73] *Ibidem,* 1. 11. No mesmo episódio, o historiógrafo menciona outras possíveis causas do assassínio de Tarpeia: "A lenda acrescenta que os sabinos geralmente usavam pesados braceletes de ouro no braço esquerdo e anéis de pedrarias de rara beleza, e que a jovem teria reclamado como recompensa o que eles traziam na mão esquerda. Ao invés de dar-lhe o ouro, eles a teriam esmagado sob o peso de seus escudos. Outros dizem que, ao indicar o objeto que usavam na mão esquerda, ela pedira exatamente os escudos, e os sabinos suspeitando de alguma cilada haviam transformado sua recompensa no instrumento de sua morte", *additur fabula, quod uolgo Sabini aureas armillas magni ponderis brachio laeuo gemmatosque magna specie anulos habuerint, pepigisse eam quod in sinistris manibus haberent; eo scuta illi pro aureis donis congesta. Sunt qui eam ex pacto tradendi quod in sinistris manibus esset derecto arma petisse dicant et fraude uisam agere sua ipsam peremptam mercede.* Tradução de Paulo Matos Peixoto (1989: 35-36).

destacar ainda mais as relações de Saturno com as origens de Roma e do Lácio. Nesse sentido, poderíamos supor, independentemente do caráter lendário da Idade de Ouro saturnina, somando-se ainda o próprio testemunho de Macróbio, que Saturno fora divindade associada aos campos e às searas e também, principalmente, às origens da civilização latina. Outro testemunho, do gramático Festo, em atividade no século II d.C., também nos é útil, porque também faz menção à existência do antigo altar dedicado a Saturno e reitera a antiguidade do culto[74]:

> Saturnia Italia, et mons, qui nunc est Capitolinus, Saturnius appellabatur, quod in tutela Saturni esse existimantur. Saturni<i> quoque dicebantur, qui castrum in imo cliuo Capitolino incolebant, ubi ara dicata ei deo ante bellum Troianum uidetur, quia apud eam supplicant apertis capitibus. Nam Italici auctore Aenea uelant capita, quod is, cum rem diuinam faceret in litore Laurentis agri Veneri matri, ne ab Ulixe cognitus interrumperet sacrificium, caput adoperuit, atque ita conspectum hostis euitauit. Saturno dies festus celebratur mense Decembre, quod eo aedis est dedicata: et is culturae agrorum praesidere uidetur, quo etiam falx est ei insigne. Versus quoque antiquissimi, quibus Faunus fata cecinisse hominibus uidetur, Saturnii appellantur. Quibus et a Naeuio bellum Punicum scriptum est, et a multis aliis plura composita sunt. Qui deus in Saliaribus Sat<e>urnus nominatur, uidelicet a sationibus.
>
> A Itália se chamava “Satúrnia”; e o monte, que agora se denomina “Capitolino”, Satúrnio, assim era, pois se julgava que estavam sob a tutela de Saturno. Também se diziam “satúrnios” aqueles que habitavam um castro antigo construído na encosta do Capitolino; parece que existia ali um altar dedicado àquele deus antes da Guerra de Troia, por isso aos pés dele suplicam

[74] Cf. Fest., *Sign.* 322-325.

> com as cabeças descobertas. Com efeito, os itálicos, por causa do pai Eneias, cobrem as cabeças, porque ele, quando realizou primícias à mãe Vênus nos litorais dos campos laurentinos, para que não interrompesse os sacrifícios, caso fosse reconhecido por Ulisses, encobriu a cabeça e evitou, assim, os olhos do inimigo. O dia da festa de Saturno é celebrado no mês de dezembro, por isso um templo lhe é dedicado. Parece também que preside o cultivo dos campos; por esse motivo a foice é sua insígnia. Os versos antiguíssimos com que Fauno teria anunciado predições aos homens chamam-se "satúrnios". Neste verso, Névio compôs *A guerra púnica*, e mais composições foram assim feitas por muitos outros poetas. Além disso, este deus nas festas dos sacerdotes sálios, é chamado "Sateurno", certamente em função das searas [75].

A partir dos testemunhos antigos, como Tito Lívio, Dionísio de Helicarnasso, Varrão, Macróbio, Festo e outros, percebemos:

a) A antiguidade do culto de Saturno, muito anterior à fundação da própria *Urbs*. Repare-se ainda, em Festo, a relação, já indicada alhures, entre *Saturnus* e *Sateurnus*. No caso de Tito Lívio e Dionísio de Helicarnasso, há somente referência à época de fundação do templo de Saturno (497 a.C.), que era posterior, ao que tudo indica (veja-se Varrão, por exemplo) ao altar e à antiga cidadela. Nesse sentido, as cerimônias do culto ligam-se certamente a rituais agrários muito anteriores, em que Saturno deve ter desempenhado um papel importante como divindade propiciatória, associada à fertilidade dos campos, segundo nos deixam entrever os testemunhos que o tomam por inventor da agricultura.

[75] Tradução nossa. Vale notar a relação etimológica estabelecida entre Sat*eurno* e sat*io*, "seara".

b) O fato de que Saturno foi um dos reis míticos do Lácio no tempo longínquo da Idade de Ouro, responsável por transformar o modo de vida itálico. O rei-deus transformou-se em modelo de administração, símbolo da justiça e bondade reais.

Talvez não seja surpreendente, portanto, que Augusto, sobretudo, tenha incorporado, como vimos há pouco, os motivos típicos da Idade de Ouro. Para o *princeps*, ser o restaurador dos valores republicanos e dos antigos *mores* corresponderia a resgatar, em sua pessoa, o passado mítico e venerável de Roma.

A Stella Nocens

Data de 1514 a célebre gravura de Albrecht Dürer, *Melencolia I*. Uma mulher alada, a alegoria da melancolia, jaz sentada, negligente, com um compasso na destra; a outra mão apoia o rosto que olha perdidamente para o infinito, "em transe visionário", segundo Yates[76], na posição paradigmática das representações daqueles que vivem sob o signo de Saturno[77]. Da cintura pendem-lhe chaves e uma bolsa[78]. Toda a cena é cuidadosamente disposta: um cão negro, símbolo da memória, dorme profundamente em meio a instrumentos das artes, da matemática e da geometria; na parte superior da cena, temos um *puer* estranhamente sério e circunspecto com um libelo no regaço (Figura 9).

[76] 1992: 102.
[77] No frontispício do *The anatomy of melancholy*, de Robert Burton (1577-1640), publicado em 1621, na Inglaterra, há nove pequenas gravuras, todas cenas da melancolia. Numa delas, Demócrito jaz sentado, sob uma árvore, também com uma das mãos apoiando o rosto: acima de sua cabeça, há o signo de Saturno. Cf. Scliar (2003: 54).
[78] A bolsa associa-se à riqueza, às moedas. As chaves, à autoridade (intelectual e política). Cf. Klibansky, Panofsky, Saxl (1964: 284): "Tudo que Dürer nos informa a respeito de sua gravura se resume a uma inscrição no esboço do "menino" dando o significado da bolsa e do molho de chaves que pendem do cinto da Melancolia: "A chave significa poder; a bolsa, riqueza".

A alegoria de Dürer, ele mesmo um melancólico – pelo menos foi dessa maneira que se autorrepresentou[79] – suscitou ao longo dos séculos diversas interpretações[80]: ora destaca-se o caráter positivo da *atra bilis* ("bile negra"), no instante mais transcendente da ruminação intelectual, de modo que o menino, sobre a cabeça da figura feminina, seria espécie de anjo saturnino, protetor e benfazejo[81]; ora, como propõe Panofsky, crê-se que a figura representaria tão-só um momento de inatividade: tristeza profunda que leva o intelecto à total apatia[82].

Figura 9

Melencolia I, Albrecht Dürer (1514). Anhaltische Gemäldegalerie, Dessau, Alemanha.

[79] Auto-retrato de Albrecht Dürer (1493). O pintor se autorrepresenta com a tez pálida, porém com olhos vivos e inquisidores; nas mãos, porta um cardo seco, figurando, assim, elementos ligados à terra e à secura, pois que são relacionados à bile negra e aos humores melancólicos. Cf. Agnolon (2011: 19).

[80] Cf. Lages (2004: 209-210). Em nota, a autora nos informa que o "estudioso Philip Sohm refere-se a um "pântano" [*morass*] das interpretações de *Melencolia I*, em contraposição ao número menor de estudos sobre *São Jerônimo em seu gabinete*: "Enquanto a iconografia de São Jerônimo é facilmente acessível, a complexidade sem precedentes de *Melencolia I* gerou um comparável lamaçal de interpretações. Foi analisada alquímica, astrológica e psicanaliticamente; foi entendida como uma ilustração da melancolia saturnina, neo-platônica, como tributo ao cientista Johann Müller, como um paradoxo cristão, e como uma exortação contra o temor de um segundo dilúvio, para mencionar apenas algumas das muitas teorias". Cf. Sohm (1980: 15-6).

[81] Cf. Yates (1992:174).

[82] Cf. Lages (2004: 211).

Saturno, e o humor a ele relacionado, a melancolia, associam-se à inteligência e à agudeza de espírito. Aristóteles pergunta-se por que os homens mais célebres na filosofia, na política, na poesia e demais artes foram notoriamente melancólicos. Enumera heróis, como Hércules, que em suas ações apresentava diversos sintomas provenientes da bile negra; menciona os filósofos mais afamados, como Empédocles, Sócrates, Platão[83]. No tratado anônimo, *De physiognomonia liber*, provavelmente composto no século IV d.C., o autor nos diz que o melancólico tem aguçado o intelecto[84]. Por outro lado, tem extenuadas, em função da escassez de sangue no organismo, as partes do corpo, adquirindo fraqueza e palidez excessivas[85], o que configura um quadro de patologia, já que, de acordo com a medicina antiga, uma das qualidades, no caso, um dos elementos corporais, passa a predominar sobre os outros, eliminando o desejável e salutar equilíbrio entre eles[86]. Em outras palavras, mais do que um temperamento, melancolia é doença. Curiosamente, era a disposição humoral mais mórbida: "o melancólico era mais patológico, aquele mais obviamente associado à doença[87]". É notável que certas doenças consideradas próprias do fleumático ou do colérico eram amiúde referidas mediante perífrase: χολερικαὶ ou φλεγματικαὶ νόσοί; χολερικὰ ou φλεγματικὰ παθήματα, ao passo que, para o melancólico, uma palavra bastava, sinônima já da condição patológica de que padecia: μελαγχολία, μελαγχολίαι[88].

---

[83] Cf. Arist., *Pr.* 30. 1.

[84] Cf. Scliar (2003: 71): "Rufo de Éfeso (98-117) sustentava que os outros humores, "queimados", originariam uma bile negra não natural – cujos vapores prejudicariam o cérebro. [...] Rufo distinguia dois tipos de melancolia: uma "congênita", ou natural; outra adquirida, sobretudo pela dieta. A melancolia natural era aquela que dava a seu portador proeminência intelectual, inclusive a capacidade da profecia, de prever coisas no futuro. Mas os melancólicos também eram tristes, misantropos. E gaguejavam, porque a fala não conseguia acompanhar o fluxo rápido do pensamento".

[85] Cf. *Physiog.*, 12.

[86] Cf. Pl., *R.* 444d: "Ora, produzir a saúde consiste em dispor, de acordo com a natureza, os elementos da alma, para dominarem ou serem dominados uns pelos outros; a doença, em, contra a natureza, governar ou ser governada um por outro", Ἔστι δὲ τὸ μὲν ὑγίειαν ποιεῖν τὰ ἐν τῷ σώματι κατὰ φύσιν καθιστάναι κρατεῖν τε καὶ κρατεῖσθαι ὑπ' ἀλλήλων, τὸ δὲ νόσον παρὰ φύσιν ἄρχειν τε καὶ ἄρχεσθαι ἄλλο ὑπ' ἄλλου. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (1996: 206-7).

[87] Cf. Scliar (2003: 70).

[88] Cf. Klibansky, Panofsky, Saxl (1964: 14).

Com efeito, a morbidez é um dos possíveis sintomas. Morbidez física e de espírito, cuja sorte também é motivada pelos astros. Saturno, a *Stella Nocens* ("A Estrela Aziaga") determinava a fortuna dos pais e dos velhos e daqueles nascidos sob seu signo; no orbe à noite, exercia suas influências, o deus despojado de seu império. Não é à toa que "o nome que a Grécia lhe pôs, "demônio", indica poderes dignos do nome", *titulus, quem Graecia fecit/ Daemonium signat dignas pro nomine uires*[89]*.* Saturno, geralmente, é considerado planeta de influência nefasta[90].

Assim, o engenho que amiúde se lhe relaciona pode ser compreendido no sentido de astúcia criminosa, em que a morbidez, sintoma físico do humor saturnino, pode ser figurada como signo, representação lúgubre de sua influência maléfica sobre os destinos dos homens já desde o nascimento. Para o astrólogo Ptolomeu (séc. I–II d.C.), pessoas nascidas sob Saturno – sobretudo se o planeta estiver alinhado com Marte – podem cometer toda a sorte de crimes: aos roubos, sacrilégios, impiedades somam-se violações, assassínios e depravações de espécie variada[91]. A má fama de Saturno ultrapassa a Antiguidade. Mais de um milênio após os sérios juízos do astrólogo egípcio, em 1385, quando Giovanni Galeazzo Visconti aprisiona o tio Bernabò e sua família, um contemporâneo – assim relata Burckhardt[92] – não deixa de apontar que Saturno e Marte, juntamente com Júpiter, se encontravam em Gêmeos, a sugerir, pois, que a disposição planetária já prefigurasse a desgraça que se havia de abater sobre a família de Bernabò. Durante a peste, a Sorbonne, por ordem de Filipe VI, constitui uma comissão de doutores que por sua vez justificava que a pandemia fora causada por uma conjunção aziaga de planetas, "em que Saturno desempenhava um papel importante[93]".

[89] Cf. Manil., *Astron.* 2. 956-7. Tradução de Marcelo Vieira Fernandes (2006: 120).
[90] Cf. Luck (2006: 418).
[91] Cf. Ptol.,*Tetr.* 3. 13. 15.
[92] Cf. 2009: 456.
[93] Cf. Scliar (2003: 24). Sobre Astrologia na Antiguidade, cf. Luck (2006); Volk (2009).

Todas as informações que arrolamos aqui – a influência maligna dos humores, o signo saturnino e seus caracteres segundo o astrólogo Ptolomeu, bem como os relatos posteriores da suposta interferência malfazeja de Saturno apontam para a morte, a desgraça, o infortúnio. Ora, quando Manílio, como vimos há pouco, o chama *Daemonium*, o sentido do termo não é mais necessariamente aquele derivado de δαίμων, empregado desde Homero para se referir a um deus simplesmente, quase sinônimo de θεός. A partir do período helenístico, porém, paulatinamente se estabelece uma diferença entre os termos: δαίμων e o derivado δαιμόνιον[94] passam cada vez mais a referir um espírito maléfico, amiúde acompanhado por κακός ou πονηρός[95].

Independentemente do agouro que o alinhamento de Saturno engendre, ele seria um dado da natureza, um evento que mais dia menos dia haveria de ocorrer, cobrindo a todos, de tempos em tempos, de sombras soturnas. Mas há a possibilidade também de evocá-lo, impingir sobre outrem a má influência do deus mediante práticas mágico-religiosas, em que se entrega, mais precisamente, se vota um desafeto às divindades infernais, desejando-lhe a ruína, às vezes também submissão sexual. Os instrumentos mágicos dessa maldição greco-romana, atestados desde pelos menos o século V a.C., eram as *tabulae* (ou *tabellae*) *defixionum*. Trata-se de tabuinhas geralmente de chumbo em cuja superfície eram inscritas as maldições, "as fórmulas imprecatórias" e o nome do inimigo cuja alma se desejava consagrar aos Manes. Costumava-se depositá-las em poços, pântanos e em cemitérios,

[94] Logo no início das *Memorabilia* (1.1), Xenofonte nos apresenta a acusação contra Sócrates, deixando entrever que as novas divindades que teriam sido introduzidas pelo dialético seriam maléficas; é bastante sintomático que, no texto da acusação, o autor empregue θεοί para os deuses de Atenas e δαιμονία para as divindades supostamente introduzidas por Sócrates, como se quisesse estabelecer algum tipo de diferença entre as duas palavras: "Sócrates é culpado por não reconhecer os deuses que a cidade reconhece e de, em sua vez, ter introduzido divindades novas; e é culpado também de corromper os mais novos", ἀδικεῖ Σωκράτης οὓς μὲν ἡ πόλις νομίζει θεοὺς οὐ νομίζων, ἕτερα δὲ καινὰ δαιμόνια εἰσφέρων· ἀδικεῖ δὲ καὶ τοὺς νέους διαφθείρων. Tradução de Ana Elias Pinheiro (2009: 56). Cf. também Luck (2006: 207).

[95] Cf. Iamb., *Myst.* 3. 31. 12: Τούτων δὲ ἐπιλαμπόντων ἀφανές τὸ κακὸν καὶ δαιμόνιον ἐξίσταται τοῖς κρείττοσιν. Cf. também Luck (2006: 207).

pois eram lugares considerados ctônicos, espécie de passagem para o além-túmulo[96].

São numerosas as tabuinhas imprecatórias, em grego e em latim, encontradas em todo o território que fora um dia o Império Romano[97]. Sua presença também é atestada em textos antigos. Tácito, por exemplo, levanta a hipótese de que Pisão teria envenenado Germânico, mas que também, como que para intensificar o efeito da droga, resolveu recorrer ao poder funesto que se creditava às imprecações. Nas paredes e no chão, abundavam encantamentos, malefícios, fórmulas imprecatórias e lâminas plúmbeas com o nome "Germânico" inscrito sobre elas. Acresce a tudo isso um ingrediente macabro: partes putrefatas de cadáveres retirados de túmulos libados de cinzas e sangue impuro. Ainda segundo o historiógrafo latino, Pisão enviara aliados seus para acompanhar a evolução da doença misteriosa – e fatal – que acometera o desafeto[98].

---

[96] Cf. Lugli (1989: 97). O autor também menciona que tais tabuinhas podiam ser pregadas, a fim de dar à imprecação um caráter de "necessidade". A Ἀνάγκη, divindade que a presidia, era amiúde representada com pregos e cunhas de bronze. Cf. também Hor., *Od.*. 1. 17-9; 3. 24. 5-7.

[97] Cf. CIL 6. 140: "Do mesmo modo que o morto, que aqui está sepultado, não pode falar, nem conversar, assim também seja morta Rodine, que está junto de Marco Licínio Fausto, e nem possa falar, nem conversar. Assim como o morto não é bem quisto nem aos deuses, nem aos homens, assim também Rodine não seja bem quista de Marco Licínio e que valha [para ele] tanto quanto esse morto, que está aqui sepultado. Ó Plutão, pai, encomendo-te Rodine, para que seja sempre motivo de ódio para Marco Licínio Fausto. Igualmente Hédio Anfíon. Igualmente Popílio Apolônio. Igualmente Venônia Hermíone. Igualmente Sergia Glicínia". *Quomodo mortuos, qui istic sepultus est, nec/ loqui nec sermonare potest, seic Rhodine apud/ M. Licinium Faustum mortua sit nec loqui nec/ Sermonare possit. Ita uti mortuos nec ad deos/ nec ad homines acceptus est, seic Rhodine aput/ M. Licinium accepta sit et tantum ualeat quam/ tum ille mortuos, quei istic sepultus est. Dite/ Pater, Rhodinem tibi commendo, uti semper/ odio sit M. Licinio Fausto./ Item M. Hedium Amphionem/ Item C. Popilium Apollonium/ Item Vennonia Hermiona/ Item Sergia Glycinna.* Tradução de João Angelo Oliva Neto.

[98] Cf. Tac., *Ann.* 2. 69: "A convicção de que [Germânico] foi envenenado por Pisão aumentava ainda mais a força atroz da doença. Encontravam-se, no chão e nas paredes, restos desenterrados de corpos humanos, fórmulas mágicas e encantamentos e o nome de Germânico gravado em tabuinhas de chumbo; além de cinzas meio queimadas, cobertas de sangue maculado e outros malefícios com que se crê amiúde votar as almas aos numes infernais. Entrementes, enviados de Pisão eram acusados de sondar os infortúnios provocados pela doença", *Saeuam uim morbi augebat persuasio ueneni a Pisone accepti; et reperiebantur solo ac parietibus erutae humanorum corporum reliquiae, carmina et deuotiones et nomen Germanici plumbeis tabulis insculptum, semusti cineres ac tabo obliti aliaque malefica quis creditur animas numinibus infernis sacrari. Simul missi a Pisone incusabantur ut ualetudinis aduersa rimantes*. Tradução nossa.

Horácio também versou a respeito de sortilégios, encantamentos, bruxarias e assuntos de mesmo jaez. Ainda que tabuinhas de chumbo não refira, sobejam sangue negro, covas conspurcadas por bruxas a caça de partes de cadáveres que lhes servissem para os feitiços; sacrifício de vítimas e fórmulas mágicas, apesar do tratamento cômico que recebem, já que é Priapo o narrador e também quem, armado do falo enorme, expulsa as velhas feiticeiras, Canídia e Sagana[99].

As *Tabellae Defixionum* podem ter se constituído a forma de manifestação material da imprecação antiga. Contudo, parece que sua simbologia permaneceu bastante arraigada no imaginário cultural das sociedades europeias modernas, sobretudo na Itália. Burckhardt, no excelente *A Cultura do Renascimento na Itália*, narra-nos um breve episódio acerca de práticas mágico-religiosas coevas aos italianos dos séculos XV e XVI. Parece que, segundo o mestre de Heinrich Wölfflin, o rei Ferrante, de Nápoles, desbaratara uma tentativa malfadada, organizada por monges, de instá-lo a empreender nova perseguição aos judeus. Os monges, para tanto, valeram-se de uma placa de chumbo enterrada próxima às muralhas de Tarento, contendo uma inscrição imprecatória[100].

O chumbo, o suporte fundamental das maldições, era o metal de Saturno e, com usá-lo, as tabuinhas deixam entrever não somente a relação simbólica com a morte em função de sua cor, peso e frieza, mas

[99] Cf. Hor., *Sat.* 1. 8. 45-50: "[...] e de que horror me encheram,/ não sem vingança, os brados e feitiços/ daquelas bruxas: pois que, abrindo as nalgas,/ o tronco me estalou, bem como estala/ disparada bexiga. Ei-las em fuga/ para a cidade; e não sem grande riso/ e grande zombaria, cair viras/ os dentes a Canídia, e à vil Sagana/ a levantada cabeleira, as ervas,/ e dos braços os vínculos do encanto", *horruerim uoces furiarum et facta duarum?/ nam, displosa sonat quantum uesica, pepedi/ diffissa nate ficus; at illae currere in urbem./ Canidiae dentis, altum Saganae caliendrum /excidere atque herbas atque incantata lacertis /uincula cum magno risuque iocoque uideres.* Tradução de Antônio Luís Seabra. A sátira horaciana também é índice do caráter propiciatório do falo e de Priapo, já que no poema figura claramente como instrumento de proteção contra o mal, advindo do sortilégio das bruxas. Sobre a figura de Priapo, na qualidade de força positiva, índice de exuberância e plenitude, ver Oliva Neto (2006).

[100] Burckhardt (2009: 411). Cf. também, sobre práticas de feitiçaria no período moderno, Ginzburg (1991), Delumeau (2009).

sobretudo reforçavam a identificação que haveria entre Saturno e as divindades ctônicas e infernais; o mal e a morte, em proximidade estreita com a disposição planetária que lhe era própria, como testemunha Plutarco, na seguinte passagem[101]:

> ᾽Διὰ τί τῶν ἄλλων Ῥωμαίων ἐν τῷ Φεβρουαρίῳ μηνὶ ποιουμένων χοὰς καὶ ἐναγισμοὺς τοῖς τεθνηκόσι Δέκιμος Βροῦτος, ὡς Κικέρων ἱστόρηκεν, ἐν τῷ Δεκεμβρίῳ τοῦτ' ἔπραττεν (ἦν δ' οὗτος ὁ Λυσιτάνειαν ἐπελθὼν καὶ πρῶτος ἐπέκεινα στρατῷ διαβὰς τὸν τῆς Λήθης ποταμόν);᾽ πότερον, ὥσπερ ἡμέρας ληγούσης καὶ μηνὸς φθίνοντος εἰώθασιν ἐναγίζειν οἱ πολλοί, λόγον ἔχει καὶ τοῦ ἐνιαυτοῦ καταστρέφοντος ἐν τῷ τελευταίῳ μηνὶ τιμᾶν τοὺς τεθνηκότας (ἔστι δὲ τῶν μηνῶν τελευταῖος ὁ Δεκέμβριος); ἢ χθονίων μὲν αἱ τιμαὶ θεῶν, τιμᾶν δὲ τοὺς χθονίους ὡραῖόν ἐστι τῶν καρπῶν ἁπάντων εἰληφότων συντέλειαν; ἢ ὅτε κινοῦσι τὴν γῆν ἀρχόμενοι σπόρου, μεμνῆσθαι μάλιστα τῶν κάτω προσήκει; ἢ Κρόνῳ μὲν οὗτος ὁ μὴν ὑπὸ Ῥωμαίων καθιέρωται, Κρόνον δὲ τῶν κάτω θεῶν οὐ τῶν ἄνω νομίζουσιν; ἢ μεγίστης αὐτοῖς ἑορτῆς τῶν Κρονίων καθεστώσης καὶ συνουσίας τε πλείστας καὶ ἀπολαύσεις ἔχειν δοκούσης ἔδοξε καὶ ταύτης ἀπονέμειν τινὰς ἀπαρχὰς τοῖς τεθνηκόσιν; ἢ τοῦτο, μόνον Βροῦτον ἐναγίζειν ἐν τῷ μηνὶ τούτῳ, καθόλου ψεῦδός ἐστι; καὶ γὰρ τῇ Λαρεντίᾳ ποιοῦσι τὸν ἐναγισμὸν καὶ χοὰς ἐπιφέρουσιν ἐπὶ τὸν τάφον τοῦ Δεκεμβρίου μηνός.

> Por que, se os outros romanos fazem libações e homenagens aos mortos no mês de fevereiro, Décimo Bruto (trata-se daquele que havia invadido a Lusitânia e o primeiro atravessar o rio Letes

[101] Cf. Plu.,*Q.R.* 34.

> com um Exército) o fazia em dezembro, segundo observa Cícero [102] ? Uma vez que muitos estão acostumados a homenagear seus entes falecidos no fim do dia ou quando o mês está chegando ao fim, tem razão acaso também quem cultua seus mortos no fim do ano que termina (e dezembro é o último mês do ano)? Ou esses são cultos dos deuses subterrâneos? Ou ainda: a época do ano para cultuar esses deuses é o período de consumação de todos os frutos colhidos na estação? Ou é sem dúvida para lembrar aquele que jaz nas profundezas quando o lavrador está a remexer a terra para o cultivo? Porventura, é porque este é o mês consagrado a Saturno pelos romanos? Ou porque eles julgam que Saturno é deus inferior, não superior? Ou porque em seu maior festival, nas Saturnais – cujos deleites, acredita-se, não são só os maiores, mas também os mais populares –, ele julgou conveniente que se dedicassem primícias aos mortos? Ou simplesmente isso: é falso que Bruto tenha sido o único romano a oferecer sacrifícios aos mortos no mês em questão? Por isso os romanos, no mês de dezembro, oferecem sacrifícios em homenagem à Aca Larência e fazem libações sobre seu túmulo[103].

O trecho se inicia com um questionamento geral: por que Décimo Bruto homenageava os mortos no mês de dezembro e não em fevereiro, como era usual, respeitando os festejos das *Parentalia*? Plutarco levanta diversas hipóteses: associa, em primeiro lugar, o culto aos mortos a "zonas de fronteira"[104], por assim dizer, ou seja, fim do dia, fim do mês. A similaridade entre a passagem de um dia para o outro ou de um mês para o outro corresponderia, do ponto de vista mágico-religioso, à

[102] Cf. *Leg.* 2. 21. 54.
[103] Tradução nossa.
[104] O próprio Saturno parece ocupar uma "zona de fronteira". Cf. Guastella (1992: 7): "Se considerarmos então a moradia dos outros deuses gregos, a habitação de Crono parece estar em uma zona limite. Ele não vive no Olimpo, de onde foi banido de uma vez por todas. Podemos encontrá-lo tanto no Tártaro (onde foi precipitado em companhia dos Titãs), ou, excepcionalmente, nas Ilhas de Blest, nos limites da Terra".

passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, favorecendo, pois, o "envio" das homenagens e primícias aos Manes dos antepassados. Em segundo lugar, procura justificar que o mês de dezembro é decoroso para homenagear os mortos, pois os romanos consideram Saturno uma divindade ctônica. Além disso, é nesse mesmo mês, em 23 de dezembro, que os romanos dedicavam sacrifícios e libações a Aca Larência.

Vimos que Crono/ Saturno incorporou ao seu culto e à percepção antiga uma série de características. De deus destronado por Júpiter, lançado ao Tártaro, a rei mítico do Lácio, Saturno presidiu os humores melancólicos, índice de intelecto aguçado e astúcia, virtudes que combinam com a figura de rei sábio e bondoso da Idade de Ouro; era considerado pai da agricultura e da vida melhor. Seu mito, a um só tempo, de soberano e deus, amalgama a noção antiga do rei dotado de poderes sobrenaturais que, por sua influência benfazeja, era capaz de propiciar boas colheitas e evitar calamidades[105]. No entanto, sendo o deus melancólico, devorador dos filhos – Platão, a propósito, vincula a tirania aos efeitos patológicos da melancolia[106] –, sua proeminência intelectual poderia, pelo alinhamento de Saturno, influenciar as más ações humanas e provocar acontecimentos funestos; poderia também, por seu caráter ctônico, como vimos em Hesíodo e Plutarco há pouco, associar-se às imprecações antigas, o que se consubstanciaria, simbólica e magicamente, no suporte material do sortilégio: o chumbo, associado à morte.

---

[105] *Frugifer*, "produtor", "fecundo", é o epíteto de Saturno em uma inscrição (ILS, 11. 4449): *Frugifero Saturno Aug. Sac. Ti. Teltonius Marcellus praefec. Leg. III*. Cf. também Frazer (1982: 79): "Num certo estágio da sociedade antiga, era comum considerar que o rei ou o sacerdote fossem dotados de poderes sobrenaturais ou que fossem a encarnação de uma divindade e, de acordo com essa crença, supunha-se que o curso da natureza estivesse mais ou menos sob o seu controle".

[106] Cf. Pl., *R.* 573c: "E assim é, meu caro, que o homem que se torna rigorosamente um tirano, quando, por natureza, ou por hábito, ou pelos dois motivos, se torna ébrio, apaixonado e louco *[melancólico]*", Τυραννικὸς δέ, ἦν δ' ἐγώ, ὦ δαιμόνιε, ἀνὴρ ἀκριβῶς γίγνεται, ὅταν ἢ φύσει ἢ ἐπιτηδεύμασιν ἢ ἀμφοτέροις μεθυστικός τε καὶ ἐρωτικὸς καὶ μελαγχολικὸς γένηται. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (1996: 415).

A imagem de Saturno é, com efeito, ambivalente: congrega em si o bem e o mal, a fortuna e a desgraça, a ventura e a desventura[107]. No entanto, como provável divindade agrária que fora na origem, o rito era obrigatoriamente propiciatório e regenerador, pois que estabelecia relação direta com o futuro. Um porvir otimista e feliz, já que a felicidade, abundância e exuberância das Saturnais reinstituíam, por um breve período de tempo, o reino de Saturno e, junto com ele, a Idade de Ouro perdida, tão grandemente destoante da realidade cotidiana, baseada na hierarquia e na ordem em que o medo e o temor – das guerras, das pragas, das pestes, da morte e da submissão – tomavam conta dos homens. Vimos que Saturno, divindade de origem itálica, foi posteriormente identificado a Crono, sobretudo pelo fato de ambos os numes se associarem à Idade de Ouro da Humanidade, embora, como observa Guastella, "os autores gregos mais antigos de um modo geral não tenham se preocupado em definir a relação entre o reinado de Crono e a Idade de Ouro. Particularmente, foram os romanos que, de modo significativo, desenvolveram a ideia de que o reinado de Saturno gerara benefícios para a vida humana[108]".

Porém, pelas fontes a que nos referimos no decorrer do presente capítulo, percebemos que diferentemente do caráter religioso de que se imbui a divindade grega, Saturno é representado em um grau de materialidade sem precedentes, pois, após desembarcar na Itália, teria vivido entre os homens, reunido sob seu domínio os povos do Lácio e reinado sobre eles com justiça e benevolência; teria inventado a agricultura e fundado, enfim, as bases do que um dia seria Roma. Saturno, pois, estava profundamente conectado à origem do povo romano[109]. Tratar-se-á, no próximo capítulo, das Saturnais, o mais

---

[107] Cf. Klibansky, Panofsky & Saxl (1964: 134): "Sua natureza [a de Crono/ Saturno] é dúbia, não somente com respeito a seus efeitos no mundo exterior, mas também com respeito a seu próprio destino – ou seja, individual – ; seu dualismo é tão claramente marcado que Crono poderia ser com justeza descrito como um deus de contrastes". Cf. também Guastella (1992: 7).
[108] Cf. 1992: 8.
[109] Cf. Ov., *Fast.* 1. 235.

célebre dos festivais romanos, para o qual Marcial reservara, como veremos, um lugar de destaque em seus epigramas: imagem vivaz, metáfora feliz do riso marciálico.

II. *Saturnus loculator*: beber e brincar, a panaceia universal

> ᾽Ορᾷς; οὐ κατ' ἐμὲ τοῦτο ᾔτησας. οὐ γὰρ ἐμὸν διανέμειν τὰ τοιαῦτα. ὥστε μὴ ἄχθου, εἰ ἀτυχήσειας αὐτῶν, ἀλλ' αἴτει παρὰ τοῦ Διός, ὁπόταν εἰς ἐκεῖνον ἡ ἀρχὴ περιέλθῃ μετ' ὀλίγον. ἐγὼ δ' ἐπὶ ῥητοῖς παραλαμβάνω τὴν δυναστείαν. ἑπτὰ μὲν ἡμερῶν ἡ πᾶσα βασιλεία, καὶ ἦν ἐκπρόθεσμος τούτων γένωμαι, ἰδιώτης εὐθύς εἰμι καί που τοῦ πολλοῦ δήμου εἷς. ἐν αὐταῖς δὲ ταῖς ἑπτὰ σπουδαῖον μὲν οὐδὲν οὐδὲ ἀγοραῖον διοικήσασθαί μοι συγκεχώρηται, πίνειν δὲ καὶ μεθύειν καὶ βοᾶν καὶ παίζειν καὶ κυβεύειν καὶ ἄρχοντας καθιστάναι καὶ τοὺς οἰκέτας εὐωχεῖν καὶ γυμνὸν ᾄδειν καὶ κροτεῖν ὑποτρέμοντα, ἐνίοτε δὲ καὶ ἐς ὕδωρ ψυχρὸν ἐπὶ κεφαλὴν ὠθεῖσθαι ἀσβόλῳ κεχρισμένον τὸ πρόσωπον, ταῦτα ἐφεῖταί μοι ποιεῖν. τὰ μεγάλα δὲ ἐκεῖνα, τὸν πλοῦτον καὶ τὸ χρυσίον, ὁ Ζεὺς διαδίδωσιν οἷς ἂν ἐθέλῃ.
>
> Não percebes? O que pediste está além do meu alcance; não é meu encargo conferir tais favores! Assim, não te aflijas, se mal-aventurado não os conseguires. Mas pede a Zeus, quando, em breve, o império lhe cingir as têmporas. É sob condições que tomo o poder. Meu reino dura sete dias: passado esse tempo, torno-me imediatamente um cidadão comum: um qualquer de um povoado qualquer. Naqueles sete dias, contudo, estabeleceu-se que eu não exerceria minha autoridade sobre nada que fosse sério, nem sequer administraria o mercado público. Mas beber e embebedar-me, gritar, brincar, jogar dados e designar os arcontes *[bufos]*, banquetear-me com os escravos, desnudo entoar cantos e fazer grande algazarra e, às vezes, mergulhar de cabeça na água fria com o rosto sujo de fuligem: eis tudo o que posso fazer! Quanto àquelas grandes coisas – a riqueza, o ouro –, Zeus as delega a quem lhe agrada[110].

No capítulo anterior, vimos que Saturno presidia a melancolia, a um só tempo, signo de proeminência intelectual e morbidez excessiva; e metáfora poderosa tanto do rei benevolente e justo, como do tirano, cujas ações, aliás, bem condizem com os caracteres desfavoráveis dos homens nascidos sob seu auspício. Todavia, vimos também que Saturno era divindade agrária, inventor da agricultura e da apicultura,

[110] Cf. Luciano de Samósata, *Sat.* 2. Tradução nossa.

deidade responsável por introduzir, no Lácio, as sementes da civilização. A identificação do nume com um passado mítico de plena felicidade se consubstanciava, como já indicamos, nas Saturnais, as festas em honra de Saturno, celebradas, em seu auge, de 17 a 23 de dezembro.

Na passagem do diálogo de Luciano de Samósata (125–180 d.C.), que arrolamos à guisa de epígrafe, justamente na voz que o autor empresta ao deus (trata-se da resposta deste à interpelação de um sacerdote, sedento de riqueza e poder), é possível vislumbrar os elementos mais importantes constituintes das Saturnais: o retorno de Saturno, a suspensão temporária da ordem pré-estabelecida, a abundância de comida e bebida, o canto, as brincadeiras, o jogo de dados, a licença facultada aos escravos e, finalmente, a interrupção dos negócios públicos e do trabalho de um modo geral.

No presente capítulo, discutiremos todos esses aspectos, levando em consideração, sobretudo, que as Saturnais, além do caráter propiciatório e positivo, já que teatralizavam um retorno da Idade de Ouro, refundiam diretamente, em um movimento simultâneo de negação e afirmação, a ordem vigente figurada por Zeus. Os festejos negavam as convenções, de um lado, porque o comer e o beber constituíam uma espécie de interstício de absoluto contraste com o cotidiano, cujo rigoroso regramento alimentar era análogo ao das ações, determinadas, como se sabe, pelas leis, pelos costumes e pela hierarquia [111]; de outro, principalmente em função das brincadeiras, das troças e fanfarronices, instituíam um princípio cômico de inversão e rebaixamento do sério, entendido de início pelo desgoverno saturnino. Repare-se, ainda, no próprio texto luciânico, o *monde renversé*, representado pela paródia do diálogo filosófico, rebaixamento, por

[111] Cf. Burke (2010: 243): "Festas anuais comuns a muitos europeus, como a Páscoa, o Primeiro de Maio, o Solstício de Verão, os doze dias de Natal, o Ano-Novo e o dia de Reis, e por fim o Carnaval. Eram ocasiões especiais em que as pessoas paravam de trabalhar, e comiam, bebiam e consumiam tudo o que tinham. [...] Em oposição ao cotidiano, era uma época de desperdício justamente porque o cotidiano era uma época de cuidadosa economia".

extensão, da παιδεία do mundo oficial. No entanto, os festejos, por tudo isso, legitimavam, paradoxalmente, o *status quo*, já que funcionariam como uma espécie de alívio das tensões sociais. Nesse caso, as Saturnais afigurar-se-iam fundamentais para a manutenção da ordem, que retorna à cena passado o período de festa.

Io Saturnalia! Bona Saturnalia!

As Saturnais, originariamente, eram celebradas em um único dia, o décimo quarto antes das calendas de janeiro[112]. O Festival, contudo, passou a abranger, segundo Macróbio, mais dias no fim do período republicano, quando Júlio César reforma o calendário romano, acrescentando mais dois dias ao mês de dezembro, de modo que as Saturnais, que se iniciavam costumeiramente no décimo quarto dia das calendas de janeiro, começaram a ser comemoradas no décimo sexto[113]. Os três dias de Saturnais foram definitivamente oficializados no edito emitido por Augusto:

> **23** Abunde iam probasse nos aestimo Saturnalia uno tantum die, id est quarto decimo Kalendas, solita celebrari: sed post in triduum propagata, primum ex adiectis a Caesare huic mensi diebus, deinde ex edicto Augusti quo trium dierum ferias Saturnalibus addixit: a sexto decimo igitur coepta in quartum decimum desinunt, quo solo fieri ante consueuerant. **24** Sed Sigillariorum adiecta celebritas in septem dies discursum publicum et laetitiam religionis extendit.

[112] Cf. Hartmann, *Der Röm. Kalender*, p. 203 *foll. apud* Fowler (1899: 268). O autor supõe que o dia dedicado às Saturnais era um dos *feriae conceptiuae*, como a *Compitalia* e *Paganalia*. O festival somente recebeu um dia fixo em 217 a.C., quando o culto foi reorganizado (Cf. Liv., 22. 1).
[113] Ou seja, passaram a compreender três dias. Cf. Cic., *Att.* 13. 52. 1: *Tertiis Saturnalibus*, "no terceiro dia das Saturnais".

> **23.** Julgo que demonstrei, mediante copiosos testemunhos, que as Saturnais eram, de ordinário, celebradas em um dia apenas, a saber: o décimo quarto das calendas de janeiro, mas que posteriormente foram estendidas para três dias, primeiro por causa dos dias acrescentados por César a este mês, e, em seguida, por causa do edito de Augusto, que ajuntou três dias de festejos às Saturnais: elas, portanto, começadas no décimo sexto, passaram a terminar no décimo quarto dia das calendas, no único dia em que anteriormente costumavam acontecer. **24.** A festa das sigilárias, porém, acrescida às Saturnais, foi responsável por estender em sete dias o rebuliço público e a alegria da cerimônia religiosa[114].

As Sigilárias, originalmente, eram um mercado de Roma, notório pela fabricação e venda de estatuetas, *sigilla*[115], e de outros objetos lavrados. Segundo Macróbio, como vimos acima, a fama delas foi tamanha, que as Saturnais abrangeram as Sigilárias, que também eram um festival, ajudando a aumentar os dias de festa[116]. Outros autores antigos, porém, tomam as Sigilárias – comemoradas entre 21 e 22 de dezembro – como um festival religioso legítimo, como Ausônio, contemporâneo de Macróbio, que as denomina *sacra sigillorum*[117] . As Sigilárias, "A Festa das Imagens", ocorriam logo após as Saturnais, e os participantes trocavam presentes entre si, especialmente pequenas estatuetas, geralmente de terracota, que podiam também ser fabricadas

[114] Cf. Macr., *Sat.*. 1. 10. 23-24. Tradução nossa.
[115] Cf. Suet., *Cl.* 16. 4; *Ner.*, 28. 2. Cf. também LS, p. 1696.
[116] Cf. Dolansky (2011: 502).
[117] Cf. Aus., *Ecl.* 16. 32. Suetônio (*Cl.* 5. 1) parece fazer referência às Sigilárias como um festejo que sucede às Saturnais no seguinte passo: "Seu tio Tibério, ao qual solicitava honras, concedeu-lhe as insígnias consulares. Mas, como Cláudio reclamasse com insistência cargos efetivos, contentou-se em responder-lhe por carta: "receberás quarenta peças de ouro para as Saturnais e Sigilárias", *Tiberius patruus petenti honores consularia ornamenta detulit; sed instantius legitimos flagitanti id solum codicillis rescripsit, quadraginta aureos in Saturnalia et Sigillari<a> misisse ei.* Tradução de Paulo Matos Peixoto (2003: 192).

com material mais nobre, como ouro e prata. O artífice podia se inspirar no repertório mítico comum a todos, ou mesmo figurar temas eróticos ou de natureza cômica, como anões e corcundas e outras personagens de natureza jocosa. É o que nos deixam entrever as estatuetas supérstites (que pela pequenez e singeleza poderiam muito bem ter sido presenteadas em tais circunstâncias), bem como a variedade delas descritas por Marcial nos *Apoforeta*: tão importantes se afiguravam, que o poeta lhes dedicou uma seção inteira, o que indicia que na época de Domiciano (81-96 d.C.) as Saturnais já teriam incorporado definitivamente os dias de celebração das Sigilárias.

Com efeito, a reforma do calendário empreendida por César e, sobretudo, o edito de Augusto contribuíram sobremaneira para o aumento dos dias saturnalícios. No entanto, quer pelas inúmeras autoridades que Macróbio refere – Masúrio, Fenestela[118], Macro, Filócoro, Múmio, Nóvio, Málio, Júlio Modesto, Catão –, quer pelas cerimônias de caráter festivo que o autor identifica às Saturnais, como as Larentais, as Opálias e as Sigilárias, é evidente que as Saturnais não dependeram tão-só de determinações oficiais para que compreendessem

[118] Fenestela enumera inclusive argumentos de ordem jurídica para justificar que, originariamente, as Saturnais compreendiam um único dia. Cf. Macr., *Sat.*. 1. 10. 4-6: "**4.** Málio, porém, menciona que esses homens, como dissemos acima, se puseram sob a proteção do nome e do culto de Saturno, estabeleceram três dias de festividades e as denominaram "Saturnais"; por isso, continua ele, Augusto, tendo seguido esse parecer quanto ao assunto, ordenou, em suas leis judiciárias, que três dias de festa fossem observados. **5.** Masúrio, e outros autores, julgaram que as Saturnais ocorriam num único dia, ou seja, no décimo quarto dia das calendas de janeiro; Fenestela confirma a opinião destes, dizendo que a vestal Emília fora condenada à morte no décimo quinto das calendas do referido mês. Ora, se por acaso as Saturnais fossem comemoradas nesse dia, sem dúvida não teria havido julgamento. **6.** E acrescenta ainda: "as Saturnais se seguiam àquele dia". No entanto, logo depois nos informa "que, no dia seguinte, o décimo terceiro das calendas de janeiro, a vestal Licínia estava sendo julgada: a partir de tudo isso, evidencia-se que o décimo terceiro dia das calendas de janeiro não era feriado.'", ***4*** *Sed Mallius ait eos qui se, ut supra diximus, Saturni nomine et religione defenderant per triduum festos instituisse dies et Saturnalia uocauisse: unde et Augustus huius, inquit, rei opinionem secutus in legibus iudiciariis triduo seruari ferias iussit.* ***5*** *Masurius et alii uno die, id est quarto decimo Kalendas Ianuarias fuisse Saturnalia crediderunt: quorum sententiam Fenestella confirmat, dicens Aemiliam uirginem XV. Kal. Ianuar. esse damnatam. Quo die si Saturnalia gererentur, nec causam omnino dixisset.* ***6*** *Deinde adicit: Sequebantur eum diem Saturnalia. Mox ait: Postero autem die, qui fuit tertius decimus Kalendarum Ianuariarum, Liciniam uirginem ut causam diceret iussam: ex quo ostendit XIII. Kal. Ianuar. profestum esse.* Tradução nossa.

mais dias. O grande apelo popular que angariavam seus alegres festins e o alarido público da festa foram os responsáveis pela centralidade que o culto de Saturno alcançou em Roma, em um espaço relativamente breve de tempo. Ora, justamente por isso, decretar mais dias de festa poderia muito bem se converter em instrumento político eficaz não só para conquistar o apoio da plebe, mas sobretudo para auxiliar o *princeps* a se consolidar no poder, especialmente no início do governo, como, por exemplo, parece ter sido o caso de Calígula (37–41 d.C.), quando o jovem imperador, em 37 d.C., decreta um quinto dia de Saturnais, além do perdão para aqueles que foram, sob Tibério (14–37 d.C.), acusados de traição. Repare-se ainda a referência ao subsídio oferecido pelo imperador para a compra das estatuetas, em clara alusão às Sigilárias, provavelmente já tomadas como parte integrante das Saturnais já à época do reinado do filho de Germânico[119], como relata Díon Cássio:

> ἔπειτα τοὺς ἐν τῷ δεσμωτηρίῳ ὄντας ἀπέλυσεν, ὧν εἷς ἦν Κύιντος Πομπώνιος ἑπτὰ ὅλοις ἔτεσιν ἐν τῷ οἰκήματι μεθ' ὑπατείαν κακωθείς· τά τε ἐγκλήματα τῆς ἀσεβείας, οἷσπερ καὶ τὰ μάλιστα πονουμένους σφᾶς ἑώρα, κατέλυσε, καὶ τὰ γράμματα τὰ περὶ αὐτῶν, ὅσα ὁ Τιβέριος κατελελοίπει, συννήσας, ὡς γε ἐσκήπτετο, κατέκαυσεν, εἰπὼν ὅτι "τοῦτ' ἐποίησα ἵνα μηδ' ἂν πάνυ ἐθελήσω ποτὲ διά τε τὴν μητέρα καὶ διὰ τοὺς ἀδελφοὺς μνησικακῆσαί τινι, δυνηθῶ αὐτὸν τιμωρήσασθαι". ἐπαινούμενός τε ἐπὶ τούτοις, ἐπειδὴ καὶ ἠλπίζετο παντὸς μᾶλλον ἀληθεύσειν ἅτε μηδὲν διπλοῦν ὑπὸ τῆς νεότητος ἢ φρονεῖν ἢ λέγειν δύνασθαι νομιζόμενος, προσεπηύξησε τὰς ἐλπίδας αὐτῶν τά τε Κρόνια ἐπὶ πέντε ἡμέρας ἑορτάζεσθαι κελεύσας, καὶ ὀβολὸν παρ' ἑκάστου τῶν τὸ σιτηρέσιον φερόντων, ἀντὶ τῆς δραχμῆς ἣν ἐς εἰκόνων ποίησιν ἐδίδοσαν αὐτῷ, λαβών,

[119] Cf. D.C., *H. R.* 59. 6. 2-4. Tradução nossa.

> Em seguida, retirou todos que estavam na prisão, dentre eles Quinto Pompônio que, após seu consulado, foi mantido no cárcere por sete anos sob maus tratos. Aboliu todas as acusações de traição – que percebeu muito bem ser a situação da maioria daqueles homens aflitos – e, depois de reunir os tantos processos que Tibério deixara, assim ao menos é o que aparentava, lançou-os ao fogo, dizendo o seguinte: "fiz isso para que eu não possa me vingar de pessoa alguma, caso um dia eu deseje recordar injúrias passadas em nome de minha mãe e de meus irmãos". Elogiado por esse ato, esperava-se dele que falasse a verdade acima de tudo, uma vez que foi considerado incapaz, por sua juventude, de qualquer tipo de fingimento no que pensava ou falava. Calígula aumentou as esperanças de todos não só porque ordenou que as Saturnais fossem celebradas por cinco dias, mas também porque cobrou, de cada um que recebia auxílio do erário, tão-só um óbolo, no lugar da dracma que costumavam oferecer antes para a fabricação das estatuetas.

Suetônio faz referência ao mesmo episódio e acrescenta que Calígula chamara a esse dia de *iuuenalis dies*, "O dia da Juventude"[120]. Não se sabe exatamente por que tempos depois o quinto dia de comemoração das Saturnais foi abolido, provavelmente ainda sob o governo de Calígula. Porém, em 45 d.C., segundo Díon Cássio[121], Cláudio (41–54 d.C.) o teria restaurado: "Para as Saturnais, Cláudio restaurou o quinto dia de festejo, que fora introduzido por Calígula e abolido tempos depois.", τοῖς τε Κρονίοις τὴν πέμπτην ἡμέραν τὴν καταδειχθεῖσάν τε ὑπὸ τοῦ Γαΐου καὶ μετὰ τοῦτο καταλυθεῖσαν ἀπέδωκε. É, porém, Domiciano (81–96 d.C.) quem estabelece os sete dias oficiais de comemoração das Saturnais, já na época de Marcial.

---

[120] Cf. Suet., *Cal*. 17. 2, que também faz referência ao episódio: "E, para aumentar ainda perpetuamente a felicidade pública, [Calígula] acrescentou mais um dia às Saturnais e cognominou-o "dia da mocidade'", *et laetitiam publicam in perpetuum quoque augeret, adiect diem Saturnalibus appellauitque Iuuenalem.* Tradução nossa.
[121] Cf. D.C., *H.R.* 60. 25. 8. Tradução nossa.

Já vimos que diversas festividades que também ocorriam em dezembro foram amiúde identificadas às Saturnais. Macróbio, por exemplo, já demonstrara a antiga relação que se estabelecia entre Saturno e Ópis, amiúde identificada à Reia e associada, como aquele, aos trabalhos nos campos, à riqueza e à abundância[122] – repare-se a cognação entre *Ops*, "Ópis", *ops*, "poder, meios, recursos", e *opes*, dentre outros significados, "riquezas", "abundância". Além disso, as lendas em torno de Aca Larência – e o seu culto, as Larentais – relacionam-se, por um princípio de similitude, às Saturnais, seja pelos ingredientes notoriamente eróticos e cômicos da narrativa, seja pelo fato de o jogo cumprir nas histórias um papel de fundamental importância. Nesse sentido, não é difícil imaginar o motivo pelo qual, pouco a pouco, essas festividades foram naturalmente incorporadas aos dias saturnalícios:

> **12** Ferunt enim regnante Anco aedituum Herculis per ferias otiantem deum tesseris prouocasse ipso utriusque manum tuente, adiecta conditione, ut uictus coena scortoque multaretur. **13** Victore itaque Hercule illam Accam Larentiam, nobilissimum id temporis scortum, intra aedem inclusisse cum coena, eamque postero die distulisse rumorem, quod post concubitum dei accepisset munus, ne commodum primae occasionis, cum se domum reciperet, offerendae aspernaretur. **14** Euenisse itaque, ut egressa templo mox a Carutio capto eius pulchritudine conpellaretur: cuius uoluntatem secuta adsumptaque nuptiis post obitum uiri omnium bonorum eius facta compos, cum decederet, populum Romanum nuncupauit heredem. **15** Et ideo ab Anco in Velabro loco celeberrimo urbis sepulta est, ac sollemne sacrificium eidem constitutum, quo dis Manibus eius per flaminem sacrificaretur, Iouique feriae consecratae, quod

[122] Cf. Macr., *Sat*. 1. 10. 20.

aestimauerunt antiqui animas a Ioue dari et rursus post mortem eidem reddi. **16** Cato ait Larentiam meretricio quaestu locupletatam post excessum suum populo Romano agros Turacem Semurium Lintirium et Solinium reliquisse, et ideo sepulchri magnificentia et annuae parentationis honore dignatam. **17** Macer Historiarum libro primo Faustuli coniugem Accam Larentiam Romuli et Remi nutricem fuisse confirmat. Hanc regnante Romulo Carutio cuidam Tusco diuiti denuptam auctamque hereditate uiri: quam post Romulo, quem educasset, reliquit: et ab eo parentalia diemque festum causa pietatis statutum.

12. Dizem que, no reinado de Anco, um guardião do templo de Hércules que descansava durante os festejos desafiou o deus no jogo de dados, sendo o próprio guardião o responsável pelas jogadas de ambos. Acresce ainda que o perdedor pagaria o jantar e uma prostituta. **13.** Com a vitória de Hércules, por consequência, aquela Aca Larência, naquele tempo afamadíssima cortesã, foi trancada no templo com um jantar. Na manhã seguinte, espalhou-se o rumor: que, depois de ter se deitado com o deus, ela teria recebido uma graça e que não rejeitasse, quando retornasse para casa, a primeira oportunidade de oferecer-se a quem se lhe apresentasse. **14.** Assim sucedeu que, logo após sair do templo, Carúcio dirigiu-lhe a palavra, cativado pela beleza da mulher. Ela correspondeu aos desejos dele e, assim, contraíram núpcias. Após a morte do marido, tornou-se senhora de suas riquezas para o bem de todos: quando faleceu, nomeou como seu herdeiro o povo romano. **15.** E, por esse motivo, foi sepultada por Anco no Velabro, sítio mui célebre da Cidade, e designou-se, em sua homenagem, um rito solene, em cujo ritual um sacerdote fizesse sacrifícios a seus Manes; e festejos consagrados a Jove também foram ordenados, pelo fato de que os antigos estimaram que as almas eram entregues por Jove e, em seguida, retornavam a ele após a morte. **16.** Diz Catão,

> contudo, que Larência, enriquecida com o lucro do meretrício, deixou para o povo romano, após a morte, os campos de Túrax, Semúrio, Lintírio e Solínio; e por isso foi honrada com a magnificência do sepulcro e com a honra de uma parentália anual. **17.** Macro, no primeiro livro das *Histórias*, confirma que Aca Larência foi esposa de Fáustulo e a nutriz de Rômulo e Remo. E que, no reinado de Rômulo, ela se casou com certo Carúcio, um etrusco rico, e enriqueceu com a herança do marido, que tempos depois deixou para Rômulo, que ela tinha amamentado. Foi ele quem piedoso fixou as parentais e o dia da celebração[123].

Outros testemunhos, porém, arrolados por Macróbio, além de reforçar o caráter popular da festa a que já referimos, contrariam o fato de as Saturnais, originariamente, terem sido celebradas em um único dia. Segundo o que se entrevê, é possível que a celebração já compreendesse sete dias, mesmo antes da já referida reforma cesariana e dos decretos imperiais que paulatinamente aumentaram os dias de festa:

> licet et apud ueteres opinio fuerit septem diebus peragi Saturnalia, si opinio uocanda est quae idoneis firmatur auctoribus. **3** Nouius enim, Atellanarum probatissimus scriptor, ait: "Olim expectata ueniunt septem Saturnalia". Mummius quoque, qui post Nouium et Pomponium diu iacentem artem Atellaniam suscitauit: Nostri, inquit, maiores, uelut bene multa instituere, hoc optime. A frigore fecere summo dies septem Saturnalia.

[123] Cf. Macr., *Sat.* 1. 10. 12-17. Tradução nossa.

> De resto, os antigos eram da opinião de que as Saturnais compreendiam sete dias – se é que se deve chamar "opinião" um juízo firmado por autoridades idôneas. **3.** Nóvio, com efeito, autor excelentíssimo de atelanas, diz-nos: "Outrora tão desejadas, chegaram das Saturnais os sete dias!" Há também Múmio, que depois de Nóvio e Pompônio, estimulou por muito tempo a arte, já quase esquecida, das atelanas: "nossos antepassados", disse ele, "assim como bem instituíram muitas coisas, ainda fizeram melhor: determinaram sete dias de Saturnais, durante a época mais fria do inverno"[124].

Vale notar, aqui, as "autoridades idôneas", *idonei auctoritates*, no dizer de Macróbio, que fazem referência a sete dias de comemorações, em período bem anterior ao Principado. Nóvio e Múmio compuseram atelanas. Os trechos que Macróbio cita são justo os fragmentos que delas nos restaram. Mesmo assim, é bem interessante que o autor faça alusão a esses poetas, uma vez que, levando em consideração o conteúdo popular e cômico originário dessas representações[125], é possível supor que pudessem talvez ter sido dramatizadas também durante as Saturnais, época, como se sabe, de grande licença nos costumes. Ora, é como se as Saturnais fossem uma grande atelana, com a diferença de que não eram circunscritas nos limites estreitos do teatro ou do espaço cênico: seu palco era o mundo, reintegrado, temporariamente, aos domínios de Saturno. Não é à toa que Marcial, em que não raras vezes menciona as Saturnais, como se verá, compara seus livros de epigramas ao teatro cômico, em cuja alegria, licença e brincadeiras subjaz também o espírito das Saturnais[126].

---

[124] Cf. Macr., *Satur*. 1. 10. 2-3. Tradução nossa.
[125] Cf. Cardoso (2003: 37-38): "aparentada com o drama satírico, com a hilarotragédia e com a farsa tarentina, a atelana era representada por personagens mascaradas – os ancestrais, por assim dizer, da famosa *commedia dell'arte*. Vazada, inicialmente, em linguajar rústico, a atelana se intelectualiza, aos poucos, assumindo dimensões literárias no começo do século I a.C., quando Nóvio e Pompônio compõem textos para as representações".
[126] Cf. Mart. 1 (*praef.*): "Escrevem-se epigramas para aqueles que costumam assistir aos Jogos Florais. Que Catão não entre em meu teatro ou, se entrar, que seja

Nesse sentido, a máscara, adereço fundamental do teatro antigo, se, de um lado, estabelece concretamente os limites entre o ator e a *persona* que assume, de outro, consubstanciada no *pileum*, o barrete de liberto usado por todos durante as Saturnais, redefine, simbolicamente, as relações entre as *personae* no decorrer da festa. Em outras palavras, o barrete, qual a máscara cômica, reorganizaria a cena social – pautada agora não pelas regras do cotidiano, mas, sim, pelos ingredientes lúdicos que caracterizam a festa. Para fazê-lo, necessita sublimar, temporariamente, as convenções, sobretudo hierárquicas, da vida comum.

As Saturnais se iniciavam com um sacrifício no templo dedicado ao deus situado no Foro, na *ara Saturni*. Em seguida, ocorriam um banquete solene (*lectisternium*) e um festim público (*conuiuium publicum*) patrocinados pelo tesouro, em que *senatores* e *equites* abandonavam suas insígnias, títulos honoríficos e qualquer coisa que os distinguisse hierarquicamente – segundo Tito Lívio, no início, eram os próprios senadores encarregados de preparar o *lectisternium* – "e os senadores prepararam os leitos", *et eum lectum senatores strauerunt*[127].

Em seguida, aos gritos se proclamavam as Saturnais: era o momento em que se principiavam pelas ruas os folguedos[128]. Nos dois dias subsequentes, a saber, 18 e 19 de dezembro, parece que havia um banho matutino, talvez forma de purificação, talvez meramente um meio para se revigorar da noite insone, livrando-se da fuligem dos candeeiros, mais ou menos como faz alusão o Saturno luciânico que vimos há pouco. O cristão Tertuliano (160–220 d.C.), censurando as Saturnais, os divertimentos e brincadeiras, zomba desse costume

---

espectador", *Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet*. Tradução de João Angelo Oliva Neto (2006: 99).

[127] Cf. Liv., 1. 22.

[128] Cf. Macr., *Sat.*. 1. 10. 18.

matinal, que ocorria nas frígidas manhãs de inverno do mês de dezembro[129]:

> [4] Sed si caerimonias tuas non frequento, attamen et illa die homo sum. Non lauor diluculo Saturnalibus, ne et noctem et diem perdam; attamen lauor honesta hora et salubri, quae mihi et calorem et sanguinem seruet; rigere et pallere post lauacrum mortuus possum.
>
> 4. Se não frequento tuas cerimônias, continuo, mesmo assim, sendo homem também nesse dia. Não me banho no romper da aurora por causa das Saturnais, para que eu não perca a noite, nem o dia. Lavo-me, sim, mas em hora digna e saudável que me conserve tanto o calor, como o sangue: morto, eu posso ficar rijo e pálido à vontade após o banho[130].

O perder a noite e o dia a que se refere Tertuliano é menção à grande pândega, às numerosas patuscadas a que os participantes da festa se entregavam de bom grado durante toda a noite. Parece claro que o autor cristão, aqui, tem o intento de desvalorizar os costumes pagãos, impingir-lhes a mácula do vício e do excesso, em oposição à suposta austeridade e ascetismo do Cristianismo evangelizador.

As Saturnais, como vimos, costumavam ocorrer na época do solstício de inverno. Também vimos que os procedimentos de inversão, os jogos e as brincadeiras presentes no decorrer do festival tomavam por princípio o rebaixamento da vida oficial. Nesse sentido, não é à toa que, para consolidar esse regime de exceção, por assim dizer, teatralizado, aliás, pelo retorno da Idade de Ouro, as Saturnais devessem acontecer no momento em que todos os trabalhos produtivos,

[129] Cf. Tert., *Apol.* 42. 4.
[130] Tradução nossa.

especialmente nos campos, eram interrompidos, ou seja, as Saturnais eram celebradas no período de consumo de todos os alimentos, remetendo às origens agrárias da festa. O festival se configurava, pois, como verdadeira festa da colheita. No lugar do labor extenuante da lavoura, o homem festeja o produto desse trabalho, e a abundância que granjeou dos campos se converte em signo peculiar da festa, em que, supostamente, o regramento e o delicado racionamento de alimentos são deixados de lado. Em dois epigramas da *Antologia Grega*, anônimos, evidencia-se, de um lado, a interrupção das atividades agrícolas nesse período, já que o rigor do inverno impede o desenvolvimento do plantio, de outro, a percepção de que no mês de dezembro não resta ao homem outro ofício senão festejar:

ΜΗΝΕΣ ΡΩΜΑΙΩΝ

Ἐξ ἐμέθεν λυκάβαντος ὑπηελίοιο θύρετρα,
Αὐσονίης θ' ὕψος δέρκεται Ἡέλιος.
αὐτὰρ ἐγὼ θαμινῇσι γύην νιφάδεσσι διαίνω
τεύχων εἰαρινῆς ἔγκυον ἀγλαΐης.
ἄρχετ' Ἄρης ἀπ' ἐμεῖο καὶ ἄνθεα καὶ γλάγος ἡδύ·
ἴση δ' εἰκοστῷ ἤματι νὺξ τελέθει.
ἐντύνοι τημόσδε φυτοσκάφος ἔρνεα τάμνων
ῥίζῃ ἐπ' ἀγροτέρῃ ἤμερον ἀκρεμόνα.
οἴγεται ἄρτι θάλασσα, ἐφοπλίζοιτε δὲ νῆας·
ὥριον ἀκλύστων ἐκτὸς ἄγειν λιμένων.
μεσσάτιος ῥόδου εἰμὶ καὶ ἀργεννοῖο κρίνοιο,
καὶ ξανθῆς κεράσου βρίθομαι ἀκρεμόσιν.
Καρκίνον Ἡέλιος μετανίσσεται, ἀστάχυας δὲ
καρφαλέους κείρει γειοπόνος δρεπάνῃ.
κρίνω ἐγὼ Δηὼ καὶ ἀχυρμιάς· ἐν δὲ Λέοντι
ἀτρεκέα τελέθει χεύματα Νηιάδων.
βρίθω ἐγὼ σταφυλῇ, βρίθω δ' ἐπὶ πάσῃ ὀπώρῃ·
αὖθις δ' ἰσοπαλὴς γίνεται ἤματι νύξ.
τίς δέ κ' ἐμεῖο πέλοι γλυκερώτερος, ὃς μέθυ χεύω,
ληνῷ ἐπεὶ κατάγω Βάκχον ἀπ' οἰνοπέδου;
εἴ τοι Ἀθηναίης πέλει ἔρνεα, ὥριον ἤδη
καρπὸν ἀποθλίβειν, μνῆστιν ἔχειν καμάτων.
παύσασθαι νειοῦ κέλομαι· γλαγόωντι γὰρ ἤδη
σπέρματι ῥιγεδανὴ πηγυλὶς ἀντιάσει.

Os Meses Romanos

As portadas, em mim, se abrem do Ano Solar:
os ilustres da Ausônia o Sol contempla.
Eu, porém, rego os campos com flocos de neve,

do esplendor das Florais a fecundá-los.
Ares comigo, e o leite aprazível e botões:
o vigésimo dia alcança a noite.
Planta agora o colono as mudas, a cortar,
da raiz rude, os ramos cultivados.
O mar agora se abre. Prepares as naus!
As ondas não açoitam mais os portos.
Estou entre as roseiras e açucenas-brancas,
e coberto de cachos de cereja.
O Sol passa por Câncer, e no milharal
faz a colheita o lavrador co'a foice.
Eu, Deméter, separo as palhas: em Leão,
os ribeirões das Náiades são claros.
Estou coberto de uvas e dos frutos todos:
de novo, dia e noite se equivalem.
Acaso é mais querido quem o vinho entorna?
Da vinha eu trago Baco até os tonéis!
Se os ramos tens de Atena, é tempo de prensar
o fruto e te lembrares do trabalho.
Não ares mais a terra (eu advirto!): a geada
leitosas há de destruir sementes [131].

Εἰς τοὺς Ῥωμαίων μῆνας

Μὴν ὑπάτων πρῶτος. ὁ δὲ δεύτερος αὔλακα τέμνει.
ὁ τρίτος Αὐσονίων γενεὴν ἐπὶ μῶλον ἐγείρει.
τέτρατος ἀγγέλλει ῥοδοδάκτυλον εἴαρος ὥρην.
εἰμὶ ῥόδων γενέτης. καὶ ἐγὼ κρίνα λευκὰ κομίζω.
οὗτος ἀμαλλοδέτης. τὰ δ' ἐμὰ πτερὰ Νεῖλον ἐγείρει.
οὗτος ἐρισταφύλῳ πεφιλημένος ἔπλετο Βάκχῳ.
τεύχω δ' οἶνον ἐγὼ μελιηδέα, χάρμα βροτοῖσι.
δαῖτα φέρω χαρίεσσαν ἐς οὔνομα φωτὸς ἑκάστου.
φορμίζειν δεδάηκα καὶ ὑπνώοντας ἐγείρειν.

Os Meses Romanos

O mês um é do Cônsul; o dois ara a Terra;
o três desperta, para a guerra, a Ausônia inteira.
Da primavera o quatro anuncia a Florada.
Sou a mãe das roseiras; os lírios eu porto.
Um porta feixes; outro, asas – cheia do Nilo –;
este é querido a Baco, em vindimas pujante.
E eu faço o mulso, doce e deleite aos mortais;
e eu a todos forneço iguaria sublime.
E eu, a tanger, os homens desperto do sono [132].

[131] *AP*, 9. 384. Tradução nossa.

Os poemas descrevem parataticamente[133] – amiúde é o próprio mês quem faz a narrativa – as atividades agrícolas dedicadas a cada mês do ano. Os enunciados são, do ponto de vista sintático, autônomos, porém, semanticamente, se subordinam entre si, de sorte que, à maneira das *tesserae* que compõem um mosaico, formam um todo uno se lidas em conjunto[134]. Um verso ou um dístico só faz sentido se ordenado cuidadosamente no devido lugar. A sequência a que as cenas se subordinam importa, pois que ela congrega as cinco tarefas básicas do trabalho nos campos: fecundar, semear, plantar, colher e consumir. Esta última etapa, é bom que se lembre, coincide com o inverno, época dos festejos das Saturnais em que o consumo, sempre sob o signo da abundância e da alegria, é a um só tempo agradecimento pela fecundidade dos campos e voto por sua continuidade.

O mês de fevereiro, por exemplo, demarca o momento em que os campos começam a tornar-se férteis novamente: "Eu, porém, rego os campos com flocos de neve,/ Do esplendor das Florais a fecundá-los", αὐτὰρ ἐγὼ θαμινῇσι γύην νιφάδεσσι διαίνω / τεύχων εἰαρινῆς ἔγκυον ἀγλαΐης (*AP.* 9. 384. 3-4); "o [mês] dois ara a terra", ὁ δὲ δεύτερος αὔλακα τέμνει (*AP.* 9. 580. 1); abril anuncia a primavera e o momento de lavrar os campos, "Planta agora o colono as mudas, a cortar,/ da raiz rude os ramos cultivados.", ἐντύνοι τημόσδε φυτοσκάφος ἔρνεα τάμνων/ ῥίζῃ ἐπ' ἀγροτέρῃ ἤμερον ἀκρεμόνα (*AP.* 9. 384. 7-8); "Da primavera o quatro anuncia a Florada", τέτρατος ἀγγέλλει ῥοδοδάκτυλον εἴαρος ὥρην. (*AP.* 9. 580. 3);

---

[132] *Ibidem,* 580. Tradução nossa. Ambos os epigramas foram compostos provavelmente em meados do século VI d.C. Parece que epigramas sobre os meses e os trabalhos a eles relacionados constituíram espécie epigramática no fim da Antiguidade, haja vista também os poemas supérstites do cartaginês Dracôncio, ativo no século V. Stern supõe que, na verdade, esses epigramas são produto de um intenso contato intelectual entre o Egito bizantino e a África dos Vândalos do fim do século V e início do VI, cf. Stern (1952: 382).

[133] Cf. Martins (2007/2008: 144): "parataxe separa aquilo que a subordinação e coordenação unem, transformando as proposições [...] em construções paralelas, independentes ou justapostas. Enfim, esta construção consiste num processo de ligação que encadeia frases, termos, sem explicitar por meio de partículas coordenativas e subordinativas a relação de dependência ou independência existente entre elas".

[134] Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 147.

maio tem os prados plenos de roseiras, e o mar, não mais tempestuoso, favorece as naus e o comércio: “O mar se abre. Prepares as naus!/ As ondas não açoitam mais os portos”, οἴγεται ἄρτι θάλασσα, ἐφοπλίζοιτε δὲ νῆας· / ὥριον ἀκλύστων ἐκτὸς ἄγειν λιμένων (*AP.* 9. 384. 9-10); “Sou a mãe das roseiras”, εἰμὶ ῥόδων γενέτης (*AP.* 9. 580. 4); setembro é carregado de uvas, é o tempo da vindima: “Acaso é mais querido quem o vinho entorna? / Da vinha eu trago Baco até os tonéis!”, τίς δέ κ' ἐμεῖο πέλοι γλυκερώτερος, ὃς μέθυ χεύω,/ ληνῷ ἐπεὶ κατάγω Βάκχον ἀπ' οἰνοπέδου (*AP.* 9. 384. 19-20); “Este é querido a Baco, em vindimas pujante.”, οὗτος ἐρισταφύλῳ πεφιλημένος ἔπλετο Βάκχῳ. (*AP.* 9. 580. 6). E finalmente dezembro, quando o inverno, frigidíssimo, impede que os campos sejam lavrados, aconselha que os trabalhos sejam interrompidos e ensina os homens a cantar e festejar, é a grande atividade que encerra o ano: “Não ares mais a terra (eu advirto!): a geada/ leitosas há de destruir sementes”, παύσασθαι νειοῦ κέλομαι· γλαγόωντι γὰρ ἤδη/ σπέρματι ῥιγεδανὴ πηγυλὶς ἀντιάσει. (*AP.* 9. 384. 23-24); “E eu, a tanger, os homens desperto do sono”, φορμίζειν δεδάηκα καὶ ὑπνώοντας ἐγείρειν. (*AP*. 9. 580. 9).

No primeiro epigrama que referimos, o mês de dezembro exorta que se interrompa o trabalho nos campos, uma vez que a geada há de tornar todo o trabalho vão[135]. No segundo, o mês personificado, ao contrário de outras atividades sérias prescritas para outras épocas do ano, simplesmente abandona o trabalho e passa a festejar despertando todos os homens. Na alegoria de Dezembro (figura 10), uma das ilustrações do *Calendário de 354*[136]*,* o homem ali figurado, jogando

[135] Cf. Col., 2. 8. 3: “a semeadura do trigo deve compreender 46 dias, do ocaso das Plêiades, que ocorre no nono dia antes das calendas de novembro, até a época do solstício de inverno. Os agricultures mais prudentes a tal ponto observam esta regra, que nos quinze dias antes do inverno (e outros tantos dias após seu início), param de arar a terra e não podam mais as vinhas e as árvores”, *intellegi debet tritici satio dierum sex et quadraginta ab occasu Vergiliarum, qui fit ante diem nonum Kalendas Nouembris ad brumae tempora. Sic enim seruant prudentes agricolae, ut quindecim diebus prius, quam conficiatur bruma, totidemque post eam confectam neque arent neque uitem aut arborem putent.* Tradução nossa.

[136] *O Calendário de 354* é um texto anônimo, ricamente ilustrado, descoberto por Peiresc em 1620. A maioria das cópias, inclusive a de que provém a ilustração

dados e com vestes servis – o jogo de dado era amiúde identificado às Saturnais (figuras 11 e 12) –, porta na mão esquerda uma enorme tocha, simbolizando certamente os divertimentos noturnos oferecidos pela festa. A imagem destoa das outras que, em vez de jogos e brincadeiras, representam as atividades, sobretudo agrícolas, a que os trabalhadores devem se dedicar a cada mês, analogamente aos epigramas de meses acima referidos.

Figura 10: Dezembro. *Calendário de 354*, manuscrito de Viena (1500-1510), Biblioteca Nacional, ms 3416.

arrolada acima, é provavelmente derivada de um manuscrito carolíngio do século IX. Para um estudo mais aprofundado do Calendário, cf. Stern (1953).

Figura 11: Provável afresco saturnalício. Homens jogando (dados?). *Osteria della via di Mercurio*, Pompeia, século I d.C.

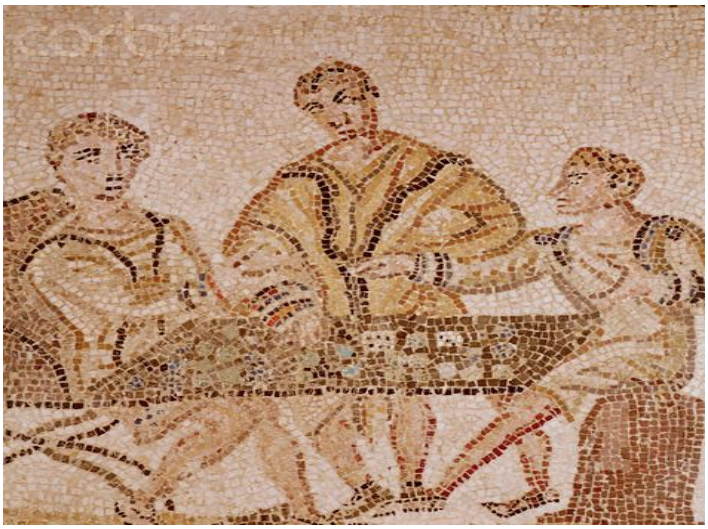

Figura 12: Homens jogando dados. Mosaico romano de El Djem, Tunísia, século III d.C. Bardo Museum, Túnis.

Dezembro ensina que os homens, tangendo, festejando, devem despertar do sono, evidenciando, na figura acima, pelo jogo de dados à luz da tocha. Trocar o dia pela noite, esse despertar noturno, que possivelmente se associa aos processos de inversão típicos[137], é alusão às Saturnais; e, ao mesmo tempo, indicia o caráter lúbrico da festividade noturna, haja vista sua evidente semelhança com a παννυχίς, a "noite vígil[138]". Segundo Delumeau, os "malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice[139]" , e as trevas, sempre agourentas, despejavam sobre os homens o terror, real ou imaginado. No entanto, no tempo inverso das Saturnais, as trevas são também o território propício dos amores ilícitos e do sensualismo próprio do folguedo saturnino:

Triste supercilium durique seuera Catonis
frons et aratoris filia Fabricia
et personati fastus et regula morum,
quidquid et in tenebris non sumus, ite foras
clamant ecce mei "Io Saturnalia" uersus,
et licet et sub te praeside, Nerua, libet.
Lectores tetrici salebrosum ediscite Santram,
nil mihi uobiscum est! Iste liber meus est!

O triste cenho e duro, de Catão, severa
fronte, e Fabrícia, a filha do arador,
o orgulho mascarado, as regras da moral,
e tudo o que não somos sob as trevas,
parti! Meus versos clamam: "Viva as Saturnais!"
E, em teu reinado, Nerva, é fás e apraz!
Graves leitores, Santra obscuro decorai!

[137] Cf. Minois (2003: 97): "De início, [as Saturnais] são rituais de inversão. Tudo acontece ao contrário, já que o tempo está invertido. Inversão do dia e da noite: tochas e lanternas em pleno dia; [...] aclamação de um "novo sol" à meia-noite; cantos e dança durante a noite".

[138] Cf. Mart. *Epig.* 6. 39. 9), que menciona a personagem Pânico (*Pannychus*), provável referência à παννυκίς, seu caráter lascivo é reforçado pelo fato de Pânico ser palestrita, já que as habilidades desses atletas geralmente são supostamente análogas às sexuais. Os verbos que pertencem ao campo semântico das atividades desempenhadas por esses homens derivaram diversas metáforas para o intercurso sexual em latim (Adams, 1982: 145-149). Cf. também *AP.* 5. 200: "O véu de Alexo, de açaflor, guirlandas de hera/ verde-escuros cheirando a mirra, o cinto/ a Priapo de oblíquo olhar, doce e femínio,/ jazem, dons da sagrada noite vígil.", Ὁ κρόκος οἵ τε μύροισιν ἔτι πνείοντες Ἀλεξοῦς/ σὺν μίτραις κισσοῦ κυάνεοι στέφανοι/ τῷ γλυκερῷ καὶ θῆλυ κατιλλώπτοντι Πριήπῳ/ κεῖνται τῆς ἱερῆς ξείνια παννυχίδος. Tradução de João Angelo Oliva Neto (2006: 175).

[139] Cf. Delumeau (2009: 138).

Nada quero convosco! Este é meu livro [140]!

Marcial discerne dois lugares distintos: o primeiro é o da vida cotidiana, o mundo oficial; o segundo, o não-dito, ocultado pelas palavras e pelas trevas, mas suposto pela menção às Saturnais no quinto verso, com o que o poeta deixa entrever o caráter licencioso dos epigramas e, evidentemente, dos festejos de dezembro. Catão é expulso da alcova, e o véu noturno – talvez o lusco e fusco provocado pelas chamas que tremeluzem na noite festiva – cai sobre os homens como máscaras, o que lhes permite o temporário abandono dos papéis sociais, para que possam se entregar às paixões que geralmente não lhes são facultadas pelas "regras da moral", *regula morum* (verso 3), sempre vigilantes – a expressão, pela menção precedente a Catão, estabelece devida analogia a *consuetudo*. Se Marcial nos oferece, naquele epigrama, tão-só um vislumbre das noites de inverno sob o comando de Saturno, neste outro, parece-nos, o poeta é bastante evidente[141]:

Sunt chartae mihi quas Catonis uxor
et quas horribiles legant Sabinae:
hic totus uolo rideat libellus
et sit nequior omnibus libellis,
qui uino madeat nec erubescat
pingui sordidus esse Cosmiano,
ludat cum pueris, amet puellas,
nec per circuitus loquatur illam
ex qua nascimur, omnium parentes,
quam sanctus Numa mentulam uocabat.
Versus hos tamen esse tu memento
saturnalicios, Apollinaris:
mores non habet hic meos libellus.

Tenho escritos que a esposa de Catão,
as horríveis Sabinas podem ler.
Mas este livro aqui quero que ria!
Que seja o mais devasso dos livrinhos!
Que se encharque de vinho e, sem vergonha,
se banhe de perfume Cosmiano!

[140] Mart. *Epig.* 11. 2. Tradução nossa.
[141] *Epig.* 11. 15. Tradução nossa.

Que brinque com meninos; que as meninas
ame e sem circunlóquios fale dele –
de quem nascemos, pai de todos nós,
que o venerável Numa assim chamava:
"Caralho!". Mas recorda: estes versinhos,
Apolinar, são todos Saturnais.
O livrinho não tem os meus costumes.

Nos treze versos que compõem o epigrama, Marcial desvela os temas que figuram em seus livrinhos: inicialmente, nos dois primeiros versos, o poeta torna evidente a existência de composições (*chartae*) que poderiam ser lidas até pela esposa de Catão e as severas Sabinas – índice de espécie epigramática diversa –, que se opõem, por seu turno, ao presente livrinho do poeta que, obsceno, estabelece a mudança do plectro de seu epigramas. Marcial, lista, em seguida, as possibilidades epigramáticas, isto é, algumas espécies epigramáticas tais como as vemos nomeadas nos livros da *Antologia Grega*: faz menção, no terceiro e quarto versos, ao risível (volume 11: "Epigramas conviviais e jocosos", Ἐπιγράμματα συμποτικὰ καὶ σκωπτικά) e ao amor heteroerótico (Volume 5: "Epigramas eróticos de diversos poetas", Ἐπιγράμματα ἐρωτικὰ διαφόρων ποιητῶν); no quinto, alude à matéria convivial; no sexto, volta a reportar-se ao universo erótico, quase em antonomásia com o perfume; no sétimo verso, alude à μοῦσα παιδική, à poesia pederástica; do oitavo ao décimo primeiro verso, trata, brevemente, acerca da elocução própria do epigrama, entenda-se, baixa, legitimando-a, aliás, mediante exemplo pertencente ao próprio *mos*. E o conclui com a advertência dirigida a Apolinar, seu interlocutor: que esses epigramas são todos saturnalícios. Interessa observar, nesse poema, que as matérias arroladas por Marcial no decorrer dos versos, todas elas, convergem para a admoestação final: no limite, o caráter simpótico, erótico e jocoso dos poemas é tomado como dado inerente às Saturnais, sinédoque da festa e, portanto, ingredientes constituintes dela. Ora, é bastante sintomático que o poeta não trate do vitupério ali; há menção ao riso, é claro; porém, sua

natureza, pelo caráter jocoso de que se imbui, está muito mais próxima do ridículo, do γελοῖον aristotélico que da invectiva, do ψόγος.

O epigrama de Marcial que acabamos de arrolar, curiosamente, não retira Catão de cena. Com retomar o *homo sum* terenciano, o poeta de Bílbilis nos aponta que os divertimentos, o caráter lúbrico típico da cena festiva, os gracejos, a liberdade que se atribui aos ditos, todos eles são necessários ao homem e mais ainda: decorosos, já que é tempo de Saturnais. Assim, por comporem os costumes religiosos transmitidos pela tradição, pelo *mos maiorum*[142], as faces séria e cômica das divindades eram igualmente sagradas, igualmente importantes, eram, pois, no limite, oficiais[143]. Os *Carmina Triumphalia* ("poemas sobre cortejo triunfal) talvez sejam as práticas mais notórias, mais representativas do que acabamos de dizer, porque o general em triunfo era, a um só tempo, o objeto quer do louvor quer do escárnio geral[144]. As Saturnais, entendidas como um dos *sacra* – antiquíssimas, pelo que parece –, entendidas como uma das cerimônias religiosas consagradas pelos *mores*, deveriam ser observadas por todos. Trata-se de um festival ecumênico, respeitado não só pelos pontífices, mas também pelos cidadãos, pelo *paterfamilias*, pelos escravos, de modo que participar da festa era menos entregar-se arbitrariamente à licença do que respeitar, piedosamente, os costumes dos antepassados[145].

---

[142] Cf. Enn., *Ann*. 5. 156; Cic., *Rep.* 6. 1. 1-2; *Leg.* 2. 10. 23; *Cael.* 17. 39; Sall., *Cat.* 9. 1-5. Os costumes veneráveis que compunham o quadro do *mos*, além da base religiosa evidente, pressupunham fortes contornos de austeridade cuja centralidade se associava ao *labor*, a *fides* e a *paupertas*, virtudes estas que se coadunavam com uma sociedade de caráter rústico, como Tito Lívio, no prefácio à *História de Roma*, já deixa entrever: *initium exiguum*. Nesse sentido, se levarmos em consideração a antiguidade do culto de Saturno, em cujas narrativas lendárias residem as origens dos povos latinos, as Saturnais, ainda que licenciosas, constituíam parte importante dos costumes dos antepassados. Cf. também Rocha Pereira (2009: 361): o *mos maiorum* "é, de qualquer modo, a consagração de um valor que todos os grandes espíritos sentiam como a base do equilíbrio da sociedade romana".

[143] Cf. Bakhtin (2002: 5).

[144] Cf. Suet., *Jul.* 1. 49; 51. As pretensas injúrias eram notoriamente apotropaicas.

[145] Cf. Cic., *Leg.* 2. 47-48: "Creio nas cerimônias religiosas, nos votos, nas festividades, nas sepulturas e em tudo o mais deste mesmo jaez. Ora, por que lhes damos tamanha importância, quando outras são tão insignificantes? A respeito das cerimônias, porém, que ocupam um lugar de grande destaque, basta uma única sentença, para que sempre conservem e imediatamente se deem a conhecer às famílias, conforme

Nos últimos dois versos, Marcial não só faz a devida separação entre o homem e o poeta, como já o fizeram outros antes dele, Catulo, por exemplo, mas também reforça a cena ritual de que são imbuídas as Saturnais: do mesmo modo que o livrinho lascivo, saturnalício, por assim dizer, não é o reflexo dos costumes do poeta, assim também não são as Saturnais o testemunho do caráter dos homens romanos – entregues, como ainda se pensa amiúde, à licença e às bacanais sem fim e à suposta decadência dos costumes. Abdicar da toga e vestir o barrete de liberto, antes de constituir-se ato degradante, era sinal de temperança, como Sêneca assim aconselha Lucílio, evidentemente, não sem impor certos limites:

> Si te bene noui, arbitri partibus functus nec per omnia nos similes esse pilleatae turbae uoluisses nec per omnia dissimiles; nisi forte his maxime diebus animo imperandum est, ut tunc uoluptatibus solus abstineat cum in illas omnis turba procubuit; certissimum enim argumentum firmitatis suae capit, si ad blanda et in luxuriam trahentia nec it nec abducitur. Hoc multo fortius est, ebrio ac uomitante populo siccum ac sobrium esse, illud temperantius, non excerpere se nec insignire nec misceri omnibus et eadem sed non eodem modo facere.
>
> Se bem te conheço, quererias, se desempanhasses papel de árbitro, que não fôssemos em tudo semelhantes à turba de barrete, nem em tudo a eles dessemelhantes; a não ser que talvez se deva mandar que nosso coração seja o único a abster dos prazeres, enquanto a turba toda se entrega a eles. Pois a prova,

---

estabeleci na lei: “sejam perpétuas as cerimônias”. Posteriormente, sob a autoridade dos Pontífices, elas prosseguiram: para que não morresse com o patriarca a memória das cerimônias, foram acrescidas às *[obrigações]* daqueles que, pela morte, herdarão todos os bens.”, *De sacris credo, de uotis, de feriis et de sepulcris, et si quid eius modi est. Cur igitur haec tanta facimus, cum cetera perparua sint? De sacris autem, qui locus patet latius, haec sit una sententia, ut conseruentur sem<per> et deinceps familiis prodantur, et, ut in lege posui, 'perpetua sint sacra'. A<t> post<e>a haec iura pontificum auctoritate consecuta sunt, ut, ne morte patris familias sacrorum memoria occideret, iis essent ea adiuncta, ad quos eiusdem morte pecunia uenerit.* Tradução nossa.

> certíssima de firmeza de caráter não ir nem deixar-se levar aos prazeres que nos arrastam à luxúria. É muito mais corajoso, estando o povo ébrio e a vomitar nas ruas, manter-se sóbrio e abstêmio; e é mais temperante não se apartar ou se distinguir da turba nem misturar-se com ela indistintamente: fazer as mesmas coisas, mas não do mesmo modo[146].

* * *

Quando tratamos há pouco das histórias envolvendo Saturno, de sua relação com os campos e também com outras divindades, como Jano e Ópis, percebemos o caráter benfazejo do deus que porta a foice. Segundo Macróbio, o templo dedicado à divindade fora, em tempo antigo, o erário. Portanto, não era estranha aos romanos a identificação do nume com a riqueza e prosperidade: soma-se a isso a própria Idade de Ouro cuja consubstanciação são as Saturnais, bem como os processos de cunhagem de moedas, como vimos. Saturno, pois, era também propiciatório: lembremo-nos dos testemunhos de Tito Lívio e Dionísio de Helicarnasso que localizam a fundação da *ara Saturni* em um período de paz e prosperidade, como se a fundação do templo ele mesmo e sua consagração pública tivessem o poder, mágico, por assim dizer, de tornar eterna a paz. Não tão diferente disso nos parece o contexto em que foi reorganizado pelo Senado o culto religioso, em 217 a.C., quando os magistrados determinaram a observância das Saturnais, o lectistérnio em honra de Saturno e o banquete público que antecediam os folguedos nas ruas, como nos relata Tito Lívio[147]:

[146] Sen., *Ep.* 18. 3-4. Tradução nossa.
[147] Cf. Liv., 22. 1. Tradução nossa.

Iam uer appetebat cum Hannibal ex hibernis mouit, et nequiquam ante conatus transcendere Appenninum intolerandis frigoribus et cum ingenti periculo moratus ac metu. Galli, quos praedae populationumque conciuerat spes, postquam pro eo ut ipsi ex alieno agro raperent agerentque, suas terras sedem belli esse premique utriusque partis exercituum hibernis uidere, uerterunt retro in Hannibalem ab Romanis odia; petitusque saepe principum insidiis, ipsorum inter se fraude, eadem leuitate qua consenserant consensum indicantium, seruatus erat et mutando nunc uestem nunc tegumenta capitis errore etiam sese ab insidiis munierat. Ceterum hic quoque ei timor causa fuit maturius mouendi ex hibernis. Per idem tempus Cn. Seruilius consul Romae idibus Martiis magistratum iniit. Ibi cum de re publica rettulisset, redintegrata in C. Flaminium inuidia est: duos se consules creasse, unum habere; quod enim illi iustum imperium, quod auspicium esse? Magistratus id a domo, publicis priuatisque penatibus, Latinis feriis actis, sacrificio in monte perfecto, uotis rite in Capitolio nuncupatis, secum ferre; nec priuatum auspicia sequi nec sine auspiciis profectum in externo ea solo noua atque integra concipere posse. Augebant metum prodigia ex pluribus simul locis nuntiata: in Sicilia militibus aliquot spicula, in Sardinia autem in muro circumeunti uigilias equiti scipionem quem manu tenuerit arsisse et litora crebris ignibus fulsisse et scuta duo sanguine sudasse, et milites quosdam ictos fulminibus et solis orbem minui uisum, et Praeneste ardentes lapides caelo cecidisse, et Arpis parmas in caelo uisas pugnantemque cum luna solem, et Capenae duas interdiu lunas ortas, et aquas Caeretes sanguine mixtas fluxisse fontemque ipsum Herculis cruentis manasse respersum maculis, et in Antiati metentibus cruentas in corbem spicas cecidisse, et Faleriis caelum findi uelut magno hiatu uisum quaque patuerit ingens lumen effulsisse; sortes sua sponte attenuatas unamque excidisse ita scriptam: 'Mauors telum suum concutit', et per idem tempus Romae signum Martis Appia uia ac simulacra

luporum sudasse, et Capuae speciem caeli ardentis fuisse lunaeque inter imbrem cadentis. Inde minoribus etiam dictu prodigiis fides habita: capras lanatas quibusdam factas, et gallinam in marem, gallum in feminam sese uertisse. his, sicut erant nuntiata, expositis auctoribusque in curiam introductis consul de religione patres consuluit. Decretum ut ea prodigia partim maioribus hostiis, partim lactentibus procurarentur et uti supplicatio per triduum ad omnia puluinaria haberetur; cetera, cum decemuiri libros inspexissent, ut ita fierent quemadmodum cordi esse <di sibi> diuinis carminibus praefarentur. Decem uirorum monitu decretum est Ioui primum donum fulmen aureum pondo quinquaginta fieret, Iunoni Mineruaeque ex argento dona darentur et Iunoni reginae in Auentino Iunonique Sospitae Lanuui maioribus hostiis sacrificaretur, matronaeque pecunia conlata quantum conferre cuique commodum esset donum Iunoni reginae in Auentinum ferrent lectisterniumque fieret, et ut libertinae et ipsae unde Feroniae donum daretur pecuniam pro facultatibus suis conferrent. haec ubi facta, decem uiri Ardeae in foro maioribus hostiis sacrificarunt. Postremo Decembri iam mense ad aedem Saturni Romae immolatum est, lectisterniumque imperatum—et eum lectum senatores strauerunt—et conuiuium publicum, ac per urbem Saturnalia diem ac noctem clamata, populusque eum diem festum habere ac seruare in perpetuum iussus.

À aproximação da primavera, Aníbal deixou seus quartéis de inverno. Em vão tentara franquear os Apeninos, sendo barrado por um frio intolerável e forçado a permanecer no acampamento à custa de muito perigo e enormes receios. Os gauleses, até então movidos pela esperança de pilhagem, vendo que em lugar de rapinar, arrebatando gado e prisioneiros de outras terras, eram as suas próprias que sediavam a guerra e suportavam o ônus dos quartéis de inverno para dois exércitos, desviaram a cólera dos

romanos e a dirigiram para os cartagineses. Aníbal via-se a todo instante ameaçado por seus embustes; mas as traições recíprocas dos chefes gauleses – que se denunciavam com o mesmo açodamento com que conspiravam – puseram-no a salvo. Ora mudando de roupa, ora de peruca, fazia-os cometer erros e escapava às suas artimanhas. Entretanto, esse receio a mais pressionou-o a deixar o quanto antes os quartéis de inverno. Entrementes, em Roma, o cônsul Cneu Servílio assumia o cargo pelos idos de março. Na ocasião, consultou os senadores sobre a situação geral, fazendo com que novamente assomasse entre eles a ira contra Caio Flamínio. Haviam, resmungavam os senadores, nomeado dois cônsules e só tinham um. Pois acaso estava o outro legitimado no comando, nos auspícios? Seus direitos, haure-os o magistrado dos lares, dos penates públicos e privados, da celebração das Férias latinas, do sacrifício realizado sobre o monte, da pública expressão dos votos rituais, no Capitólio; ora, a um simples particular não o acompanham auspícios – e uma vez que Flamínio partira sem eles, não poderia legitimamente retomá-los em solo estrangeiro. Inúmeros prodígios, anunciados por toda parte ao mesmo tempo, vinham acrescer esses temores. Na Sicília, as lanças de vários soldados e, na Sardenha, o bastão empunhado por um cavaleiro que fazia a ronda da muralha, tinham-se inflamado; fogos surgiram em profusão na praia; dois escudos porejaram sangue; o raio ferira inúmeros soldados; o globo solar como que se apequenara; em Preneste, choveram pedras incandescentes em Arpos, avistaram-se escudos no céu e o Sol dera combate à Lua; em Capena, dia claro, duas luas se tinham levantado; as águas de Cere correram misturadas de sangue; manchas sanguinolentas conspurcaram a própria fonte de Hércules; e em Âncio os segadores tinham colhido espigas sangrentas. Em Falérios, uma enorme fenda nos céus dera passagem a uma luz deslumbrante; tabuinhas se encheram de caracteres por si mesmas, e uma delas trazia a inscrição: “Mavorte vibra sua lança”; ao mesmo tempo, em Roma, a

> estátua de Marte na via Ápia e as efígies dos lobos começaram a transpirar; em Cápua, o céu como que se inflamara e a Lua desapareceu no vórtice das chuvas. Não tardou que se desse fé a prodígios de mesquinha importância: algumas pessoas asseguravam ter visto suas cabras revestidas de lã; uma galinha se transformara em galo, um galo em galinha. Depois de comunicar tais prodígios conforme haviam sido relatados e de introduzir as testemunhas oculares na cúria, o cônsul consultou os senadores sobre assuntos religiosos. Resolveu-se que a expiação se faria em parte com vítimas de porte, em parte com animais de leite; todos os deuses seriam suplicados em seus altares durante três dias; no mais, após consultar os livros, os decênviros prescreveriam o que aprouvesse aos numes. A conselho deles, decretou-se de início a confecção de um raio de ouro de cinquenta libras, para aplacar Júpiter; Juno e Minerva teriam oferendas de prata; Juno Soberana, no Aventino, e Juno Libertadora, em Lanúvio, receberiam vítimas de porte. As matronas disporiam de quanta prata pudessem, levando-a em oferenda a Juno Soberana, no Aventino. Decretou-se ainda um lectisterno; e que as libertas, proporcionalmente a seus recursos, levassem uma oferenda a Ferônia. Feito isso, os decênviros sacrificaram grandes vítimas em Árdea, no Fórum. Finalmente, entrado já o mês de dezembro, ordenou-se um sacrifício no templo de Saturno, um lectisterno – que os próprios senadores prepararam – e um banquete público. Durante um dia e uma noite lançou-se pela cidade o grito das Saturnais, sendo o povo convidado a considerar aquele um dia de festa, a ser observado também no futuro [148].

O episódio narrado por Tito Lívio, que culmina com a reorganização do culto de Saturno, ocorre na Segunda Guerra Púnica (218–201 a.C.), após a grande façanha de Aníbal, cruzar com o exército os Alpes e invadir a Itália pelo norte. Há temor pela iminente chegada

[148] Tradução de Paulo Matos Peixoto (1990: 9-11).

do inimigo. Aníbal já infligira sucessivas derrotas aos romanos. Em 218, Cornélio Cipião é derrotado na batalha de Ticino, pouco tempo depois é a vez de Tibério Semprônio Longo ter as tropas desbaratadas pela cavalaria cartaginesa, e as colônias romanas na Gália Cisalpina – Cremona e Placência – são completamente destruídas.

Enquanto isso, em Roma, há um clima de grande instabilidade política: Gneu Servílio, assumindo o consulado, dirige graves acusações contra seu colega de magistratura, Caio Flamínio, colocando em questão sua legitimidade como cônsul, já que não teria tomado devidamente os auspícios e, por isso, não deteria autoridade para realizar os rituais dignos de um verdadeiro cônsul, nem para governar e livrar a Cidade da ameaça cartaginesa. Os distúrbios internos e a ameaça estrangeira são acompanhados de terríveis prodígios que grassam por toda Itália, inclusive Roma: na Sicília, lanças de soldados ardem em chamas; pedras incandescentes precipitam-se dos céus de Preneste, duas luas se levantam em Capena. Da fonte de Hércules, em Cere, mana água impura, manchada de sangue. Em Roma, transpiram as estátuas de Marte e dos lobos na via Ápia, inscrições sinistras espontaneamente brotam de tabuinhas de cera, etc. A fim de aplacar todos esses males, o Senado ordena uma série de expiações e sacrifícios aos deuses – destaque-se, a propósito, as honrarias a Minerva e Juno[149], divindades também monetárias, demonstrando, pois, a relação que já estabelecemos entre a cunhagem de moedas e ritos propiciatórios – e, em dezembro, no templo de Saturno, os próprios senadores preparam um banquete solene, o *lectisternium*, e em seguida, são oficializadas as Saturnais.

Nos diversos testemunhos que já mencionamos, vemos que as Saturnais são bem anteriores às expiações decretadas pelo Senado romano na época dos prodígios relatados por Tito Lívio. Mesmo assim,

[149] Sobre a presença de Minerva em fontes numismáticas, cf. Sear (2000: 17). A presença de Minerva em moedas talvez se justifique por sua importância para as artes e os artífices, incluindo aí a metalurgia. Cf. Dumézil (1974: 312).

vale observar as circunstâncias muito específicas em que se dá a reorganização da cerimônia festiva. Não são tempos de paz, Roma é ameaçada tanto pelos cartagineses liderados por Aníbal, determinados a tomar os domínios romanos na Itália, como pela instabilidade da política interna; não há concórdia entre os cônsules e, para piorar, acontecimentos extraordinários entreveem o pior, tornando mais agudos os terrores da população.

A guerra, a discórdia, o descontentamento divino devem ser aplacados. Dentre as diversas ações decretadas pelo Senado, as Saturnais desempenham um papel de extrema importância: de um lado, são elas que, pelo caráter festivo, ajudam a aliviar o temor e o desagrado da população de um modo geral; de outro, propiciatórias que são, figuram como meio de afastar o mal da Cidade e dos habitantes, esconjurá-lo mediante o riso franco e absoluto dos festins e folguedos que tomam conta das ruas[150]. As faculdades apotropaicas do riso saturnalício, que, aliás, integra o culto de outras divindades, como Priapo, é sugerido pelo historiógrafo latino. Mas evidencia-se de modo inequívoco nas regras do banquete das Saturnais explicitadas no diálogo homônimo de Luciano[151]:

> Ὁ οἰνοχόος ὀξὺ δεδορκέτω ἐκ περιωπῆς ἐς ἕκαστον, καὶ ἔλαττον ἐς τὸν δεσπότην, καὶ ἐπ' ὀξύτερον ἀκουέτω, καὶ κύλικες παντοῖαι. καὶ ἐξέστω παρέχειν, ἤν τις ἐθέλῃ, φιλοτησίαν. πάντες πᾶσι προπινέτωσαν, ἢν ἐθέλωσι, προπιόντος τοῦ πλουσίου. μὴ ἐπάναγκες ἔστω πίνειν, ἤν τις μὴ δύνηται. Ἐς τὸ συμπόσιον μήτε ὀρχηστὴν μήτε κιθαριστὴν αὐτοὺς ἄγειν ἄρτι μανθάνοντα ἐξέστω, ἤν τις ἐθέλῃ. Σκώμματος μέτρον ἔστω τὸ ἄλυπον ἐπὶ πᾶσιν. Πεττευέτωσαν ἐπὶ καρύων. ἤν τις ἐπ' ἀργυρίῳ πεττεύσῃ, ἄσιτος ἐς

[150] Cf. Bakhtin (2002: 8): "As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem".
[151] Cf. Lucian., *Sat.* 18. Tradução nossa.

τὴν ὑστεραίαν ἔστω. Καὶ μενέτω καὶ ἀπίτω ἕκαστος, ὁπόταν βούληται.Ἐπὰν δὲ τοὺς οἰκέτας ὁ πλούσιος εὐωχῇ, διακονούντων καὶ οἱ φίλοι σὺν αὐτῷ. Τοὺς νόμους τούτους ἕκαστον τῶν πλουσίων ἐγγράψαντα ἐς χαλκῆν στήλην ἔχειν ἐν μεσαιτάτῳ τῆς αὐλῆς, καὶ ἀναγινωσκέτω. δεῖ δὲ εἰδέναι ὅτι ἔστ' ἂν αὕτη ἡ στήλη μένῃ, οὔτε λιμὸς οὔτε λοιμὸς οὔτε πυρκαϊὰ οὔτε ἄλλο χαλεπὸν οὐδὲν εἴσεισιν εἰς τὴν οἰκίαν αὐτοῖς. ἢν δέ ποτε—ὅπερ μὴ γένοιτο—καθαιρεθῇ, ἀποτρόπαιον οἷα πείσονται.

O escanção deve observar de modo perspicaz cada conviva a partir de um ponto estratégico. Sagazes também deve ter os ouvidos, não tanto para seu senhor. E os cálices, variados. Que se permita oferecer, caso alguém o deseje, a taça do amor. Todos bebam à saúde de todos, se quiserem, porque os ricos já beberam. Se alguém não puder, não é necessário beber. Não é permitido levar ao banquete, se alguém desejar, nem dançarino, nem citarista que sejam ainda aprendizes. A medida dos gracejos é que sejam anódinos no tocante a todos. Que se joguem dados por nozes. Se acaso alguém jogar a dinheiro, deverá ficar sem cear no dia seguinte. E que cada um possa permanecer ou partir simplesmente quando quiser. Depois de o rico senhor homenagear seus escravos com um banquete, seus amigos, juntamente com ele, deverão servi-los qual copeiros. Cada um dos senhores, inscrevendo essas mesmas regras em uma placa de bronze, deverá afixá-la no meio do aposento e lê-la em voz alta. É preciso, porém, perceber que, conservando esta placa, nem penúria, nem flagelo, nem a morte, nem, afinal, outro empecilho que seja hão de transpor as portas da casa desses homens. Mas, se em algum dia o mal se abater – oxalá jamais aconteça! –, terá ela o poder de esconjurá-lo.

Poderoso é o riso das Saturnais! Pois é capaz de esconjurar o mal. Com efeito, o riso saturnalício não contém nenhum traço deletério. Luciano descreve-o muito bem: "a medida dos gracejos é que sejam anódinos (ἀλυπον) no tocante a todos", Σκώμματος μέτρον ἔστω τὸ ἄλυπον ἐπὶ πᾶσιν. Todos brincam, todos são alvo das brincadeiras e dos ditos e todos saem ilesos no final. Repare-se ainda o tom prescritivo da fala luciânica, marcada por ἔστω, imperativo de εἰμὶ, intensificada pelo caráter de necessidade da inscrição no bronze: a medida do riso é lei! O caráter inofensivo de que se imbuem os gracejos invernais está na base de toda a linguagem e práticas das Saturnais, de quem são herdeiras, sem dúvida, as grandes tradições populares do medievo, como o Natal, o riso pascal, a festa dos tolos e, sobretudo, o Carnaval[152]. A placa de bronze que contém as regras do banquete, bem como a leitura em voz alta, são paródia das práticas jurídicas do tempo, associando-se, nesse sentido, à lógica invertida de toda a festa: o dia pela noite, o intenso comércio entre o alto e o baixo, a inversão dos sexos – "os homens vestem-se de mulher e cantam com voz de falsete, significando o retorno ao hermafroditismo primordial[153]" –, a inversão social, com os senhores, também alvos dos motejos, servindo seus escravos à mesa; a eleição do arconte bufo, a cujas leis todos os participantes devem se submeter, e, finalmente, a permissão do jogo durante os dias de festejos.

A paródia, contudo, essa espécie de *leitmotiv* das Saturnais, não deve ser entendida em sentido negativo, como amiúde se compreende modernamente, aos moldes de instrumento satírico, meio de mera crítica social. A paródia das Saturnais iguala a todos, cobre os homens por igual, independentemente do lugar que ocupam na sociedade oficial,

[152] Cf. Bakhtin (2002: 6): "A ideia do carnaval foi percebida e manifestou-se de maneira muito sensível nas saturnais romanas, experimentadas como um retorno efetivo e completo (embora provisório) ao país da idade de ouro. As tradições das saturnais permaneceram vivas no carnaval da Idade Média, que representou, com maior plenitude e pureza do que outras festas da mesma época, a ideia da renovação universal. Os outros festejos de tipo carnavalesco eram limitados e encarnavam a ideia do carnaval de uma forma menos plena e pura; no entanto, a ideia subsistia e era concebida como uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária (isto é, oficial)".
[153] Cf. Minois (2003: 97).

em que pese ao fato de o alvo principal dos processos de inversão ser o regime sério da vida e tudo que a ele se relaciona, como a história, a epopeia, os gêneros que, por sua elevação, são dignos de propagar e refletir as virtudes dos melhores. Nesse sentido, o movimento paródico da brincadeira e do gracejo nunca é negativo: "mesmo negando, aquela *[*a paródia*]* ressuscita e renova ao mesmo tempo"[154]. Rir dos grandes, nas Saturnais, não deve ser nunca interpretado no sentido de uma desforra dos pequenos em relação aos grandes. Por não ser deletério, o riso das Saturnais, obsceno que seja, nunca é transgressor da ordenação social.

Por tudo isso, as regras inscritas em bronze e lidas em voz alta conservam o caráter apotropaico – empregado, a propósito, no texto: ἀποτρόπαιον – mesmo depois das Saturnais, prevalecendo, na casa de quem ofereceu o banquete, como espécie de amuleto mágico, proteção contra todos os males, naturais ou desejados por outrem, que porventura possam atingir seus moradores. Ora, é notável a curiosa semelhança entre a placa de bronze a que Luciano se refere e as tabuinhas imprecatórias de que tratamos no capítulo anterior: o suporte de ambas é o metal, ambas possuem faculdades mágico-religiosas, ambas são fixadas, ambas têm caráter de necessidade. Com a diferença de que uma, depositada, como vimos, em sepulturas e pântanos, isto é, sob as trevas, deseja o mal e a perdição de um desafeto; a outra, exposta publicamente aos olhos de todos, sob a luz enfim, almeja o bem, a abundância, saúde e prosperidade do portador e dos seus[155]. As Saturnais afigurar-se-iam, pois, como algum tipo de cerimônia de consagração desses verdadeiros amuletos de proteção.

O clima de morte e renovação representada, na natureza, pelo inverno, que é, ao mesmo tempo, o anúncio do fim de um ciclo

[154] Cf. Bakhtin (2002: 10).
[155] Talvez não se trate exatamente de uma coincidência. É provável que essa semelhança seja intencional, aplicando-se, portanto, o princípio que Frazer (1982: 34) denomina "lei da similaridade".

(nascimento, desenvolvimento, envelhecimento e morte) e o prenúncio de outro, o da vida em eterna renovação, mantém-se com a mesma ambivalência no riso que integra as Saturnais. A abundância de comida e bebida e o apelo altamente erotizante da festa se consubstanciavam num riso triunfante que explorava o licencioso, representadas pelas típicas alusões aos órgãos genitais, refundindo em um princípio cósmico que estabelecia devida confinidade entre a natureza e o homem: a primeira é responsável tanto pela geração dos alimentos, como por receber os mortos, integrando-os, por seu turno, ao eterno ciclo vital; o segundo, que consome os alimentos, verdadeiro "túmulo corporal", é o mesmo que, por suas capacidades sexuais, é capaz de gerar também a vida. Assim, as obscenidades, os gracejos, a lascívia do humor das Saturnais – ou, no dizer de Bakhtin, o "cômico verbal de baixo estofo"[156] – não tinham outra função senão ser profundamente apotropaicos e propiciatórios, espécie de garantia de continuidade da vida, da terra que dá os frutos, dos animais e do homem, por isso o riso das Saturnais era sempre superabundante[157]:

De nostro facunde tibi Iuuenalis agello
saturnalicias mittimus, ecce, nuces.
Cetera lasciuis donauit poma puellis
mentula custodis luxuriosa dei.

Ó Juvenal, facundo, a ti, de minha quinta[158],
eis que das Saturnais envio nozes!
Ofertou outros frutos a meninas lúbricas
o caralho soberbo do deus guarda.

[156] Cf. 2002: 93.
[157] Cf. Mart. *Epig.* 7. 91. Tradução nossa.
[158] Trata-se da quinta de Marcial em Nomento. Cf. *Epig.* 1, 105: "O vinho que se produz, Ovídio, nos campos de Nomento,/ sempre que alcança longos anos,/ despoja-se do caráter e do nome em virtude da velhice antiga,/ e uma velha ânfora chama-se do que quiser", *In Nomentanis, Ouidi, quod nascitur agris,/ accepit quotiens tempora longa, merum/ exuit annosa mores nomenque senecta,/ et quidquid uoluit, testa uocatur anus.*Tradução nossa.

É possível perceber, no epigrama apoforeto que Marcial dirige ao satirista, que o singelo presente saturnal é acompanhado, nos dois últimos versos, de gracejo obsceno, fruto da alusão a Priapo. O poeta toma emprestado ao deus da eterna ereção o caráter fértil, exuberante e benfazejo que se identificava ao falo. O epigrama é, portanto, em sua condensação, amuleto e volição de felicidade por parte do poeta.

Saturnais e Controle Social

A grande licença que se facultava aos escravos era uma das principais características das Saturnais. As numerosas fontes antigas que fazem referência à grande liberdade de que gozavam amiúde a relacionam à época mítica do reinado de Saturno sobre a terra, quando as distinções hierárquicas inexistiam e todos os homens eram iguais[159]:

> **26.** Regni eius tempora felicissima feruntur, cum propter rerum copiam tum quod nondum quisquam seruitio uel libertate

[159] Cf. Macr. *Sat.* 1. 7. 26. Tradução nossa. Em outro passo, Macróbio (*Sat.*1. 10. 22) arrola o testemunho de Filócoro, que atribui a Cécrope, o mítico rei de Atenas, a tradição dos escravos banquetearem-se juntamente com seus senhores durante as Saturnais. Repare-se ainda a relação entre as Saturnais e o período de consumo dos alimentos: "Filócoro nos informa que Cécrope foi o primeiro a instituir, na Ática, um altar dedicado a Saturno e Ópis e cultuou estes deuses com o mesmo respeito devido a Jove e à Terra; além disso, estabeleceu que os chefes de família, tendo já reunido não só os grãos, mas também os alimentos, se banqueteassem juntamente indistintamente com os escravos, com quem haviam suportado as fadigas do trabalho durante o cultivo dos campos, pois o deus se deleita também com a honraria dos escravos em consideração de seus trabalhos. É por esse motivo, a partir de um costume estrangeiro, que prestamos culto a este deus com a cabeça descoberta", *Philochorus Saturno et Opi primum in Attica statuisse aram Cecropem dicit, eosque deos pro Ioue terraque coluisse, instituisseque ut patres familiarum et frugibus et fructibus iam coactis passim cum seruis uescerentur cum quibus patientiam laboris in colendo rure tolerauerant: delectari enim deum honore seruorum contemplatu laboris. Hinc est quod ex instituto peregrino huic deo sacrum aperto capite facimus*. Tradução nossa.

discriminabatur: quae res intellegi potest, quod Saturnalibus tota seruis licentia permittitur.

26. Diz-se que os tempos do reinado [de Saturno] foram felicíssimos, época em que, pela abundância de todas as coisas, ninguém era distinguido seja pela escravidão, seja pela liberdade. Daí pode-se depreender por que toda licença é permitida aos escravos durante as comemorações das Saturnais.

Nas Saturnais, os escravos podiam eleger seus próprios senhores como alvo dos gracejos, já que todos os homens, ainda que por um breve período de tempo, passavam a gozar dos mesmos direitos. Horácio, em uma das *Sátiras*, dá a palavra ao escravo Davo, para que este zombe das vãs paixões dos senhores: "Vai! Goza da liberdade de dezembro! Fala! Pois que assim quiseram nossos antepassados", *age libertate Decembri, /quando ita maiores uoluerunt, utere: narra*[160]*.* As insígnias dos *ordines* eram deixadas de lado. Origem, nascimento, condição, aspectos de importância capital na profundamente desigual estrutura social romana, perdiam sua validade. O *pileum*, o barrete de liberto, é usado por todos; abandona-se a toga, o sinal de distinção mais visível, cujo uso é determinado juridicamente, pois distingue seu portador, cidadão e livre, do resto da massa indistinta de escravos, libertos e cidadãos de baixa extração[161]. Despojar-se dela é festejar as Saturnais. Em meio ao alarido que já toma conta das ruas com grande aparato e a multidão que festeja o reinado de Saturno, Sêneca se indaga como ele e seu interlocutor, Lucílio, devem agir: participar ou não das Saturnais,

[160] Cf. *Sat.* 2. 7. 4-5.

[161] Cf. Martins (2011: 191): "A toga, para o *ciuis*, é um aparato que o acompanha desde a mais tenra idade e, sendo modificada de acordo com o costume, visava a distinguir qual era sua idade e a posição ocupada na estrutura de poder ou, ainda, a circunstância em que o inscrevia, usuário, em determinado momento. Têm-se, assim, diversos tipos de toga: uma branca, chamada de *pura*, *uirilis* ou *libera*, do *ciuis*; a vermelha, típica do imperador; a amarela dos áugures; a *praetexta* dos magistrados e crianças até dezesseis anos, branca debruada de púrpura; a *picta* ou *palmata*, púrpura debruada de ouro, utilizada nos triunfos; a *atra* ou *palla*, toga negra, usada nas exéquias e a cândida, usada pelos candidatos".

manter a rotina, sem alteração, evitando o burburinho público, ou, abandonada a toga, festejar nos banquetes, como o faz a *turba pilleata*[162].

Ainda que a *libertas decembri* seja um dado da tradição, não significa, porém, que fosse respeitada completamente por um *paterfamilias*, ou seja, que ocorresse como se evidencia nos testemunhos que arrolamos. As atitudes em relação à licença permitida aos escravos naquela época do ano poderiam variar. Em outras palavras, não é certo que os aristocratas romanos, muitas vezes proprietários de grandes extensões de terra e, consequentemente, de elevado número de escravos – cada qual desempenhando tarefas das mais diversas –, respeitassem o costume da mesma maneira. Ora, Plínio, o Jovem, não proíbe seus escravos de celebrar as Saturnais, nem lhes limita as brincadeiras e os divertimentos típicos da festa, mas prefere não tomar parte deles, e não se banqueteia em companhia dos membros de sua casa. Prefere, pelo contrário, isolar-se no aposento preferido de sua vila em Óstia, tão confortável, quanto oportuno para suas horas de silencioso estudo, longe do burburinho da *uilla*[163]:

> Adplicitum est cubiculo hypocauston perexiguum, quod angusta fenestra suppositum calorem, ut ratio exigit, aut effundit aut retinet. Procoeton inde et cubiculum porrigitur in solem, quem

[162] Cf. Sen., *Ep.* 18. 1-2: "É o mês de dezembro: a cidade já transpira de maneira descomunal. Deu-se publicamente o direito à Luxúria. Tudo ressoa com enorme aparato, como se em coisa alguma as Saturnais diferissem dos dias úteis; de tal modo em nada diferem, que não me parece errar aquele que outrora disse que dezembro era um mês, agora é um ano. Se estivesses aqui, discutiria contigo de bom grado a respeito do que julgas que devíamos fazer: não mexeríamos uma palha em nossa rotina? Ou, para não parecer que divergimos dos costumes do público, participaríamos mui alegremente dos banquetes e nos despojaríamos da toga?", *December est mensis: cum maxime ciuitas sudat. Ius luxuriae publice datum est; ingenti apparatu sonant omnia, tamquam quicquam inter Saturnalia intersit et dies rerum agendarum; adeo nihil interest ut <non> uideatur mihi errasse qui dixit olim mensem Decembrem fuisse, nunc annum. Si te hic haberem, libenter tecum conferrem quid existimares esse faciendum, utrum nihil ex cotidiana consuetudine mouendum an, ne dissidere uideremur cum publicis moribus, et hilarius cenandum et exuendam togam*. Tradução nossa.

[163] Cf. Plin., *Ep.* 2. 14. 23-24. Tradução nossa.

> orientem statim exceptum ultra meridiem oblicum quidem sed tamen seruat. In hanc ego diaetam cum me recepi, abesse mihi etiam a uilla mea uideor, magnamque eius uoluptatem praecipue Saturnalibus capio, cum reliqua pars tecti licentia dierum festisque clamoribus personat; nam nec ipse meorum lusibus nec illi studiis meis obstrepunt.
>
> Junto ao aposento, há um forno pequenino que, colocado sob um postigo estreito, espalha ou retém o calor, conforme exijam as circunstâncias. Além do quarto, uma antecâmara se estende em direção do sol, conservando desde a aurora sua luz que, depois do meio-dia, porém, se desvanece oblíqua. Quando me refugio neste cômodo, sinto que estou completamente afastado de minha vila; sobretudo é durante as Saturnais que este aposento me proporciona um grande prazer, enquanto o restante da casa ressoa com os clamores e a licenciosidade própria desses dias. Ora, assim, não perturbam meus estudos; nem eu, as brincadeiras de meus escravos.

Por outro lado, o biógrafo de Lúcio Vero (130–169 d.C.), na *História Augusta*, assevera que o imperador sempre admitia no triclínio os escravos domésticos durante as Saturnais e nos dias festivos – *vernas in triclinium Saturnalibus et diebus festis semper admisit*[164]*.* Sêneca vai mais longe, pois, além de concordar com o antigo costume de aceitar à mesa os escravos nos dias de festa, aponta ainda que não deviam ser discriminados pelos modos servis, nem pela tarefa degradante que porventura exercessem; ademais, era na companhia e pelo exemplo do senhor que os escravos se tornariam homens

[164] Cf. *Scrip. H.A. Ver*. 7. 5. Cf. também Roller (2006: 175): "reclinar-se no banquete é marca de privilégio social, associado com homens adultos da elite".

melhores[165]. O filósofo estoico vê nisso não somente meio de contribuir para o caráter daqueles que o servem possibilitando a chance de desfrutar de convívio mais honesto e digno, mas sobretudo como instrumento político, por assim dizer, como forma de manter a concórdia entre os membros da *domus*[166]. Em resumo, todos ganhariam, os escravos desfrutariam de costumes superiores; e o senhor, da certeza de encontrar, nos escravos, verdadeiros amigos[167]:

> 'Quid ergo? omnes seruos admouebo mensae meae?' Non magis quam omnes liberos. Erras si existimas me quosdam quasi sordidioris operae reiecturum, ut puta illum mulionem et illum bubulcum. Non ministeriis illos aestimabo sed moribus: sibi quisque dat mores, ministeria casus adsignat. Quidam cenent tecum quia digni sunt, quidam ut sint; si quid enim in illis ex sordida conuersatione seruile est, honestiorum conuictus excutiet. Non est, mi Lucili, quod amicum tantum in foro et in curia quaeras: si diligenter adtenderis, et domi inuenies.
>
> "Que então? Admitirei todos os escravos à minha mesa?" Não mais do que a todos os homens livres. Estás errado se julgas que eu hei de rejeitar alguns deles só porque desempenham, por assim dizer, trabalhos mais vis, como por exemplo, ser um

[165] Cf. Griffin (1976: 256): "Sêneca não meramente condena a crueldade. Ele propõe que os escravos devem ser considerados indivíduos providos de diferentes capacidades morais e como amigos em potencial cujas relações com o mestre são baseadas em amor e respeito muito mais do que no medo: a generosidade, de um lado, identifica-se com a lealdade, de outro. O escravo deve encontrar em casa, não apenas um mestre, mas uma sociedade com responsabilidades, honrarias e um senso de comunidade".

[166] Cf. Veyne (1990: 14): "Era usual dar uma instrução aos escravos mais dotados, a fim de os tornar aptos para tarefas superiores na comunidade doméstica e de ter servidores qualificados. Imagino que se tratava também de uma questão de honra; tudo fazer pelas suas criaturas, fazer render os seus haveres, ser sempre auto-suficiente, eis o ideal das famílias nobres. Convinha ainda ao requinte espiritual e ao poder destas famílias encorajar os elementos merecedores entre os seus servos e predispor dos destinos, o que podia conduzir a um verdadeiro mecenato no caso de um escravo de talento".

[167] Cf. Sen., *Ep.* 47. 15-16. Tradução nossa. A noção de *amicitia* que se depreende do passo de Sêneca, por se diferir geralmente das relações de parentesco, que é o âmbito próprio das interações entre *paterfamilias* e escravo, indicia o quanto este último está inserido nas relações de poder no interior das *familias*. Cf. Konstan (2005: 174).

> cocheiro ou vaqueiro. Não os avaliarei por suas tarefas, mas por seus costumes: cada um os concede a si mesmo, o acaso lhe confia a tarefa. Que alguns ceiem contigo porque são dignos, outros para que o sejam. Pois se há algo de servil neles, em função do convívio mais modesto, o trato com homens mais honrados lhes extirpará isso. Não há porque, meu querido Lucílio, buscares seus amigos só no foro e na cúria: se te aplicares diligentemente, também os encontrarás em casa.

A despeito do lugar extremamente desfavorável que o cativeiro sempre ocupou em qualquer sociedade escravista, o que não parece ter sido diferente entre os antigos, em particular em Roma, é notável que na época do Principado os escravos tenham gozado de uma condição que os colocava acima da mera categoria jurídica de *instrumentum uocale*, isto é, "instrumento com voz". As observações de Sêneca a respeito dos escravos seguem mais ou menos essa linha de raciocínio. O missivista os percebe como entes juridicamente reconhecidos na ampla estrutura que fora a *familia* romana[168], comparando-a, inclusive, a uma pequenina República[169]:

> Ne illud quidem uidetis, quam omnem inuidiam maiores nostri dominis, omnem contumeliam seruis detraxerint? Dominum patrem familiae appellauerunt, seruos, quod etiam in mimis adhuc durat, familiares; instituerunt diem festum, non quo solo cum seruis domini uescerentur, sed quo utique; honores illis in domo gerere, ius dicere permiserunt et domum pusillam rem publicam esse iudicauerunt.

[168] Sobre questões referentes a *familia* e *domus*, ver Saller (1994). Cf. também Azevedo (2011).
[169] Cf. Sen., *Ep.* 47. 14. Tradução nossa.

> Não estais vendo como nossos antepassados subtraíram aos senhores toda inveja; e aos escravos, todo ultraje? Chamaram ao senhor "Chefe da Família" e, aos escravos, "membros da família", o que ainda subsiste até agora nos mimos. Instituíram um dia de festa, não somente para que os senhores ceiem em companhia de escravos, mas para que o façam obrigatoriamente. Permitiram-lhes ainda granjear honras na casa e administrar a justiça: julgaram, pois, que a casa é uma pequenina República.

Os escravos, para Sêneca, são homens de fato[170], cujas responsabilidades – aplicar a justiça em nome do senhor, administrar as propriedades deste, etc. – são comparáveis ao *cursus honorum* daqueles que servem a outro senhor: a República[171]. Ora, os termos empregados pelo autor para se referir às funções facultadas aos escravos são exatamente os mesmos que dão conta em latim, do ponto de vista jurídico, dos cargos exercidos pelos membros da classe senatorial e equestre no interior das estruturas de poder do império: *honores*, *ius dicere*[172]*.* O que acabamos de dizer não deve ter passado despercebido de seus contemporâneos, ainda mais em uma sociedade a

[170] E como homens que são devem casar, a fim de lhes subtrair a "promiscuidade servil". Cf. Veyne (1990: 53); Cf. também Varr., *R.R.* 1. 75. 5; Col., 1. 8. 5: *qualicumque uilico contubernalis mulier adsignanda est, quae et contineat eum et in quibusdam rebus tamen adiuuet.*

[171] Sobre a sociedade romana a partir de Sêneca, ver Faversani (2001). Cf. também Col., 1. 8. 15. O autor latino testemunha que ele mesmo conversava afavelmente com escravos rústicos, consultando-os acerca de problemas cotidianos em sua propriedade e com o objetivo, sobretudo, de estudar suas habilidades individuais. Cf. Griffin (1976: 261).

[172] Cf. Catão, *Agr.* 5: "Tais serão as obrigações do administrador: que tenha bom caráter. Que se observem os dias comemorativos. Que mantenha distância do alheio e guarde o seu com empenho. Que coíba brigas entre os de casa; se alguém cometer uma falta, que bem o castigue de acordo com sua culpa. Que os de casa não padeçam, não tenham frio, nem sintam fome; que os faça trabalhar bem e mais facilmente os desviará do mal e do que é alheio. Se o administrador não quiser que aja mal, não agirá. Se o permitir que o senhor não deixe que seja impunemente. Que demonstre seu reconhecimento por um serviço prestado para que interesse a outros agir com retidão." *Haec erunt uilici officia: disciplina bona utatur. feriae seruentur. alieno manum abstineat, sua seruet diligenter. litibus familia supersedeat: si quis quid deliquerit, pro noxa bono modo uindicet. familiae male ne sit, ne algeat, ne esuriat: opere bene exerceat: facilius malo et alieno prohibebit. uilicus, si nolet male facere, non faciet; si passus erit, dominus impune ne sinat esse. pro beneficio gratiam referat, ut aliis recte facere libeat.* Tradução de Matheus Trevizam (2006: 344).

tal ponto sensível às diferenças sociais, que a posição, o alto nascimento e o prestígio se evidenciavam até nas vestes, mas não o caráter, esse se vestia do homem, não poderia ser mudado como quem troca de roupa[173]:

> Quemadmodum stultus est qui equum empturus non ipsum inspicit sed stratum eius ac frenos, sic stultissimus est qui hominem aut ex ueste aut ex condicione, quae uestis modo nobis circumdata est, aestimat. nobis circumdata est, aestimat. 'Seruus est.' Sed fortasse liber animo. 'Seruus est.' Hoc illi nocebit? Ostende quis non sit: alius libidini seruit, alius auaritiae, alius ambitioni, <omnes spei>, omnes timori. Dabo consularem aniculae seruientem, dabo ancillulae diuitem, ostendam nobilissimos iuuenes mancipia pantomimorum: nulla seruitus turpior est quam uoluntaria.
>
> Do mesmo modo que tolo é aquele que, para adquirir um cavalo, vê-lhe tão-somente a sela e os freios, mas não o próprio animal, assim também é mais tolo ainda quem estima um homem pelas vestes ou por sua condição – que não passa, aliás, de uma roupa que veste a todos nós. “É um escravo!”. Sim, mas talvez tenha o espírito livre. “É um escravo!”. Que dano isso lhe causa? Mostra-me quem não é: um é escravo do desejo; outro, da avareza, outro ainda da ambição. E todos somos escravos da esperança, todos somos escravos do temor. Dir-te-ei de um homem, que já fora um cônsul, que é escravo de uma bruxa, de outro, abastado, que vive para servir uma pequena escrava; mostrar-te-ei jovens de mui nobre nascimento que são propriedades dos pantomimeiros: não há escravidão mais torpe do que a voluntária.

O pensamento de Sêneca em relação aos escravos que compunham a *familia* é determinado não só pelo estoicismo que

[173] Cf. Sen., *Ep.* 47. 16. Tradução nossa. Sobre a aristocracia romana, cf. Gelzer (1969).

cultivava, mas sobretudo pelas prerrogativas aristocráticas de que gozava, baseadas em noções de generosidade e magnanimidade, virtudes esperadas em homens de condição elevada. Por isso mesmo, o caso de Sêneca não parece isolado. Analogamente, Plínio, o Jovem, ainda que, conforme se viu há pouco, evite imiscuir-se na massa servil, preferindo o isolamento propiciado pelo quieto estudo, não abandona, todavia, suas obrigações de *paterfamilias* em relação àqueles que lhe servem ao outorgar-lhes direitos. Nesse sentido, se ao escravo, por sua condição, é-lhe negado o estatudo de cidadão na macroestrutura da sociedade romana, servem-lhe de consolo, por outro lado, as honrarias que angaria – proporcionais, cumpre dizê-lo, aos deveres que lhe são impostos – na microestrutura dessa mesma sociedade, representada pela *domus*, como é possível perceber na seguinte epístola:

> C. Plinius Paterno Suo Salutem
>
> Confecerunt me infirmitates meorum, mortes etiam, et quidem iuuenum. Solacia duo nequaquam paria tanto dolori, solacia tamen: unum facilitas **manumittendi** (uideor enim non omnino immaturos perdidisse, quos iam liberos perdidi), alterum quod permitto seruis quoque quasi testamenta facere, eaque ut legitima custodio. Mandant rogantque quod uisum; pareo ut iussus. Diuidunt donant relinquunt, dumtaxat intra **domum**; nam seruis**res publica** quaedam et quasi **ciuitas domus**est. Sed quamquam his solaciis adquiescam, debilitor et frangor eadem illa humanitate, quae me ut hoc ipsum permitterem induxit. Non ideo tamen uelim durior fieri. Nec ignoro alios eius modi casus nihil amplius uocare quam damnum, eoque sibi **magnos homines**et **sapientes** uideri. Qui an magni sapientesque sint, nescio; homines non sunt. Hominis est enim adfici dolore sentire, resistere tamen et solacia admittere, non solaciis non egere. Verum de his plura fortasse quam debui; sed pauciora quam uolui. Est enim quaedam etiam dolendi uoluptas, praesertim si

in amici sinu defleas, apud quem lacrimis tuis uel laus sit parata uel uenia. Vale.

CAIO PLÍNIO A SEU QUERIDO PATERNO, SAUDAÇÕES

Estou abatido porque meus escravos adoeceram e outros chegaram a morrer, alguns dos quais, na verdade, jovens. Duas coisas me consolam, insuficientes, porém, à tamanha dor: uma é a disposição de **libertá-los** (não sinto que a morte deles é prematura se os perdi quando eram livres); outra é que permito aos que permaneceram escravos fazer uma espécie de testamento, que executo como se fosse legítimo. Dão instruções, pedem o que lhes convém, e eu atendo como se fossem ordens. Podem dividir, doar, deixar como herança, **desde que seja no âmbito da casa**, **pois a casa para os escravos é como um país e lhes dá cidadania**. Mas embora me conforte com este tipo de consolo, sinto-me frágil e combalido por essa mesma demonstração de humanidade que me induziu a tais concessões. Não queria me tornar duro e não ignoro que outros consideram que atitudes como essa nada mais são do que prejuízo, quando creem que são **grandes homens** e até mesmo **sábios**. Se são grandes e se são sábios não sei, mas homens eles não são. É próprio do homem ser afetado pela dor, senti-la, mas resistir a ela e permitir-se receber consolação, sem acreditar que não carece de consolação. Talvez eu tenha falado disso mais do que devia, porém menos do que queria. Até mesmo na dor há certo prazer, principalmente se podes chorar no ombro de um amigo, que para tuas lágrimas dá aprovação ou mesmo desculpa. Adeus[174].

[174] Cf. Plin., *Ep.* 8. 16. Tradução de João Angelo Oliva Neto. Grifos nossos.

Peço que se note, a propósito, a elocução lutuosa que impregna a missiva dirigida a Paterno, indício, pois, da concepção de um *paterfamilias* cujo principal dever é zelar por aqueles sob seu poder, inclusive escravos, a ponto de não lhes negar nem socorro, nem diligência na realização dos últimos desejos dos moribundos. Contudo, o que acabamos de dizer, não significa que as relações entre o senhor e os membros da Casa fossem isentas de conflito. Da mesma maneira que a República é sujeita a tormentas, que a segurança do príncipe seja posta frequentemente à prova por conspirações – causa tanto da excessiva crueldade ou indolência supostas do imperador –, assim também é o *paterfamilias*, vítima amiúde de seus próprios escravos:

> C. Plinius Acilio Suo Salutem
>
> Rem atrocem nec tantum epistula dignam Larcius Macedo uir praetorius a seruis suis passus est, superbus alioqui dominus et saeuus, et qui seruisse patrem suum parum, immo nimium meminisset. Lauabatur in uilla Formiana. Repente eum serui circumsistunt. Alius fauces inuadit, alius os uerberat, alius pectus et uentrem, atque etiam (foedum dictu) uerenda contundit; et cum exanimem putarent, abiciunt in feruens pauimentum, ut experirentur an uiueret. Ille siue quia non sentiebat, siue quia se non sentire simulabat, immobilis et extentus fidem peractae mortis impleuit. Tum demum quasi aestu solutus effertur; excipiunt serui fideliores, concubinae cum ululatu et clamore concurrunt. Ita et uocibus excitatus et recreatus loci frigore sublatis oculis agitatoque corpore uiuere se (et iam tutum erat) confitetur. Diffugiunt serui; quorum magna pars comprehensa est, ceteri requiruntur. Ipse paucis diebus aegre focilatus non sine ultionis solacio decessit ita uiuus uindicatus, ut occisi solent. Vides quot periculis quot contumeliis quot ludibriis simus obnoxii; nec est quod quisquam possit esse securus, quia sit remissus et mitis; non enim iudicio domini sed scelere perimuntur. Verum haec hactenus. Quid praeterea noui?

Quid? Nihil, alioqui subiungerem; nam et charta adhuc superest, et dies feriatus patitur plura contexi. Addam quod opportune de eodem Macedone succurrit. Cum in publico Romae lauaretur, notabilis atque etiam, ut exitus docuit, ominosa res accidit. Eques Romanus a seruo eius, ut transitum daret, manu leuiter admonitus conuertit se nec seruum, a quo erat tactus, sed ipsum Macedonem tam grauiter palma percussit ut paene concideret. Ita balineum illi quasi per gradus quosdam primum contumeliae locus, deinde exitii fuit. Vale.

CAIO PLÍNIO A SEU QUERIDO ACÍLIO, SAUDAÇÕES

A crueldade que de seus escravos sofreu Lárcio Macedo, senador pretoriano, merece mais alarde do que uma epístola. Era sim soberbo e cruel, esquecido de que seu pai fora escravo, ou antes bem lembrado. Estava nos banhos termais de sua vila, em Fórmias, e de repente os escravos o cercaram. Um agarrou-o pela garganta, outro socava-lhe o rosto, outro o peito e o estômago, outro ainda (coisa horrível!) feriu-o nas partes pudendas. Quando acharam que estava morto, jogaram-no ao chão fervente para ter certeza de que não estava vivo. Ele, ou porque perdera os sentidos ou porque fingia que perdera, ficou imóvel, dando perfeita impressão de estar totalmente morto. Só então foi levado como se tivesse desmaido de calor; acolheram-no os escravos fiéis, enquanto as concubinas se puseram a correr com grande gritaria. Então, despertado pelos gritos e reanimado pelo frescor do local, abrindo os olhos e movendo o corpo, mostrou que estava vivo (agora era seguro mostrar). Os escravos fugiram. A maior parte foi pega, os outros ainda são procurados. Mas Lárcio a custo reviveu, é só por alguns dias, mas não sem o consolo de ter sido vingado vivo, tal como se costuma ser depois de morto. Vês a quantos perigos, a quanta violência e a quantos ataques estamos sujeitos! Ninguém pode sentir-se seguro porque tenha sido respeitoso e delicado, pois senhores são mortos por causa da brutalidade, não por causa do bom senso. Mas basta deste

> assunto. O que há de novo? Nada; caso contrário eu continuaria, pois ainda há papel e o feriado de hoje me permite prosseguir. Só acrescentarei sobre esse Macedo um detalhe, que me ocorre bem a propósito. Quando estava nos banhos em Roma, aconteceu uma coisa notável e também pressagiosa, como os fatos mostraram. Um dos escravos de Lárcio tocou levemente um cavaleiro romano para pedir passagem. Este deu, não no escravo que o tocara, mas no próprio Lárcio, uma bofetada tão forte que quase o derrubou. Assim, os banhos para ele foram gradualmente, primeiro, o local da agressão, e depois, da morte. Adeus [175].

O atentado contra Lárcio Macedo, perpetrado por um grupo de escravos, quando, desprevenido, se banhava nas termas, deixou-o gravemente ferido, vitimando-o poucos dias depois – não antes de punir alguns dos conspiradores capturados. O relato de Plínio, rico em detalhes, põe em evidência a extrema perfídia dos assassinos, até porque não foi dada a Lárcio a oportunidade de reagir ao ataque. Embora o missivista se compadeça do triste destino do senador pretoriano – vítima da traição dos seus – fato, aliás, suscetível de suceder a todos os senhores, a Plínio inclusive –, depreende-se da carta que se trata de acontecimento previsível no caso de Lárcio, necessário mesmo, pois lhe pesavam, de acordo com Plínio, o Jovem, a origem servil e a crueldade, esta última consequência provável da estirpe espúria, segundo sugestão do autor: "Era sim soberbo e cruel, esquecido de que seu pai fora escravo, ou antes bem lembrado", *superbus alioqui dominus et saeuus, et qui seruisse patrem suum parum, immo nimium meminisset.* Além disso, é de notar o final da carta – quase um *post scriptum* –, que enseja episódio não menos auspicioso. É curioso perceber que, por tudo isso, Plínio praticamente nos oferece uma justificativa quase atenuante para a ação criminosa dos escravos de Lárcio.

[175] Cf. *Idem*, *Ibidem.* 3. 14. Tradução de João Angelo Oliva Neto.

Toda sociedade que admite a escravidão tende a reafirmar os privilégios da minoria, plena dos direitos de nascimento, riqueza e prestígio, para se diferenciar de modo contundente da grande massa de cidadãos pobres, escravos, libertos e estrangeiros que se infiltram paulatinamente na malha social. Reafirmar as convenções sociais, seja nas ações da administração da *Res Publica*, seja pelo exemplo, fora um dos critérios para julgar o bom imperador. O *princeps*, como *paterfamilias* que é, deveria ser capaz de manter os escravos e os libertos no seu devido lugar[176]. Ora, Augusto, na qualidade de restaurador dos princípios republicanos, determinara a diminuição dos membros do Senado, aumentara de 400.000 para um milhão de sestércios a renda mínima de um senador. Proibira o casamento entre senadores e libertas e, em um decreto de 19 a.C., baniu senadores, bem como suas famílias, por tomar parte em espetáculos[177], atividades então consideradas degradantes, permitidas tão-só a pessoas de baixa extração[178].

Contrariamente, o mau imperador era aquele incapaz de manter e reforçar a hierarquia e conceder as honrarias devidas a todos, de acordo com o lugar que ocupam na cena social. Cláudio, sobretudo, padecera essa pecha. Segundo Suetônio, entregue aos caprichos de libertos e mulheres, Cláudio "agia não como um príncipe, mas como um criado", *non principem se, sed ministrum egit*[179], àqueles outorgando todos os

[176] Cf. *Idem*, *Pan.* 88. 1-2. Cf. também Garnsey & Saller (1987: 123).
[177] Cf. *Dig.* 23.2.4. Cf. também Garnsey & Saller (1987: 113); Levick (1983).
[178] A ostentação pública da hierarquia também se manifestava nos teatros. Diversos decretos imperiais determinavam que se reservassem lugares específicos para a classe senatorial e equestre nos teatros e anfiteatros, como nos testemunha Suetônio (*Aug.* 44): "[Augusto] fez, pois, com que o Senado decretasse, para qualquer espetáculo público apresentado fosse onde fosse, que a primeira fileira de assentos ficaria reservada aos senadores, e proibiu que em Roma os embaixadores das nações livres ou aliadas tomassem lugar na orquestra, porquanto notara que entre eles havia até libertos", *Facto igitur decreto patrum ut, quotiens quid spectaculi usquam publice ederetur, primus subselliorum ordo uacaret senatoribus, Romae legatos liberarum sociarumque gentium uetuit in orchestra sedere, cum quosdam etiam libertini generis mitti deprendisset*. Tradução de Paulo Matos Peixoto (2003: 81). Cf. também D.H., *H.R.*, 60. 7; Suet., *Cl.* 21; Tac., *Ann.* 15.32.
[179] Cf. Suet., *Cl.* 29.

favores. O biógrafo registra ainda a fama de glutão, beberrão e jogador, tão amante do jogo de dado que teria composto um tratado sobre o assunto [180]. Esse aspecto do caráter supostamente indecoroso de Cláudio fica mais evidente na *Apocolocynthosis*, de Sêneca, onde a apoteose do imperador não seria garantida nem por Saturno, para quem Cláudio foi o verdadeiro Príncipe das Saturnais: "Por Hércules! Se rogasse este benefício a Saturno, cujo mês o Príncipe das Saturnais celebrou durante todo o ano, não o teria obtido", *Si mehercules a Saturno petisset hoc beneficium, cuius mensem toto anno celebrauit Saturnalicius princeps, non tulisset* [181].

Sêneca sintetiza em uma só expressão, *Saturnalicius princeps*, tanto as paixões excessivas do imperador, que não resiste à bebida nem a um tabuleiro de dados, como sua fraqueza para com os libertos que o cercavam. A imagem difere e, retoricamente, deve diferir do παράδειγμα do bom imperador, que, de um lado, toma medidas, como vimos, para manter o controle social em Roma, restaura os antigos valores do *mos*; de outro, age com temperança mesmo nas Saturnais[182]:

> Festos et sollemnes dies profusissime, nonnumquam tantum ioculariter celebrabat. Saturnalibus, et si quando alias libuisset, modo munera diuidebat, uestem et aurum et argentum, modo nummos omnis notae, etiam ueteres regios ac peregrinos, interdum nihil praeter cilicia et spongias et rutabula et forpices atque alia id genus titulis obscuris et ambiguis. Solebat et inaequalissimarum rerum sortes et auersas tabularum picturas in conuiuio uenditare incertoque casu spem mercantium uel

[180] Cf. *Idem*, *Ibidem*, 33. Cf. também Tácito, *Ann.* 12. 7. Sobre mulheres no principado de Cláudio, ver Azevedo (2011). É forçoso, porém, que se observe a possibilidade de o suposto tratado composto por Cláudio não passar meramente de leitura decorosa para circular durante as Saturnais, cf. Citroni (1989: 201).
[181] Cf. Sen., *Apoc.* 8. 2. Sobre Nero como Príncipe das Saturnais, ver Champlin (2003) e Joly (2010).
[182] Cf. Suet., *Aug.* 75. Tradução nossa.

> frustrari uel explere, ita ut per singulos lectos licitatio fieret et seu iactura seu lucrum communicaretur.

> Augusto celebrava as festividades e dias solenes profusamente – por vezes só como divertimento. Nas Saturnais, ou quando lhe aprouvesse, distribuía presentes: ora vestes, ouro e prata; ora moedas de toda cunhagem, até dos reis antigos e estrangeiros; às vezes, ofertava nada além de roupas de tecido grosseiro, esponjas, espátulas, pinças e outras lembranças, daquelas acompanhadas de inscrições obscuras e de caráter ambíguo. Ele costumava pôr a venda, no banquete, não somente toda a sorte de coisas das mais dessemelhantes, mas também pinturas invertidas, e frustrar ou satisfazer, pela incerteza do acaso, a esperança dos compradores, de modo que se fizesse o leilão em cada um dos leitos e se comunicasse, assim, o prejuízo ou o lucro.

E quanto às Saturnais, ainda é possível imaginar que fossem a desforra dos pequenos? Dificilmente. Augusto, piamente, respeitava o costume dos antepassados, comemorava, segundo Suetônio, os dias festivos e as Saturnais – ainda que o historiador não faça referência à presença de escravos no banquete –; promovia a troca de presentes à mesa, com as brincadeiras e divertimentos que lhe convinham: pondo à venda toda a sorte de objetos, desde aqueles com valor, até quinquilharias de toda a sorte. No entanto, a narração de Suetônio deixa entrever que a profusão e magnificência com que o *princeps* celebrava as Saturnais era proporcional à observância da continência de sua pessoa, pois que em momento algum o historiógrafo latino menciona excessos de Augusto ou que este teria se entregado aos prazeres da festa de modo inconsequente[183]. Depreende-se com isso que

[183] A estreita delimitação dos papéis sociais mediados pelo decoro da posição e condição talvez seja evidente no episódio final d'*A vida de Augusto* (cf. *Aug.* 99) de

Augusto comemorava generosa e alegremente as Saturnais, sem se entregar, porém, imprudentemente aos excessos da festa, reforçando, pois, mediante o *exemplum* de imperador, os valores da elite, baseados eticamente no exercício da temperança, da prudência e do comedimento, virtudes que caracterizavam os melhores.

Essas *uirtutes* sugeridas por Suetônio delimitam muito bem as fronteiras que separavam aristocratas do restante da população. Em outras palavras, o que acabamos de ver faz só reafirmar a hierarquia e todas as distinções sociais que, supostamente, eram neutralizadas pelas Saturnais. Saturno, portanto, não reinava soberano. Não é à toa que, no diálogo de Luciano já aqui referido, o deus enfatize os limites de seus domínios: sendo, portanto, a imagem do desgoverno, seu reinado seria restrito somente às brincadeiras, às bebedeiras, aos gracejos e risos, enfim, a nada que fosse sério.

Essa figuração de Augusto é mais potencializada ainda, já que, paradigma, ela extrapola o seu governo, se cotejada com os vícios a que Cláudio é identificado, a saber: jogador contumaz, glutão e beberrão, e, para piorar, havia quem suspeitasse que Druso, pai de Cláudio, fosse fruto de adultério[184]. Estes se constituem, retoricamente, sinais de sua suposta intemperança e imprudência, que se manifestam de maneira mais aguda nos favores que concede a mulheres e libertos, e no esforço, próprio de um serviçal, de satisfazer plenamente os caprichos deles, transformando o império em um grande reino de Saturno: nada surpreendente, já que, retoricamente, é verossímil que assim seja. O

Suetônio: o *princeps*, cercado dos amigos mais próximos, teria lhes perguntado se por acaso teria desempenhado bem seu papel na comédia da vida.

[184] Cf. Suet., *Cl.* 1. Assim, da pior maneira possível, o historiógrafo dá início à biografia de Cláudio: "Druso, pai do imperador Cláudio, que de início teve o prenome de Décimo e em seguida o de Nero, foi dado à luz por Lívia apenas três meses depois que Augusto a desposou, já grávida, suspeitando-se então que era filho adulterino de seu sogro. Em todo o caso, logo tiveram voga estes versos: "os felizes conseguem ter filhos em três meses"", *Patrem Claudi Caesaris Drusum, olim Decimum mox Neronem praenomine, Liuia, cum Augusto grauida nupsisset, intra mensem tertium peperit, fuitque suspicio ex uitrico per adulterii consuetudinem procreatum. statim certe uulgatus est uersus: τοῖς εὐτυχοῦσι καὶ τρίμηνα παιδία*. Tradução de Paulo Matos Peixoto (2003: 189).

que esperar de alguém cujo sangue cheira a bastardia? Do ponto de vista discursivo, se tomado em seu conjunto o relato de Suetônio, as torpezas de Cláudio só fazem amplificar, por contraste, as qualidades que se associam a Augusto.

Independentemente dos dias de celebração, as Saturnais, como vimos, demarcavam uma espécie de lapso temporal, "um período roubado à direção de Zeus"[185], que estabelecia, por um breve momento, uma interrupção não só das convenções ou da ordem vigente, mas também dos trabalhos, dando lugar a uma época de brincadeiras, vinho e comida abundantes, riso e licenciosidade. Contudo, por tudo o que se viu até aqui, seja pela continência de Augusto, seja pelo amigo de Sêneca (que nos festejos não julgaria ser diferente do restante da turba, mas, em compensação, nunca a ela semelhante), seja por Plínio, o Jovem, que não participava do banquete com seus escravos, preferindo, pelo contrário, isolar-se em quieto estudo, parece-nos que a ideia de uma completa supressão das convenções sociais deve ser relativizada. Com efeito, concomitante a uma ideia de liberalidade, a elite dominante, porém – conforme à mentalidade aristocrática, chancelada pelo *mos maiorum* – esforçava-se em se distinguir, pelo menos no discurso oficial, da multidão de escravos e libertos que comemorava pelas ruas as Saturnais, bebendo, brincando e vomitando pelas ruas[186]. Mais ainda em um ambiente como o banquete em Roma, tão favorável como nenhum outro para a reafirmação da hierarquia[187].

---

[185] Cf. Minois (2003: 97).

[186] Cf. Sen., *Ep.* 18. 4: "Pois é prova certíssima de firmeza de caráter não ir nem deixar-se levar aos prazeres que nos arrastam à luxúria. É muito mais corajoso, estando o povo ébrio e a vomitar nas ruas, manter-se sóbrio e abstêmio", *ut tunc uoluptatibus solus abstineat cum in illas omnis turba procubuit; certissimum enim argumentum firmitatis suae capit, si ad blanda et in luxuriam trahentia nec it nec abducitur. Hoc multo fortius est, ebrio ac uomitante populo siccum ac sobrium esse*. Tradução nossa.

[187] Cf. D'Arms (1990: 318) *apud* Konstan (2005: 194): "Ao contrário da prática nas antigas reuniões do simpósio grego [...] a igualdade no convívio romano nunca poderia ser diferente de algo muito frágil".

Ora, já que as Saturnais também eram chamadas *feriae seruorum*, "a festa dos escravos", não é de surpreender, porém, as atitudes reticentes da aristocracia com relação aos festejos públicos. Nesse sentido, embora durante os dias do festival os escravos experimentassem de fato uma liberdade sem precedentes, a festa ainda encenava e reafirmava de vários outros modos as convenções sociais e a hierarquia. Mesmo a troca de presentes, que ocupava um papel de fundamental importância no culto, não se ligava somente aos laços de amizade, mas na verdade constituía dever essencialmente associado às relações de clientela. As Saturnais, portanto, poderiam ser entendidas também como um dos vários instrumentos de que se serviu o poder imperial para manter "a estabilidade do sistema romano de desigualdade[188]".

O rebaixamento da vida oficial era simplesmente uma maneira de reafirmá-la[189], não é à toa que os aspectos de inversão, típicos das Saturnais, como vimos, são comuns também à comédia. Ora, nela, o escravo, protagonista, *seruus currens*, goza de prerrogativas que, na vida oficial, é seu senhor o detentor. Ao subverter a ordem, ao se estabelecer regras para os divertimentos nos festins, como vimos em Luciano, ao se eleger o rei das brincadeiras, as Saturnais figuravam, ainda que parodicamente, o *status quo*, sempre lembrado, sempre presente como o único horizonte de expectativa possível, como bem o demonstra, por exemplo, o sabor de Saturnais presente no *Satíricon*, de Petrônio – "Você também, até você está rindo, seu cebola enroladinha? Viva as Saturnais! Já é dezembro, é?", *Tu autem, inquit, etiam tu rides, cepa cirrata? Io Saturnalia, rogo, mensis december est?* [190] –, representado sobretudo em sua lógica paródica – da epopeia, do

[188] Cf. Garnsey & Saller (1987: 125).
[189] Ora, o referido rebaixamento não coincidentemente já ocorre na Comédia, haja vista que o escravo – o *seruus currens*, verdadeiro protagonista das ações – é, por inversão, superior intelectualmente a seu senhor. Não é à toa que Marcial, em provável lógica saturnalícia, daí invertida, paródica, compare as fronteiras do gênero epigramático ao espetáculo cômico (cf. Mart., *Praef. Lib*. I).
[190] Cf. Petr., *S.* 58. 2. Tradução de Cláudio Aquati (2008: 78).

romance grego, etc –, que faz rir porque dramatiza os princípios da elite por contraste, ridicularizando aqueles que, como Trimalquião, despossuídos de alto nascimento e prestígio[191], podem só protagonizar o discurso cômico, o discurso da representação do risível[192].

Além disso, talvez seja ingênuo admitir que todos os escravos, sem exceção, participassem dos festins ou fizessem o que bem entendessem[193]. Havia escravos que gozavam de uma posição superior em relação aos outros. Por exemplo, o *uilicus*, o administrador das propriedades rurais, tinha a função de garantir o bom termo da produção agrícola e a concórdia dos membros da *familia*, delegando tarefas e amiúde aplicando a justiça em nome de seu senhor[194]. Ademais, escravos de formação diferenciada gozavam igualmente de tratamento diferenciado, desempenhando funções próximas ao senhor e, principalmente, atividades formativas, como preceptores. Contudo, algumas atividades não se encerravam com o inverno e, mesmo durante as Saturnais, deveriam ser executadas. E quem preparava o banquete? Quem servia a todos nos alegres festins de inverno? Quem entretinha os convivas[195]?

[191] Sobre os pobres em Petrônio, ver Faversani (1999).
[192] Cf. Auerbach (2001: 29): "a literatura antiga não pôde representar a vida quotidiana de maneira séria, problemática e inserida num pano de fundo histórico, mas somente foi capaz de fazê-lo em estilo baixo, cômico ou, na melhor das hipóteses, idílico".
[193] Cf. Dolansky (2011: 498): "Os escravos gozavam muito mais liberdade do que em qualquer outra época do ano, mas eles não tinham liberdade para fazer tudo o que quisessem. Em domicílios urbanos, esperava-se que alguns, aparentemente, exercessem suas funções habituais, especialmente aquelas relativas às refeições e entretenimento, como alguns autores retratam cozinheiros e *sommeliers* ocupados em seus respectivos trabalhos".
[194] Cf. Catão, *Agr.* 5.
[195] Sobre o banquete em Roma, cf. Ricotti (1993).

Figura 13: escravos ocupados com os preparativos de um banquete. Mosaico de Cartago, 225x240cm. 180–190 d.C. Museu do Louvre, França.

Figura 14: musicistas em um banquete. Afresco romano (detalhe), século I d.C. Museo Nazionale Archeologico di Napoli.

Com efeito, por mais que se suponha que cidadãos livres pudessem fazer as vezes de criados de seus escravos, e que o caráter lúdico da troca de presentes pudesse entreter os convidados, isso tudo poderia se constituir meramente etapas tradicionais do banquete saturnal, não o conjunto total da festa; ademais, não eram os senhores que providenciavam o vinho, nem eram eles a preparar os pratos que eram servidos (figura 13). Nos bastidores, um número considerável de escravos continuavam desempenhando suas tarefas diligentemente, principalmente aqueles responsáveis pelo abastecimento de comida, pelo entretenimento (figura 14) e, sobretudo, pelo vinho (figura 16), artigo de fundamental importância durante as Saturnais, como podemos perceber no epigrama seguinte de Marcial[196]:

Unctis falciferi senis diebus,
Regnator quibus inperat fritillus,
uersu ludere non laborioso
permittis, puto, pilleata Roma.
Risisti; licet ergo, non uetamur.
Pallentes procul hinc abite curae;
quidquid uenerit obuium, loquamur
morosa sine cogitatione.
Misce dimidios, puer, trientes,
quales Pythagoras dabat Neroni,
misce, Dindyme, sed frequentiores:
possum nil ego sobrius; bibenti
succurrent mihi quindecim poetae.
Da nunc basia, sed Catulliana:
quae si tot fuerint, quot ille dixit,
donabo tibi Passerem Catulli.

Nos lautos dias do velho da foice,
em que o fritilo impera qual um rei,
em versos não trabalhosos brincar
permites, Roma coberta de píleos.
Riste? É lícito então, não é proibido.
Ide p'ra longe, lúgubres cuidados!
Quero falar o que vier primeiro,
sem me deter em grandes reflexões.
Enche, garoto, as taças quase à borda,
como as que a Nero Pitágoras dava!
Enche-as, não quero, Díndimo, vazias!

[196] Cf. *Epig.* 11. 6. Tradução nossa.

Sóbrio, sou imprestável, mas bebendo,
quinze poetas vão me socorrer!
Dá-me beijos, porém Catulianos:
se forem tantos quantos ele disse, 15
terás o passarinho de Catulo.

Vale notar que Marcial circunscreve com precisão a cena: as Saturnais – "Nos lautos dias do velho da foice", *unctis falciferi senis diebus* – e, com rápidas pinceladas, deixa entrever a alegria e lascívia geral da festa: bebe-se e joga-se à vontade. E lá está o escanção, o menino (*puer*) que o poeta estabelece como interlocutor: mesmo nas Saturnais, o escravo continua exercendo suas funções. O poema, quer pelo tema do escanção – remetendo, pois, a Ganimedes –, quer pela alusão jocosa no fim do poema ao passarinho de Lésbia, sugere que o menino deverá oferecer mais do que vinho. Nesse caso, além das tarefas costumeiras que o garoto continua a exercer durante as Saturnais, deverá ainda, como escravo que é, submeter-se às necessidades, sexuais inclusive, do senhor, mais ainda caso se suponha que o personagem da fala narrativa, na *fictio* do epigrama, perfaça não meramente o papel de conviva, mas do próprio senhor de Díndimo.

Figura 15: Cena de Banquete. Repare-se ao fundo um escravo ou escrava desempenhando suas funções. O vinho e a mulher desnuda – talvez uma cortesã – deixam entrever o ambiente licencioso dos banquetes. Afresco romano, Herculano, Campânia. 62–79 d.C. Museo Nazionale Archeologico di Napoli.

Figura 16: Cupidos negociando o vinho (detalhe). Afresco romano, segunda metade do século I d.C. *Casa dos Vetii*. Pompeia. Essa pintura mural faz parte de um longo conjunto de imagens, nas quais os *cupidines* desempenham diversas tarefas do cotidiano, geralmente reservadas a escravos e libertos. Repare-se aqui a estreita identificação do vinho com a ambiência festiva e erótica sugerida pelo afresco.

Depreende-se de tudo isso que as Saturnais foram mesmo uma época, sobretudo para os escravos, de grande licença dos costumes, "o melhor dos dias", "o mais opulento dos dias", *optimo dierum*, segundo Catulo[197]. Embora no geral as atitudes das elites em relação à festa denotassem certo distanciamento – o que não significa, porém, que membros das elites, jovens aristocratas principalmente, não participassem das festividades ou de outras formas de entretenimento de maneira franca, muitas vezes violentamente [198] –, não deixavam, por outro lado, de evidenciar grande tolerância, já que as Saturnais eram um costume sagrado, um dos *sacra*, a ser respeitado, não há dúvidas[199]. No entanto, a observância da festividade também integrava decerto uma espécie de política de controle social. Ora, paralelamente aos decretos

[197] Cf. Cat., *Carm.* 14. 15.
[198] Cf. Eyben (1993).
[199] Cf. Cic., *Leg.* 2. 47.

romanos, em particular na época do Principado, que buscaram restringir cada vez mais aqueles que poderiam ser dignos de figurar entre os melhores, às leis que coibiam o casamento de homens da classe senatorial com mulheres libertas ou que combatiam o adultério[200], a fim de perpetuar a legitimidade da aristocracia, as antigas elites romanas, cônscias talvez de que sua sociedade se baseava na manutenção da desigualdade, possivelmente percebiam que as Saturnais desempenhavam um papel fundamental para a aceitação universal da ordem vigente.

Paradoxalmente, o *status quo* se firmava cada vez mais nas consciências, atualizava-se, naturalizava-se justamente a partir dos processos de inversão e da espécie de "compensação simbólica" que a festividade instituía[201]. Assim, as Saturnais, no mundo romano e em outras sociedades, no caso de festivais congêneres, eram um tipo de "válvula de escape"[202], de modo que se entregar a ações geralmente vedadas quer pelas restrições de ordem moral, quer pela lei a que usualmente o sujeito se submete no curso regular da vida, serviria como uma forma de alívio das tensões sociais, um meio, pois, de as classes subalternas purgarem todos os sofrimentos e opressões a que eram amiúde sujeitadas[203]. Exemplo que ilustra bem o que acabamos

---

[200] Exemplo célebre é a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, promulgada em 18 a.C. por Augusto. Cf. Mart. *Epig.* 1. 75; 5. 75; 6. 7. Cf. também Csillag (1976); Dixon (1992); Agnolon (2010: 139).

[201] Cf. Grignon (2001: 31).

[202] A válvula de segurança é necessária, porque as políticas de controle das ações e do corpo na sociedade oficial constitui pré-requisito para a existência da própria civilização, cf. Marcuse (1981: 33): "Se os homens tivessem liberdade de perseguir seus objetivos naturais, os instintos básicos do homem seriam incompatíveis com toda a associação e preservação duradoura: destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolado é tão funesto quanto a sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral das necessidades – é abandonado".

[203] Cf. Frazer (1982: 189): "Muitos povos tinham o hábito de observar um período anual de liberalidade de costumes, em que as restrições habituais da lei e da moral eram postas de lado, toda a população se entregava à alegria e aos divertimentos, e as paixões mais sombrias encontravam um escoadouro que jamais lhes seria facultado no curso mais estável e sóbrio da vida". Cf. também Burke (2010: 273): "O "mundo de

de dizer – ainda que muito posterior –, ou seja, da utilidade social de que as festas públicas se imbuíam, está presente em um testemunho do ano de 1444 dado por clérigos franceses que defendiam a festa dos bobos nos seguintes termos (não são as Saturnais, mas compartilha com estas as mesmas funções e processos carnavalizantes de subversão da ordem):

> Fazemos essas coisas de brincadeira e não a sério, tal como é o antigo costume, de modo que uma vez por ano a tolice inata em nós pode sair e se evaporar. Não é comum que os odres e barris de vinho estourem se o respiradouro (*spiraculum*) não é aberto de tempos em tempos? Nós também somos velhos barris[204].

A festa interrompida: o Saturno destronado

Com o avanço do Cristianismo, que triunfa finalmente quando Constantino (306–337 d.C.) passa a professar a nova fé, em 312, Saturno é novamente destronado e também Júpiter, bem como os outros deuses do Panteão. Paulatinamente, já no fim da Antiguidade, em meados do século IV da era Cristã, as Saturnais – já chamadas amiúde *Brumalia*, por causa do solstício de inverno – desaparecem. Vimos há pouco como Tertuliano, mais de um século antes da conversão de Constantino, se refere às Saturnais, de modo que não nos é difícil imaginar o motivo da extinção da festa, pelo menos oficialmente.

---

cabeça para baixo" era regularmente representado. Por que as classes altas o permitiam? É como se elas tivessem consciência de que a sociedade em que viviam, com todas as suas desigualdades de riqueza, *status* e poder, não pudesse sobreviver sem uma válvula de segurança".

[204] Cf. Burke (2010: 273).

No tratado *Sobre a Idolatria*, o apologeta cristão, no mesmo espírito evangelizador e combativo da Igreja primitiva, vitupera os excessos das festividades pagãs, os banquetes, a troca de presentes porque, para o teólogo, não passam de adoração a ídolos e falsos deuses[205]. Outros autores cristãos procuraram também atacar as Saturnais pela menção à existência de sacrifícios humanos. *Os atos de São Dásio*, um texto cristão tardio, editado pela primeira vez em 1897, na *Analecta Bollandiana*[206], por Franz Cumont, testemunha que Dásio, um legionário romano, teria sido eleito o rei das Saturnais, aquele que, de acordo com os costumes, depois de caracterizado como rei, teria direito a dar vazão a todas as suas vontades. Após o fim dos festejos, seria executado pelos companheiros, simbolizando o fim do reinado de Saturno. Por ser cristão, recusou-se a desempenhar seu papel e, por isso, foi martirizado.

Frazer observa que o episódio de Dásio pode servir como prova de que o senhor do desgoverno das Saturnais nem sempre tenha sido um mero palhaço, uma figura cômica cuja imagem servisse tão-só para representar concretamente a onipresença do deus, o retorno à Idade de Ouro, mas, sim, tenha sido ele mesmo a vítima de um sacrifício no final dos festejos, como talvez ocorresse nas épocas mais primitivas da "Itália antiga, onde quer que prevalecesse o culto de Saturno[207]". Ainda mais

---

[205] Cf. Tert., *Idol.* 10. 2-3; 14. 3-7.
[206] Cf. Tomo 16, 1897 *apud* Minois (2003).
[207] Cf. também Macróbio (*Sat*. 1. 7. 30-31): "[*Os pelasgos]* perceberam que estas terras *[ou seja, o Lácio]* eram aquelas que lhes foram preditas e, em consequência, tomaram toda a região das mãos de seus antigos habitantes, os sicilianos, tendo os devastado. Em seguida, conforme a previsão, consagraram uma décima parte do butim a Apolo e erigiram um pequeno templo a Dite e um altar de Saturno, cuja festa designaram "Saturnais". Por muito tempo, julgaram que deveriam aplacar Dite com cabeças humanas e Saturno com vítimas escolhidas entre os homens, tudo isso por causa do oráculo, que dizia: "Cabeças a Hades, e a seu pai mandar o fulgor!". Dizem, porém, que posteriormente Hércules, que atravessava a Itália com o rebanho de Gerião, aconselhara os descendentes daqueles que tornassem faustosos seus infaustos sacrifícios, a dedicar a Dite não cabeças de homens, mas tremoço a reproduzir a efígie humana com o auxílio da arte; e cultivar os altares saturninos não com um homem imolado, mas com lampiões acesos, porque *fulgor* não se refere somente ao "homem", mas também, simplesmente, às "luzes". Daí se deu início ao costume de enviar velas por ocasião das Saturnais", *[...] has sibi sedes praedictas esse [Pelasgi] didicerunt,*

porque a morte do rei da festa – imagem poderosa do destronamento – se aproxima da descrição de ritos análogos em outros lugares[208]. Por outro lado, se levarmos em consideração que a história do martírio de Dásio ocorre na época de Diocleciano (284–305 d.C.), imperador que protagonizou talvez a perseguição mais implacável ao culto cristão [209] – aliás, é justamente em 303, ano da decapitação de São Dásio, que Diocleciano, por meio de diversos decretos, revoga os direitos legais dos cristãos e exige que estes voltem a praticar os ritos tradicionais[210] –, é possível supor que a narrativa do martírio se trate de um exagero, com o fim de demonizar as Saturnais e os costumes pagãos, propagando, assim, pelo exemplo de Dásio, a fé em Cristo [211].

De qualquer maneira, as Saturnais, bem como outros cultos pagãos[212], ainda subsistiram em diversas festividades e costumes de caráter mágico-religioso na Europa cristã. O Natal, as festas da Páscoa, o Carnaval, todas elas, e outras ainda, incorporaram elementos próprios das Saturnais que teimaram em sobreviver a despeito das censuras e dos ataques frequentes dos apologetas cristãos e de seus confrades da época moderna que, fazendo referência a Tertuliano, Lactâncio, Agostinho e outros, apontavam o paganismo e idolatria das festividades de caráter popular[213], compreendendo muito bem que, por meio delas,

---

uastatisque Siciliensibus incolis occupauere regionem decima praedae secundum responsum Apollini consecrata erectisque Diti sacello et Saturni ara, cuius festum Saturnalia nominarunt. 31 Cumque diu humanis capitibus Ditem et uirorum uictimis Saturnum placare se crederent propter oraculum in quo erat: Καί κεφαλὰς Ἄιδῃ, καὶ τῷ πατρὶ πέμπετε φῶτα. Herculem ferunt postea cum Geryonis pecore per Italiam reuertentem suasisse illorum posteris, ut faustis sacrificiis infausta mutarent inferentes Diti non hominum capita sed oscilla ad humanam effigiem arte simulata, et aras Saturnias non mactando uiro sed accensis luminibus excolentes, quia non solum uirum sed et lumina φῶτα significat. Inde mos per Saturnalia missitandis cereis coepit. Tradução nossa.

[208] Cf. Frazer (1982: 190).

[209] Cf. Liebeschuetz (1979: 251-252); Clarke (2005: 651).

[210] Cf. Lact., *Mort. Pers.* 11. 8. Este nos informa que Galério, que exercia a tetrarquia juntamente com Diocleciano, Maximiano e Constâncio, exigia que todos os cristãos que se recusassem a abjurar sua fé deveriam ser queimados.

[211] Cf. Minois (2003: 99).

[212] Sobre a sobrevivência do culto de Priapo na Inglaterra, ver *A Crônica de Lannercost*. Cf. também Oliva Neto (2006: 79).

[213] Cf. Burke (2010: 292): "Os ataques [...] seguiam precedentes bizantinos, e assim podemos prosseguir, recuando no tempo até a época dos pais da Igreja, como

as Saturnais romanas sobreviviam, e que Saturno, destronado pela cruz, mantinha ainda sua foice bem afiada. A presença das Saturnais ainda era tão forte no imaginário coletivo das populações que, mesmo quando Savonarola, na segunda metade do século XV, proibira o Carnaval em Florença, o caráter ritualístico da festa pagã se mantinha no espetáculo público que se oferecia a todos por ocasião das célebres "fogueiras das vaidades" patrocinadas pelo reformador dominicano até ele mesmo ser queimado em 1498, na Piazza della Signoria, por ordem do Papa[214].

Até aqui, Saturno presidiu a festa. Tentamos descrever os traços fundamentais do nume e de seu culto, pelo que se viu, de grande apelo na Antiguidade, apelo este que certamente lhe conferiu, em que pese o golpe que lhe foi desferido pelo Cristianismo, um lugar de destaque entre os festivais romanos, a ponto de influenciar festejos de caráter popular em todo o Ocidente. Vimos que as Saturnais conferiam, ainda que temporariamente, enorme licença aos escravos; que a festa possuía um caráter propiciatório e apotropaico, seja em função do breve retorno da Idade de Ouro, seja por suas origens agrárias e pelo riso e lascívia que presidiam o festival. No entanto, as Saturnais também poderiam se constituir uma forma de reafirmar a ordem social estabelecida, desigual e aristocrática. Ou seja, que a paródia, bem como os outros processos de inversão e subversão da vida comum, figurava como outro meio de reforçar a hierarquia, já que a festividade seria o lugar propício onde, no dizer de Frazer, "as paixões mais sombrias encontravam um escoadouro[215]". Nosso objeto agora será de fato o riso marciálico. Vejamos, pois, como o poeta de Bílbilis dispõe os epigramas na lógica das Saturnais, em especial em *Xênia* e *Apoforeta*.

Agostinho, que ficava chocado ao ver as pessoas vestidas com peles de animais no dia do ano-novo, e Tertuliano, que criticou a participação cristã nos *spectacula* (espetáculos de gladiadores) e nas *Saturnalia*. Essas condenações dos pais da Igreja eram muito conhecidas e influentes nos séculos XVI e XVII, e os inimigos do teatro citavam Tertuliano, traduzindo *spectacula* por "peças"".

[214] Cf. Burke (2010: 308): "Savonarola converteu seu ataque ao Carnaval em outra espécie de Carnaval".

[215] Cf. Frazer (1982: 189).

III. Marcial, as Saturnais e a recusa ao vitupério

> *Epigrammata curione non egent et contenta sunt sua, id est mala, lingua: in quacumque pagina uisum est, epistolam faciunt.*
>
> epigramas não são desprovidos de pregoeiro e se contentam com sua linguagem, isto é, a má língua: parece que, em qualquer página que seja, seus versos fazem o prefácio [216].

O trecho acima, de uma das epístolas com que Marcial introduz alguns de seus livros, faz referência à elocução própria de epigramas: "a má língua", *mala lingua*, no dizer do poeta. O adjetivo não descreve somente o uso recorrente do turpilóquio, mas também é indicativo do viés amiúde vituperioso dos epigramas. O emprego de *malus*, *-a*, *-um* nesse sentido não parece ser novidade em latim: Catulo – talvez o grande modelo latino de Marcial [217] – já o fizera um século antes, jogando risivelmente com a ambiguidade do superlativo na expressão *pessimus poeta*[218], que tanto identifica o poetastro quanto o lugar, em poesia, a que se concede ao poeta ser o pior: a invectiva. Ainda que o vitupério e o risível já fossem acomodados em subgênero epigramático na tradição grega – ἐπιγράμματα σκωπτικά, reunidos no livro XI da *Antologia Grega* ou *Palatina* –, parece, porém, que foi Marcial o primeiro poeta epigramático a reconhecê-los, com todas as letras, como

[216] Marcial, *Praef.* Livro II. Tradução nossa.
[217] Sobre as referências catulianas de Marcial, cf. Cesila (2008: 182-218).
[218] Cat., *Carm.* 36, 1-8: "Anais de Volúsio, ó papeis cagados!,/ dos votos liberai minha garota,/ porque à sagrada Vênus e a Cupido/ votos fez, se eu voltasse para ela:/ e se não mais lançasse duros iambos, os mais seletos textos deste péssimo/ poeta ao deus de tardo pé daria/ para arder entre lenhos infecundos", *Annales Volusi, cacata carta,/ uotum soluite pro mea puella;/ nam sanctae Veneri Cupidinique/ uouit, si sibi restitutus essem/ desissemque truces uibrare iambos,/ electissima pessimi poetae/ scripta tardipedi deo daturam/ infelicibus ustilanda lignis*. Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 92).

possibilidades legítimas da composição de epigramas[219]. Por isso talvez, e decerto pela abundância de poemas vilipendiosos, Marcial tenha sido, para a tradição ulterior, poeta inexoravelmente famoso pelo vitupério, a tal ponto que mencioná-lo ou falar de epigrama já é meio caminho para tratar de maledicência em matéria de poesia. Por outro lado, afirmar que Marcial fora poeta invectivo, insultuoso, vilipendioso pode ser uma armadilha, uma vez que dá a entender ao leitor que o ingrediente "satírico", para usar designação mais generalizante, representaria o conjunto de sua obra. Ou seja, que Marcial fora *sempre* poeta invectivo, que só compusera epigramas vilipendiosos, o que não é o caso: daí o título do presente capítulo.

Meu objetivo ao longo das próximas páginas será apresentar outro Marcial. Em outras palavras, tentarei, a partir dos dois últimos livros do poeta, segundo a organização das edições modernas, demonstrar que o epigramatista perfaz, em *Xênia* e *Apoforeta*, sobretudo em epigramas prefaciais, espécie de recusa ao vitupério e que a opção pelo riso inocente, abundante e propiciatório das brincadeiras próprias das Saturnais – que, espero, os dois capítulos anteriores tenham sido capazes de descrevê-las a contento – operam, nos referidos livros, um princípio de unidade de cuja força e efetividade dependem a devida interpretação das centenas de dísticos ali arrolados. Além disso, com recusar o vitupério, veremos que Marcial, talvez cônscio da fama de *pessimus poeta*, se insere em uma longa tradição de autores antigos que elegeram o riso uma de suas preocupações doutrinárias, como Aristóteles e Cícero.

[219] Marcial enfatiza nessas epístolas prefaciais, que introduzem os livros I, II, VIII, IX e XII, o caráter jocoso e frequentemente invectivo dos epigramas. Cf. também Oliva Neto (2010: 13-24).

O Epigrama, a noz, o dado e o fritilo

Vejamos o epigrama que principia a coleção de dísticos de *Xênia*[220]:

Ne toga cordylis et paenula desit oliuis
aut inopem metuat sordida blatta famem,
perdite Niliacas, Musae, mea damna, papyros:
Postulat, ecce, nouos ebria bruma sales.
non mea magnanimo depugnat tessera telo,
senio nec nostrum cum cane quassat ebur:
haec mihi charta nuces, haec est mihi charta fritillus:
alea nec damnum nec facit ista lucrum.

Para que atuns e olivas não percam as togas,
nem tema imunda traça a triste fome,
perdei, Musas, meus danos – papiros do Nilo!
Eis! Ébrio inverno novo sal requer!
Meus dados não combatem co'altivo aguilhão,
nem cão, nem seis agitam meu marfim.
Meu livro são as nozes; meu livro é fritilo:
esses dados não trazem dano ou lucro.

Roga o poeta, nos três primeiros versos, que as Musas abandonem seus papiros, para que sirvam de embrulho para atuns e azeitonas, tendo, assim, alguma serventia, já que, como poemas, não alcançaram a palma que aspiravam. Trata-se, evidentemente, de modéstia afetada. O procedimento é típico e, bem a propósito, recomendado na constituição de proêmios. Além disso, metaforizando o livro na imagem do fritilo, o poeta dá a entender que seus poemas são os dados que, como convém ao jogo de azar, podem gerar o ganho ou a perda, podem ser bons ou ruins, de nada valer: como proêmio, o epigrama chama a atenção do leitor para a variedade dos poemas, tanto variados na matéria como na qualidade compositiva: uns versos são

[220] *Xen*. 1. tradução nossa.

bons, outros médios, uns tantos ruins: não se faz um livro de outro modo[221]. Vale notar que, depreciando os epigramas precedentes, o poeta deixa entrever a fama que já lhe é associada como epigramatista: a modéstia é irônica, percebia-o decerto a audiência, pois em vez de dirimir a reputação que se lhe relaciona, ela, ao contrário, é amplificada, indiciando a grande circulação dos poemas, figurada na menção aos papiros nilíacos logo no terceiro verso. Nesse sentido, por indicar certa popularidade já granjeada pelo epigramatista, o poema citado se relaciona com aquele que abre a coleção do primeiro livro[222]:

Hic est quem legis, ille quem requiris
toto notus in orbe Martialis
argutis epigrammaton libellis:
cui, lector studiose, quod dedisti
uiuenti decus atque sentienti,
rari post cineres habent poetae.

Estás a ler aquele que procuras:
Marcial, conhecido em todo o mundo
por livrinhos argutos de epigramas:
leitor fiel, a glória que lhe deste,
com ele ainda vivo e consciente,
raros poetas alcançam nas cinzas.

Contudo, o que chama a atenção, o que de fato importa na referida passagem é a relação apositiva que Marcial estabelece, no verso três, entre os *Niliacae papyri* e *mea damna*: os papiros do poeta, ou seja, os epigramas precedentes pelos quais é conhecido são equivalentes a danos, a prejuízos. A agudeza, no exórdio epigramático de *Xênia*, reside justamente na exploração da polissemia do substantivo neutro *damnum*. Ora, o termo não faz referência à noção de perda, de prejuízo que, poeticamente, se ligaria à qualidade, diga-se, má, dos poemas e, por extensão, da falta de habilidade e engenho de quem os compôs; mas

[221] Cf. Mart., *Epig.*1. 16: "Uns bons, uns médios, muitos versos maus lereis/ aqui: não de outro modo faz-se um livro", *Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura/ Quae legis hic: aliter non fit, Auite, liber*. Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 65).
[222] 1. 1. Tradução nossa.

sim à mordacidade dos epigramas que infligem dano e castigo ao destinatário da fala injuriosa.

Julgo que minha hipótese é confirmada pelos dois versos que se seguem, em que Marcial justifica o abandono do plectro injurioso de seus poemas – embora *Xênia* e *Apoforeta* anteceda o livro I dos *Epigrammata*, é verossímil que poemas que comporiam recolhas futuras já fossem conhecidos em recitações [223] –, pois o ébrio inverno requer um "novo sal", *noui sales*, para temperar os epigramas: os versos, metaforizados aqui como dados, as *tesserae*, não têm aguilhão, *telum*, e, por isso, não ferem, não causam dor, nem ruína: *damnum*. E, por fim, no último dístico, as nozes e o fritilo convertem-se, em que pese a falsa modéstia, em metáfora para designar o princípio compositivo de *Xênia* – o que, pode-se dizer, vale também para *Apoforeta* –, o fio condutor do riso marciálico ao longo de seus mais de cem dísticos.

Pedir às Musas que percam seus poemas e, em seguida, propor gracejos leves e inofensivos, mas nem por isso menos argutos, figurados pelas várias alusões às Saturnais – as nozes, os dados, o fritilo, o inverno – constitui índice de decoro por parte do poeta e forma de, nos termos da *ut pictura poesis,* ajustar as lentes com que os leitores devem ler os epigramas. O vilipêndio, a poesia de matiz iâmbico, não diz respeito aos festejos das Saturnais que, como vimos há pouco, pressupõem não só a abundância de alimentos e vinho como seus traços precípuos, mas sobretudo, o riso e as brincadeiras, o caráter ecumênico e exuberante da festa.

Ora, os livros de epigramas cuja metáfora aqui são as nozes e o fritilo demarcam invariavelmente, além da captação de benevolência típica dos proêmios, o novo acorde dos gracejos saturnalícios. Da mesma maneira que o jogo vê suprimido, durante as Saturnais, seu

[223] Marcial dá a lume o primeiro livro de epigramas em 86 d.C., muito pouco depois da publicação de *Xênia* e *Apoforeta*. É muito provável que diversos poemas, sobretudo os invectivos, que comporiam o primeiro livro já fossem conhecidos do público de Marcial.

componente agônico, já que os participantes estão proibidos de jogar a dinheiro, conforme vimos nas *Saturnais* de Luciano, assim também os aguilhões do riso epigramático têm, no ébrio inverno, as pontas embotadas. A cena das Saturnais, pois, por mais livre que possa parecer, não deixa de estabelecer certas fronteiras para o riso epigramático.

Nesse sentido, a suspensão temporária das convenções e da hierarquia determinada pela festividade é análoga à supressão, nos epigramas, do humor vilipendioso, que é característica típica, como se sabe, de parte bastante representativa da obra de Marcial: sabe-se, porém, que, embora *Xênia* e *Apoforeta* precedam a publicação dos outros livrinhos – na verdade, as coleções de dísticos se seguem ao *Livro dos Espetáculos*, dado a lume em 80 d.C. –, é de crer que Marcial, em função das *recitationes*, que compunham uma das etapas que antecediam a circulação dos livros, já fosse poeta conhecido pela argúcia e mordacidade[224]. Seja como for, ocorre que o componente regenerador das Saturnais implica outra espécie de riso que não o insultuoso, mas sempre alegre e sem dor. Além disso, é necessário notar que, se o ataque tem relação estreita, para sua eficácia, com o *status quo*, pois que seus lugares, pertencentes ao gênero epidítico, sempre pressupõem o rebaixamento do sujeito vilipendiado levando em consideração seu prestígio e costumes, ou a falta deles, no caso, isso quer dizer que, na ocasião em que são suspensas – ou parodiadas – as virtudes e valores convencionais, o ingrediente sério e danoso que integra o vitupério é neutralizado ou, consoante o Saturno luciânico, peremptoriamente proibido.

Se os paradigmas sociais que determinam o lugar, eticamente inclusive, ocupado pelo indivíduo na cena social, não são levados a sério, o suposto ataque satírico perde, justamente pela ocasião em que é engendrado, sua função precípua, que é rebaixar o sujeito, afastá-lo do

[224] Como já tratamos alhures, cf. Agnolon (2010: 91). Ver também Cesila (2005: 21).

número dos bons. Em resumo, se, pelo menos temporariamente, os valores da vida oficial deixam de valer, o ingrediente insultuoso e ablativo do ataque satírico também deixa e só pode ser compreendido como não-sério, alegre e risonho. O caráter lascivo e amiúde obsceno dos poemas tornam-se proeminentes e positivos: se antes o turpilóquio, pela baixeza que lhe é inerente, se relaciona muitas vezes aos vícios de quem se vitupera, agora se identifica obrigatoriamente com as potencialidades apotropaicas do riso ritual e exuberante da festa. É por isso que em todos os epigramas de Marcial em que são referidas as Saturnais não há menção ao vitupério, ainda que o *sermo turpis* e a matéria de natureza sexual sejam mencionadas abundantemente em correlação, evidentemente, com assuntos de feição simpótica, como vimos no capítulo anterior nos epigramas 11.2, 6 e 15 de Marcial. Somente com o fim de ilustrar o que digo, cito novamente o 11.6:

Unctis falciferi senis diebus,
regnator quibus inperat fritillus,
uersu ludere non laborioso
permittis, puto, pilleata Roma.
Risisti; licet ergo, non uetamur.
Pallentes procul hinc abite curae;
quidquid uenerit obuium, loquamur
morosa sine cogitatione.
Misce dimidios, puer, trientes,
quales Pythagoras dabat Neroni,
misce, Dindyme, sed frequentiores:
possum nil ego sobrius; bibenti
succurrent mihi quindecim poetae.
Da nunc basia, sed Catulliana:
quae si tot fuerint, quot ille dixit,
donabo tibi Passerem Catulli.

Nos lautos dias do velho da foice,
em que o fritilo impera qual um rei,
em versos não trabalhosos brincar
permites, Roma coberta de píleos.
Riste? É lícito então, não é proibido.
Ide p'ra longe, lúgubres cuidados!
Quero falar o que vier primeiro,
sem me deter em grandes reflexões.
Enche, garoto, as taças quase à borda,
como as que a Nero Pitágoras dava!

Enche-as, não quero, Díndimo, vazias!
Sóbrio, sou imprestável, mas bebendo,
quinze poetas vão me socorrer!
Dá-me beijos, porém Catulianos:
se forem tantos quantos ele disse,
terás o passarinho de Catulo.

Vejamos ainda mais um. Trata-se agora do segundo epigrama prefacial de *Xênia*[225]:

Nasutus sis usque licet, sis denique nasus,
quantum noluerat ferre rogatus Atlans,
et possis ipsum tu deridere Latinum:
non potes in nugas dicere plura meas,
ipse ego quam dixi. Quid dentem dente iuuabit
Rodere? Carne opus est, si satur esse uelis.
Ne perdas operam: qui se mirantur, in illos
uirus habe, nos haec nouimus esse nihil.
Non tamen hoc nimium nihil est, si candidus aure,
nec matutina si mihi fronte uenis.

Embora narigudo – e o tenhas afinal
enorme, que nem Atlas o carregue –
e possas tu zombar té do próprio Latino,
mais não podes dizer de minhas nugas
do que eu mesmo já disse. Roer dente com
dente ajuda? Regala-te com carne!
Vai! Anda! Aos arrogantes lança teu veneno!
Meus versos (bem sabemos) nada são.
Mas têm lá seu valor, se vieres ouvi-los
sem o cenho que trazes de manhã.

Igualmente programático, o epigrama (*Xen*. 2), ainda que não mencione as Saturnais, nem mesmo pela mais sutil alusão, reforça em linhas gerais os argumentos do primeiro: de maneira similar, o poeta também aplica as tópicas de exórdio, rebaixando seus poemas, a chamá-los “nugas”, “bagatelas”, como faz Catulo no primeiro poema de seu livro. Porém, com uma diferença: designá-los “nugas” faz antes referência ao elemento anódino e inofensivo operante nos poemas do

[225] *Xen*. 2. Tradução nossa.

que exatamente à sua qualidade ou, sobretudo, ao recorte temático dos epigramas, que já se supõe baixo. Marcial leva a efeito a emulação de Catulo, não porque o poeta se apropria da mesma especificidade técnica, por assim dizer, a que *nugae* é associada em latim desde o momento em que o amante de Lésbia a emprega pela primeira vez, mas sim porque Marcial combina engenhosamente o termo com o contexto das Saturnais. Em outras palavras, *nugae*, no epigrama acima, passa a ter o mesmo valor das *nuces* do anterior; *nugae* são as brincadeiras das Saturnais, os versos inofensivos e de um humor mais leve. Sua ligeireza se opõe ao "narigudo", *nasutus*, mencionado no primeiro verso, cuja agudeza de espírito seria proporcional à ponta aguçada de seu aguilhão, tão implacável, que não pouparia nem Latino, o famoso ator de mimos da época de Domiciano (81–96 d.C.)[226], ainda que, se levarmos em consideração a tradição saturnal que discutimos há pouco, seja possível compreender que o poeta pudesse fazer referência ao rei Latino, justo e bondoso, descendente de Saturno.

O poema não só prescreve, como o primeiro, o jaez dos gracejos que o livro contém, mas também, decoroso ao tom que assume, é exemplo do que prescreve. Ora, o poeta não exclui, nem vitupera o interlocutor perspicaz e zombador – e, por extensão, o vício de que padece: a ὕβρις – mas, no mesmo acorde da sátira horaciana, dissuade: pede ao crítico que contemple, que avalie *Xênia* com o cenho alegre que merecem epigramas compostos para as Saturnais.

O próximo epigrama talvez seja mais contundente e por isso mesmo mais importante para o argumento que venho desenvolvendo até aqui, a saber: que as Saturnais circunscreviam certas fronteiras para o riso; e que, mesmo que os festejos pressupunham grande liberdade dos costumes, como penso tenham evidenciado os capítulos anteriores, o risível deve ser decoroso ao espírito sempre regenerador e

[226] Cf. Leary (2001: 29).

propiciatório das Saturnais, retirando aos epigramas, por sua vez, o fel da invectiva. Abaixo, o epigrama que introduz *Apoforeta*[227]:

Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator
dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;
nec timet aedilem moto spectare fritillo,
cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:
diuitis alternas et pauperis accipe sortes:
praemia conuiuae dent sua quisque suo.
'Sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.'
Quis nescit? uel quis tam manifesta negat?
Sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,
quos tibi pro caelo filius ipse dedit?
Vis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenas?
'Lude,' inquis, 'nucibus'. Perdere nolo nuces.

O equestre, o senador, meu senhor, todos brincam,
enquanto usar o píleo agrada a Jove –
nem o escravo agitando o fritilo o edil teme
encarar: mesmo vendo os lagos gélidos! –,
toma a sorte que alterna pobres e abastados:
dar ao conviva o prêmio que lhe cabe.
"Mas é só tralha, nuga e o que for de mais vil!"
Há quem não saiba? Quem negue o inegável?
Mas que farei, Saturno, nestes ébrios dias,
que teu filho te deu em paga ao céu?
Que eu cante Tebas, Troia ou Micenas funesta?
"Vai! Joga as nozes!". Não! Perder jamais!

Importa observar que o poeta faz a exata descrição da festa: aponta, nos primeiros versos, certa dominante "carnavalesca" das Saturnais: a suspensão temporária das convenções e lugares sociais determinados – repare-se na menção ao píleo, barrete de libertos, usado, agora, pelo grande Júpiter, o que é também provável referência a Domiciano –; alude, ainda, às brincadeiras, faz menção ao escravo que joga dados com o fritilo livremente, sem temer a autoridade do edil; e, principalmente, fala-nos da troca de presentes[228], que se constitui o principal aspecto das Saturnais incorporado a *Xênia* e *Apoforeta*.

[227] *Apoph*. 1. Tradução nossa.
[228] A troca de presentes, como vimos, não era exclusiva das Saturnais, embora ocupasse uma parte importante e fundamental dos festejos. Cf. Sullivan (1999: 13). O

É de notar também o fato de que grande parte dos presentes não passa de quinquilharias, o que intensifica o caráter amiúde jocoso do próprio presente e o aspecto simbólico, propiciatório dos brindes, como se contasse muito mais a intenção de ofertá-los – daí certo caráter lúdico da festa –, a troca em si de presentes do que necessariamente seu valor, embora vários objetos e iguarias mencionados nos dísticos dos livros XIII e XIV sejam raros e, por consequência, valiosos, como trataremos mais adiante. Além disso, nota-se, nos quatro últimos versos, *recusatio* aos gêneros elevados: a fala epigramática vislumbra a possibilidade de cantar em versos, nos dias reservados a Saturno, a sorte de Tebas, Troia ou Micenas, aludindo, pois, à poesia épica e aos ciclos trágicos, que, por referir a sorte dos melhores, se identificam com o regime sério da vida; no entanto, o próprio deus aconselha o poeta, no lugar de tudo isso, simplesmente jogar as nozes. Já vimos que estas simbolizam as Saturnais, os jogos da infância, época cuja ausência de cuidados é análoga à Idade de Ouro dos tempos de Saturno, período de abundância e infinita felicidade.

A suspensão das hierarquias sociais que impera nos dias dedicados a Saturno tem estreita relação com o conselho do deus a exortar o poeta a brincar com as nozes, a compor poesia ligeira e não elevada, uma vez que a epopeia e tragédia, por seu caráter grave, não só encenam a convenção, negada em dezembro, mas sobretudo constituem modelo e horizonte das elites que, neles, buscam espelhar-se. O próximo epigrama apresenta-nos argumento bastante similar, embora não pertença aos livros em tela[229]:

---

autor faz referência à antiguidade do costume de se trocar presentes, relacionando-a aos códigos de hospitalidade recorrentes nos poemas épicos de Homero. Entre os romanos trocar presentes, além de sinal de amizade, associava-se às obrigações de clientela, perpetuadas pelas Saturnais, o que é indicativo do que dissemos antes a respeito da liberdade "relativa" das Saturnais. Cf. também Cesila (2005: 15).

[229] Mart. *Epig.* 4. 14. Não pertence, mas há probabilidade de ter sido publicado em dezembro de 88 d.C., causa de certo de suas tonalidades saturnalícias demonstradas em vários epigramas. Cf. Friedlaender (1961: 56); Citroni (1989: 217). Tradução nossa.

Sili, castalidum decus sororum,
qui periuria barbari furoris
ingenti premis ore perfidosque
astus Hannibalis leuisque poenos
magnis cedere cogis africanis:
paulum seposita seueritate,
dum blanda uagus alea december
incertis sonat hinc et hinc fritillis
et ludit tropa nequiore talo,
nostris otia commoda Camenis.
nec torua lege fronte, sed remissa
lasciuis madidos iocis libellos.
sic forsan tener ausus est Catullus
magno mittere passerem Maroni.

Sílio, o triunfo das irmãs castálidas,
que os perjúrios do bárbaro furor
esmagas com ingente voz e obrigas
de Aníbal pérfidos ardis e penos
a ceder aos ilustres Africanos,
depõe um pouco a tua gravidade.
Dezembro dissoluto já ressoa
aqui e ali os dados bem fagueiros
e, com ossos brejeiros, joga a tropa.
Ajusta às minhas Camenas teu ócio!
Lê – sem fronte severa, mas alegre –
livrinhos de lascívia temperados.
Assim talvez ousou Catulo tenro
mandar ao grande Marão o pardal.

O poema tem como interlocutor Sílio Itálico, que fora cônsul, pró-cônsul na Ásia, orador e poeta épico – tão admirador de Vergílio, que chegava a comemorar seu aniversário e prestar culto a seus Manes[230]. Sem dúvida, Marcial alude, nos cinco primeiro versos, pelas menções aos Africanos, a Aníbal e aos cartagineses, ao poema épico *A guerra púnica*, composto em dezessete livros entre 83 e 103 d.C. A despeito de toda a gravidade do poeta estoico, Marcial pede-lhe que deponha a severidade, *seueritas* (verso seis), pois já é dezembro, é tempo de Saturnais. O poeta, em seguida, como se vê no epigrama, caracteriza,

[230] Cf. Lemaire (1837: 539): "Sílio Itálico, poeta e imitador assíduo de Vergílio, de tal modo era seu dedicado cultor, que celebrava religiosamente o aniversário do poeta e, assim como um altar, visitava muito frequentemente seu sepulcro".

em breves pinceladas, os dias alegres da festa referindo-se ao jogo de dados que, como já vimos, estabelecia estreita relação com as Saturnais; e roga a Itálico que acomode o ócio, propiciado pelos dias festivos, às Musas jocosas do poeta epigramático. E o principal: que leia "livrinhos de lascívia temperados", *lasciuis madidos iocis libellos*.

Marcial estabelece muito bem dois territórios distintos da composição poética: o primeiro é o da epopeia, o gênero elevado por excelência; o segundo, da poesia de caráter ligeiro, epigramática inclusive. Exemplo disso é que Marcial arremata o epigrama com a menção a dois expoentes da poesia latina, já clássicos e representantes máximos nos seus respectivos gêneros: Catulo e Vergílio.

O poema só se justifica porque supõe as Saturnais como circunstância imediata: o ócio, propiciado pela festa, autoriza o poeta, Itálico inclusive, a abandonar o cenho grave e as tarefas que, como a poesia épica, se identificam com a gravidade própria, e até desejável, das funções ligadas ao regime comum da vida. O dístico final, além de sintetizar, quase por antonomásia, dois domínios distintos da composição poética, é singelo e programático, pois indicia a um só tempo a troca de presentes – cuja representação máxima é *Xênia* e *Apoforeta* – e, aludindo ao poema 2 de Catulo, a matéria e a elocução dos *ioci* do poeta epigramático, decorosos à cena festiva. Clássicos que são, Vergílio e Catulo já fazem parte do *mos*: o paradigma poético é, no poema, análogo aos costumes – em que a medida da virtude reside justamente em abandonar, temporariamente, a gravidade característica dos gêneros altos. Assim, o epigrama de Marcial não é só programático, mas presente (e homenagem também) a Itálico: a ligeireza e graça do presente, comparado ao pardal que, supõe-se (*forsan*), o tenro poeta de Verona ousou enviar ao grande Marão, é o arremate final da cena festiva das Saturnais.

O uso do hendecassílabo falécio, espécie métrica abundante em composições de caráter jocoso, já deixa entrever o conteúdo ligeiro do epigrama em oposição ao hexâmetro da epopeia, suposto pelas menções à obra épica de Itálico nos primeiros versos. O hendecassílabo já se consolidara em latim como o metro apropriado para vazar tais matérias, inclusive o vitupério. Catulo já o empregara, como se sabe, em diversos poemas que, bem a propósito, designa, iambos: *desissemque truces uibrare iambos* (36, 5); *agit praecipitem in meos iambos*? (40, 2); *irascere iterum meis iambis* (54, 6). Plínio, o Jovem, a exemplo – e autoridade – do veronense, também acomoda o vitupério ao metro a que me referi[231]:

> 2. Accipies cum hac epistula hendecasyllabos nostros, quibus nos in uehiculo in balineo inter cenam oblectamus otium temporis. 3. His iocamur ludimus amamus dolemus querimur irascimur, describimus aliquid modo pressius modo elatius, atque ipsa uarietate temptamus efficere, ut alia aliis quaedam fortasse omnibus placeant.
>
> 2. Receberás, com esta epístola, meus hendecassílabos, com os quais na carruagem, no banho, no jantar, desfruto o tempo ocioso. 3. Nesses versos, divirto-me, brinco, amo, sofro, queixo-me, iro-me, faço descrições, ora mais moderadas, ora mais elevadas, e na própria variedade tento fazer que umas coisas agradem a uns, outras a outros e algumas talvez a todos.

O testemunho de Plínio é de grande importância. Pois, de um lado, apresenta informações muito interessantes a respeito da recepção de um livro antigo, antecipando, pela simples menção do hendecassílabo e das possibilidades temáticas a ele relacionadas, a provável expectativa da audiência: da mesma maneira que os epigramas prefaciais de

[231] Cf. Plin., *Ep.* 4. 14. 2-3. Tradução de João Angelo Oliva Neto (2006: 109).

Marcial que arrolamos, a epístola de Plínio ajusta as lentes da recepção. Ademais, é de notar que a missiva ela mesma, prefácio, por assim dizer, de uma coleção perdida, introduz um livro que estava ainda, naquele momento, inacabado, pois o missivista atribui ao juízo dos amigos próximos a tarefa de corrigi-los, indício, pois, dos estágios que antecediam a publicação do livro de poemas para um público maior, mais amplo, já que desconhecido do próprio poeta[232]. De outro lado, porém, vale observar que se soma à ligeireza e à jocosidade próprias do metro o caráter insultuoso da invectiva, seara da qual, nos epigramas saturnais, Marcial parece se afastar, ainda que, noutros livros, perfaça naturalmente invectivas em falécios[233], como antes Catulo as fez e, decerto, Plínio.

O cenário da festa, de fato, é o denominador comum dos epigramas que apresentamos até aqui. O principal, porém, é reparar que o decoro próprio do contexto saturnalício exige que o poeta rejeite conscientemente o viés temático da invectiva, ou melhor, depure seus epigramas do riso insultuoso, o que se depreende com clareza em *Xen*. 1. 7, onde as nozes, índice das brincadeiras inocentes da infância, constituem metáfora para os livros saturnais: "Meu livro são as nozes", *haec mihi charta nuces*. Acresce ainda a relação muito oportuna das nozes com o jogo, *lusus*: "jogar", *ludere*, é também "brincar de poesia", "fazer versos", "divertir-se", como faz entrever o emprego do verbo em 11. 6. 3[234]: "Em versos não trabalhosos brincar", *uerso ludere non laborioso*[235], e também, acima, na epístola de Plínio, o Jovem,

[232] Alguns epigramas de Marcial também fazem referências aos estágios de composição dos livros, bem como sua circulação (*Epig.*1. 1; 5. 80; 6. 82; 7. 11; 8. 3). Cf. também Cameron (2003); Valette-Gagnac (1997); Agnolon (2010: 87-99).
[233] Por exemplo, em 4. 4, no mesmo livro do epigrama em questão.
[234] O verbo *ludere* e sua relação com a composição de poesia ligeira, cf. Cat. *Carm.* 50. 2.; Citroni (1989: 206): "o verbo *ludere* é usado habitualmente para a composição de literatura, especialmente poesia de caráter ligeiro".
[235] Cf. Cat. *Carm*. 50. Oportunamente também, como o poema de Marcial referido acima, em hendecassílabos falécios. No "jogo" do epigrama, o leitor ideal de Marcial deve perceber quais poetas vêm em seu socorro, ou seja, quais, heuristicamente, alimentam sua verve: Catulo, como se viu, arremata o poema, em inversão jocosa, como não poderia deixar de ser o *ágon* do certame poético, sobretudo à mesa. Cf. Oliva

enfatizando ainda o papel lúdico que a poesia ocupava em ambiente simposiástico, mais ainda no contexto das Saturnais. Marcial, com efeito, leva às últimas consequências a relação entre poesia ligeira e as Saturnais: não é à toa que seja o principal e mais profícuo epigramatista da Antiguidade, explorando, consoante fez Ovídio na elegia, todas as suas possibilidades temáticas. Além dos diversos epigramas programáticos, de caráter saturnal, bem entendido, que vimos até aqui, é necessário que se leve em consideração a enorme coleção de dísticos de *Xênia* e *Apoforeta*, tudo isso demonstra a presença ostensiva de Saturno em seus epigramas. Por outro lado, evitar o componente deletério do riso em poemas para as Saturnais, ou mesmo convertê-lo em mera brincadeira, elogio até da afabilidade entre amigos, é mais um aspecto que decerto Marcial toma a Catulo[236]:

Ni te plus oculis meis amarem,
iucundissime Calue, munere isto
odissem te odio Vatiniano:
nam quid feci ego quidue sum locutus,
cur me tot male perderes poetis?
isti di mala multa dent clienti,
qui tantum tibi misit impiorum.
quod si, ut suspicor, hoc nouum ac repertum
munus dat tibi Sulla litterator,
non est mi male, sed bene ac beate,
quod non dispereunt tui labores.
di magni, horribilem et sacrum libellum!
quem tu scilicet ad tuum Catullum
misti, continuo ut die periret,
Saturnalibus, optimo dierum!
non non hoc tibi, salse, sic abibit:
nam, si luxerit, ad librariorum
curram scrinia; Caesios, Aquinos,
Suffenum, omnia colligam uenena,

Neto (1996: 28): "A técnica da alusão consistia em reproduzir um trecho, um verso, ou apenas uma imagem de outro poeta, de maneira que o leitor se comprazia em identificar a proveniência, comparar e avaliar. Tudo isso está no termo grego *paígnion* e no verbo latino correspondente *ludere* (donde "aludir", cognato de *lusus*, "jogo"), que enfeixa as noções de compor/cantar os poemas, de com eles jogar/disputar e de brincar/representar, tal como ocorre em Catulo. É uma poética ligeira, só nos limites em que a expressão signifique "leveza" e "rapidez", porque, em consequência do que o caráter lúdico e a grandeza passada obrigavam, esta poética, para vigorar, devia exibir refinamento, sofisticação e cuidado com o detalhe: numa palavra, devia lidar com a precisão".

[236] Cat. *Carm.* 14. Tradução de João Angelo Oliva Neto.

ac te his suppliciis remunerabor.
uos hinc interea ualete abite
illuc, unde malum pedem attulistis,
saecli incommoda, pessimi poetae!

Se eu não te amasse mais do que meus olhos,
ótimo Calvo, por um tal presente,
com ódio de Vatínio eu te odiava:
que fiz ou que falei por me quereres
matar com este tanto de poetas?
Que ao teu cliente os deuses muitos males
mandem, que tantos ímpios te enviou.
Se, como penso, novo e rebuscado,
este presente Sila, preceptor,
te dá: não me vai mal, mas muito bem,
por ver que teus trabalhos não se perdem.
Deuses grandes, que livro infame e horrível!,
que tu decerto a teu Catulo deste
porque morresse logo neste dia
de dons, das Saturnais, o melhor dia!
Não, brejeiro, não vai ficar assim!:
raiando o sol, eu vou até escrínios
de livreiros e os Césios, os Aquinos,
Sufeno reunir, venenos todos,
e te retribuir com tais suplícios.
Mas vós, adeus!, daqui agora ide
para lá de onde pés ruins trouxestes,
tédio do séc'lo!, péssimos poetas!

Catulo, basicamente, no poema acima, ameaça o amigo Calvo, em represália ao péssimo presente oferecido por ocasião das Saturnais. É um livro e, aparentemente pelo que se depreende do quinto verso, trata-se de uma antologia composta de poetas vários e vária poesia, ruim, bem ruim, "tédio do séc'lo!", *saecli incommoda*: obra de maus poetas! A ameaça de Catulo é percorrer todos os livreiros, fazer seleta de poetastros: Césio, Aquino, Sufeno e seus pares congêneres, "venenos todos", *omnia uenena*, e mandá-los a Calvo. A retribuição de Catulo, seja pelo tom, seja pelos termos que emprega, como *uenena*, *suplicia*, *odium*, etc, tem feição invectiva, mas não é, segundo se percebe pelos primeiros versos. A ironia faz parte da indignação afetada por receber presente tão indesejável, afetada porque é esperado que também se

recebam presentes assim por mero gracejo. Retribuí-los, portanto, é ver quem ri por último.

Ora, Marcial, em *Apoph*. 1. 5, "toma a sorte que alterna pobres e abastados", *Diuitis alternas et pauperis accipe sortes,* parece fazer referência à variedade dos dons que se trocavam nas Saturnais: amiúde, por burla, por mera brincadeira, podia-se presentear alguém somente com quinquilharias, presentes sem valor mesmo, já que decerto deveria ser o presente também frequentemente motivo do riso – bem como a reação de quem o recebia –, parte, portanto, das brincadeiras das Saturnais. Há pouco vimos no testemunho de Suetônio a maneira como Augusto comemorava as Saturnais. Em que pese e riqueza e a suposta generosidade do *princeps*, tão alardeada pelo biógrafo em circunstâncias similares, era comum que ofertasse a seus ricos convivas tão-só ninharias: pinças, esponjas, espátulas, roupas de tecido grosseiro – presentes que, a propósito, compõem o catálogo de *Apoforeta*! –; e que rifasse toda a sorte de coisas, com o fim de "frustrar ou satisfazer, pela incerteza, a esperança dos compradores", *incertoque casu spem mercantium uel frustrari uel explere* [237].

No caso do poema de Catulo, Calvo, por causa justamente da festa, presenteia o poeta veronense ao modo de um verdadeiro "amigo da onça". É divertido imaginar a cena do banquete e o esboroar-se das esperanças do poeta ao receber o presente bufo, mas nem tampouco imprevisível, já que presentes assim não se configuravam exceção nas Saturnais – veja-se, por exemplo, o banquete de Augusto a que nos referimos e as dezenas de objetos de pequeno valor em *Apoforeta*, que poderiam muito bem ser presenteados com objetivos análogos ao de Calvo[238].

---

[237] Cf. Suet., *Aug.* 75.

[238] Cf. Mart., *Apoph.* 196. O dístico trata também de um livro que se haveria de dar como presente, tão ruim quanto aquele ofertado a Catulo, a tal ponto que o tratado sobre águas, de tão enfadonho, agradaria só se ele mesmo nadasse nas próprias águas que descreve. Curiosamente, o livro é, segundo o poeta, de autoria de um certo Calvo. Seria o mesmo Calvo amigo de Catulo? É provável, já que o livro anteriormente

Melhor ainda é a resposta de Catulo em versos. O poema, paradoxalmente, para o deleite de todos, nada mais é do que a aceitação da burla por parte do poeta, o que se coadunaria necessariamente, do ponto de vista ético, com as convenções próprias da festa, pois que é necessário e verossímil, dada as circunstâncias específicas das Saturnais e, sobretudo, da amizade entre os dois, em que a afabilidade e os interesses intelectuais convergem, que o poeta receba o infausto presente e demonstre indignação, diga-se aqui de novo: afetada, e de imediato intente, urbanamente e na mesma moeda, revidar o gracejo. No limite, os versos de Catulo podem até se converter em elogio ao próprio Calvo – e o presente dado por este em elogio também a Catulo, apesar da troça –, pois ganhar coletânea de poesia tão inepta só seria percebido como gracejo pelo destinatário, caso este fosse homem inegavelmente culto e de bom gosto por considerar o refinamento e sofisticação na clave de virtudes poéticas fundamentais. O objeto da disputa não deixa de ser a poesia, e o lugar do certame, as Saturnais. Se há invectiva, ela é poética – e, é claro, não são farpas dirigidas contra Calvo –, é oposição, como no caso dos *Anais* de Volúsio, a certos ideais poéticos antagônicos àqueles que Catulo e seus companheiros neotéricos, Calvo inclusive, cultuavam.

O risível é o grande corolário das Saturnais. A abundância e exuberância da festa associam-se a seus gracejos: lascivos, obscenos, paródicos, mas nunca insultuosos, nunca capazes de ferir os convivas, infringindo, assim, a lei das Saturnais: "a medida dos gracejos é que sejam anódinos no tocante a todos", σκώμματος μέτρον ἔστω τὸ ἄλυπον ἐπὶ πᾶσιν[239], assim determina o Saturno luciânico. Convém, pois, respeitar o deus e lançar nozes em vez de dardos. E Marcial o faz. Os poemas de

referido é o do próprio Catulo (Cf. *Apoph*. 195). Caso seja o mesmo Licínio Calvo, orador e poeta neotérico, é possível inferir que Marcial, talvez fazendo referência oblíqua às ameaças contidas no poema 14 de Catulo, tome a vingança para si e no lugar dos *omnia uenena*, dos poetastros citados por Catulo, faça pior: disponha o próprio Calvo entre os presentes indesejáveis.

[239] Cf. Lucian., *Sat.* 18.

Xênia e *Apoforeta*, que trataremos mais detidamente adiante, são essas nozes, constituem o grande exemplo do que dissemos. A presença do riso insultuoso ultrapassaria os limites determinados pela festa, por isso indecoroso nos dias das Saturnais, de sorte que, se por acaso alguém insistisse nele, tomasse os gracejos e jogos dos banquetes das Saturnais como a oportunidade para humilhar publicamente um desafeto, isso poderia converter-se em um grande "tiro pela culatra"[240]:

> Turbatus his Nero et propinquo die quo quartum decimum aetatis annum Britannicus explebat, uolutare secum modo matris uiolentiam, modo ipsius indolem, leui quidem experimento nuper cognitam, quo tamen fauorem late quaesiuisset. Festis Saturno diebus inter alia aequalium ludicra regnum lusu sortientium euenerat ea sors Neroni. Igitur ceteris diuersa nec ruborem adlatura: ubi Britannico iussit exsurgeret progressusque in medium cantum aliquem inciperet, inrisum ex eo sperans pueri sobrios quoque conuictus, nedum temulentos ignorantis, ille constanter exorsus est carmen, quo euolutum eum sede patria rebusque summis significabatur. Unde orta miseratio manifestior, quia dissimulationem nox et lasciuia exemerat.
>
> Nero, perturbado, pois que se aproximava o dia em que Britânico completaria quatorze anos, revolvia consigo ora a impetuosidade da mãe, ora a índole daquele – revelada há pouco por uma ligeira ocorrência, que, porém, angariara largamente os favores. Nos dias de festa em honra de Saturno, entre outros divertimentos de amigos, que disputavam, no jogo, o reinado, coubera a Nero esta sorte. Ele, então, havia de, sem opróbrio, determinar diversas tarefas aos outros. Foi quando ordenou a Britânico que se erguesse e que, dirigindo-se até o meio do salão,

[240] Cf. Tac., *Ann.* 13. 15. Tradução nossa.

> começasse a cantar algo, esperando que os outros caçoassem dele; estava também convicto de que o garoto desconhecia aqueles homens sóbrios, muito menos agora embriagados. Com bastante segurança, ele iniciou um canto, que se fazia referência à sua expulsão da casa paterna e à perda de seus altos domínios, de onde se produziu a mais manifesta comiseração, porque a noite – também em função da lascívia – é capaz de eliminar por completo a dissimulação.

Nero, com ciúmes dos favores que se concediam a Britânico, a quem vê como um rival, aproveita os festejos das Saturnais para expô-lo ao ridículo. Contudo, segundo Tácito, não alcança o efeito desejado; atrai, pelo contrário, a comiseração ao desafeto. O historiógrafo latino nos descreve uma cena típica de um banquete das Saturnais. A eleição do rei constitui uma parte importante dos jogos da festa, pois é o rei bufo – sem dúvida, referência a Saturno – quem decide as brincadeiras que ocorrerão ao longo da noite. Vale notar que as brincadeiras e as tarefas ordenadas aos convivas não devem gerar opróbrio, não devem ferir nenhum dos presentes: é necessário que os gracejos sejam reflexo dos laços de amizade que ligam todos os convivas.

Nero, porém, não segue a regra, ultrapassa os limites franqueados ao riso. O imperador não contava com a perícia musical de Britânico, nem com sua sagacidade em aproveitar o momento para, sutilmente, fazer lembrar a plateia da usurpação que supostamente sofrera. O efeito gerado pelo canto de Britânico dependeu enormemente, de acordo com a observação final de Tácito, das Saturnais. Não somente por causa do tropeço de Nero, que alcançou justamente o inverso do que desejava, mas sobretudo porque a dissimulação característica da vida social e, mais ainda, necessária para a sobrevivência daqueles que desfrutavam mais diretamente do convívio do *princeps* fora suprimida em função dos festejos de Saturno. Do ponto de vista discursivo, a desventura de Nero

só é possível em circunstâncias em que seu poder real sobre os destinos de quem governa seja temporariamente neutralizado, situando o imperador no mesmo nível dos homens comuns, igualdade esta que somente as Saturnais eram capazes de instituir.

Seja como for, a passagem dos *Anais* de Tácito demonstra, de um lado, que o riso, na cena festiva, é regrado; e, de outro, que as Saturnais, como temos visto até aqui, determinam, sempre por seu caráter propiciatório e regenerador, que o riso não seja nocivo e deletério, sendo, pois, necessário, purgá-lo do que tenha de injurioso. Marcial, nos epigramas que citamos, rejeita conscientemente o vitupério nos dias em que o (des)governo cabe a Saturno, empregando vocabulário que define de maneira patente o tipo de gracejo decoroso às Saturnais. Percebemos isso, por exemplo, no uso que faz Marcial do termo *nugae*, da referência às nozes e ao fritilo – sem falar da associação dos poemas com o contexto dos jogos cujo teor agonístico, neutralizado, se não é causa do lucro, nem do prejuízo dos jogadores, tampouco não pode ser causa de injúria ou ódio entre eles. Além disso, com usar, como vimos há pouco, o acusativo plural neutro de *damnum*, o poeta estabelece diferença entre as espécies do risível à maneira de Aristóteles, na *Poética*, e Cícero, entre os latinos. Em outras palavras, o epigramatista, mediante léxico bastante preciso, distingue o riso injurioso e deletério próprio da invectiva do riso jocoso e inofensivo dos gracejos.

O Francolin vingador, *Xen*. 61

De Marcial, vimos até aqui epigramas programáticos e prefaciais de *Xênia* e *Apoforeta*. Nos epigramas que compõem as duas referidas coleções, o elemento jocoso e refinado do mero gracejo é moeda corrente das centenas de dísticos. O epigrama abaixo é, a um só tempo, síntese

do que acabamos de dizer e exemplo engenhoso de rejeição ao vitupério[241]:

LXI

Attagenae

Inter sapores fertur alitum primus
Ionicarum gustus attagenarum.

61

Francolins

Dos sabores das aves o primeiro
é o gosto, diz-se, dos francolins Jônios.

O dístico acima de *Xênia*, juntamente com o 81, que trata dos Linguados, constituem-se os dois únicos poemas do livro não vazados em versos elegíacos. O primeiro é formado por um dístico coliâmbico; o segundo, por dois versos em hendecassílabo falécio. O que faz de *Xênia* e o *Livro dos Espetáculos*, composto exclusivamente por dísticos elegíacos, os livrinhos de Marcial mais homogêneos do ponto de vista métrico. Em princípio, pode parecer questão de pouca monta observar a variação métrica empregada por Marcial em um número evidentemente ínfimo de versos. No entanto, o elemento destoante do epigrama *Xen.* 61 chama muito a atenção para que não se lhe dedique alguma atenção, isso por dois motivos: o primeiro, mais patente, é o fato de o poema interromper uma longa série de dísticos elegíacos – o epigrama é disposto mais ou menos no meio do livro –; o segundo é o uso do coliambo. O metro, de base iâmbica, cujo inventor parece ter sido Hipônax[242], é inexoravelmente ligado ao vitupério[243], seja pela relação

[241] Cf. *Xen*. 61. Tradução nossa.
[242] Cf. *Ath.*, *Deip.* 15. 698b.
[243] Cf. Aristóteles, *Poet.* 4. 1448b; Diom., *Artis grammaticae libri* III, p. 485, 11-17 (Keil). Cf. também *EM* (Gaisford, *s.u.* Ἰαμβή): "E designa-se *iambeîon* a partir de *iambízein* (*tò hybrízein*), a partir de *ión bázein*, [lançar venenos] ou lançar dizeres como dardos", καὶ

que estabelece com os ἴαμβοι, "invectivas"[244], seja pelo poeta a quem o coliambo se identifica:

> Hipônax, fr. 191 Pf.
>
> Ἀκούσαθ᾽ Ἱππώνακτος οὐ γὰρ ἀλλ᾽ ἥκω
> ἐκ τῶν ὅκου βοῦν κολλύβου πιπρήσκουσιν,
> φέρων ἴαμβον οὐ μάχην ἀείδοντα
> τὴν Βουπάλειον [.]. νά. [...ἄ]νθρωπος
>
> Escutai Hipônax: pois chego lá [= Hipônax, fr. Dub. 187D]
> de onde se compra um boi por um óbolo,
> trazendo meu iambo que não canta a luta
> contra Búpalo [...] [245].

Na *Antologia Palatina*, há epigramas funerários dedicados à memória de Hipônax. Os poemas não deixam de referir a fama injuriosa do poeta de Éfeso, nem de advertir os passantes, para que não despertem, caso sejam de vida espúria, a ira daquele que jaz na tumba[246], como o epigrama abaixo atribuído a Teócrito, composto, bem a propósito, em versos coliambos:

> Ὁ μουσοποιὸς ἐνθάδ' Ἱππῶναξ κεῖται.
> εἰ μὲν πονηρός, μὴ ποτέρχευ τῷ τύμβῳ·
> εἰ δ' ἐσσὶ κρήγυός τε καὶ παρὰ χρηστῶν,
> θαρσέων καθίζευ, κἢν θέλῃς, ἀπόβριξον.
>
> Aqui jaz o feitor-de-poema Hipônax.
> Se és maligno, não venhas à tumba dele;
> se, contudo, és correto e de honesta origem,
> com coragem te senta; querendo, dorme [247].

ἰαμβειον εἴρηται, ἀπὸ τοὺ ἰαμβίζειν, τὸ ὑβρίζειν, ἀπὸ τοὺ ἴον βάζειν, ἢ ὡς βέλη βάλλειν τὰ λεγόμενα. Tradução de João Angelo Oliva Neto.

[244] Cf. West (1974: 22).

[245] Tradução de Alexandre Pinheiro Hasegawa.

[246] Cf. Leônidas de Tarento (*AP.* 7. 408); Alceu de Messene (*AP.* 7. 536). Cf. também Hasegawa (2010: 80-81).

[247] Cf. *AP*. 13. 3 = *epig.* 19 Gow. Tradução de Alexandre Pinheiro Hasegawa (2010: 81).

O escazonte, outro nome do coliambo, foi empregado em um grande número de composições de caráter invectivo durante todo o período helenístico, sempre, porém, "com um olho em Hipônax", como aponta West[248]. Comprovam-no o epigrama mencionado de Teócrito e a presença ostensiva do metro no livro de Iambos de Calímaco[249]. Em latim, há referências ao coliambo em Cícero e em Plínio, o Jovem. Cícero, ironicamente, menciona em epístola um "elogio de Calvo Licínio à maneira de Hipônax" – *Calui Licini Hipponacteo praeconio* [250] –; mediante o emprego do adjetivo *Hipponacteum,* o autor deixa entrever que se trata de franco vitupério vazado no verso do feroz inimigo de Búpalo. Embora possivelmente seja coincidência, vale observar que a acerbidade possa ser percebida também pelo ablativo em *Hipponacteo praeconio*, evidenciando talvez o componente privativo, tipicamente relacionado com o vitupério.

Na mesma clave, Plínio, em carta endereçada a Suetônio, rogando para que sem tardanças o companheiro lhe devolva os poemetos, ameaça-o com versos escazontes: se as blandícias dos hendecassílabos foram incapazes de instá-lo, por certo o fará a violência dos coliambos[251]. O uso do verso foi abundante em latim desde pelo menos Catulo, que o utilizou em oito poemas. Todos eles – com exceção do poema 8 – engendram temática ora jocosa, ora propriamente invectiva, como é o caso do poema 37, que arrolo abaixo:

> Salax taberna uosque contubernales,
> a pilleatis nona fratribus pila,
> solis putatis esse mentulas uobis,
> solis licere, quidquid est puellarum,
> confutuere et putare ceteros hircos? 5
> an, continenter quod sedetis insulsi

[248] Cf. West (1982: 175); Morgan (2007: 400).
[249] Cf. Call., fr. 192 Pf; fr. 193 Pf.; fr. 195 Pf.
[250] Cf. Cic., *Fam.* 7. 24. 1.
[251] Cf. Plin., *Ep.* 5. 10. 2-3: "Ou para com tuas tardanças, ou cuida para que escazontes não te arrebatem com violência estes mesmos livrinhos, que meus hendecassílabos são incapazes de obter com blandícias.", *aut rumpe iam moras aut caue ne eosdem istos libellos, quos tibi hendecasyllabi nostri blanditiis elicere non possunt, conuicio scazontes extorqueant*. Tradução nossa.

centum an ducenti, non putatis ausurum
me una ducentos irrumare sessores?
atqui putate: namque totius uobis
frontem tabernae sopionibus scribam.
puella nam mi, quae meo sinu fugit,
amata tantum quantum amabitur nulla,
pro qua mihi sunt magna bella pugnata,
consedit istic. hanc boni beatique
omnes amatis, et quidem, quod indignumst,
omnes pusilli et semitarii moechi;
tu praeter omnes une de capillatis,
cuniculosae Celtiberiae fili,
Egnati, opaca quem bonum facit barba
et dens Hibera defricatus urina.

Lúbrica taberna, ó contubernais,
nona coluna após os Dioscuros,
só vós (achais) que tendes pau, podeis
só vós comer qualquer menina e achar
que os outros são uns bodes? Ou será,
porque estais bem sentados, comportados,
cem, duzentos boçais, achais não ouse
eu só meter na boca de duzentos
comensais? É crer: contra vós, cacetes!,
Nessa taberna vou grafar grafitos
pois a menina, que a meu peito foge,
amada quanto ninguém mais será
por quem tão grandes guerras já pugnei,
senta-se aí. E ela, ledos, lestos,
todos amais, é certo, e o que é indigno,
todos ralé, putanheiros dos becos:
e mais que todos tu, belos cabelos,
filho da Celtibéria, rica em coelhos,
Egnácio!, a quem faz lindo espessa barba
e dentes limpos com urina Ibérica [252].

O escazonte é *habitué* dos versos de Marcial, a tal ponto, que o metro foi um dos favoritos do poeta, perdendo somente para o dístico elegíaco e o hendecassílabo falécio [253]; e, como em Catulo, o viés injurioso foi amplamente explorado pelo poeta de Bílbilis, consoante atestam os epigramas escazontes a seguir:

[252] Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 92-93).
[253] Cf. Friedlaender (1961: 26-27).

1.96

Si non molestum est teque non piget, scazon,
nostro rogamus pauca uerba Materno
dicas in aurem sic ut audiat solus.
Amator ille tristium lacernarum
et baeticatus atque leucophaeatus,
qui coccinatos non putat uiros esse
amethystinasque mulierum uocat uestes,
natiua laudet, habeat et licet semper
Fuscos colores, galbinos habet mores.
Rogabit, unde suspicer uirum mollem.
Una lauamur: aspicit nihil sursum,
sed spectat oculis deuorantibus draucos
nec otiosis mentulas uidet labris.
Quaeris quis hic sit? Excidit mihi nomen.

Se não te enfada ou incomoda, escazonte,
rogo que ao meu Materno poucas palavras
digas no ouvido e, assim, que escute sozinho.
Aquele amante das lacernas sombrias
feitas de lã da Bética, cinza-escura,
que pensa que o escarlate não é pra macho
e diz que é de mulher a cor da ametista,
embora louve o natural e use sempre
roupa escura, costumes tem coloridos.
Indagará porque suspeito que é frouxo.
Com ele me banhei: nunca olhou para cima
mas devorou co'os olhos os sodomitas
e nunca ociosa a boca ao olhar as picas.
Queres saber quem é? Fugiu-me o seu nome [254].

3. 93

Cum tibi trecenti consules, Vetustilla,
et tres capilli quattuorque sint dentes,
pectus cicadae, crus colorque formicae;
rugosiorem cum geras stola frontem
et araneorum cassibus pares mammas;
cum conparata rictibus tuis ora
niliacus habeat corcodilus angusta,
meliusque ranae garriant Rauennates,
et Atrianus dulcius culex cantet,
uideasque quantum noctuae uident mane,
et illud oleas quod uiri capellarum,
et anatis habeas orthopygium macrae,
senemque Cynicum uincat osseus cunnus;
cum te lucerna balneator extincta

[254] Tradução de Fábio Paifer Cairolli.

admittat inter bustuarias moechas;
cum bruma mensem sit tibi per Augustum
regelare nec te pestilentia possit:
audes ducentas nuptuire post mortes
uirumque demens cineribus tuis quaeris
prurire. Quid si Sattiae uelit saxum?
Quis coniugem te, quis uocabit uxorem,
Philomelus auiam quam uocauerat nuper?
Quod si cadauer exigis tuum scalpi,
sternatur Acori de triclinio lectus,
talassionem qui tuum decet solus,
ustorque taedas praeferat nouae nuptae:
intrare in istum sola fax potest cunnum.

Embora, Vetustila, já trezentos cônsules
vistos, tenhas só três cabelos, quatro dentes,
perna e cor de formiga e peito de cigarra;
embora fronte mais rugosa do que a estola
portes e teta igual às teias das aranhas;
embora o crocodilo nilíaco tenha
estreita boca comparada aos teus sorrisos,
e as ravenates rãs coaxem bem melhor,
e bem mais docemente cante a mosca de Átria,
e vejas quanto vê a coruja de manhã,
e cheires o que cheira o marido das cabras,
e tenhas d'uma pata magra a rabadilha,
e tua ossuda cona vença um velho cínico;
embora o vigilante te aceite entre fúnebres
putas, depois de ter apagado a lucerna;
embora o mês de agosto seja p'ra ti inverno
e te descongelar não possa a pestilência,
ousas querer casar-te após duzentos homens
mortos e, louca, buscas outro p'ras tuas cinzas.
E se quisesse a tumba de Sátia excitar-se?
Quem vai te nomear cônjuge? Quem, esposa,
a qual há pouco Filomelo avó chamara?
Pois se exiges que teu cadáver se estimule,
um leito se prepare do triclínio do Orco,
único ao teu Talásio que é conveniente,
e o coveiro à recém-casada traga archotes:
nesta tua cona só pode entrar uma tocha [255].

Por tudo isso, seja pela apropriação helenística da espécie métrica em tela, seja por sua presença recorrente em autores latinos, como Catulo e Marcial – sem falar das referências ao metro de Hipônax, em

[255] Tradução de Alexandre Pinheiro Hasegawa (2010: 66).

Cícero e Plínio, ou, mais notavelmente, a exploração do iambo e dos dísticos epódicos nos *Epodos* de Horácio [256]–, é bastante claro que, para a audiência imediata de Marcial, ela mesma letrada e conhecedora das *operum colores*, o uso métrico no dístico *Xen*.61 se constituiu muito mais do que uma simples variação métrica. Ou seja, o dístico escazôntico de Marcial relaciona-se diretamente com a tradição da poesia iâmbica[257].

No entanto, não se trata só disso. Como, então, Marcial conciliaria o vitupério em um livro que, como vimos, justamente rejeita esse viés temático? Além disso, o dístico não perfaz, do ponto de vista da *inuentio*, um ataque (nem gracejo parece ser), muito pelo contrário, é elogio ao francolin, tomado, no epigrama, como verdadeira iguaria. O problema recebe pouca atenção no excelente comentário de Leary sobre *Xênia* [258]. O autor, ainda que acertadamente vincule o coliambo à invectiva, não é muito convincente, quando justifica o uso do metro no epigrama mediante questões meramente de ordem prática[259]. A questão, parece-nos, é muito mais profunda, pois, de um lado, leva em consideração a fama que se relaciona ao francolin na Antiguidade e, de outro, o princípio de unidade dos livros saturnalícios de Marcial, que perfazem espécie de recusa ao vitupério. Veremos que é engenhosa a maneira como Marcial faz coincidir metro tão profundamente associado ao riso deletério à ocasião tão feliz como eram as Saturnais.

O francolin, segundo Plínio, o Velho, é ave rara e, por sua carne, particularmente admirado[260]. Apício, mestre-cuca ativo provavelmente no primeiro século de nossa Era, dedica-lhe dois pratos[261]. O sabor

[256] Cf. Hasegawa (2010).
[257] Cf. Leary (2001: 17).
[258] Cf. *Idem*, *Ibidem*: "O metro foi associado à invectiva [...] porém, é possível que aqui satisfaça uma conveniência e gosto, haja vista as quantidades de *Ionicarum* e *attagenarum* e a preferência de Marcial por coliambos, se levados em consideração outros metros iâmbicos".
[259] Cf. Morgan (2007: 386), a quem seguimos nas próximas páginas.
[260] Cf. Plin., *H.N.* 10. 133. Cf. também Hor., *Epod.* 2. 54; Ov., *Fast.* 6. 175.
[261] Cf. Apic. 2. 218. Sobre Apício, cf. Asfora (2009).

auspicioso da ave, porém, era inversamente proporcional à terrível reputação que granjeara. O francolin, conforme atestam fontes antigas[262], era extremamente rancoroso e valorizava de tal modo sua liberdade, que poderia atrair grandes males para quem o mantivesse em cativeiro:

> Σωκράτης δ' ἐν τῷ περὶ ὄρων καὶ τόπων καὶ πυρὸς καὶ λίθων 'ἐκ τῆς Λυδίας μετακομισθέντες, φησίν, εἰς Αἴγυπτον οἱ ἀτταγαῖ καὶ ἀφεθέντες εἰς τὰς ὕλας ἕως μέν τινος ὄρτυγος φωνὴν ἀφίεσαν, ἐπεὶ δὲ τοῦ ποταμοῦ κοίλου ῥυέντος λιμὸς ἐγένετο καὶ πολλοὶ τῶν κατὰ τὴν χώραν ἀπώλλυντο, οὐ διέλιπον σαφέστερον τῶν παίδων τῶν τρανοτάτων ἕως νῦν λέγοντες 'τρὶς τοῖς κακούργοις κακά'. συλληφθέντες δὲ οὐ μόνον οὐ τιθασεύονται, ἀλλ' οὐδὲ φωνὴν ἔτι ἀφιᾶσιν. ἐὰν δὲ ἀφεθῶσι, φωνήεντες πάλιν γίγνονται.'
>
> Sócrates, em seu livro *Dos Limites, Lugares, Fogo e Pedras*, informa-nos o seguinte: "os francolins, que foram levados da Lídia para o Egito e entregues às florestas, emitiram sons de codornizes por algum tempo; depois, porém, que o leito do rio baixou, houve uma grande fome e muitas pessoas morreram em todo o território. Não davam descanso agora, falando incessantemente, de modo mais claro que o som estridente das crianças: *o mal aos maus três vezes!* Quando capturados, contudo, não só não podiam ser domesticados, mas também, *[em cativeiro]*, não emitiam som algum. Mas se fossem libertados, tornavam a cantar novamente [263]".

Ateneu de Náucratis baseia-se na obscura obra de um certo Sócrates – não se trata, evidentemente, do filósofo ateniense. Segundo o

[262] Cf. Ael., *NA*, 15. 27.
[263] Cf. Ath., *Deip.* 9. 39. 8-18. Tradução nossa.

homônimo de Sócrates, os francolins foram capturados na Lídia e transportados até o Egito, onde foram soltos nas florestas do país. Na época em que uma seca devastadora castigou a população, gerando grande mortandade, as aves, cujos sons assemelhavam-se aos das codornizes, passam a emitir um funesto canto: "o mal aos maus três vezes!", τρὶς τοῖς κακούργοις κακά. Só paravam de cantar quando aprisionadas, e o silêncio delas, bastante eloquente, diga-se de passagem, deixava entrever o quieto rancor, à espera do momento oportuno para a *vendetta*.

Toda a circunstância narrada pelo breve testemunho aponta para o caráter iâmbico dos francolins, dispostos a desejar o infortúnio para todos aqueles que lhes fizeram mal por retirá-los do *habitat* natural, mantê-los em cativeiro e, com isso, privá-los da vida livre que tanto prezam. Ora, o canto das aves, pelo tom que assume, a propósito, a sequência dos genitivos no epigrama de Marcial – *Ionicarum [...] attagenarum* – pode ser uma onomatopéia, reproduzindo, pois, como em τρὶς τοῖς κακούργοις κακά, o som emitido pelos francolins, desempenha o papel de verdadeira imprecação[264]. Elas, literalmente, entoam *dirae*! Como observa Morgan, Arquíloco poderia muito bem falar em nome dos francolins, quando diz[265]:

> ἔν δ᾽ἐπίσταμαι μέγα,
> τόν κακῶς μ᾽ ἔρδοντα δεινοῖς ἀνταμείβεσθαι κακοῖς.
>
> Tenho uma grande arte:
> eu firo duramente
> aqueles que me ferem.

A história dos francolins possui grande semelhança com as tradições, embora fantasiosas, que buscam explicar tanto a causa primeira que serviu de estopim para as invectivas furiosas com que os

[264] Cf. Morgan (2007: 404).
[265] Cf. Archil. fr. 126W. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964: 20). Cf. Morgan (2007: 404).

principais iambógrafos gregos, como Arquíloco e Hipônax, castigaram seus desafetos, como estabelecer alguma motivação entre a matéria injuriosa dos poemas e o metro empregado para vazá-la. Lembremos, pois, as narrativas conservadas por diversos autores antigos que atribuíam o ódio do poeta de Paros ao rompimento, por parte de Licambes e Neobule, do pacto de casamento [266]; bem como da humilhação pública por que, supostamente, passou Hipônax, quando os filhos escultores de Arquermo, Búpalo e Atênis, exibiram por escárnio um retrato feiíssimo do poeta no meio da ágora, expondo-o ao vexame da Assembleia [267]. Com efeito, a explicação, calcada na autoridade homérica, que Hefestião oferece para o pé iâmbico constitui-

[266] Cf. Pseud.Ac., *Pseudacronis schol. ad loc. schol. Cod. Par. Lat. 8223 et 17897*, ed. Butschuyver *apud* West (1989: 63): "Licambes teve uma filha, Neobule. Tendo Arquíloco a pedido em casamento, embora prometida, não foi dada pelo pai. Desde então, Arquíloco, irado, compôs contra ele um poema maledicente; foi compelido por tamanha dor, que se suicidou junto com a filha, enforcando-se. + Licambes prometeu dar sua filha como esposa a Arquíloco, o que, irredutivelmente, negou em seguida. Por este motivo, Arquíloco, indignado, compôs poemas contra Licambes e suas filhas, de modo que, em virtude da cólera desses versos, as filhas se suicidaram, enforcando-se. + (Os iambos os perseguiram a tal ponto que Licambes deu cabo da própria vida)", *Lycambes habuit filiam Neobulen. Hanc cum Archilochus in matrimonium postulassset, promissa nec data est a patre. Hinc iratus Archilochus in eum maledicum Carmen scripsit; quo tanto est dolore compulsus ut cum filia uitam laqueo finiret. + Lycambes filiam suam promisit Archilocho daturum uxorem, quod postea denegauit. Qua de causa iratus Archilochus camina scripsit in Lycamben et eius filias, itaque ex dolore carminum eius filiae laqueo uitam finirent.+ (eo usque prosecutus est iambis ut se ipsum Lycambes interficeret)*. Tradução nossa. Cf. também *Escólios de Ovídio* (*Schol.* Ovid. *Ibid*. 54).

[267] Cf. Plin., *H.N.* 36. 11: "Vivera na ilha de Quíos um escultor de nome Melas, sucedido por seu filho, Micíades, e depois por seu neto, Arquermo, cujos filhos, Búpalo e Atênis, foram sem dúvida os mais preclaros nessa ciência à época do poeta Hipônax, que seguramente viveu durante a 60ª Olimpíada [540/537 a.C.]. Porém se alguém considerar a família destes, retrocedendo até os antepassados, descobriria talvez que a origem de sua arte começou com o início das Olimpíadas. Era notória a face horrenda de Hipônax; por esta razão eles expuseram por gracejo um retrato jocoso dele, causando o riso da Assembléia. Hipônax, indignado, censurou-os com o sabor amargo de seus poemas a tal ponto, que alguns creem que ele os compeliu a se enforcar: o que é falso; pois, tempos depois, fabricaram ainda, em ilhas vizinhas, por exemplo, em Delos, muitas estátuas em cujos pés puseram um poema, para que Quíos não fosse julgada por suas videiras, mas também pelas obras dos filhos de Arquermo", *Iam fuerat in Chio insula Melas sculptor, dein filius eius Micciades ac deinde nepos Archermos, cuius filii Bupalus et Athenis uel clarissimi in ea scientia fuere Hipponactis poetae aetate, quem certum est LX Olympiade fuisse (540/ 537). Quodsi quis horum familiam ad proauum usque retro agat, inueniat artis eius originem cum olympiadum initio coepisse. Hipponacti notabilis foeditas uultus erat; quamobrem imaginem eius lasciuia iocosam hi proposuere ridentium circulis. Quod Hipponax indignatus destrinxit amaritudinem carminum in tantum ut credatur aliquis ad laqueum eos compulisse: quod falsum est, complura enim in finitimis insulis simulacra postea fecere, sicut in Delo, quibus subiecerunt carmen, non uitibus tantum censeri Chium sed et operibus Archermi filiorum.* Tradução nossa. Cf. também Paus., 4. 30. 6. Sobre Hipônax e Búpalo, cf. Rosen (1988).

se metáfora poderosa, que expõe sem tergiversações o denominador comum que há entre o rancor dos francolins, o noivado malfadado de Arquíloco e a vergonha pública imposta a Hipônax: não há limites para as consequências de uma afronta:

> Συντεθῆναι τὸν ἴαμβον ἐκ βραχείας καὶ μακρᾶς, διὰ τὸ τὴν ὕβριν ἐκ βραχείας ἀρχομένην αἰτίας εἰς μέγα λήγειν κακόν. Μαρτυρεῖ δὲ τῷ λεγομένῳ Ὅμηρος ὁ σοφώτατος (Δ 442) λέγων, ἥτ᾽ ὀλίγη μὲν πρῶτα κορύσσεται, αὐτὸρ ἔπειτα/ οὐρανῷ ἐστήριξε κάρη καὶ ἐπὶ χθονὶ βαίνει.
>
> O iambo é composto de uma *[sílaba]* breve e uma longa, pois a *híbris*, começando numa acusação pequena, termina num grande mal. Testemunha-o Homero, o mais sábio, quando diz: "*[Od. 4. 442-443]* A Discórdia de furores sem medida, irmã companheira de Ares, matador de homens, que se veste pequena de início, e logo depois com o rosto fere o céu, enquanto caminha sobre a Terra [268]".

A fama funesta que se relaciona às aves em questão não se coaduna, em princípio, com o riso saturnalício tão alardeado por Marcial ao longo de *Xênia* e *Apoforeta*. No entanto, se nos recordarmos do Saturno luciânico[269], precisamente das regras que prescreve para o banquete festivo, talvez encontremos um ponto de contato que possa integrar o dístico *Xen*.61 de maneira definitiva na lógica alegre e regeneradora dos epigramas que formam o conjunto do livro. Ora, a brevidade dos epigramas contidos nas coleções em tela pode ser traiçoeira, uma vez que o leitor tende a isolar a leitura e interpretação

---

[268] Cf. Heph. (*Comentarii in Hephaestionem*, IV, Scholia B, Consbruch, p. 281). Tradução de João Angelo Oliva Neto. Semelhantemente, na *Suda*, ou *Suidas*, léxico bizantino do século IX d.C., registra-se para o verbete Ἰαμβίζω: "*íambizo*: [o mesmo que] *hybrizo*, pois assim como o iambo [é composto] de [sílaba] breve e uma longa, assim também a *híbris*, começando do que é pequeno, cresce até a maior, como diz Homero: "pequena de início", Ἰαμβίζω, το ὑβρίζω. Ὡς γὰρ ὁ ἴαμβος ἐκ βραχείας καὶ μακράς, οὕτω καὶ ἡ ὕβρις ἐξ ὀλίγου ἀρχομένη πρόεισιν ἐπὶ μειζον. Καὶ Ὅμηρος, ἥ τ᾽ὀλίγη μὲν τὰ πρώτα. Tradução de João Angelo Oliva Neto.

[269] Cf. Lucin., *Sat.* 18.

de cada poema, como se tratasse de entidades absolutamente autônomas, muitas vezes sem levar em consideração que os poemas se relacionam entre si no interior do livro, que é o responsável por determinar, amiúde implicitamente, a compreensão do conjunto total da obra[270].

Nas *Saturnais* de Luciano, há referência, como vimos há pouco, a uma placa de bronze, onde se inscreviam as regras do banquete. Após as festividades, esta mesma placa funcionava como espécie de amuleto contra o mal. Penso que sejam exatamente as faculdades apotropaicas das Saturnais, que determinam paradoxalmente o uso do coliambo no epigrama de Marcial. Nesse sentido, o elogio da ave – "Dos sabores das aves o primeiro", *Inter sapores fertur alitum primus* – somado ao uso do metro de base iâmbica constitui forma de esconjurar a má sorte que ao francolin é relacionada, evitando, assim, que a iguaria se torne indigesta. Nesse sentido, a variação métrica em *Xen*.61 pode ser entendida, levando em conta o princípio de unidade do livro, muito mais como celebração dos aspectos positivos do riso saturnalício, talvez até se possa ver aí uma tentativa de Marcial em resgatar o sentido ritual do próprio iambo, do que simplesmente referência a ὕβρις dos francolins.

Em outras palavras, é possível supor que o coliambo em *Xênia*, ainda que remeta à reputação das aves e à tradição dos antigos iambógrafos, torne o epigrama amuleto mágico, neutralizando, por ocasião das Saturnais, o poder funesto dos francolins. É também perceptível que a elocução própria do metro, amiúde em chave sexual, põe em cena potencialidades que para os antigos se relacionam diretamente com contextos propiciatórios. Portanto, se o vitupério pode ser entendido como espécie de traço distintivo do metro iâmbico, por outro lado, o obsceno que se lhe relaciona não deixa de ser um de seus

[270] Cf. Hutchinson (2008: 2): "[...] quando há muitos poemas em um único livro, os significados podem multiplicar mais dramaticamente, uma vez que os poemas individualmente se relacionam entre si e em uma estrutura mais ampla e, assim, a leitura de um livro torna-se um processo dinâmico".

elementos constituintes, que ganha relevo na abundância e exuberância, sempre positivas, das Saturnais, ou nos versos da *Priapeia* a seguir, também coliâmbicos, cujo fim é apresentar as "formas conhecidas" dos deuses e de Priapo, inserindo-o no Olimpo, muito embora deus menor. A *mentula* em eterna ereção, que se, de um lado, o distingue, porque pune ladrões que ousam roubar o jardim que protege, de outro, por ser nume, indicia fecundidade e riso, que afugenta a má sorte:

Notas habemus quisque corporis formas:
Phoebus comosus, Hercules lacertosus,
trahit figuram uirginis tener Bacchus,
Minerua flaua, lumine est Venus paeto,
frontem uides cornutos Arcadas Faunos,
habet decentes nuntius deum plantas,
tutela Lemni dispares mouet gressus,
intonsa sempre Aesculapio barba est,
nemo est feroci pectoriosior Marte;
quod si quis inter hos locus mihi restat,
deus Priapo mentulatior non est.

Temos no corpo formas conhecidas.
Febo, os cabelos; Hércules, seus músculos;
o jovem Baco, o aspecto de menina;
Minerva é loira; oblíquo olhar tem Vênus;
Faunos da Arcádia, os chifres na cabeça;
belos pés tem o porta-voz dos deuses;
dá passos desiguais quem guarda Lemnos;
Esculápio tem sempre a barba longa;
ninguém tem peito como o bravo Marte.
E se entre todos me sobrar espaço,
que deus tem pau maior que o de Priapo [271]?

[271] Priap. 36. Tradução de João Angelo Oliva Neto (2006: 225). Na *Priapeia*, há vários epigramas compostos em versos coliambos, ver 31, 36, 47, 51, 58, 63, 77, 78 e 79.

A noz ou o figo de Quíos?

Ao longo do presente capítulo, percebemos que o léxico do poeta de Bílbilis não é casual. As palavras e expressões que emprega explicitam frequentemente ideais poéticos que permeiam a composição de epigramas; e, no que tange ao riso, mediante uma série de termos – "nozes", *nuces*, "fritilo", *fritillus*, "dados", *alea* –, bem como perífrases – "novo sal", *noui sales,* "má língua", *mala lingua*, etc – distingue o riso anódino das Saturnais do viés vituperioso, passível também de figurar em epigrama. O poema abaixo, também programático, diferentemente dos saturnalícios que vimos até aqui, defende o vitupério[272]:

Dulcia cum tantum scribas epigrammata semper
et cerussata candidiora cute,
nullaque mica salis nec amari fellis in illis
gutta sit, o demens, uis tamen illa legi?
Nec cibus ipse iuuat morsu fraudatus aceti,
nec grata est facies cui gelasinus abest.
Infanti melimela dato fatuasque mariscas:
nam mihi, quae nouit pungere, chia sapit.

Somente escreves – sempre! – doces epigramas,
que pele na alvaiade são mais alvos,
sem pitada de sal, do amaro fel a gota,
tu queres, doido, leiam os teus versos?
Nem a própria comida agrada sem vinagre.
Que face é grata sem rugas de riso?
Manda às crianças essas maçãs, figos fátuos:
quero os de Quios, sabem ser pungentes!

O vitupério, a matéria risível e derrisória são entendidos, no poema de Marcial, como traços do gênero epigramático. O poeta opõe os "doces epigramas" – insossos, sem sal, *nullaque mica salis*, sem sequer uma "gota do amaro fel"*, amari fellis [...] gutta* – àqueles poemas em que, de fato, o riso é acompanhado pelas dentadas do vitupério, dos

[272] Cf. *Epig.* 7. 25. Tradução nossa.

elementos que constituem a *mordacitas* inerente ao gênero. O desfecho constitui seu clímax, pois integra o caráter risível dos poemas – "Que face agrada sem rugas de riso?", *nec grata est facies cui gelasinus abest*. – à temática erótica numa só palavra, haja vista que "figo", *fícus* ou *marisca,* é metáfora para o intercurso sexual[273]; e, ainda, a referência a Quios, na espécie de conselho que dirige ao poeta anônimo, quando o exorta a enviar seus poemas, esses "figos fátuos", *fatuae mariscae*, às crianças, que deles fariam melhor proveito: Quios pode aludir, por sinédoque, à herança grega epigramática de que também é legatário, mas também ao sabor amargo do fruto: assim, para o poeta, o que vale, de fato, no universo do gênero, são os figos que são tanto mais saborosos, quanto mais picantes, mais pungentes. Como se vê, diversas palavras e expressões do epigrama – "sal", "fel", "vinagre", os figos ácidos de Quios – remetem a certo componente mordaz necessário para que os versos tenham graça, tenham sabor afinal. A derrisão, pois, constitui a especiaria indispensável para o verdadeiro epigramatista.

Entretanto, o poeta renuncia ao vitupério em *Xênia* e *Apoforeta* e necessita, por isso, acrescentar nova especiaria – "novo sal", *noui sales* – a seus poemas. Já conhecemos o motivo pelo qual Marcial altera a receita de seus epigramas. O que pretendo demonstrar agora é o modo pelo qual o epigramatista, quando emprega o referido glossário, por assim dizer, não somente demonstra clara consciência dos diferentes fins a que o riso se destina, mas sobretudo, da mesma maneira que vários autores antes dele, admite a existência de duas espécies do humor: o injurioso e o anódino. Essa diferença é bastante perceptível nos poemas que apresentamos. Ela faz remeter, primeiramente, a Aristóteles, em especial a duas passagens da *Poética*:

> διεσπάσθη δὲ κατὰ τὰ οἰκεῖα ἤθη ἡ ποίησις· οἱ μὲν γὰρ σεμνότεροι τὰς καλὰς ἐμιμοῦντο πράξεις καὶ τὰς τῶν τοιούτων, οἱ δὲ εὐτελέστεροι τὰς τῶν φαύλων, πρῶτον ψόγους ποιοῦντες,

[273] Cf. Adams (1982: 113).

ὥσπερ ἕτεροι ὕμνους καὶ ἐγκώμια. τῶν μὲν οὖν πρὸ Ὁμήρου οὐδενὸς ἔχομεν εἰπεῖν τοιοῦτον ποίημα, εἰκὸς δὲ εἶναι πολλούς, ἀπὸ δὲ Ὁμήρου ἀρξαμένοις ἔστιν, οἷον ἐκείνου ὁ Μαργίτης καὶ τὰ τοιαῦτα. ἐν οἷς κατὰ τὸ ἁρμόττον καὶ τὸ ἰαμβεῖον ἦλθε μέτρον—διὸ καὶ ἰαμβεῖον καλεῖται νῦν, ὅτι ἐν τῷ μέτρῳ τούτῳ ἰάμβιζον ἀλλήλους. καὶ ἐγένοντο τῶν παλαιῶν οἱ μὲν ἡρωικῶν οἱ δὲ ἰάμβων ποιηταί. ὥσπερ δὲ καὶ τὰ σπουδαῖα μάλιστα ποιητὴς Ὅμηρος ἦν (μόνος γὰρ οὐχ ὅτι εὖ ἀλλὰ καὶ μιμήσεις δραματικὰς ἐποίησεν), οὕτως καὶ τὸ τῆς κωμῳδίας σχῆμα πρῶτος ὑπέδειξεν, οὐ ψόγον ἀλλὰ τὸ γελοῖον δραματοποιήσας· ὁ γὰρ Μαργίτης ἀνάλογον ἔχει, ὥσπερ Ἰλιὰς καὶ ἡ Ὀδύσσεια πρὸς τὰς τραγῳδίας, οὕτω καὶ οὗτος πρὸς τὰς κωμῳδίας.

A poesia tomou diferentes formas, segundo a diversa índole particular [dos poetas]. Os de mais alto ânimo imitam as ações nobres e das mais nobres personagens; e os de mais baixas inclinações voltaram-se para as ações ignóbeis, compondo, estes, vitupérios, e aqueles, hinos e encômios. Não podemos, é certo, citar poemas deste gênero, dos [poetas que viveram] antes de Homero, se bem que, verossimilmente, muitos tenham existido; mas, a começar em Homero, temos o *Margites* e outros poemas semelhantes, nos quais, por mais apto, se introduziu o metro jâmbico (que ainda hoje assim se denomina porque nesse metro se injuriavam [*iámbizon*]). De modo que, entre os antigos, uns foram poetas em verso heróico, outros o foram em verso jâmbico. Mas Homero, tal como foi supremo poeta no gênero sério, pois se distingue não só pela excelência como pela feição dramática das suas imitações, assim também foi o primeiro que traçou as linhas fundamentais da comédia, dramatizando, não o vitupério, mas o ridículo. Na verdade, o *Margites* tem a mesma analogia com a comédia que têm a *Ilíada* e a *Odisséia* com a tragédia [274].

[274] Cf. *Po.* 4. 1448b. Tradução de Eudoro de Souza (1973: 445).

A segunda caracteriza mais precisamente o ridículo, ou seja, o riso anódino:

> Ἡ δὲ κωμῳδία ἐστὶν ὥσπερ εἴπομεν μίμησις φαυλοτέρων μέν, οὐ μέντοι κατὰ πᾶσαν κακίαν, ἀλλὰ τοῦ αἰσχροῦ ἐστι τὸ γελοῖον μόριον. τὸ γὰρ γελοῖόν ἐστιν ἁμάρτημά τι καὶ αἶσχος ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν, οἷον εὐθὺς τὸ γελοῖον πρόσωπον αἰσχρόν τι καὶ διεστραμμένον ἄνευ ὀδύνης.
>
> A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor [275].

É Aristóteles o primeiro autor a abordar teoricamente a questão do risível, não somente pela distinção que estabelece entre o γελοῖον (o ridículo) e o ψόγος (o vitupério), mas também por incorporá-la a outra divisão que engendra, não menos importante e a mais antiga de que dispomos, entre os gêneros de poesia, classificados segundo seu grau de seriedade/gravidade ou vileza/ baixeza. Segundo o filósofo, como se vê na primeira passagem, os caracteres imitados pelos poetas[276] diferem precisamente, do ponto de vista ético, entre as imitações que apresentavam as ações mais nobres e elevadas – por isso vazadas em hexâmetros – e as que são calcadas na imitação das ações mais vis e ignóbeis – compostas, por mais decorosas, em verso iâmbico. Em particular, no que tange às ações vis, percebe-se claramente que dão vazão ao vitupério (ψόγος). Porém, Aristóteles, quando propõe também Homero como modelo fundamental da comédia, pois compondo o

[275] Cf. *Ibidem,* 5. 1449a. Tradução de Eudoro de Souza (1973: 447).
[276] Sobre a questão dos ἤθη em poesia e os problemas de compreensão derivados do restritivo οἰκεῖα, cf. Else (1957: 136-137); Oliva Neto (2007).

Margites teria traçado suas linhas fundamentais, deixa claro que o poema homérico, embora iâmbico, não engendrava invectiva. O *Margites*, pois, tematizava o γελοῖον.

Vale notar que, nos poemas coliâmbicos de Marcial que vimos há pouco, persistia essa mesma variedade: embora o verso iâmbico, na percepção antiga, se identificasse com o vitupério, isso não se constituía elemento impeditivo para que o verso fosse empregado em outros tipos de composição que, mesmo imitando ações torpes, não eram invectivas. É o que ocorre, por exemplo, em diversos poemas iâmbicos de Arquíloco e Hipônax, e é o que ocorreu por certo no *Margites*. O inverso também é possível.

Aristóteles informa que a comédia se constitui como tal pois encena o ridículo, o γελοῖον, ou seja, vícios fracos que, eticamente, não geram indignação por parte da audiência. O riso que o ridículo provoca é sempre alegre, regenerador, anódino. Não deixa dúvidas a precisa comparação feita por Aristóteles entre o ridículo e a máscara cômica. Contudo, a comédia ática nem sempre era assim tão inocente. As farpas são comuns nos versos de Aristófanes, talvez porque de algum modo imitasse, no palco, a diatribe, por vezes violenta, de outro palco, o da assembleia de cidadãos [277].

O *risum mouere* de Cícero: a classificação latina do ridículo

Em latim, a discussão mais detida a respeito do riso e do humor é, sem dúvida, o *De ridiculis* de Cícero. Trata-se de um extenso excurso presente no segundo livro do *De oratore* (2. 216-290). Mais ou menos na metade do diálogo de Cícero, a personagem de Antônio, após discutir de

[277] Cf. Oliva Neto (2007: 8): "Se o riso em Aristófanes é anódino ou deletério não é objeto desse artigo, embora se possa conjecturar que Aristóteles retrospectivamente considere o gênero a comédia, tendo em mente a espécie da comédia nova escrita em grego, como será a de Menandro, que lhe é praticamente contemporânea".

maneira bastante densa a *inuentio*, exorta uma das personagens do diálogo, Júlio César Estrabão, a tratar da utilidade da brincadeira (*iocus*) e dos gracejos (*facetiae*) para a causa, uma vez que, para Antônio, é César quem, nesse quesito, "parece superar a todos os demais", *longe aliis* [...] *excellere* (§216).

Ora, a escolha de César Estrabão para conduzir a discussão desse tópico não é fortuita[278], pois parece obedecer à estratégia dialógica ciceroniana de apresentar os preceitos todos eles calcados na experiência e autoridade dos homens mais ilustres do cenário político romano, homens do passado que encarnem, exemplarmente, o *mos maiorum*, como nos fazem entrever outras obras e epístolas do arpinate que põem em evidência seu grande cuidado com a verossimilhança dos diálogos, indiciado pela escolha dos interlocutores, pelo rigor histórico, pela cena em que se dá o diálogo, circunscrita em períodos de ócio, quando os trabalhos das magistraturas se encontram suspensos; e, finalmente, pelo zelo especial com relação aos dados biográficos das personagens a quem dá voz[279]. Cícero, no tratado *Dos deveres*[280], refere-se de modo muito elogioso à oratória de Estrabão, destacando sua

[278] Ainda que Cícero pareça confundir-se poucos anos depois sobre o nome da personagem que teria conduzido o excurso sobre o riso. Cf. Cic. *Fam*. 7. 32. 2: "De minha parte, tinha esperança de ter deixado de tal forma marcados os gêneros de meus motejos que pudessem ser reconhecidos por si só. Porém, uma vez que tão grande é a escória nesta cidade, que nada é tão sem graça que não pareça gracioso a alguém, lute – se tem afeição por mim, se uma ambiguidade não se mostrar aguda, uma hipérbole, elegante, belo um belo jogo de palavras, um ridículo contrário à expectativa e os demais tipos que discuti no segundo livro *Do orador* pela personagem de Antônio, artísticos e argutos –, para defender por juramento que não são meus.", *Equidem sperabam ita notata me reliquisse genera dictorum meorum ut cognosci sua sponte possent. Sed quoniam tanta faex est in urbe ut nihil tam sit ἀκύθηρον quod non alicui uenustum esse uideatur, pugna, si me amas, nisi acuta* ἀμφιβολία*, nisi elegans ὑπερβολή, nisi παράγραμμα bellum, nisi ridiculum παρὰ προσδοκίαν, nisi cetera quae sunt a me in secundo libro de oratore per Antoni personam disputata de ridiculis ἔντεχνα et arguta apparebunt, ut sacramento contendas mea non esse*. Tradução Adriano Scatolin.
[279] Cf. *Amic.* 4: "Este gênero dos diálogos tem alicerce na autoridade dos antigos, e a das pessoas ilustres, não sei por quê, parece ter mais gravidade; assim, eu mesmo, quando leio minhas próprias palavras, sou de tal modo afetado, que julgo que é Catão, não eu, quem está a falar", *Genus autem hoc sermonum positum in hominum ueterum auctoritate, et eorum inlustrium, plus nescio quo pacto uidetur habere grauitatis; itaque ipse mea legens sic adficior interdum, ut Catonem, non me loqui existimem.* Tradução de Adriano Scatolin. Cf. Cic. *Q. fr.* 3. 5. 1; Cic., *Att.* 12. 20. 2; 22.2; 24.2; 13.19.3-5; 16.1; 30. 2; *De Orat*. 1. 23; Cf. também Jones (1939: 307: 312: 317-318); Levine (1958: 147).
[280] Cic., *Off.* 1. 108.

elegância, próxima da de Crasso, e sua notável facilidade no emprego de chistes e motejos nos discursos. Estrabão se constitui, portanto, a personagem ideal para tratar do riso – e também, em termos discursivos, para manter certo equilíbrio entre os protagonistas do diálogo, Antônio e Crasso; evitando, pois, que um deles se sobreponha ao outro no decorrer do texto.

O *risum mouere*, nas palavras de Estrabão, assume um caráter bastante particular se comparado com o restante da obra. Pois, de um lado, reafirma a posição das demais personagens, particularmente Antônio, de aversão aos manuais de retórica[281] e aos *auctores artium* ao declarar a impossibilidade de existência de uma "arte do humor", *ars salis* (§§216-218), atribuindo o elemento jocoso que porventura haja no discurso à natureza do próprio orador, o que se reflete na maneira pela qual se refere aos livros gregos que buscaram constituir semelhante arte, cujos autores, porém, de tão insípidos, conseguiram somente que não se risse de outra coisa "senão de sua própria insipidez", *nisi ipsa insulsitas*; de outro, surpreendentemente, incorpora abordagem sobre o riso bastante análoga aos manuais no momento em que se propõe a abordar a questão a partir de cinco questionamentos iniciais (§234)[282]: procedimento bastante sistemático a uma obra que, desde o início, propõe-se *assistemática* (por sistema, aqui, se pensa na estrutura própria de obras de caráter didático):

---

[281] Cf. Leeman, Pinkster & Rabbie (1989: 30): "Cícero [no *De Oratore*] evita por completo tudo que é escolar e meramente técnico e volta-se continuamente, tanto de maneira implícita como explícita, contra a retórica tradicional"; cf. ainda Narducci (1994: 48): "Ao defrontar-se com uma matéria altamente especializada, é bastante evidente o esforço de distanciar-se de tudo que tenha sabor de escola; mesmo o termo rigorosamente técnico *inuentio* não aparece jamais em todo o tratamento, sendo substituído por perífrases de diversos tipos ou por formas verbais que pintam com absoluta concretude a atividade de um orador em busca de seus argumentos (*inuenire*, *reperire*, etc)".

[282] Cf. Rabbie (2007: 210): "Logo após a discussão precedente, a maneira aparentemente sistemática com que prossegue é uma surpresa. Seguindo a abordagem adotada pelos manuais reais [...], ele trata de seu assunto mediante cinco questões iniciais: (1) O que é o riso? (2) De onde provém? (3) É apropriado ao orador despertar o riso? (4) Até que ponto? e (5) Quais são as categorias do risível? [...]. No que tange à sua abordagem, ela está em contraste marcado com o teor geral do *De Oratore*, onde sua distância dos manuais didáticos comuns é enfatizada de maneira reiterada".

> Ac ne diutius uos demorer, de omni isto genere quid sentiam, perbreuiter exponam. De risu quinque sunt, quae quaerantur: unum, quid sit; alterum, unde sit; tertium, sitne oratoris risum uelle mouere; quartum, quatenus; quintum quae sint genera ridiculi.
>
> Mas, para que não os faça esperar por mais tempo, exporei muito brevemente o que penso acerca de todo este gênero. Cinco são as perguntas que se podem fazer acerca do riso: em primeiro lugar, qual é a sua natureza; em segundo, suas fontes; em terceiro, se cabe ou não ao orador provocar o riso; em quarto, em que medida; em quinto, quais são os gêneros de ridículo[283].

As perguntas prévias propostas pela personagem ciceroniana, põem em cena aspectos já presentes na concepção do ridículo das fontes peripatéticas. A segunda significa o que dissemos de modo mais evidente: "Já quanto ao lugar e à região, por assim dizer, do ridículo – pois essa é a pergunta seguinte –, eles residem na torpeza e na deformidade. Ri-se unicamente, ou quase apenas, do que assinala e aponta alguma torpeza de maneira não torpe", *locus autem et regio quase ridiculi – nam id proxime quaeritur – turpitudine et deformitate quadam continetur. Haec enim ridentur uel sola uel maxime, quae notant et signant turpitudinem aliquam non turpiter*. A fala de Estrabão faz remeter à *Poética* (1449a, 5, 22) de Aristóteles, citada há pouco, quando o estagirita define a natureza do γελοῖον.

Aristóteles e Cícero concordam quanto à natureza do ridículo. Mas não exatamente quanto ao modo como é engendrado, ainda que em ambos a questão moral seja de suma importância. O estagirita, com o

[283] Todas as traduções do *De oratore* aqui utilizadas são de Adriano Scatolin.

ilustrar o *ridiculum* mediante o caráter anódino da deformidade da máscara cômica, tem o fim de diferenciar o riso da comédia, disso já tratamos – sem dor, regenerador, coincidindo, nesse sentido, com a ideia de Frye: "o tema do cômico é a integração da sociedade [284]" – do riso próprio do iambo, ou seja, do riso exclusor, mordaz da invectiva. É verdade que o *non turpiter* de César, em princípio, pode também fazer referência ao ἀνώδυνον de Aristóteles, já que por significar também "de modo hediondo", "de modo vergonhoso", seja possível vislumbrar que se trate de ato que, por aproximar-se da mordacidade, ultrapassa o mero gracejo.

Há, todavia, uma diferença fundamental que demonstra de que maneira o excurso sobre o riso no *De oratore* é índice da unidade do pensamento retórico de Cícero e, evidentemente, do modo como o arpinate incorpora, mas não servilmente, elementos da filosofia grega. Pôr em evidência uma torpeza, "de maneira não torpe", *non turpiter*, associa-se de maneira muitíssimo estreita com a ideia de decoro em Cícero, seja em relação à audiência e aos juízes, seja em relação, e principalmente, ao *caráter* do próprio orador. César Estrabão destaca, com efeito, não somente certo distanciamento que obrigatoriamente deve ter o orador quanto ao objeto do ridículo, mas também, pela ênfase dada a esse mesmo distanciamento, que quem discursa necessariamente deve preservar, seja no tribunal, seja na assembléia, sua legitimidade como orador. Em resumo, o *non turpiter* é expressão adverbial que põe balizas à definição ciceroniana de ridículo, e tais balizas supõem de imediato o espaço de atuação do orador, regulando por seu turno que brincadeiras podem ou não ser feitas diante dos senadores ou dos juízes. Além disso, pressupõe a impossibilidade de contágio entre a pessoa do orador e os caracteres torpes colocados em cena: no limite, a eficácia de tudo que diz o orador reside no fato de não entrar em contradição com sua *persona*[285].

[284] Cf. Frye (1957: 164).
[285] Cf. Guérin (2006: 722).

Talvez seja justamente aí que resida a principal diferença entre o tratamento dado por Cícero ao riso e aquele dado por Aristóteles, na *Poética*. As bases sobre as quais reside a discussão ciceroniana sobre o humor não são as mesmas das do estagirita. O primeiro, como vimos, restringe-se à prática oratória; o segundo, à prática dos poetas, que reclamam limites muito mais largos, pode-se dizer: "o poder de tudo ousar sempre foi decoroso a poetas e pintores", [...] *pictoribus atque poetis/ quidlibet audendi semper fuit aequa potestas*[286]. O verso de Horácio, ainda que, na *Arte Poética*, sirva para introduzir certa atenuação, impondo os limites da *res ficta* poética, ilustra bem o campo em que se situam as proposições de Aristóteles sobre o riso.

O estagirita afirma, de fato, o decoro na poesia, determinante para seus critérios de verossimilhança, como fará Horácio séculos depois; porém, é necessário observar que a liberdade do poeta é infinitamente maior que a do orador de Cícero. O poeta, em que pese as convenções próprias dos gêneros, é quem determina os horizontes de expectativa de sua audiência, pois é ela que, para fruir devidamente a composição, deve segui-lo, prever seus movimentos – ou surpreender-se, deleitar-se, afinal, pelo emprego diverso dos *topoi*. Ora, é o público que deve, em matéria de poesia, posicionar-se na distância correta para fruir da composição, e quem a fixa é justamente o poeta: é o que, no limite, alegoriza o *ut pictura poesis* horaciano, pois mais do que simplesmente ilustrar confinidades entre poesia e pintura, o *ut pictura* metaforiza os critérios de verossimilhança dos diversos gêneros de poesia.

Em Horácio, não é o pintor quem se desloca na cena pintada, mas o espectador[287]. É o que se pode depreender também do juízo de

[286] Cf. Hor., *A.P.* 9-10.
[287] Cf. Hor., *A.P.* 361-365: "A pintura é qual a poesia: uma, se mais próximo te mantiveres,/ cativará mais; outra, se mais longe te colocares;/ esta ama a escuridão; aquela que almeja ser contemplada sob a luz,/ não teme o espírito arguto do juiz;/

Aristóteles sobre Eurípides: o filósofo considera-o o mais trágico dos trágicos, justamente porque é o que melhor representa os caracteres dos heróis; mas também é Eurípides o tragediógrafo que mais se distancia das leis da tragédia[288]. Esse *fingere*, que é próprio da poesia, pressupõe, por seu turno, o "fingir", o "moldar" da *persona* poética, assim o ἦθος do poeta nada tem que ver com a *pessoa* empírica dele, mas, sim, com aquela que assume para a eficácia da composição[289]; ao passo que, para Cícero, o *caráter* oratório não pode ser forjado, deve coincidir, diferentemente do ἦθος aristotélico, com a *persona* do próprio orador. Nesse sentido, não é ele o guia da audiência, mas o contrário: é o orador quem segue as expectativas dos juízes e da audiência. O orador deve, portanto, submeter-se àquele modelo de homem da república, apto para discursar e mover a vontade de seus concidadãos. É o espaço da *actio* do orador, "os olhos do público", que lhe determina o decoro:

> Ao contrário do mecanismo em ação em outros domínios do riso, o gracejo não permite ao orador dissimular-se por trás de uma máscara literária ou por trás do anonimato de um insulto. Sendo o orador definido por parâmetros diferentes da mera capacidade de fazer rir, sua prática do riso não deve violar ou colocar em perigo as outras facetas de sua *persona* [290].

É essa diferença, essa dissimulação que constitui a *persona* do poeta, que lhe permite, amiúde, diferentemente do orador, "corrigir", por assim dizer, a percepção de sua audiência, à maneira de um maestro.

---

uma agradou uma vez, esta outra, repetida, dez vezes agradará", *ut pictura poesis: erit quae, si propius stes,/ te capiat magis, et quaedam, si longius abstes;/ haec amat obscurum, uolet haec sub luce uideri,/ iudicis argutum quae non formidat acumen;/ haec placuit semel, haec deciens repetita placebit*.

[288] Cf. Arist., *Po.* 1453a, 72).

[289] Cf. Else (1957: 136-137) sobre passo de Aristóteles (*Po.* 1448b, 24): "a poesia tomou diferentes formas, segundo os caracteres inerentes [a ela]", διεσπάσθη δὲ κατὰ τὰ οἰκεῖα ἤθη ἡ ποίησις·

[290] Cf. Guérin (2006: 721).

Catulo, ferozmente, vitupera Fúrio e Aurélio por compreenderem mal as *nugae*[291]. Embora as circunstâncias públicas imaginadas no poema façam-nos vislumbrar injúrias dirigidas ao poeta – e os poemas seriam aí mero pretexto –, a invectiva de Catulo apóia-se justamente no caráter supostamente grosseiro de Fúrio e Aurélio, pois que são incapazes de perceber os caracteres próprios do gênero que permitem, ao poeta, tratar de matéria obscena e derrisória e, mesmo assim, dissociá-la de sua verdadeira pessoa. É por isso que Catulo os vitupera: o gênero comporta o turpilóquio, bem como o vitupério como fim precípuo – esses caracteres, nos versos de Catulo, calham-lhe muito bem – e os dois homens, em sua rudeza, não compreendem que a fala dos poemas nada tem que ver com a pessoa do poeta ele mesmo, numa dimensão pública. É como se, em certo sentido, Fúrio e Aurélio exigissem o mesmo decoro do orador na poesia.

Como é evidente, o orador não é poeta: o *risum mouere* designa, para o primeiro, aspecto secundário – ainda que muito desejável, não é obrigatório –, para o segundo, a depender do caráter que sua *persona* assuma, configura-se o fim da própria composição. Ora, a liberdade de que desfruta o poeta lhe permite, por exemplo, apresentar-se como escravo de comédia, como Plauto tão bem o fez; o que não é permitido ao orador, pois, se seu discurso não deve diferenciar-se, para Cícero, de seu póprio caráter, fazer rir de maneira indiscriminada, sem limites, por assim dizer, ou mesmo com habilidade extrema, não somente faz com que atente contra a mediania, mas coloca sua pessoa, em situação análoga à de bufões e etólogos: sobretudo porque a perícia com que são engraçados faz entrever que são profissionais, e essas ocupações são distintivas de homens de origem espúria[292].

---

[291] Cf. Cat., *Carm.* 16.

[292] Talvez seja por isso que de todos os exemplos dados por Estrabão somente um seja proveniente de uma comédia, já que, nesse gênero, os escravos perfazem o papel de protagonistas. Cf. Fantham (2004: 196). Tudo isso quer dizer que, ainda que recomende engenho e sagacidade, excluir a comédia dos exemplos é sintomático, porque, para o orador, a perspicácia do dito é reflexo de sua alta cultura e origem; do escravo da comédia, índice de sua condição: a sagacidade do escravo é o meio de que dispõe para sobreviver.

Essas diferenças não significam absolutamente que as práticas de poetas e oradores sejam assim tão dessemelhantes que não possa haver confinidades entre si. Já vimos que as concepções de riso no *De oratore* têm ressonâncias aristotélicas, que tanto em Aristóteles quanto em Cícero a fonte fundamental do risível reside na torpeza e na deformidade. Poetas e oradores, no que tange à eficácia, possuem evidentemente noções diversas; quanto às virtudes discursivas, porém, percebemos similaridades importantes, a ponto de os poetas constituírem fonte prestigiosa para a oratória: em certo sentido, nesse quesito, os poetas também têm muito a ensinar aos oradores. Ora, Cícero, na figura de Crasso, tratando da formação universal por ele desejada para o orador, a fim de que este alcance a excelência, aponta que à leitura assídua de historiógrafos e dos mestres das artes liberais deve-se somar o conhecimento dos poetas: "É preciso ler também os poetas, conhecer a história, ler e folhear com assiduidade os mestres e escritores de todas as artes liberais, bem como citá-los como exercício, interpretá-los, corrigi-los, criticá-los, refutá-los", *legendi etiam poetae, cognoscendae historiae, omnium bonarum artium doctores atque scriptores et legendi et peruolutandi et exercitationis causa laudandi, interpretandi, corrigendi, uituperandi, refellendi* [293]. Também Quintiliano dedica uma parte bastante considerável do livro X das *Instituições oratórias* aos poetas necessários para a formação do orador[294].

[293] Cic., *de Orat*. 1. 158.

[294] Cf. Quint., *Inst.* 10. 1. 44-45: "Por ora importa que eu trate brevemente o que e por qual leitura, possam se dedicar aqueles que buscam reforçar sua eloquência. 45. Tenho a intenção de escolher os poucos que são, com efeito, os mais notáveis. Entretanto, é fácil aos que estudam julgarem quais autores lhes são mais semelhantes a fim de que ninguém questione se omito alguns que talvez lhes sejam de grande estima. Sem dúvida, confesso que muitos outros autores devem ser lidos mais do que aqueles que serão relacionados por mim. Mas que eu continue agora a ponderar sobre estes mesmos gêneros de leitura, os quais convém, particularmente, aos que têm a intenção de tornarem-se oradores", *interim summatim quid et a qua lectione petere possint qui confirmare facultatem dicendi uolent attingam. Paucos (sunt enim eminentissimi) excerpere in animo est: facile est autem studiosis qui sint his simillimi iudicare, ne quisquam queratur omissos forte aliquos [quos] ipse ualde probet; fateor enim pluris legendos esse quam qui nominabuntur. Sed nunc genera ipsa lectionum, quae praecipue conuenire intendentibus ut oratores fiant existimem, persequor*.

Com efeito, o poeta, na tradição retórica – pela qual também foi forjado, desde pelo menos o período helenístico –, sempre foi alçado ao estatuto de autoridade do discurso. Pelo menos no que se refere ao excurso *De ridiculis*, o que acabamos de dizer pode ser indicado nos exemplos tomados à sátira e à poesia dramática[295]; além disso, os critérios, expressos sobretudo no léxico, que parecem julgar as virtudes humorísticas de oradores são, em geral, os mesmos dos poetas. Com efeito, palavras latinas como *sal*, *salsus*, *urbanitas*, *urbanus*, *facetiae*, *facetus*, *lepor*, *dicacitas*, *dicax*, *uenustus*, etc que aparecem frequentemente no excurso ora para referir ora para caracterizar tudo que for engraçado, mas sobretudo refinado, elegante, engenhoso e vivaz, são comuns também a poetas contemporâneos a Cícero e posteriores, do período de Augusto principalmente, cuja aferição traz consigo um sentido muito mais técnico, servindo para descrever ideais poéticos provenientes dos poetas-bibliotecários de Alexandria, a quem os romanos buscaram, diligentemente, dar uma resposta à altura, em latim.

Na falta de um termo preciso em vernáculo, todas poderiam muito bem ser resumidas na expressão inglesa *wit*, que faz alusão à vivacidade elegante e engenhosa, característica – e, fundamentalmente, distintiva – do homem culto. Mais ou menos como o convite que Catulo dirige a seu amigo, Fabulo:

Cenabis bene, mi Fabulle, apud me
paucis, si tibi di fauent, diebus,
si tecum attuleris bonam atque magnam
cenam, non sine candida puella
et uino et sale et omnibus cachinnis.
haec si, inquam, attuleris, uenuste noster,
cenabis bene: nam tui Catulli
plenus sacculus est aranearum.
sed contra accipies meros amores
seu quid suauius elegantiusue est:
nam unguentum dabo, quod meae puellae
donarunt Veneres Cupidinesque;

[295] Cf. Cic., *de Orat.* 2. 242; 253; 255; 259; 279; 285.

quod tu cum olfacies, deos rogabis,
totum ut te faciant, Fabulle, nasum.

Jantarás bem, Fabulo, em minha casa,
muito em breve se os deuses te ajudarem,
se contigo levares farto e bom
jantar, e não sem fina artista, vinho,
graça e as risadas todas. Isso tudo,
se levares, encanto meu, garanto,
jantarás bem, pois teu Catulo tem
o bolso cheio de teias de aranha.
Em troca aceitarás meros amores
e o que há de mais suave ou elegante,
pois um perfume te darei que à minha
garota Vênus e os Cupidos deram,
que ao sentires aos deuses vais pedir
te façam, Fabulo, todo nariz [296].

O poema acima não se coaduna com aquelas mesmas qualidades do gracejo oratório apresentadas por César Estrabão? A graça dos versos de Catulo reside justamente na surpresa, na quebra de expectativa sucessivas: Fabulo é convidado, mas é ele quem deve pagar todas as despesas do lauto jantar; é ele também objeto de leve motejo, quando é fantasticamente reduzido a nariz, na inesperada caricatura do verso final. Mesmo assim, a despeito da peça que lhe prega o poeta, a despeito do gracejo, o humor, aqui, só é índice da amizade segura entre as personagens. É ela que, de fato, possibilita a liberdade necessária para brincar: "jogo" entre pares, como vimos no começo desse capítulo em relação a Calvo. O gracejo de Catulo, bem como a *amicitia* inerente, nesse ponto, é comparável à mordida sutil de Cévola ou à censura bem humorada que Crasso dirige a Sulpício, no decorrer do diálogo de Cícero.

Ao mesmo tempo, os índices de refinamento e urbanidade já se evidenciam no plano léxico com o emprego daquelas mesmas expressões a que nos referimos: *sal*, no quinto verso, remete à conversa espirituosa, vivaz – mas também ao vitupério, como vimos em Marcial;

[296] Cat., *Carm.* 13. Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 77).

uenustus, no sexto, circunscreve o caráter elegante e afável de Fabulo; além disso, os dois advérbios *suauius elegantiusue*, coordenados, preparam o leitor para o que há de vir: o perfume, traço que, a um só tempo, demarca a raridade do presente e, como espécie de amálgama, o grau de sofisticação da composição. Vejamos outro exemplo do poeta:

Hesterno, Licini, die otiosi
multum lusimus in tuis tabellis,
ut conuenerat esse delicatos:
scribens uersiculos uterque nostrum
ludebat numero modo hoc modo illoc,
reddens mutua per iocum atque uinum.
atque illinc abii tuo lepore
incensus, Licini, facetiisque,
ut nec me miserum cibus iuuaret,
nec somnus tegeret quiete ocellos,
sed toto, indomitus furore, lecto
uersarer cupiens uidere lucem,
ut tecum loquerer, simulque ut essem.
at defessa labore membra postquam
semimortua lectulo iacebant,
hoc, iucunde, tibi poema feci,
ex quo perspiceres meum dolorem.
nunc audax caue sis, precesque nostras,
oramus, caue despuas, ocelle,
ne poenas Nemesis reposcat a te.
est uemens dea: laedere hanc caueto.

No ócio de ontem, Licínio, muitas lides
mantivemos em verso em meus cadernos
quando o trato era sermos delicados.
Cada um de nós versos escrevendo,
breves, lidava num e noutro metro
em troca mútua em meio a riso e vinho.
De lá parti, Licínio, tão aceso
por tua graça e teus encantamentos,
que ai de mim, nem a ceia me aprazia
nem meus olhos cobria a paz do sono,
mas indômito em fúria no meu leito
eu me virava ansiando ver o dia,
falar contigo, estar contíguo a ti.
Porém, os membros lassos do trabalho,
depois de semimortos repousar,
a ti, meu caro, eu fiz este poema
e nele poderás ler minha dor.
Mas cuida bem, não sê ousado, minhas
preces, querido, peço, não desprezes,

por que não te prescreva penas Nêmesis. 20
É austera a deusa, e cuida não feri-la [297].

O poema é uma cena. As circunstâncias imaginadas nele são análogas àquelas do "cenário" do diálogo ciceroniano: lugar ameno, boa mesa, bom vinho, boa companhia. Ainda que o ponto de interação entre as personagens seja sem dúvida diferente – pois, no poema, "as regras do jogo" giram em torno da poesia, do poetar; e, no diálogo, é a imagem do orador ideal que ocupa a mente dos presentes –, há a referência, lá e cá, ao ócio e aos momentos de prazer de que gozam as personagens: nesse sentido, o *otium* entendido como momento de descanso e reflexão é presente tanto no diálogo de Cícero como no poema de Catulo.

Além disso, os versos de Catulo evidenciam de maneira mais explícita que a suposta lide entre o eu lírico e Licínio remete, de um lado, no plano da composição, ao paradigma alexandrino; de outro, ao teor provavelmente cômico e derrisório dos poemas que compuseram juntos, como parece demonstrar a presença de *lepor* e *facetiae* no sétimo e oitavo versos, aproximando-se do sentido que Cícero lhes atribui no decorrer do excurso sobre o riso, ou seja, de ditos que congreguem não só o ingrediente risível, mas sobretudo outras qualidades, como graça, elegância e espirituosidade. Outro aspecto que os aproxima é a noção de mediania, que, no poema, possui menos um sentido moral que de decoro poético, metaforizado tanto pelo conselho a Licínio, no décimo oitavo verso, de que não seja ousado – repare-se, em latim, o uso do imperativo: "não sê insolente", *audax caue sis* –, como pela presença de Nêmesis, no último verso, personificando a justiça, entendida não juridicamente, mas, sim, como faculdade da razão que "julga" o meio-termo: no caso, a imagem do decoro.

É curioso observar, a despeito de suas diferenças com os *poetae noui* [298], que Cícero parece coincidir em não poucos pontos com Catulo:

[297] Cf. Cat. *Carm.* 50. Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 100).

vimos que as expressões usadas pelo arpinate para avaliar, positiva ou negativamente, os dotes humorísticos dos oradores são as mesmas que demarcam, em poesia, os valores propugnados pela poesia catuliana, de lavra alexandrina; e, além disso, essas mesmas palavras, *lepor*, *uenustus*, *facetus*, etc também elas poderiam muito bem ser entendidas, em ambos os autores, como balizas do riso poético e oratório. No limite, essas expressões constituiriam-se, tanto em Cícero quanto em Catulo, critérios para se aferir o riso (ou seja, o bom riso, do mau riso; o bom gosto, do mau gosto).

No caso da poesia, vale dizer, isso nada teria que ver com obscenidade, já que ela, diferentemente da ideia moderna de transgressão e do que propiciaria para a *persona* oratória, teria um espaço legítimo de fruição poética; e a elocução torpe, a ela inerente, não rebaixaria sua qualidade em termos compositivos, como é evidente pelos abundantes exemplos supérstites em grego e em latim; destaquem-se aqui o próprio Catulo, Horácio, Marcial e o autor (ou autores) da *Priapeia*, por exemplo. Nesse caso, as farpas que Catulo lança contra Cícero no poema 49 seriam antes índice de mediania, de prudência e temperança – de decoro mesmo! – talvez no estilo mais ciceroniano, condimentado com suas "salinas", pois, pela comparação, Catulo somente põe cada coisa em seu devido lugar: a contraposição entre "péssimo", *pessimus*, – que se relaciona retroativamente ao poema 36 ("*Anais* de Volúsio, ó papéis cagados!") – e "melhor", *optimus*, só situa o espaço em que cada um, poeta e orador, é o melhor em seu gênero e, por extensão, o domínio em que, eticamente, se pode ser o "pior" e o melhor:

> Disertissime Romuli nepotum,
> quot sunt quotque fuere, Marce Tulli,
> quotque post aliis erunt in annis,
> gratias tibi maximas Catullus
> agit pessimus omnium poeta, 5

[298] Faz-se menção aqui a certo desprezo com que, mais de uma vez, Cícero se referiu aos poetas do grupo de Catulo. Cf. Cic.,*Orat.* 6. 1; *Tusc.* 3. 45.

tanto pessimus omnium poeta,
quanto tu optimus omnium patronus.

Ó tu mais loquaz dos filhos de Rômulo,
de quantos são e quantos foram, Cícero,
e de quantos hão de ser no futuro;
um muito obrigado te diz Catulo –
o pior dentre todos os poetas –
tanto pior de todos os poetas
quanto tu o melhor dos defensores [299].

Logo no início do excurso, em §218, César Estrabão apresenta uma primeira divisão dos "tipos de gracejos", *genera facetiarum* [300]. O primeiro tipo, de um "júbilo contínuo", *perpetua festiuitas*, é por ele denominado *cauillatio*, "jocosidade", e afere a narrativa bem humorada propriamente dita, o bom humor que se mescla ao *sermo* como um todo, em que o orador, mediante vários expedientes discursivos desvela um episódio de caráter cômico, incorporando à narrativa outros aspectos que potencializem os caracteres evidenciados pelas ações narradas, como as "mentirinhas", *mendaciunculi*[301]. Esses expedientes discursivos aliás, podem ser de caráter visualizante (ecfrásticos e ligados à *actio*) – "pois a natureza forja e cria os homens como imitadores e narradores graciosos com a ajuda do rosto, da voz e do próprio tipo de fala", *natura enim fingit homines et creat imitatores et narratores facetos adiuuante et uoltu et uoce et ipso genere sermonis* [302]. O segundo tipo, a que Estrabão

[299] Cf. Cat., *Carm.* 49. Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 100).
[300] Alhures, Cícero propõe outra divisão dos "condimentos", *sales*. No geral, muitíssimo semelhante à do excurso. Cf. *Orat.* 87: "Por este tipo de discurso serão espalhados também os "condimentos", que têm enorme valor no discursar. Dois são os seus tipos: um, o dos gracejos, o outro, o da mordacidade. Faremos uso de ambos, mas do primeiro ao fazer uma narração graciosa, do segundo ao lançar e provocar o ridículo, cujos tipos são muitos", *huic generi orationis aspergentur etiam sales qui in dicendo nimium quantum ualent. Quorum duo genera sunt, unum facetiarum alterum dicacitatis. Utetur utroque; sed altero in narrando aliquid uenuste altero in iaciundo mittendoque ridiculo, cuius genera plura sunt*.
[301] Cf. Cic., *de Orat*. 2. 241.
[302] Cf. Cic., *de Orat.* 2. 219. Observe-se, aqui, que a ideia da imitação como faculdade inata do homem pode repercutir também proposições aristotélicas (cf. *Po.* 1448b, 13): "Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem

chama *dicacitas*, "mordacidade", subjaz no dito breve e gracioso, *facete dictum*, lançado, ou que pareça sê-lo, no calor do momento, "antes que pareça ter tido tempo para pensar", *quam cogitari potuisse uideatur* [303].

Mais adiante, de §239 a §248, César "substitui" a divisão inicial dos *genera*: no lugar de *cauillatio* e *dicacitas*, propõe gracejos que respectivamente dependem da matéria, *res*, ou do dito, *dictum*. À matéria se somam outras duas divisões: o riso a partir de uma narração bem humorada e picante, *salsa*, ou a partir de uma "imitação distorcida", *deprauata imitatio*; quanto aos ditos, podiam tanto emanarem da matéria ou simplesmente das palavras. É possível supor que não se trate exatamente de uma "substituição", mas, sim, de um maior desvelamento e detalhamento da classificação inicial. Essa "repetição com variação" já parece ser, em certo sentido, deduzida na divisão de §218.

As fontes de ditos arrolados por Estrabão, sem falar dos exemplos, que abundam, associados, como vimos, à matéria ou à palavra, podem fazer referência a tratados gregos sobre figuras e tropos – o que pode ser suposto a partir das alusões à alegoria, metáfora e ironia em §261 [304] – mas também, em função da resposta rápida, que é essencial aos motejos, bem como à circunstância dialógica a que remete, os ditos podem estabelecer certa convizinhança com o epigrama.

Certas características do epigrama, como a agudeza e engenho, consequências da necessária brevidade – de início, pragmática, a fim de figurar no espaço exíguo proporcionado pela pedra tumular ou o ex-voto –, além do caráter amiúde risível e invectivo, parecem reverberar em diversos exemplos ao longo do excurso dobre o riso. Com efeito, a

---

no imitado", Ἐοίκασι δὲ γεννῆσαι μὲν ὅλως τὴν ποιητικὴν αἰτίαι δύο τινὲς καὶ αὗται φυσικαὶ. Τό τε γὰρ μιμεῖσθαι σύμφυτον τοῖς ἀνθρώποις ἐκ παίδων ἐστι καὶ τούτῳ διαφέρουσι τῶν ἄλλων ζῴων ὅτι μιμητικώτατόν ἐστι καὶ τὰς μαθήσεις ποιεῖται διὰ μιμήσεως τὰς πρώτας, καὶ τὸ χαίρειν τοῖς μιμήμασι πάντας. Tradução de Eudoro de Souza (1973: 445).

[303] *Idem*, *Ibidem,* 2. 219.

[304] Cf. Rabbie (2007: 214); Fantham (2004: 187).

resposta de Crasso: “Não é para menos, você acaba de sair dos banhos”, *minime mirum, inquit, modo enim existi de balneis*, quando Bruto dizia que suava sem motivo, não somente é breve, e engenhoso vitupério, pois que associa os banhos à prodigalidade do adversário, mas sobretudo, com tudo isso, é quase um epigrama que, por notação, dá a conhecer a partir de uma mera característica física o vício do indivíduo; o procedimento, com as devidas proporções, é análogo à feiúra apontada em Taís, e à “cegueira” de Quinto:

> ‘Thaida Quintus amat’. Quam Thaida? ‘Thaida luscam’.
> Unum oculum Thais non habet, ille duos.
>
> “Quinto adora Taís”. “Taís? Taís caolha?”
> A Taís falta um olho; a ele, os dois [305].

É claro que, em §246, Estrabão desaconselha o gracejo que, buscando a mordacidade, cai no bufonesco; e o exemplo que nos oferece é justamente sobre um caolho: “Vou jantar em sua casa, pois vejo que há lugar para um”, *cenabo [...] apud te [...] uni enim locum esse uideo*. A personagem julga que o dito cai na bufonaria porque não há motivo para o ataque e, por convir a todos os caolhos, soa afetado. Talvez o engenho de Marcial acima não resida na simples notação da falta de um olho em Taís, de repisar caminho já tantas vezes repisado, mas, sim, no que recai sobre Quinto: Taís é caolha, com efeito, mas a cegueira moral não é da mulher, mas do homem, o vitupério enfim é contra o amante. Seja como for, é bastante perceptível, no epigrama, o esquema *pergunta-resposta*, ingrediente dialógico que paira também sobre o *dictum* ciceroniano, réplica, cuja eficácia, como já vimos, está na resposta a uma provocação: mais efetivo, na diatribe forense, para refutar o oponente. Ainda que o ridículo explícito seja muito presente na epigramática – e também o próprio vitupério, amiúde virulento, como na

[305] Mart., *Epig.* 3. 8. Tradução nossa.

sátira e no epodo –, há também espaço para o gracejo sério, em que o *iocus* almeje o honesto, em tradução bastante livre, temos:

> Cum tua non edas, carpis mea carmina, Laeli.
> Carpere uel noli nostra uel ede tua.
>
> Por que não vais mostrar os teus poemas?
> Sem trégua me desancas!
> Que queres, Lélio? Dá-me os epigramas...
> Ou trégua às minhas ancas! [306]

Há o interlocutor. Há a simulação de cena que beira o diálogo. E o epigrama é a resposta do poeta àquele que, buscando ser engenhoso em livro alheio, faz crítica de poesia sem, ele mesmo, deixar-se ser julgado, sem colocar seus versos na berlinda. O poema tem fim inesperado e, como o riso oratório, busca ser elegante também; tem graça, mas é sério, pois põe em cena as circunstâncias de circulação da obra literária, trata, enfim, de recepção de poesia. Por outro lado, não chega a constituir um ataque: a crítica é disfarçada em gracioso conselho. A seriedade aqui é mais ou menos semelhante ao preceito de Estrabão em §248 e §249 acerca dos ditos – para ele, os que mais deleitam são os que, simultaneamente, provocam o riso pela palavra e pelo assunto. Para que o gracejo fuja à vulgaridade e paire decorosamente sobre a conversação de homens cultos, é mister que o orador sempre busque "o sério e o ilustre", *praeclarum et graue*, pois "quaisquer que seja os tópicos que eu aborde de onde se pode extrair o ridículo, de quase todos eles é possível extrair pensamentos austeros", *quoscumque locos attingam unde ridicula ducantur, ex isdem locis fere etiam grauis sententias posse duci*. Eis o exemplo de Estrabão (§249):

[306] Mart., *Epig.* 1. 91. Tradução nossa.

> Quod Sp. Caruilio grauiter claudicanti ex uolnere ob rem publicam accepto et ob eam causam uerecundanti in publicum prodire mater dixit: 'quin prodis mi Spuri? Quotienscumque gradum facies, totiens tibi tuarum uirtutum ueniat in mentem!' praeclarum et graue est.
>
> O que a mãe de Espúrio Carvílio disse a ele, que mancava fortemente devido a um ferimento sofrido em combate pela República e que, por isso, envergonhava-se de aparecer em público: "Por que não sai, Espúrio querido? A cada passo que der, devem lhe ocorrer suas virtudes", é ilustre e sério.

Ao "ilustre e sério" convém o riso oratório, que muitas vezes reside, como César aponta em §253, nas "ambiguidades", *ambigua*; no entanto, ainda que, segundo a personagem, não tanto "provocam muito o riso com frequência: são antes elogiadas como belos e refinados motejos", *non saepe magnum risum mouent; magis ut belle ut litterate dicta laudantur*, o exemplo que nos apresenta parece demonstrar justamente o contrário, pois se pode vislumbrar torpeza, em chave sexual inclusive: "E então, Décio, que tal uma rabada à prenestina? Disse", *quid Decius? Nuculam an confixum uis facere? Inquit* – não por coincidência tomado à sátira de Lucílio. O termo *nucula*, literalmente o diminutivo de *nux*, "noz", é ambíguo, pois pode ser metáfora para o ânus. Em Marcial, parece-nos, há procedimento análogo em *Apoph*. 14. 19 (18):

> Nuces
>
> Alea parua nuces et non damnosa uidetur;
> saepe tamen pueris abstulit illa natis.
>
> Nozes
>
> Jogo inocente as nozes, sem dano, parece.

Mas de muitos guris valeu o rabo [307].

Outros exemplos de ambiguidade são arrolados por Estrabão: “senhor Célebre, senhor Célere”, *nobiliorem mobiliorem*; ou “vamos deambular?, e o outro respondeu: “pra que o “de”?” Ele retrucou: “na verdade, pra que o “ce”?”, *eamus deambulatum et ille quid opus fuit de? Immo vero inquit quid opus fuit te?.* Além disso, também há paronomásias, também muito similares a elementos compositivos epigramáticos, justamente pela graça, brevíssima, que reside numa palavra:

> Lepores
>
> Inter aues turdus, si quid me iudice certum est,
> inter quadripedes mattea prima lepus.
>
> Lebres
>
> Com asas – se ajuízo bem – o tordo é nobre;
> Com patas, o melhor manjar é a lebre [308].

A agudeza do epigrama se apoia justamente na aproximação fônica entre *lepus* e *lepor*: “lebre” e “encanto”, respectivamente – observe-se que, no genitivo, a aproximação é maior ainda, diferenciando-se as palavras somente pela quantidade vocálica do -o (*lepor*, *lepōris*; *lepus*, *lepŏris*). Por isso, é a lebre iguaria, em tudo que tem de sofisticado, raro, válido somente aos paladares mais delicados. Não é exatamente engraçado o epigrama, mas sutil e refinado, aí tem graça. Já vimos que vários epigramas, como o 3. 8 de Marcial, simulam entre poeta e interlocutor espécie de diálogo, já que estruturados no esquema *pergunta-resposta*, e a surpresa e a graça residem no caráter

[307] Tradução nossa.
[308] Mart., *Xen.* 92. Tradução nossa.

supostamente impremeditado da resposta final. Cícero parece aludir a estratégia semelhante em §275:

> Valde haec ridentur et hercule omnia quae a prudentibus [quase] per dissimulationem [non intellegendi] subabsurde salseque dicuntur. Ex quo genere ext etiam non uideri intellegere quod intelegas, ut Pontidius: 'qualem existimas qui in adulterio deprenditur?' – 'tardum!'.
>
> Ri-se muito disso e, por Hércules, tudo que os prudentes dizem, por dissimulação, de maneira totalmente absurda e espirituosa. Como Pontídio, por exemplo: "Como você julga aquele que é flagrado em adultério?" – "Lento!"

O sabor da resposta de Pontídio não é assim tão diversa da do epigrama de Marcial abaixo, pois que simulam não somente o espaço público e a dimensão dialógica, mas sobretudo a conclusão abrupta – e espirituosa – numa única palavra. Além disso, é de notar que ambos versam, de uma maneira ou de outra, a respeito das mazelas do casamento:

> Petit Gemellus nuptias Maronillae
> et cupit et instat et precatur et donat.
> Adeone pulchra est? Immo foedius nil est.
> Quid ergo in illa petitur et placet? Tussit.
>
> Pediu Gemelo a mão de Maronila.
> E exige e insiste e roga e mima a moça.
> "Ela é tão bela?" Qual! Feia demais!
> "O que tem? O que agrada, então?" A tosse [309]!

O *risum mouere*, por seu caráter supostamente espontâneo que deve ter na oratória, constitui em Cícero um critério não menor para aferir o bom orador, mas, ainda, e sobretudo, a sagacidade, a agudeza,

[309] Mart. *Epig.* 1. 10. Tradução nossa.

a erudição, o que se configura, ao mesmo tempo, espécie de prova à sua prudência e temperança. Isso tudo, conjuntamente, serve para legitimar – *ou não* – a autoridade no discursar. A semelhança com a noção aristotélica do ridículo, associada à torpeza e deformidade – mesmo que por via posterior, por fonte peripatética, por exemplo – enfatiza, em dimensão retórica, a potencialidade do riso em clave epidítica, uma vez que permite ao orador, seja mediante o dito, seja, principalmente, mediante narração engraçada, a constituição de "retratos" que, pelas ações, põem em evidência a torpeza das personagens, sem necessariamente que o orador as aponte, deixando para a audiência a dedução dos vícios, a partir da narrativa pura e simples, como é o caso dos ataques de Crasso contra a prodigalidade de Bruto (§222 a §227).

Além disso, os termos empregados por Cícero, tanto para determinar o "território" do risível na oratória, quanto para avaliar suas qualidades, aproximam-se daqueles mesmos valores de refinamento e urbanidade da poesia alexandrina, cujo maior baluarte em Roma, à época do arpinate, fora sem dúvida Catulo e seu círculo neotérico; sem falar da poesia epigramática, cuja ressonância não pode ser desprezada nos *dicta* arrolados por Cícero, uma vez que exploram, como faria um verdadeiro epigramatista, a engenhosidade advinda da brevidade, amiúde extrema, dos motejos.

Com tudo isso, pode-se dizer que oradores e poetas compartilhavam, e talvez o *De ridiculis* ciceroniano seja exemplo bastante notório, os mesmos modelos culturais, os mesmos paradigmas de refinamento e decoro. Ora, os limites que reclamam os poetas podem ser, com efeito, mais largos e mais variados sem dúvida que os dos oradores quanto ao humor; no entanto, a faculdade própria do juízo que os avalia, que julga sua eficácia é a mesma. Se os poetas se constituíam modelos de eloquência para a tradição retórica, como se percebe pelo uso abundante de que fizeram deles a tratadística antiga, isso só faz

entrever que a relação entre poesia e retórica fora muito mais estreita do que possa parecer em princípio.

A classificação ciceroniana é sensível à diferença entre as espécies do risível: o gracejo engraçado está para o ridículo aristotélico, assim como a mordacidade, para o ψόγος, o vitupério. Distinção análoga é perceptível nos epigramas de Marcial que apresentamos ao longo do presente capítulo. Esperamos que os copiosos exemplos que arrolamos – se não estorvaram o leitor – tenham cumprido a contento o objetivo precípuo dessas páginas: demonstrar, a partir do verdadeiro glossário marciálico, a consciência do poeta em relação aos diferentes tipos de humor, e que, em função do decoro que exige as circunstâncias muito específicas das Saturnais, que constituem o verdadeiro princípio de unidade de *Xênia* e *Apoforeta*, o poeta abdica, melhor ainda, rejeita o viés vituperioso do riso, aspecto operante em parte bastante representativa de suas composições.

IV. O banquete marciálico ou o Pantagruel epigramático

"Quinque satis fuerant: iam sex septemue libelli
est nimium: quid adhuc ludere, Musa, iuuat?
Sit pudor et finis: iam plus nihil addere nobis
fama potest: teritur noster ubique liber;
et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt
altaque cum Licini marmora puluis erunt,
me tamen ora legent et secum plurimus hospes
ad patrias sedes carmina nostra feret."
Finieram, cum sic respondit nona sororum,
cui coma et unguento sordida uestis erat:
"tune potes dulcis, ingrate, relinquere nugas?
Dic mihi, quid melius desidiosus ages?
An iuuat ad tragicos soccum transferre cothurnos
aspera uel paribus bella tonare modis,
praelegat ut tumidus rauca te uoce magister
oderit et grandis uirgo bonusque puer?
Scribant ista graues nimium nimiumque seueri,
quos media miseros nocte lucerna uidet.
At tu romano lepidos sale tinge libellos:
agnoscat mores uita legatque suos.
Angusta cantare licet uidearis auena,
dum tua multorum uincat auena tubas".

"Cinco são o bastante! Seis ou sete livros
são demais! Por que, Musa, ainda brincas?
Tem pudor! Nada mais me pode dar a fama,
meu livro anda nas mãos de toda a gente:
quando as pedras jazerem rotas de Messala,
e em pó os altos mármores de Lícino,
as bocas me lerão ainda, e o viajante
consigo meus poemas levará",
dissera. Retorquiu-me a nona das irmãs –
veste e coma fragrâncias exalavam! –:
"como podes, cruel, desprezar doces nugas?
Diz-me: farás melhor, estando no ócio?
Agrada a ti trocar tamancos por coturnos?
Em páreos ritmos guerras toar ásperas,
p'ra ser lidas na rouca voz de um mestre túmido?
Menino e moça belos te odiando?
Versos assim escrevam os graves, severos,
que tristes a candeia fita à noite.
Tempera com romano sal gráceis livrinhos:
a vida os leia e veja a si nos hábitos.
É lícito cantar na avena humilde, desde
que tua avena vença as muitas tubas[310]".

O poema acima teatraliza um diálogo entre a *persona* de Marcial e uma das Musas, a "nona das irmãs" (*nona sororum*)[311], a censurar o

[310] Mart., *Epig.* 8. 3. Tradução nossa.
[311] Embora geralmente se tratasse de Urânia, parece que o epigrama, principalmente em função dos atributos da deusa, alude à Tália, a musa da comédia.

poeta epigramático que, interpelando a deusa, manifesta intenção de abandonar a composição das "doces nugas" (*dulces nugae*), dada a fama já alcançada por seus livrinhos de epigramas. Se, de um lado, o poema emula *tópos* conhecido da tradição elegíaca romana, misto de recusa aos gêneros elevados e elogio da própria obra[312], e faz reverberar ainda versos de Horácio, em espécie de *exigi monumentum* epigramático [313] – não se pode negar que Marcial já é autor de *opus* considerável a qualquer poeta da Antiguidade! –, de outro lado, o epigrama, pois que programático, faz alusão, mediante o emprego de um conjunto de termos cuja tecnicidade já é bastante conhecida em latim, a certo domínio da composição de poesia que não pode ser outra coisa senão simpótico, erótico e, sobretudo, jocoso, que, para o poeta, nada é senão o espaço de invenção próprio do gênero do epigrama.

Ora, em que pese o fato de o poeta de Bílbilis se referir, nos primeiros versos, aos livros anteriores de sua imensa coleção de epigramas, o plectro dominante de seus livros, deve-se notar, faz-se já presente em *Xênia* e *Apoforeta*. Com efeito, viu-se, no capítulo anterior, sobretudo nos epigramas prefaciais dos libelos em questão, a presença constante de elementos que apontam o caráter festivo da obra de Marcial, independentemente da feição iâmbica de boa parte dos epigramas do poeta. Nesse sentido, é necessário que discordemos aqui do juízo de alguns autores que, motivados pelo caráter supostamente pragmático das coleções de dísticos ou pelo tom conscientemente anódino dos versos – causa do decoro! – ou mesmo por razões de ordem anacrônica, consideram *Xênia* e *Apoforeta* trabalhos menores, do ponto de vista qualitativo, em relação ao conjunto da obra do poeta, já que elegem como critério de aferição dos poemas seu viés injurioso e o teor de suposta "crítica social" que possa, porventura, haver nos poemas, sem levar em consideração, contudo, que o projeto epigramático de Marcial, se se pode dizer assim, é espécie de resposta ao que,

[312] Cf. Ov., *Am.* 3. 1.
[313] Cf. Hor., *Od.* 3. 30.

retroativamente, se produziu em latim e à longa tradição epigramática helenística [314].

Neste capítulo final, em certo sentido dando continuidade ao que foi discutido no anterior, tentaremos demonstrar que as duas coleções de dísticos compostas por Marcial antes de se constituírem, como dissemos acima, trabalhos menores podem ser compreendidas como espécie de *leitmotiv* da obra marciálica, pois que dão o tom de parcela representativa dos epigramas do poeta, em particular dos livros IV, V, VII, X e XI, de cujos poemas tomaremos diversos exemplos ao longo das próximas páginas; e também porque instituem conscientemente as Saturnais, do mesmo modo que a poesia jocosa e invectiva, como possibilidade legítima da composição epigramática. Ou seja, Marcial legitima, com *Xênia* e *Apoforeta*, a festa de Saturno como circunstância necessária e decorosa para produção e circulação de epigramas, como que a constituir espécie de subgênero epigramático, inserindo o gênero em uma vasta gama de produções, poéticas ou tratadísticas, direcionadas à festividade romana ou a momentos de alegre ócio.

[314] O tipo de crítica baseada em anacronismos a que nos referimos é presente, por exemplo, na introdução da edição portuguesa dos *Epigramas* de Marcial (2000: 11), publicada pela Edições 70: "Marcial vai aperfeiçoando a sua pena, apurando o estilo, mas não deu ainda licença à sua verdadeira Musa para que se revelasse. E é no Livro I, publicado muito pouco tempo depois da recolha dos *Xenia* e dos *Apophoreta*, que se dá a grande explosão do seu génio e da sua força poética. Cáustico para com a miséria e a mesquinhez da gente que conhece, insofrido perante a injustiça que muitos suportam para que uns poucos singrem, cada vez mais amargo à medida que os anos passam e não vê nenhum fulgor a contrariar a baixeza dos homens, Marcial publica sucessivamente os seus livros de epigramas, doze ao todo, obra mestra de alguém que, melhor que qualquer outro, nos deixou o retrato do século I, nessa Roma *caput mundi*, mas dominada pelo desregramento e o vício".

Catulo foi verdadeiramente o grande modelo latino de Marcial, a ponto de o certame entre os dois ter se constituído objeto de disputa nos meios humanistas do Renascimento: para muitos, o veronense levara a melhor [315]. Talvez porque ainda estivessem influenciados pela novidade; não fazia muito tempo Catulo fora redescoberto [316], ao passo que Marcial não conhecera o oblívio, não padecera da sorte de diversos companheiros de ofício cujos nomes e títulos de obra foram amiúde o único testemunho de que um dia pisaram sobre a terra – aspecto que, sem dúvida, não passou despercebido dos antigos [317]. Ao contrário de Catulo, Marcial foi razoavelmente bem lido durante toda a Idade Média e o Renascimento, como atestam florilégios de epigramas de Marcial que pululavam de um lado a outro da Europa [318].

Mais discreta, porém, é a presença de Ovídio nos epigramas, mas nem por isso sua ressonância foi menos fundamental. Ainda que os intertextos ovidianos em Marcial sejam mais parcos e relacionados principalmente à parcela elegíaca do *opus* do sulmonense, sobretudo os *Amores* – como é o caso do epigrama que serve de epígrafe a nosso

---

[315] Cf. Swann (1994: 83).

[316] Os primeiros códices de Catulo datam mais ou menos do século XIV. Seus poemas teriam sido encontrados por um veronês de nome Francesco. É o que nos atesta um epigrama que acompanha um dos mais antigos códices de Catulo: "Versos de Benvenuto Campesani de Vicenza sobre a ressurreição de Catulo, poeta de Verona. À pátria torno de um exílio em longes terras;/ voltei por causa de um compatriota,/ a quem de fato a França o nome dá dos cálamos/ e que a via em que a turba vai vigia./ Com zelo igual, sim, celebrai vosso Catulo,/ cujos papiros sob tonéis jaziam", *Versus domini Beneuenuti de Campexanis de Vincencia de resurrectione Catuli poete Venenensis. Ad patriam uenio longis a finibus exul;/ causa mei reditus compatriota fuit/ scilicet a calamis tribuit cui Francia nomen/ quique notat turbae praetereuntis iter/ quo licet ingenio uestrum celebrate Catullum,/ cuius sub modio clausa papirus erat.* Tradução de João Angelo Oliva Neto (1996: 66).

[317] Segundo nos recorda Simônides (*AP*, 9. 24), em dicção epigramática: "Como os astros e os cornos sagrados da Lua/ que, em seu curso, ofuscou o sol ardente,/ Vates sem conta às sombras Homero votou,/ munido do fulgor das Musas vivo", Ἄστρα μὲν ἠμαύρωσε καὶ ἱερὰ κύκλα σελήνης/ ἄξονα δινήσας ἔμπυρος ἠέλιος·/ ὑμνοπόλους δ' ἀγεληδὸν ἀπημάλδυνεν Ὅμηρος/ λαμπρότατον Μουσῶν φέγγος ἀνασχόμενος. Tradução nossa.

[318] Cf. Ullman (1932: 25).

capítulo, ou as referências à Corina –, mas também as *Tristia* e as *Pônticas* [319], o poeta compartilha com Ovídio o mesmo vigor em explorar as possibilidades do gênero que pratica: assim como aquele na elegia, Marcial busca ampliar as fronteiras do gênero do epigrama. Não é à toa que ambos os poetas emularam em versos uma tratadística ligeira de ampla circulação entre seus contemporâneos, talvez seja nesta chave que possamos interpretar tanto a poesia erotodidática de Ovídio – em sintonia com os manuais eróticos, por exemplo, os atribuídos à Filênis [320] –, como os poemas saturnalícios de nosso epigramatista, reunidos em *Xênia* e *Apoforeta*, que buscavam inserir-se em uma produção ligeira cuja circunstância adequada de fruição eram as Saturnais. Não quero dizer com isso que Marcial se tenha imbuído de Ovídio nos poemas de feição saturnina porque incorpora uma propedêutica paródica análoga. Mas simplesmente que Ovídio é o poeta precedente, o primeiro que, pelo menos entre os latinos, levou às últimas consequências a composição de uma tratadística ligeira em verso – lúdica e parte do jogo amoroso –, tomando sem dúvida como modelo seus congêneres em prosa, populares entre gregos e romanos, haja vista o grande espaço que de sua obra elegíaca dedica à

[319] Cf. Cesila (2008: 122). O epigrama que abre o livro I, por exemplo, parece emular Ovídio (*Trist. 4. 10. 1-2*)*:* "Já que, como sabes, fui aquele que lês: o cantor dos tenros amores. Aceita, posteridade, estes versos", *ille ego que fuerim, tenerorum lusor amorum,/ quem legis, ut noris, accipe posteritas.* Tradução nossa.

[320] Cf. Ath., *Deip.* 8, 335b-e: "Sob muitos aspectos, admiro, meus caros amigos, Crisipo, o líder dos estoicos. Recomendo, porém, Arquéstrato, célebre pelo tratado *Dos prazeres da cozinha*, referido amiúde com Filênis, a que se atribui aquele tratado licencioso, *Dos prazeres amorosos*, ainda que o iambógrafo Éscrion de Samos julgue que, na verdade, fora Polícrates, o sofista, quem o compusera, a fim de difamar aquela mulher que nascera mais virtuosa que um homem. [...] O admirável Crisipo diz, com efeito, no quinto livro acerca do belo e do prazer, o seguinte: "os livros de Filênis e a *Gastronomia* de Arquéstrato, bem como as artes eróticas e sexuais, compatíveis com a habilidade de uma escrava, como a dança e as posições sexuais, foram compostos para a prática dessas mesmas artes". E adiante: "aprendem-se diligentemente esses assuntos e se estudam, com grande devoção, escritos semelhantes àqueles a que se dedicaram Filênis, Arquéstrato e outros"", Χρύσιππον δ', ἄνδρες φίλοι, τὸν τῆς στοᾶς ἡγεμόνα κατὰ πολλὰ θαυμάζων ἔτι μᾶλλον ἐπαινῶ τὸν πολυθρύλητον ἐπὶ τῇ ὀψολογίᾳ Ἀρχέστρατον αἰεί ποτε μετὰ Φιλαινίδος κατατάττοντα, εἰς ἣν ἀναφέρεται τὸ περὶ ἀφροδισίων ἀκόλαστον σύγγραμμα, ὅπερ φησὶ ποιῆσαι Αἰσχρίων ὁ Σάμιος ἰαμβοποιὸς Πολυκράτη τὸν σοφιστὴν ἐπὶ διαβολῇ τῆς ἀνθρώπου σωφρονεστάτης γενομένης. [...]οὖν ὅ γε θαυμασιώτατος Χρύσιππος ἐν τῷ πέμπτῳ περὶ τοῦ καλοῦ καὶ τῆς ἡδονῆς φησι· 'καὶ βιβλία τά τε Φιλαινίδος καὶ τὴν τοῦ Ἀρχεστράτου Γαστρονομίαν καὶ δυνάμεις ἐρωτικὰς καὶ συνουσιαστικάς, ὁμοίως δὲ καὶ τὰς θεραπαίνας ἐμπείρους τοιῶνδε κινήσεών τε καὶ σχημάτων καὶ περὶ τὴν τούτων μελέτην γινομένας.' καὶ πάλιν· 'ἐκμανθάνειν τ' αὐτοὺς τὰ τοιαῦτα καὶ κτᾶσθαι τὰ περὶ τούτων γεγραμμένα Φιλαινίδι καὶ Ἀρχεστράτῳ καὶ τοῖς τὰ ὅμοια γράψασιν". Tradução nossa.

ἐρωτοδίδαξις (*Ars amatoria*, *Remedia amoris*, *Medicamina faciei femineae*). O próprio Ovídio nos apresenta alhures, em uns poucos versos, os temas que compunham essa tratadística jocosa e festiva, comum aos momentos de ócio e aos divertimentos propiciados pelos banquetes e pelas Saturnais [321]:

[...]
sunt aliis scriptae, quibus alea luditur, artes—
hoc est ad nostros non leue crimen auos—,
quid ualeant tali, quo possis plurima iactu
figere, damnosos effugiasque canes;
tessera quos habeat numeros, distante uocato
mittere quo deceat, quo dare missa modo;
discolor ut recto grassetur limite miles,
cum medius gemino calculus hoste perit,
ut dare bella sequens sciat et reuocare priorem,
nec tuto fugiens incomitatus eat;
parua sit ut ternis instructa tabella lapillis,
in qua uicisse est continuasse suos;
quique alii lusus—neque enim nunc persequar omnes—
perdere, rem caram, tempora nostra solent.
ecce canit formas alius iactusque pilarum,
hic artem nandi praecipit, ille trochi.
composita est aliis fucandi cura coloris;
hic epulis leges hospitioque dedit;
alter humum, de qua fingantur pocula, monstrat,
quaeque, docet, liquido testa sit apta mero.
talia luduntur fumoso mense Decembri,
quae damno nulli composuisse fuit.
his ego deceptus non tristia carmina feci,
sed tristis nostros poena secuta iocos.

[...]
Artes uns compuseram de jogos de azar –
crime não leve aos nossos ancestrais –,
quanto valem os dados; tirar o maior
em que jogada; e os cães fugir danosos;
os números dos dados; sob o desafio,
convém lançar? Fazer os lances como?
Como o soldado deve marchar na fronteira,
quando peça perdeu-se entre inimigos;
como o seguinte vai lutar, resgatar o outro,
fugindo em segurança, não sem guardas;
como os ternos dispor em breve tabuleiro –
vence quem seus peões souber manter –;
e de outros jogos mais – sem minúcias de todos! –

[321] Ov., *Trist*. 2. 471-494. Tradução nossa.

que perder soem nosso tempo caro.
Eis que um cantou as formas e os lances da pela,
um ensina a nadar; argolas, o outro.
A maquilagem foi tratada por alguns;
um regrou os banquetes e a hospitalidade;
outro descreve o barro – das taças matéria –
e ensina que ânfora é apta para o vinho.
Tais coisas, em Dezembro fumoso, compõem-se,
a ninguém foi motivo de ruína.
Fiz, por elas logrado, poemas não tristes,
pena seguiu-se a meus gracejos triste.

A passagem das *Tristia* que apresentamos pertence à súplica, ao pedido de desculpas que Ovídio dirige a Augusto. Para tanto, o poeta justifica ao *princeps* a produção elegíaca precedente, notoriamente lasciva, e lamenta seu destino infeliz de expatriado em terras bárbaras, "nos confins do mundo [322]". Logo após compor quase uma história da literatura ligeira entre gregos e romanos – apresentando poetas que, como ele, compuseram poesia do tipo e nem por isso o ofício se lhes constituíra motivo de opróbrio –, Ovídio arrola uma série de escritos didascálicos de matéria variada, porém jocosos, já que o tom preceptivo de que se muniam deveria demarcar o caráter paródico dessa literatura. O testemunho de Ovídio é de grande valia[323], já que, além de não ter sobrevivido nenhum tratado dessa espécie, a não ser fragmentos, as referências a esse tipo de tratadística são raras. Ateneu de Náucratis, por exemplo, n'O *banquete dos sofistas*, faz menção a um espartano de nome Timócrates que teria composto um tratado sobre o jogo da pela [324] – esse esporte, a propósito, também é mencionado por Ovídio acima –; e Sérvio Honorato, comentando um passo do quinto canto da *Eneida*, informa que Suetônio compusera um *Dos jogos dos meninos* [325].

[322] Cf. Prata (2009: 40).
[323] Cf. Citroni (1989: 201): "Ovídio nos oferece [...] um testemunho precioso sobre a existência de uma literatura didascálica jocosa, uma tratadística relativa ao jogo, ao divertimento, ao tempo livre. Trata-se naturalmente de uma literatura menor".
[324] Cf. Ath., *Deip*. 1. 15C: "Timócrates, o lacedemônio, compôs um tratado acerca do jogo da pela", συνέγραψε δὲ περὶ σφαιριστικῆς Τιμοκράτης ὁ Λάκων. Tradução nossa.
[325] Cf. Serv. 5, 602: ""[...] o jogo Troia/ O pueril esquadrão se diz troiano" – consoante nos informa Suetônio Tranquilo, o jogo ele mesmo, a que o vulgo chama *pírrica*, é denominado *Troia*, cuja origem descreveu no livro *Dos jogos dos meninos*", *troiaque*

Também Marcial, em epigrama em dístico epódico pertencente ao livro IX, faz breve resenha de um tratado sobre festins composto pelo amigo Prisco. Note-se, porém, que composições dessa espécie também são referidas por Ovídio na passagem que apresentamos há pouco das *Tristia*, no verso 488 [326]:

Quod optimum sit disputat conuiuium
facunda Prisci pagina,
Et multa dulci, multa sublimi refert,
sed cuncta docto pectore.
Quod optimum sit quaeritis conuiuium?
In quo choraules non erit.

Que seja dos banquetes a palma discute
de Prisco a página facunda.
E muitas coisas diz cativantes, sublimes,
tudo c'a graça de homem culto.
Que seja dos banquetes a palma perguntas?
Um banquete sem os flautistas.

É muito provável que esses tratados lúdicos obedecessem mais ou menos à disposição de assuntos referidos nos versos de Ovídio: as regras básicas do jogo e os valores dos dados; os principais lances e jogadas, como apostar, como evitar os lances prejudiciais ao jogador, etc. Talvez a ordem dos assuntos a que se refere o poeta fosse muitíssimo semelhante à do suposto tratado composto por Cláudio, caso tomemos como verdadeiro o testemunho de Suetônio, que vimos há pouco [327].

Ovídio também faz referência, nos versos 477 a 482, a um jogo com pedras sobre um tabuleiro, que simulava um campo de batalha –

---

nunc pueri, Troianum dicitur agmen: *ut ait Suetonius Tranquillus, lusus ipse, quem uulgo pyrrhicham appellant, Troia uocatur, cuius originem expressit in libro de puerorum lusibus.* Tradução do verso comentado de Vergílio de Manuel Odorico Mendes (2008: 200). Tradução nossa. Cf. também Isid., *Etym.*, 18. 69.

[326] Mart., *Epig.* 9. 77. Tradução nossa.

[327] Cf. Suet., *Cl*. 33.

provável alusão ao *ludus latrunculorum* –; por causa da semelhança com o xadrez, não deveria tratar-se totalmente de um jogo de azar, pois, justamente pelo brevíssimo elenco de assuntos e alusão a lances importantes, o jogo exigia grande habilidade dos jogadores. Seja como for, os dados eram proibidos pelas leis, os outros jogos, anódinos que fossem, não poderiam se sobrepor às obrigações da República, o que faz dos tratados de jogo verdadeira literatura clandestina – curiosamente, Ovídio não cita nomes de autores dessas artes ligeiras –, demarcando-lhe limites muito claros, de modo que se pudesse minimamente viabilizar a produção e circulação desses mesmos escritos. As circunstâncias só poderiam ser os momentos de ócio e de festa como as Saturnais, em que, além da excepcional permissão ao jogo, poder-se-iam escrever as jocosas preceptivas, como nos informa o próprio Ovídio, aludindo às Saturnais: "Tais coisas, em Dezembro fumoso, compõem-se", *talia luduntur fumoso mense Decembri*. Com efeito, em Marcial, há diversos dísticos apoforetos dedicados a esses mesmos jogos de azar, cuja existência só se justifica porque compõem uma das facetas mais importantes e notáveis das Saturnais [328]:

> XIV
>
> Tali Eborei
>
> Cum steterit nullus uultu tibi talus eodem,
> munera me dices magna dedisse tibi.
>
> 14
>
> Dados de Marfim
>
> Quando os dados quedarem c'as faces diversas,
> vais dizer que te dei um bom presente [329].

[328] Lembre-se aqui, por exemplo, da alegoria de Dezembro do *Calendário de 354*, com os dados e o fritilo sobre a mesa (figura 10).
[329] Mart., *Apoph.* 14.

XV

Tesserae

Non sim talorum numero par tessera, dum sit
maior quam talis alea saepe mihi.

15

Tésseras

Não seja igual ao dado em número, eu, a téssera.
Maior que a deles seja a minha sorte [330].

XVI

Turricula

Quae scit compositos manus inproba mittere talos,
si per me misit, nil nisi uota facit.

16

Torrinha

Mão ímproba, que os dados lança viciados,
se comigo os lançou, apela à sorte [331].

XVII

Tabula Lusoria

Hac mihi bis seno numeratur tessera puncto;
calculus hac gemino discolor hoste perit.

17

Tabuleiro

De um lado, um dobre seis a téssera rendeu-me!
De outro, uma peça dois rivais comeram [332].

[330] *Idem*, *Ibidem*, 15.
[331] *Idem*, *Ibidem*, 16.
[332] *Idem*, *Ibidem*, 17.

XVIII (XX)

Calculi

Insidiosorum si ludis bella latronum,
gemmeus iste tibi miles et hostis erit.

18 (20)

Pedras de Tabuleiro

Se os combates dos pérfidos ladrões tu jogas,
esta pedra será soldado e imigo [333].

Além dos jogos, há também em *Apoforeta* a série de poemas dedicada aos esportes, como vimos, igualmente objetos da tratadística jocosa das Saturnais a que alude Ovídio nas *Tristia*:

XLV

Pila Paganica

Haec quae difficili turget paganica pluma,
folle minus laxast et minus arta pila.

45

Bola Rústica

Esta bola é repleta de penas, mas dura:
é menor que um balão; maior que a pela [334].

XLVI

Pila Trigonalis

Si me nobilibus scis expulsare sinistris,
sum tua. Tu nescis? rustice, redde pilam.

[333] *Idem*, *Ibidem*, 18 (20).
[334] *Idem*, *Ibidem*, 45.

46

Bola do Jogo Triangular

Se hábil de esquerda sabes jogar-me, sou tua.
Não o sabes? Devolve a bola, tolo [335]!

XLVII

Follis

Ite procul, iuuenes: mitis mihi conuenit aetas:
folle decet pueros ludere, folle senes.

47

Bola de Fole

Convém-me a tenra idade; ide embora, garotos:
sou coisa de meninos e velhinhos [336].

XLVIII

Harpasta

Haec rapit Antaei uelox in puluere draucus,
grandia qui uano colla labore facit.

48

Bolas de *Harpastum*

"Ladrão!" se diz do atleta no campo de Anteu.
É veloz, mas em vão engrossa o colo [337].

Ainda que tradicionalmente, remetendo talvez à origem epigráfica do gênero[338], os epigramas das coletâneas de *Xênia* e *Apoforeta* se relacionem a uma dimensão mais pragmática, como acompanhamento

[335] *Idem*, *Ibidem*, 46.
[336] *Idem*, *Ibidem*, 47.
[337] *Idem*, *Ibidem*, 48.
[338] Sobre o caráter epigráfico original do epigrama, Cf. Puelma (1997).

do presente que se dá a um convidado, à maneira de um cartão – o que, a propósito, é mesmo confirmado pelos epigramas prefaciais[339] – os dísticos poderiam ser o próprio presente, mas sobretudo, pelo que viemos discutindo até aqui, é possível vislumbrar que Marcial, a despeito da dicção epigramática, brevíssima aliás, emula os tratados jocosos a que nos referimos. Ora, os dísticos que ofertam dados, fritilos e tabuleiros não aludem meramente a esses objetos típicos de jogos de azar, mas descrevem em rápidas pinceladas, jogadas, regras e movimentos possíveis dos jogadores. A elocução, digamos, didascálica desses epigramas pode ser percebida de modo mais notável naqueles que se referem ao jogo da pela: cada dístico nos apresenta, descritivamente, um tipo de bola, adequado a certo tipo de jogo e jogadores: o fole serve para meninos e velhos, não para jovens. Analogamente a bola do jogo triangular é mais conveniente às jogadas "de canhota", que exigem grande habilidade do participante; ao passo que a bola rústica, rígida e coberta de penas, é menor que a bola de fole. É muito difícil precisar, justamente em função da escassez de fontes, as regras desses esportes, apropriados aos períodos do festival, bem como as características exatas das *pilae*; é provável, porém, que o padrão descritivo presente nesses epigramas também concorressem nos escritos didáticos acerca da pela, como nos pode sugerir o passo de Ovídio: "Eis que um cantou as formas e os lances da pela", *ecce canit formas alius iactusque pilarum* [340].

O sabor tratadístico dos dísticos de Marcial perpassa uma grande variedade de artigos arrolados ao longo de *Xênia* e *Apoforeta*, alguns até com um grau de tecnicidade grande, digno de um verdadeiro *connaisseur* [341], o que denuncia muito provavelmente não somente conhecimento dessa tratadística ligeira e saturnalícia, mas sobretudo intenção de emulá-la, compor, tal como fez Ovídio com "a mãe do

[339] E muito provavelmente por outras fontes mais ou menos coevas. Cf. Suet., *Aug*. 75; Petr., *S*. 56.
[340] Cf. Ov., *Trist.* 2. 485.
[341] Cf. Citroni (1989: 205).

lascivo Amor", uma produção didascálica ligeira em verso, que se legitima pela existência de outra, digamos, "teórica" [342]. Nesses epigramas, Marcial presenteia seu interlocutor; porém também brinda-o com verdadeiros preceitos de como preparar mais convenientemente determinada iguaria, combinando, por exemplo, especiarias e carnes; trata das propriedades medicinais dos alimentos; tece ponderações, no exíguo espaço de um dístico, a respeito dos vinhos, de sua idade e sabores, bem como refere as regiões produtoras e o *terroir* de diversas espécies viníferas, sugerindo, pois, conhecimentos bastante precisos de vinicultura – aos vinhos são dedicados vinte epigramas no total:

V

Piper

Cerea quae patulo lucet ficedula lumbo,
cum tibi sorte datur, si sapis, adde piper.

5

Pimenta

Céreo o papão reluz, com seu extenso dorso:
à sorte dado a ti, pimenta acresce [343].

VIII

Far

Inbue plebeias Clusinis pultibus ollas,
ut satur in uacuis dulcia musta bibas.

8

Trigo

Enche os jarros plebeus só com papas Clusinas,
p'ra que, vazias, bebas doce mosto [344].

[342] Cf. Agnolon (2013: 14).
[343] Mart., *Xen.* 5.
[344] *Idem*, *Ibidem*, 8.

XIII

Betae

Vt sapiant fatuae, fabrorum prandia, betae,
o quam saepe petet uina piperque cocus!

13

Acelgas

Para que acelgas, prândio artesão, tenham gosto,
quanto vinho e pimenta o cuca acresce [345]!

XXIX

Vas Damascenorum

Pruna peregrinae carie rugosa senectae
sume: solent duri soluere uentris onus.

29

Vaso de Ameixas de Damasco

Ameixas por caruncho mui velho rugosas
come, pois a prisão de ventre aplacam [346].

LXXXII

Ostrea

Ebria Baiano ueni modo concha Lucrino:
nobile nunc sitio luxuriosa garum.

82

Ostras

Ébria, cheguei há pouco do Lucrino em Baias:
nutre-me – fausta agora! – o garo ilustre [347].

[345] *Idem*, *Ibidem*, 13.
[346] *Idem*, *Ibidem*, 29.
[347] *Idem*, *Ibidem*, 82.

CXI

Falernum

De Sinuessanis uenerunt Massica prelis:
condita quo quaeris consule? Nullus erat.

111

Vinho falerno

De vinhas Sinuessas Falernos chegaram:
"de que cônsul?", perguntas. De nenhum [348].

CXII

Setinum

Pendula Pomptinos quae spectat Setia campos,
exigua uetulos misit ab urbe cados.

112

Vinho de Sécia

A alta Sécia que os campos pontinos contempla
enviou seus tonéis da aldeia antigos [349].

CXV

Caecubum

Caecuba Fundanis generosa cocuntur Amyclis,
uitis et in media nata palude uiret.

115

Vinho Cécubo

Fermentam na fundana Amiclas nobres Cécubos:
no lodaçal, também vicejam vinhas [350].

[348] *Idem*, *Ibidem*, 111.
[349] *Idem*, *Ibidem*, 112.
[350] *Idem*, *Ibidem*, 115.

O comer e o beber povoam notavelmente *Xênia*. A pequeníssima amostra de epigramas que apresentamos é suficiente para perceber, de um lado, aquilo que é mais óbvio: a superabundância do banquete saturnalício, típica da lógica hiperbólica e positiva das Saturnais, e de outro, a função preceptiva dos poemas pelo uso frequente de imperativos (*inbue*; *sume*), por observações gerais acerca dos alimentos ou pelo uso de *possum* na segunda pessoa do singular, instaurando uma dimensão típica da instrução e do conselho: a pimenta harmoniza com a carne tenra do papão, ou o papa-figos, ao passo que o sabor e o aroma da ostra provinda do lago Lucrino só é capaz de suscitar as mais sutis sensações do paladar se condimentada com o caríssimo molho garo; as acelgas, tão insossas, só tem sabor se o cuca lhes acrescentar vinho e pimenta. O poeta recomenda o consumo dos figos de Damasco em virtude do poder laxativo (tão importante em uma época do ano como as Saturnais!). É no envelhecimento que subjaz a nobreza dos vinhos sécios e falernos, ao passo que os cécubos tomam seu sabor do *terroir* úmido e argiloso da região de Amiclas; nesse caso, é provável que fossem de maturação semelhante às modernas castas *merlot*. São numerosos também os objetos de *Apoforeta* que, analogamente às iguarias que acabamos de ver, ajudam a compor a ambiência festiva das Saturnais e, ao mesmo tempo, a vida elegante dos antigos *conuiuia*:

XXXIX

Lucerna Cubicularis

Dulcis conscia lectuli lucerna,
quidquid uis facias licet, tacebo.

39

Candeia de Alcova

Sou candeia da doce alcova cúmplice.

Que queres façam: minha boca é túmulo [351].

LVII

Myrobalanum

Quod nec Vergilius nec carmine dicit Homerus,
hoc ex unguento constat et ex balano.

57

Noz Aromática

O que Homero ou Vergílio em versos não cantaram
é o que subjaz no fruto e no perfume [352].

LIX

Opobalsama

Balsama me capiunt, haec sunt unguenta uirorum:
delicias Cosmi uos redolete, nurus.

59

Bálsamo

Os bálsamos cativam-me, aroma viril:
meninas, aos jasmins cheirai de Cosmo [353]!

LXIII (LXIV)

Tibiae

Ebria nos madidis rumpit tibicina buccis:
saepe duas pariter, saepe monaulon habet.

[351] *Idem*, *Apoph*. 39.
[352] *Idem*, *Ibidem*, 57.
[353] *Idem*, *Ibidem*, 59.

63 (64)

Flautas

A flautista ébria sabe nos arrebentar:
com uma ou duas de uma vez na boca [354].

CII

Calices Surrentini

Accipe non uili calices de puluere natos,
sed Surrentinae leue toreuma rotae.

102

Cálices Surrentinos

Não são de barro vil os cálices – aceita-os –,
mas da delgada argila de Surrento [355].

CIII

Colum Niuarium

Setinos, moneo, nostra niue frange trientes:
pauperiore mero tingere lina potes.

103

Filtro com Neve

Ouve: copas de Sécios adoça na neve.
Vai tingir linho com vinho barato [356]!

CCVI

Cestos

Collo necte, puer, meros amores,
ceston de Veneris sinu calentem.

[354] *Idem*, *Ibidem*, 63 (64).
[355] *Idem*, *Ibidem*, 102.
[356] *Idem*, *Ibidem*, 103.

206

O Cinto de Vênus

Prende ao pescoço o puro amor, menino,
o cinto quente do seio de Vênus [357].

Cumpre observar, nos epigramas que arrolamos como exemplo, a presença constante da mesma fala aconselhadora, do mesmo princípio descritivo que instrui o uso conveniente dos objetos, demonstrando mais uma vez o diálogo de Marcial com aquela literatura preceptística jocosa popular em tempos de Saturnais, por meio da qual o poeta ajuda a legitimar sua própria prática, tornando-se, pois, ele mesmo *auctor* de novo subgênero epigramático, que é a um só tempo poesia das Saturnais – e para as Saturnais – e preceptiva jocosa em versos. O bálsamo é perfume de uso masculino, não convém às garotas: estas devem exalar (repare-se, no dístico, a apóstrofe e o imperativo) as fragrâncias do perfumista Cosmo, o que é urbano e refinado. A lucerna – a quem o poeta dá voz – é artigo banal, simples, fabricado em terracota, mas é bastante claro, nos hendecassílabos *in pariter*, que convém à alcova – é preciso que se note ainda que o epigrama atualiza o *tópos* já tradicional da epigramática grega: o motivo da lucerna como testemunha muda dos amores ilícitos [358]. As flautas presenteadas

[357] *Idem*, *Ibidem*, 206.
[358] Cf. Barbera (1993: 187). As primeiras lucernas de que temos notícia que também desempenhavam o papel de itens de decoração datam da época helenística, fabricadas sobretudo na região do Egito helenizado e serviram de modelo, posteriormente, para as numerosas oficinas de cerâmica do Mediterrâneo antigo, representando, amiúde, cenas eróticas em alto relevo ou fabricando lucernas "fálicas". É provável que a figuração erótica comum a esses objetos tenha influenciado, em poesia, sobretudo epigramática, o surgimento do *tópos* da lucerna (λύχνος), como no epigrama seguinte, presente na *Antologia Grega* e atribuído a Filodemo de Gágara (*AP*, 5. 4): "A testemunha muda da alcova, a candeia,/ Filênis, embebeda-a com puro óleo. /Sai agora! Pois Eros não ama tão vivos/ olhares. Vai, Filênis: fecha a porta!/ Quero os teus beijos, Xanto! E tu, meu doce leito,/ de Pafos aprende os gozos que restam », Τὸν σιγῶντα, Φιλαινί, συνίστορα τῶν ἀλαλήτων/ λύχνον ἐλαιηρῆς ἐκμεθύσασα δρόσου,/ ἔξιθι· μαρτυρίην γὰρ Ἔρως μόνος οὐκ ἐφίλησεν / ἔμπνουν· καὶ τυκτὴν κλεῖε, Φιλαινί, θύρην. /καὶ σὺ φίλει, Ξανθώ, με· σὺ δ', ὦ φιλεράστρια κοίτη,/ ἥδη τῆς Παφίης ἴσθι τὰ λειπόμενα. Tradução nossa. Repare-se ainda que, no epigrama, Filênis desempenha o papel de alcoviteira,

também sugerem o espaço próprio do banquete festivo, intensificado pelo tom jocoso com que o poeta faz menção ao aspecto fálico das flautas. Marcial, como um legítimo *elegantiae arbiter* [359], não deixa de aconselhar o uso correto do *colum niuarium*, adequado somente para vinhos de boa cepa; trata ainda de delicadas taças de argila, aludindo não só à matéria de que foram feitas, mas sobretudo à região, Surrento, em que, depreende-se, havia intensa atividade ceramista, digna de sua fama[360]. Os dísticos evocam os mesmos assuntos que Ovídio, no passo precedente, atribui à fortuna tratadística simposial e saturnalícia ("um regrou os banquetes e a hospitalidade;/outro descreve o barro – das taças matéria –/e ensina que ânfora é apta para o vinho.", *hic epulis leges hospitioque dedit;/ alter humum, de qua fingantur pocula, monstrat,/ quaeque, docet, liquido testa sit apta mero.*)[361], o que sugere, no caso de Marcial, como já dissemos aqui, a tentativa de compor, mais do que uma coletânea de cartões de presente – o que, porém, não significa que não pudessem também ser fruídos dessa forma –, um tratado festivo em versos epigramáticos.

Todos esses itens, acrescentem-se ainda perfumes e guirlandas, essa miríade de objetos do catálogo de *Apoforeta* – como copos, taças, cálices, lamparinas, jarros, ânforas, filtros para os vinhos, trajes de festa, etc –, só serviam para compor, como se pode ver, à maneira de um enorme mosaico, a cena simposial típica das Saturnais[362], figurando

---

estabelecendo, assim, afinidade com a fama que se lhe atribuía de tratadista erótica (séc. IV a.C.).

[359] A expressão originariamente foi utilizada por Tácito (*Ann*. 16. 18) para referir-se a Gaio (ou Tito) Petrônio: "Depois, voltando aos vícios ou à simulação de vícios, foi admitido entre os poucos a partilhar da intimidade de Nero, figurando como **árbitro da elegância**, já que nada parecia agradável ou refinado ao imperador a não ser o que Petrônio tivesse aprovado",*dein reuolutus ad uitia seu uitiorum imitatione inter paucos familiarium Neroni adsumptus est, **elegantiae arbiter**, dum nihil amoenum et molle adfluentia putat, nisi quod ei Petronius adprobauisset*. Tradução de Cláudio Aquati (2008: 244); grifos nossos.

[360] Sobre cerâmica romana, tecnologias de fabrico e regiões produtoras, cf. Peacock (1982).

[361] Cf. Ov., *Trist.* 2. 488-490.

[362] Cf. Citroni (1989: 205): "Copos, ânforas, recipientes variados para uso simposial constituíram-se, certamente não por acaso, a categoria de objetos mais numerosa no interior de *Apoforeta*".

discursivamente, pela cumulação de artigos presenteáveis, e consumíveis, o teatro pantagruélico próprio das Saturnais, intensificado pela relação que o poeta estabelece entre os epigramas e os manuais simpóticos: aspecto notável apenas se tomados os poemas em seu conjunto.

Marcial, o poeta das Saturnais

Marcial, ao longo de sua obra, associa não raras vezes a composição de poesia epigramática a situações de ócio asseguradas pelas Saturnais, observamos o fato no capítulo precedente, em epigramas do poeta que prescreviam matéria e elocução aptas para a composição de epigramas, simbolizando por meio das festividades saturninas o ingrediente licencioso comum ao gênero epigramático. Em outros epigramas, como o que arrolamos abaixo, é igualmente perceptível toda a licença permitida aos poemas, mas também, pelo caráter obsequioso que enseja, é possível ainda entrever que epigramas também podiam se constituir numa poesia típica das Saturnais, concorrente até à tratadística jocosa a que temos nos referido[363]:

Gratus sic tibi, Paule, sit December,
nec uani triplices breuesque mappae
nec turis ueniant leues selibrae,
sed lances ferat et scyphos auorum
aut grandis reus aut potens amicus,
seu quod te potius iuuat capitque;
sic uincas Nouiumque Publiumque
mandris et uitreo latrone clusos;
sic palmam tibi de trigone nudo
unctae det fauor arbiter coronae,
nec laudet Polybi magis sinistras:
si quisquam mea dixerit malignus
atro carmina quae madent ueneno,
ut uocem mihi commodes patronam

[363] Mart., *Epig.* 7. 72. Tradução nossa.

et quantum poteris, sed usque, clames:
'non scripsit meus ista Martialis.'

Seja, Paulo, jucundo teu dezembro,
nem vãos cadernos, parvos guardanapos,
nem leves libras venham-te de incenso,
mas pratos, copas avitas te oferte
um grande réu ou poderoso amigo.
Ou o que te cativa e mais te apraz:
que venças tanto Nóvio quanto Públio –
cercados por peões e vítrea tropa –;
que a vitória na pela te ofereça
da multidão o favor benfazejo
(sem aplauso às canhotas de Políbio!):
se alguém disser – maligno! – serem meus
os carmens de atro veneno embebidos,
como que a defender-me impões a voz,
grites o quanto puder – mais até! –
"meu Marcial não compôs esses versos!".

O epigrama é dirigido a certo Paulo, provavelmente um causídico, segundo se depreende do quinto verso e do desfecho do poema, em que a personagem, à maneira de um patrono, é exortada pelo poeta a defender-lhe a obra. É notável que a recusa ao vitupério, análoga ao que vimos no capítulo anterior e explicitada de modo veemente no final do poema em hendecassílabos falécios, é só meio de o poeta reforçar a existência de uma poesia jocosa de largo consumo nas Saturnais, como presente: acaso será alusão a suas coleções de epigramas, incluindo *Xênia* e *Apoforeta*, pelas quais por certo Marcial já é largamente conhecido? Ora, o poeta não deixa dúvidas que se refere, nos primeiros versos, aos brindes trocados ao longo das Saturnais, brindes estes, aliás, de forte presença na coleção de *Apoforeta*, literatura de recitação (e recreação) importante da cena convivial durante os festejos de Saturno.

Com efeito, o livro de poesia poderia muito bem se constituir um valioso presente, o que é sugerido, parece-nos, pela numerosa seção de epigramas de *Apoforeta* dedicada ao elenco de obras antigas. Mesmo

antes de Marcial, a poesia era um artigo obsequiável nos banquetes. Catulo, no poema 14, como vimos há pouco, é brindado por Calvo com uma seleta de poetastros por ocasião das Saturnais. No entanto, ao contrário do que possa parecer a princípio, as obras e poetas lembrados por Marcial em sua coletânea de dísticos não são somente autores de poesia ligeira; na verdade, o suposto ecletismo do poeta dissimula o fato de, em poucos dísticos, elencar os principais poetas do cânone, já verdadeiros clássicos, em seus respectivos gêneros:

CLXXXIII

Homeri Batrachomachia

Perlege Maeonio cantatas carmine ranas
et frontem nugis soluere disce meis.

183

A *Batracomiomaquia* de Homero

Devora as rãs em verso meônio cantadas
e faz sorrir o cenho às minhas nugas [364].

CLXXXIV

Homerus in Pugillaribus Membranis

Ilias et Priami regnis inimicus Vlixes
multiplici pariter condita pelle latent.

184

Homero em Livrinhos de Pergaminho

Ulisses – inimigo de Príamo – e a *Ilíada*
jazem ocultos sob a pele em dobras [365].

[364] Mart., *Apoph.* 183.
[365] *Idem*, *Ibidem*, 184.

CLXXXV

Vergili Culex

Accipe facundi Culicem, studiose, Maronis,
ne nucibus positis ARMA VIRUMQUE legas.

185

O Mosquito de Vergílio

Eis de Marão facundo *O Mosquito*, doutor!
Não leias, nozes depostas, as *Armas* [366]!

CLXXXVI

Vergilius in Membranis

Quam breuis inmensum cepit membrana Maronem
ipsius uultus prima tabella gerit.

186

Vergílio em pergaminhos

Marão, o grande, jaz em breve pergaminho,
que traz na prima página seu rosto [367].

CLXXXIX

Monobyblos Properti

Cynthia – facundi carmen iuuenale Properti –
accepit famam, non minus ipsa dedit.

189

O Monobyblos de Propércio

Cíntia – o jovem poema do agudo Propércio! –
ganhou fama: não menos fez por ele [368].

[366] *Idem*, *Ibidem*, 185.
[367] *Idem*, *Ibidem*, 186.
[368] *Idem*, *Ibidem*, 189.

CXC

Titus Liuius in Membranis

Pellibus exiguis artatur Liuius ingens,
quem mea non totum bibliotheca capit.

190

Tito Lívio em pergaminhos

Em peles estreitou-se exíguo o enorme Lívio,
que todo não comporta a biblioteca [369].

CXCV

Catullus

Tantum magna suo debet Verona Catullo,
quantum parua suo Mantua Vergilio.

195

Catulo

Ao seu Catulo, tanto deve a grã Verona,
quanto Mântua, pequena, a seu Vergílio [370].

Marcial, no breve analecto, refere a poesia épica, a comédia, a lírica, o epigrama, a elegia, a história. Como poeta-bibliófilo, não ajuíza tão-só a respeito dos colegas de ofício, mas também valoriza o presente ofertado mediante a materialidade do livro, informando do que é feito: não é o papiro, mais frágil, que comporta a obra sublime de Marão, mas as membranas do pergaminho, mais duradouras. A informação que Marcial nos oferece não parece ser casual, muito menos supérflua: curiosamente o pergaminho, na listagem feita pelo poeta, contém a grande obra – a história e a epopeia –, de modo que a durabilidade do suporte parece ser análoga à elevação do gênero poético, ao passo que o

[369] *Idem*, *Ibidem*, 190.
[370] *Idem*, *Ibidem*, 195.

papiro, que em breve pode servir de pênula às azeitonas e aos atuns e de repasto às traças[371], é destinado aos gêneros de poesia ligeira, como o epigrama e a elegia, a despeito da fama com que Cíntia cingiu as têmporas de Propércio. Mesmo assim, em função das circunstâncias festivas de fruição dos poemas, parece ser justamente a doçura dos versos ligeiros o elemento protagonista, decoroso para preencher, juntamente com os divertimentos e os jogos, as frias noites de inverno. A propósito, é o que recomenda Marcial para o feliz ganhador do *Culex* de Vergílio: azar no jogo, sorte no amor... por Vergílio. *O Mosquito* é a alternativa para aquele que, tendo deposto as nozes, vai divertir-se lendo os versos alegres do poeta mantuano. O conselho do poeta de Bílbilis não é exclusivo do dístico 185 de *Apoforeta*; o motivo reaparece amiúde, como em *Epig.* 11. 6, quando, interpelando o garoto Díndimo, recusa debruçar-se sobre versos trabalhosos – verdadeiro ônus durante os dias dedicados a Saturno – e, em troca de copas cheias até a borda, promete oferecer ao escanção o "passarinho" de Catulo. O que vale aqui não é somente o sentido obsceno adquirido pelo *passer* nos versos de Marcial, indiciando, como sabemos, a ambiência tipicamente erótica da cena festiva – todavia, o verso pode querer dizer simplesmente que o poema do passarinho da amante, ou glosa nele baseada, será o presente do rapaz, o que seria, mais uma vez, exemplo de poesia como brinde das Saturnais –, mas principalmente que a referência ao veronense constitui *modelo* do tipo de poesia composta e, decorosamente, fruída ao longo dos banquetes vinosos. Sílio Itálico, como vimos, poeta épico imitador de Vergílio, também é destinatário de epigrama de Marcial em cujos versos subjaz o conselho definitivo em tempos festivos: depor, temporariamente, sua Calíope e ajustar o cenho a Camenas mais suaves apreciando livrinhos temperados de lascívia, próprios para as noites plenas de divertimentos de "Dezembro fumoso". Como dissemos, o motivo não é raro e aparece de modo bastante recorrente nos epigramas. Não se trata meramente de recusa aos gêneros elevados e, sim, meio de ajustar, em termos de *ut pictura poesis*, as lentes da

[371] Cf. Mart., *Xen.* 1. 1-2.

percepção de sua audiência, como é possível perceber nos epigramas seguintes:

Varro, Sophocleo non infitiande coturno,
nec minus in Calabra suspiciende lyra,
differ opus, nec te facundi scaena Catulli
detineat, cultis aut elegia comis;
sed lege fumoso non aspernanda Decembri
carmina, mittuntur quae tibi mense suo:
commodius nisi forte tibi potiusque uidetur,
Saturnalicias perdere, Varro, nuces.

Varrão, notável pelos coturnos de Sófocles,
na lira da Calábria precioso,
detém-te! Nem a cena do douto Catulo
te ocupe, ou a elegia – ornada coma! –;
mas lê em Dezembro fúmeo inescusáveis carmens,
que, no mês próprio, foram-te mandados:
a menos que prefiras, cômodo e melhor,
perder das Saturnais, Varrão, as nozes [372].

Saturnalicio Macrum fraudare tributo
frustra, Musa, cupis: non licet: ipse petit;
sollemnesque iocos nec tristia carmina poscit,
et queritur nugas obticuisse meas.
Mensorum longis sed nunc uacat ille libellis.
Appia, quid facies, si legit ista Macer?

A Macro queres, Musa, tomar o tributo
saturnal: impossível! Ele próprio
anseia por gracejos, não soturnos versos;
e do silêncio queixa-se das nugas.
Agora se dedica aos livros dos geômetras.
Que farás, Ápia, caso Macro as leia [373]?

Assim como Sílio Itálico, Varrão – tragediógrafo e poeta lírico amigo de Marcial – é aconselhado a ler poemas adequados às noites fumosas de Dezembro: poemas inescusáveis que lhe foram enviados por ocasião das Saturnais. Diferentemente de outros epigramas do poeta

[372] Mart., *Epig.* 5. 30. Tradução nossa.
[373] *Idem, Ibidem,* 10. 18. Tradução nossa.

que vazam matéria similar, este em específico é surpreendente, a despeito da brevidade (ou talvez justamente por isso), uma vez que limita mais ainda o jaez da poesia lida e fruída durante a festa: Marcial exclui as obras de Catulo, autor de mimos da época de Calígula, não se trata, portanto, do veronense, já aqui referido tantas vezes, e mesmo a tênue elegia, de cabelos perfumados. Em resumo, barrar do baile gêneros poéticos de profunda vocação simposial constitui-se aqui forma de o poeta instituir o epigrama o gênero saturnalício por excelência, de modo que não parece ser acidental a similaridade do quinto verso do poema – *lege fumoso non aspernanda Decembri [carmina]* – com o verso 491 do passo das *Tristia* de Ovídio que apresentamos há pouco – *talia luduntur fumonso mense Decembri* – percebida, aliás, por diversos comentadores tanto de Ovídio como de Marcial [374], o que indicia não somente tratar-se de intertexto, mas sobretudo serve para aproximar mais ainda a poesia saturnalícia de Marcial daquela tratadística jocosa das Saturnais com que, sem dúvida, rivaliza e, ao mesmo tempo, legitimar os epigramas como leitura própria das Saturnais.

O segundo epigrama, o dedicado a Macro, um funcionário imperial responsável pela conservação da Via Ápia, alude igualmente a uma espécie epigramática que pode ser considerada tanto um brinde saturnalício, possivelmente, tal como a seção bibliófila de *Apoforeta* deixa entrever, como um substituto digno para as nozes das Saturnais: lembremos que, para o poeta, seus epigramas são as nozes. Ademais, cumpre notar, mais uma vez, que o livro de epigramas, como podem indicar os dois últimos versos de *Epig.* 10. 18, passa a ocupar espaço de destaque na literatura jocosa das Saturnais, no mesmo estatuto que aquela tratadística paródica aludida por Ovídio há pouco e, certamente, modelo de composição para os epigramas de Marcial de *Xênia* e *Apoforeta*, como vimos; a dimensão paródica, por sua vez, é intensificada nos referidos versos – sobretudo o último: “Que farás, Ápia, caso Macro as leia?”, *Appia, quid facies, si legit ista Macer?* –, em seus

[374] Cf. Bailey (2002: 383); Citroni (1989: 213).

processos de inversão típicos, sobrepondo-se, na excepcionalidade instaurada pelo reinado de Saturno, aos deveres e obrigações que pertencem ao mundo oficial, que não têm lugar no mundo às avessas da época das Saturnais.

Passemos agora a outro aspecto dos livros saturnalícios do poeta que reforçam, de um lado, o livro de epigramas como um tipo de composição conscientemente engendrada para a festividade e, de outro, o fato de as próprias Saturnais já serem subsumidas em Marcial na qualidade de novo viés temático do epigrama, no mesmo patamar da epigramática erótica e convivial [375]. É sabido que, ao longo da obra do poeta, há numerosos epigramas que abordam o livro, a crítica do livro de poesia, a circulação de poesia e os processos que antecedem a publicação na Antiguidade [376]. Não são raros, porém, epigramas em que a crítica de poesia e a provável correção dos livros do poeta ocorrem, no presente narrativo do poema, no decorrer dos dias de animado ócio das Saturnais. Nesses epigramas, quem é brindado com um livrinho douto e elegante não é o destinatário, mas sim o próprio poeta, que pode medir a recepção de seus versos sob o juízo crítico e simultaneamente obsequioso de amigos, que são também homens cultos e refinados, não menos exigentes nas letras, em que pese o cenário licencioso e mais livre dos banquetes saturnais:

Sic Tiburtinae crescat tibi silua Dianae
    et properet caesum saepe redire nemus,
nec Tartesiacis Pallas tua, Fusce, trapetis
    cedat et inmodici dent bona musta lacus;
sic fora mirentur, sic te palatia laudent,
    excolat et geminas plurima palma fores:
otia dum medius praestat tibi parua December,

[375] Cf. Cesila (2005:13): “Podemos dividir em dois grupos os epigramas que fazem referência às Saturnais: um que englobaria os poemas em que as festividades surgem como pano de fundo para um tema principal (uma sátira a um indivíduo que o poeta vê na rua, uma crítica a um amigo ou patrono ingrato que não retribuiu um presente, uma homenagem ao imperador ou a algum patrono, etc); e outro grupo que incluiria os epigramas em que as próprias Saturnais são o tema principal e servem como elemento para considerações de ordem poético-literária do autor”.
[376] Cf. Vallette-Cagnac (1997: 112); Agnolon (2010: 87-99); Leite (2011).

exige, sed certa, quos legis, aure iocos.
'Scire libet uerum? res est haec ardua.' Sed tu
quod tibi uis dici, dicere, Fusce, potes.

Assim te cresça a mata de Diana em Tíbur
e a vicejar se apresse o bosque em poda,
nem ceda tua Palas, Fusco, às mós tartessas;
teus sobejos tonéis te deem bons vinhos;
O fórum te ame, assim te louve o Palatino,
e muitas palmas ornem tuas portas:
enquanto breves ócios te oferta Dezembro,
avalia zeloso meus gracejos.
"É a verdade que almejas? É dura". Tu podes
dizer, Fusco, o que queres que te digam [377].

Após dirigir rogos e elogios a Fusco (advogado cujas vitórias no Foro lhe ornavam as portas), desejando que o bosque de sua propriedade em Tíbur viceje, suas mós produzam bom azeite e seus lagares, vinhos de excelência, o poeta entrega seus gracejos para que sejam lidos e avaliados pelo amigo. O dístico final, que constitui o verdadeiro clímax do poema, encena a dura situação do poeta que submete sua produção ao juízo alheio, temendo já, por antecipação, a verdade nua e crua amiúde sem peias da crítica – que também é falsa modéstia do poeta, pois que o diálogo, meramente encenado, dissimula tão-só o monólogo da fala epigramática. Contudo, como convém ao epigrama, o fim, pela profunda ambiguidade, institui espécie de suspensão do juízo, haja vista que o falso temor do eu-epigramático nada mais faz que evidenciar a ironia subjacente à fala final: "Tu podes/ dizer, Fusco, o que queres que te digam", *Sed tu/ quod tibi uis dici, dicere, Fusce, potes*. Crítica direta, correção dos poemas, elogios à própria obra, crítica gentil, ação entre amigos: o que quer Marcial afinal? Com efeito, o poema pressupõe a existência de uma crítica e circulação de poesia, bem como a oferta de poesia, como aspectos comuns à época das Saturnais [378], já incorporada, pelo menos em Marcial, como possibilidade epigramática; no entanto, se a ironia e o tom gracejador

[377] Mart., *Epig.* 7. 28. Tradução nossa.
[378] Cf. Citroni (1989: 213).

do poeta que gracejos dedica a Fusco tornam o problema difícil de resolver, o vigor e engenho dos versos de Marcial denunciam o alto grau de refinamento de suas composições consagradas às Saturnais, virtudes que decerto nada têm que ver com uma literatura considerada menor – ou de "época de prata", como classificam alguns manuais. Pelo contrário, trata-se de obra capaz de rivalizar com grandes poetas da tradição grega e latina. Vejamos, pois, outro bibliopoema de Marcial:

Non totam mihi, si uacabis, horam
dones, et licet imputes, Seuere,
dum nostras legis exigisque nugas.
'durum est perdere ferias': rogamus
iacturam patiaris hanc ferasque.
Quod si legeris ista cum diserto
- sed numquid sumus improbi? – Secundo,
plus multo tibi debiturus hic est
quam debet domino suo libellus.
Nam securus erit, nec inquieta
lassi marmora Sisyphi uidebit,
quem censoria cum meo Seuero
docti lima momorderit Secundi.

Uma hora, mas não toda, se puderes,
dês-me, Severo, pões em minha conta,
enquanto lês e aferes minhas nugas.
"Férias! É duro perdê-las!" Mas peço
toleres e suportes esta perda.
Se leres estes versos c'o eloquente
Segundo – acaso não sou atrevido? –,
este livrinho mais deverá a ti
do que agora ele deve ao seu senhor.
Pois estará seguro e não verá
do lasso Sísifo os inquietos mármores
livro que – junto a Severo – a censória
lima burila do douto Segundo [379].

Diversamente dos epigramas programáticos que vimos até aqui, este não faz necessariamente alusão às Saturnais: em rigor, é possível que o pano de fundo suposto do poema fosse qualquer festividade, haja

[379] Mart., *Epig.* 5. 80. Tradução nossa.

vista a menção a *feriae*, no quarto verso. No entanto, considerando-se a imprecisão comum em que amiúde jaz o esforço de datação, endossamos a hipótese de Gsell, mais afim a nosso argumento, que considera a presença recorrente de epigramas consagrados às Saturnais – inclusive o poema (*Epig.* 5. 84) que encerra o libelo – indício suficiente para demarcar a publicação do quinto livro em dezembro de 89 d.C.[380] . Nesse sentido, como o precedente, o epigrama em tela serve para submeter o livrinho ao juízo crítico de um leitor experiente: no caso, ainda que a fala epigramática se dirija a apenas um, é perceptível que se trata na verdade de dois pareceres, um é do amigo Severo, diretamente interpelado, e o outro, do douto Segundo, em provável referência, ainda que incerta, a Caio Plínio Cecílio Segundo, Plínio, o Jovem, que, aliás, aparece em outro epigrama, brandindo novamente sua "lima censória":

Nec doctum satis et parum seuerum,
sed non rusticulum tamen libellum
facundo mea Plinio Thalia
i perfer: breuis est labor peractae
altum uincere tramitem Suburae.
Illic Orphea protinus uidebis
udi uertice lubricum theatri
mirantisque feras auemque regis,
raptum quae Phryga pertulit Tonanti;
illic parua tui domus Pedonis
caelata est aquilae minore pinna.
Sed ne tempore non tuo disertam
pulses ebria ianuam, uideto:
totos dat tetricae dies Mineruae,
dum centum studet auribus uirorum
hoc quod saecula posterique possint
arpinis quoque conparare chartis.
Seras tutior ibis ad lucernas:
haec hora est tua, cum furit Lyaeus,
cum regnat rosa, cum madent capilli:
tunc me uel rigidi legant Catones.

[380] Cf. Gsell (1894: 198ss) *apud* Citroni (1989: 220). Diversa é a hipótese de Friedlaender (1961: 56), segundo quem a data de publicação do livro V seria aproximadamente nos idos de outubro de 89 d.C. Seja como for, se considerarmos a grande popularidade que angariavam as Saturnais, é possível supor que os meses de outubro e novembro já gerassem grande expectativa pela chegada da festividade.

Não é douto o bastante, é pouco sério,
ao menos de rudeza não padece.
Vai! Ao facundo Plínio, minha Tália,
leva o livrinho: pouco exige a via
toda escarpada vencer do Suburra.
Ali logo adiante Orfeu verás,
a encimar lúbrico o teatro d'água,
e as feras célebres e a ave do rei,
que levou capturado o frígio a Jove;
ali vês de Pedão a breve casa
c'a pena de águia menor esculpida.
Cuida, porém, não bater fora de hora
– e ébria! – à porta engenhosa: ele dedica
à severa Minerva os dias todos,
a agradar os ouvidos dos centúnviros
com o que os séculos possam vindouros
comparar aos escritos do arpinate.
É melhor ires nas tardas lucernas,
é esta a hora e vez: Lieu delira agora,
rosas, cabelos reinam perfumados:
até os duros Catões me leriam [381].

Os bibliopoemas [382] que apresentamos possuem várias características em comum, estas ultrapassam à mera alusão ao próprio livro de poemas. Em todos, os homens a quem Marcial encomenda seus epigramas são representantes de certa elite intelectual, educada sob a tutela da retórica, da filosofia, da história, da poesia; e, no plano dos *negotia*, exercem, como Fusco e Plínio, magistraturas que, sob todos os aspectos, portanto, os distinguem virtuosos. A urbanidade e elegância desses *ciues* se manifestam seja mediante a crítica que, espera-se, façam do livro do poeta, seja por sua produção textual em prosa ou verso. Outro elemento que denuncia o gosto apurado dos destinatários, ou pelo menos é assim que Marcial os representa, é o rigor e diligência com que devem aferir os epigramas do poeta. Ora, Severo aqui não é só nome, mas notação, que desafia à suposta arbitrariedade do significante: Severo é severo, ao passo que a "censória lima" de Plínio

[381] Mart., *Epig.* 10. 20. Tradução nossa.
[382] Sobre bibliopoemas, bibliotextos etc, cf. Oliva Neto (2011: 177-187).

evidencia o zelo e o grau de exigência com que efetua a crítica no campo das letras: não é para menos, é ele êmulo de Cícero, assim como Marcial o é de Catulo e dos epigramatistas helenísticos e coevos[383].

Os epigramas em questão agenciam tópicas de humildade já tradicionais: a graça é perceber que, sendo modéstia afetada, se trata de elogio ao engenho do próprio poeta que, ao recomendar a obra, está à altura de sujeitar-se à crítica de tão ilustres homens. No que tange à presença das Saturnais – duvidosa ou não – nos epigramas em tela, poder-se-ia inferir que a autorreferencialidade do poeta, já que os *biblio*epigramas são também *meta*epigramas, busca, como dissemos há pouco, legitimar certo campo da composição de poesia que tem as Saturnais como objeto e fim da composição. Marcial intenta consolidá-las como nova espécie epigramática, paralela à erótica, pederástica, simpótica, incorporadas, já desde tempo antigo, ao gênero, mas com especificidades que somente as circunstâncias excepcionais das Saturnais romanas poderiam oferecer como pano de fundo dos epigramas. Acrescentem-se ainda as elocuções jocosamente preceptísticas dessa poesia saturnal, tomada, como vimos, da tratadística paródica, ao que parece corriqueira, segundo testemunham os versos de Ovídio. Nesse sentido, *Xênia* e *Apoforeta*, antes de se constituírem obras menores, arrogam-se na verdade a posição dos representantes mais altos de uma epigramática de jaez saturnalício: as duas coletâneas de dísticos de Marcial são as Saturnais, poeticamente, levadas às últimas consequências.

A afirmação com que arrematamos o parágrafo precedente pode parecer exagerada: não é. Em várias passagens desse trabalho indicamos a presença em *Xênia* e *Apoforeta* de uma espécie de princípio de unidade, indiciada quer pela rejeição do viés vituperioso do riso no interior das recolhas de dísticos, quer, sobretudo, pela presença

[383] Cf. Laurens (1965: 317); Burnikel (1980); Sullivan (1999: 85-93); Fantuzzi & Hunter (2004: 284ss); Livingstone & Nisbet (2010: 105).

imanente das Saturnais romanas, não somente como circunstância imaginada de fruição dos epigramas, mas também como espécie de entidade agenciadora, por assim dizer, de um critério de decoro que a um só tempo determina e legitima o riso cômico e jocoso dos poemas. As Saturnais, portanto, constituem em Marcial muito mais do que meramente um contexto, símbolo dos componentes eróticos e conviviais dos epigramas do poeta. Na verdade, a festividade interfere de modo indispensável na forma editorial das coleções de dísticos.

Com efeito, desde pelo menos a época helenística, em que a escrita auferiu para sempre à grande tradição oral homérica a posição de suporte da memória, munindo a própria musa de papiro e cálamo, ou seja, após a poesia incorporar pouco a pouco, seja no plano da composição, seja no domínio teórico, os critérios textuais comuns à forma livresca, o poema, a despeito da leitura individual que se possa fazer dele, passou a compor uma parte do livro, sendo necessário, portanto, para a devida interpretação do poeta e da obra, que se levasse em consideração o tipo de relação estabelecida entre os poemas que juntos compunham a recolha, ampliando, assim, como a um palimpsesto, as camadas interpretativas da obra. O livro, é necessário que se diga, acomoda em si um critério unificador, não se constitui tão-somente o suporte de circulação da obra escrita e, sim, um princípio que estabelece espécie de denominador comum de um certo conjunto de composições, de modo que compete ao bom analista perceber o liame que unifica os poemas no interior do livro e, em seguida, buscar interpretar de que modo esse senso de unidade reverbera na leitura dos poemas. Ora, na poesia horaciana, por exemplo, há clara divisão dos livros, com elementos estruturadores próprios, principalmente de ordem métrica, como indiciam os livros de *Odes*: a semelhança métrica da ode 1.1 – em que roga a Mecenas sua inclusão entre os vates líricos – e da ode 3. 30 – já poeta imortal: *exegi monumentum* – é indicativa disso. Entre exórdio e peroração, há um caminho que se seguiu, há, em função da excelência dos versos, do engenho com que Horácio emula os

versos gregos, mudança de estado do *auctor*: de poeta a imortal. A unidade, pois, dos livros de *Odes* evidencia o processo de construção do *monumentum*, a trajetória da *persona* do poeta[384].

No caso de Marcial, não me parece ser diferente, ainda que a forma editorial de *Xênia* e *Apoforeta* não subjaza, como ocorre em Horácio, nas unidades métricas de que faz uso. O critério editorial de Marcial reside não só na *dispositio* dos poemas presente nas respectivas obras, mas sobretudo no efeito de simultaneidade instituída pela *persona loquens* dos epigramas entre a extensão dos livros e a duração dos festejos das Saturnais [385].

De fato, os epigramas que abrem as coletâneas de dísticos de *Xênia* e *Apoforeta* inauguram também as próprias Saturnais, pois demarcam precisamente o início da festa. Ora, o poema-prefácio de *Xênia* (1. 4) estatui a mudança do plectro dos versos do poeta: "Eis, ébrio inverno novo sal requer", *Postulat ecce nouos ebria bruma sales*; ao passo que o primeiro epigrama de *Apoforeta* postula a licença típica das Saturnais:

I

Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator
  dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;
nec timet aedilem moto spectare fritillo,
  cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:
diuitis alternas et pauperis accipe sortes:
  praemia conuiuiae dent sua quisque suo.
'Sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.'

[384] Cf. Hasegawa (2010: 51): "O início e o fim da obra lírica, por exemplo, são indicados também pelo metro. Entre todos os poemas dos três primeiros livros dos *Carmina*, provavelmente publicados juntos em 23 a.C., apenas na *carm*. 1, 1, a primeira do primeiro livro, e na *carm*. 3, 30, a última do último livro, o poeta usa o asclepiadeu menor κατὰ στίχον. A identidade métrica nos dois poemas revela identidade de matéria: no exórdio da recolha, Horácio pede que Mecenas o introduza no grupo dos líricos para o poeta poder assim alcançar a imortalidade, e na conclusão declara-se imortal por ter erguido monumento mais duradouro que o bronze; nas duas odes faz referência aos poetas líricos arcaicos que toma por modelo (*carm*. 1, 1, 34: *Lesboum* [...] *babiton*; *carm*. 3, 30, 13: *Aeolium carmen* [...])".
[385] Cf. Citroni (1989: 212).

Quis nescit? uel quis tam manifesta negat?
Sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,
quos tibi pro caelo filius ipse dedit?
Vis scribam Thebas Troiamve malasue Mycenas?
'Lude,' inquis, 'nucibus'. Perderе nolo nuces.

1

O equestre, o senador, meu senhor, todos brincam,
enquanto usar o píleo agrada a Jove –
nem o escravo agitando o fritilo o edil teme
encarar: mesmo vendo os lagos gélidos! –,
toma a sorte que alterna pobres e abastados:
dar ao conviva o prêmio que lhe cabe.
"Mas é só tralha, nuga e o que for de mais vil!"
Há quem não saiba? Quem negue o inegável?
Mas que farei, Saturno, nestes ébrios dias,
que teu filho te deu em paga ao céu?
Que eu cante Tebas, Troia ou Micenas funesta?
"Vai! Joga as nozes!". Não! Perder Jamais! [386]

O poema desenvolve procedimentos similares àqueles dos epigramas que vimos há pouco, pertencentes a outros livros, como a breve imagem da cena festiva e a referência ao tipo de poesia decorosa às Saturnais. A grande diferença aqui é, de um lado, a ênfase com que se representa o cenário do epigrama. Ora, é o próprio deus, com a *auctoritas* conferida por seu reinado temporário, quem determina que sejam as nozes – metáfora, como se sabe, para os epigramas do poeta – a moeda corrente das Saturnais, rejeitando, por *recusatio*, os gêneros elevados que, como já vimos, ligam-se ao regime sério da vida. De outro lado, as Saturnais aqui não são representadas, parece-me, *in medias res*, como ocorriam nos epigramas de nossa análise precedente, mas no seu início, o que se revela tanto pela interpelação feita ao deus pela *persona loquens* do poeta, nos versos nove e dez, como pela voz prescritiva, notável com o uso do imperativo, presente no quinto verso. O imperativo não apenas instrui a respeito da melhor forma de proceder durante os dias de festa, que ora se iniciam, como ainda pode evocar

[386] Mart., *Apoph*. 1.

aqueles tratados jocosos de hospitalidade e de outras artes lúdicas, que influenciam, como vimos, parcela não pequena de epigramas das coleções de dísticos.

Marcial se utiliza de prefácios, em prosa e verso, largamente ao longo de sua obra, empregando procedimento já tópico nos epigramas, como ocorriam nas guirlandas epigramáticas de circulação corrente no mundo antigo, como nos atestam os proêmios de algumas antologias, hoje conservadas no quarto livro da *Antologia Grega* – respectivamente, das guirlandas de Meléagro, Felipe de Tessalônica e Agatias Escolástico[387]. Os proêmios, como ocorre com o primeiro epigrama de *Apoforeta* (e de *Xênia* também), estabelecia os critérios poéticos básicos da recolha de poemas. No caso dos livros de Marcial em tela, não se tratava simplesmente de determinar o teor erótico, jocoso e amiúde obsceno, mas sobretudo defini-los como poesia de Saturnais. A fim de fugir ao riso involuntário, evitando o compósito monstruoso a que se refere Horácio nos primeiros versos da *Arte Poética*,[388] todo exórdio necessita da peroração, para que se arremate a contento o discurso que o primeiro principia. O último epigrama de *Apoforeta* é o retoque final do banquete marciálico:

> CCXXIII
>
> Adipata
>
> Surgite: iam uendit pueris ientacula pistor
> cristataeque sonant undique lucis aues.
>
> 223
>
> Pastéis
>
> Levantai! Os meninos já compram lanchinhos!

[387] Sobre a *Antologia Grega* e guirlandas de epigramas antigos, cf. Cameron (2003). Sobre coleções de poesia e livros de epigramas, cf. Gutzwiller (2005); Hutchinson (2008).
[388] Cf. Hor., *A.P.* 1-5.

E as aves cantam cristadas à Aurora [389]!

É bastante importante que se note aqui o uso do imperativo por Marcial: *Surgite!* O verbo que inicia o primeiro hemistíquio do hexâmetro demarca o fim das Saturnais. Muito mais do que servir de etiqueta aos pastéis, o epigrama lembra ao leitor que as Saturnais já acabaram, é hora de Saturno sair de cena e ser mais uma vez destronado por Jove. O epigrama, no limite, é índice da coincidência entre o fim do livro de poemas e das próprias Saturnais e de seus divertimentos, necessários aos tempos de ócio[390], revelando, portanto, a importância da festividade romana para os epigramas do poeta. O fim da festa – e do livro – sugere também uma alteração de comportamento do sujeito, baseada no retorno da vida oficial, das convenções e hierarquias determinadas: o barrete de liberto é deposto enfim. A festa mais até do que viés temático epigramático é o princípio estruturante dos livros saturnalícios de Marcial. O que acabamos de dizer, ainda que valha de modo mais intenso às referidas coleções de dísticos, pode ocorrer em outros livros de epigramas do poeta de Bílbilis, como é o caso do quinto livro que, como dito há pouco, fora provavelmente dado

[389] Mart., *Apoph.* 223.

[390] O verbo *surgere* ("levantar", "erguer-se", etc.) talvez possuísse, em latim, emprego tópico para a demarcação do fim de obras e, do mesmo modo que em Marcial, estabelecia coincidência entre o fim do livro e o fim do ócio, já que era o *otium* que propiciava o espaço necessário para a prática intelectual e para os divertimentos em Roma, momento em que o cidadão se via, temporariamente, livre das atribulações da República e do burburinho da Cidade. Não nos parece casual que Cícero encerra cada um dos três livros do *Do orador* mediante o emprego de *surgo* e variações: *et, cum exsurgeret, simul adridens* (*de Or.* 1. 265); *Sed nunc quidem, quoniam est id temporis, surgendum censeo et requiescendum* (*de Or.* 2. 367); *Sed iam surgamus, inquit, nosque curemus et aliquando ab hac contentione disputationis animos nostros curamque laxemus* (*de Or*. 3. 230). Cf. também Verg., *Ecl*. 10. 75: *Surgamus: solet esse gravis cantantibus umbra*. Segundo Citroni (1989: 211), "O *surgamus* vergiliano possui, como se vê, uma certa afinidade com o *surgite* de Marcial: o fim das Saturnais, assim como o fim da jornada dos pastores, impõe uma mudança de condição, uma mudança de comportamento, e, nessa nova condição, não há mais espaço para a poesia que se propunha como acompanhamento e integração da atividade própria da condição precedente".

a lume em dezembro de 89 d.C..[391] Seu último epigrama faz coincidir também o encerrando do *libelus* e das Saturnais:

Iam tristis nucibus puer relictis
clamoso reuocatur a magistro,
et blando male proditus fritillo,
arcana modo raptus e popina,
aedilem rogat udus aleator.
Saturnalia transiere tota,
nec munuscula parua, nec minora
misisti mihi, Galla, quam solebas.
Sane sic abeat meus december:
scis certe, puto, uestra iam uenire
Saturnalia, martias kalendas;
tunc reddam tibi, Galla, quod dedisti.

Triste em depor as nozes, o menino
pelos gritos do mestre é conclamado;
logrado na desdita pelo brando
fritilo – arrebatado em tasca oculta –
ao edil roga o jogador borracho.
Passaram por inteiro as Saturnais:
nenhum presente ou tola lembrancinha
me deste, Gala, como costumavas!
Que o meu Dezembro assim transcorra então.
Sabes, penso eu, estarem perto as tuas
Saturnais, bem nas calendas de março:
vou dar-te, Gala, o presente que deste![392]

Assim como *Apoph*. 223, o epigrama em hendecassílabos falécios compõe também uma imagem expressiva do fim das Saturnais e do consequente retorno das instituições: findos os festejos, os garotos abandonam as nozes, conclamados pelos mestres; o jogador, ainda

[391] Citroni (1989: 214-225) levanta a hipótese, mediante o estudo da cronologia dos livros de epigramas de Marcial, de que outros livros do poeta com razoável probabilidade foram dedicados às Saturnais, como é o caso dos livros IV, V, VII, X e XI. Não coincidentemente vários poemas que citamos e comentamos ao longo desse trabalho, em virtude da relação com as Saturnais, fazem parte dos referidos *libelli*. Se correta a hipótese do autor italiano, as Saturnais então possuíram de fato um lugar de destaque na poesia marciálica, o que justificaria, pelas especificidades próprias da festa às quais já nos referimos aqui, a existência de nova espécie epigramática, não necessariamente devedora das várias espécies temáticas helenísticas, tais como as vemos na *Antologia Palatina*.
[392] Mart., *Epig.* 5. 84. Tradução nossa.

ébrio da noite insone, deve explicar-se agora ao edil – a quem antes não temia[393] –, já que, novamente, se tornam proibidos os jogos de azar. E, assim como os meninos e o jogador contumaz, deve o poeta abandonar as suas nozes: os epigramas. O poema é jocoso, pois contém leve ameaça a Gala, que nada ofertou ao poeta das Saturnais. Talvez a intimidação – que não deve evidentemente ser levada a sério – indicie o desejo de retorno das Saturnais, da Idade de Ouro, época de banquetes faustosos, vinhos, brincadeiras e, sobretudo, epigramas.

Ao longo deste capítulo, que encerra finalmente nossa exposição, buscamos demonstrar a importância das Saturnais romanas para a verve epigramática de Marcial. Os festejos consagrados ao deus da foice não se constituíram meramente um pano de fundo ou mesmo simples pretexto para compor epigramas. Pelo contrário, embora as Saturnais já tenham sido associadas à composição de poesia ligeira – como talvez seja indicativo o poema 14 de Catulo –, não há dúvida de que o poeta de Bílbilis, assim como desempenhou papel fundamental para o que se compreende ainda hoje por *epigrama*, dada a variedade de matéria que ao gênero incorporou, converteu as Saturnais, por causa da singularidade, em espécie epigramática: com efeito, elas circunscrevem um domínio da composição poética que, a despeito dos ingredientes eróticos e conviviais evidentes, é determinada pela superabundância positiva e propiciatória de natureza ritual, pressupondo, pois, um código de conduta específico da *persona loquens* – bem como de seus interlocutores e leitores –, baseado na inversão das convenções e hierarquias sociais, de modo que o subgênero, digamos, "saturnino" de Marcial é síntese do banquete (sempre exuberante), do vinho, da sensualidade própria da festa, da troca de presentes, do jogo e da brincadeira. O efeito de simultaneidade entre o tempo do livro de epigramas e a duração dos festejos invernais potencializa, como vimos, aspecto já observável na leitura integral dos dísticos, pois, no todo, *simultaneamente*, bem entendido, os epigramas compõem, como já

[393] *Idem, Apoph*. 1. 3.

indicamos, espécie de enorme mosaico, totalizador, que amalgama a um só tempo todos os ingredientes constituintes dos banquetes de Dezembro: *Xênia* e *Apoforeta* são as Saturnais, em tudo que há de luxuriante e opulento. Não fosse o anacronismo óbvio da expressão o festim de Marcial seria digno de Pantagruel.

Considerações Finais

Iam nucibus relictis...

Surgite! Agora é tempo de abandonarmos as nozes marciálicas e, como o poeta, pôr termo à exposição. Ao longo do trabalho percebemos, a partir de fontes antigas variadas – algumas até um pouco extemporâneas aos materiais aqui estudados –, que Saturno fora deus agrário e, por sê-lo, as Saturnais romanas foram profundamente imbuídas de elementos propiciatórios e amiúde apotropaicos, já que o festival se configurava como um interstício, necessário à manutenção das convenções e hierarquias, em que o beber e o comer, bem como os festejos noturnos, pervertiam a ordem pré-estabelecida pela completa inversão – e relativa suspensão – dos códigos sociais. Daí decorre o ingrediente paródico visível em diversos aspectos das Saturnais, inclusive nos manuais jocosos que, paródicos, rebaixavam o sério – lembremos que as instâncias de formação no mundo antigo legitamavam, discursivamente, a existência de uma elite intelectual que, em grande parte, se constituía também elite governante.

No entanto, como as brincadeiras das Saturnais, inclua-se aqui a paródia do mundo oficial, eram anódinas e o jocoso determinava o discurso preponderante ao longo dos festejos, todos os processos de inversão, a exploração do baixo corporal, o rebaixamento do sério, entre outros, poderiam ser compreendidos também como fenômenos que reafirmavam o próprio *status quo*, rememorado e, paradoxalmente, reafirmado a cada brincadeira, a cada chiste das Saturnais, lembrando a todo momento que o reinado de Saturno, a *belle vie* da Idade de Ouro teria, de novo, um fim. A despeito do caráter profundamente positivo do riso das Saturnais, vimos também que tanto Saturno, como os ritos festivos que se lhe relacionam também possuem contornos lúgubres. Ora, o soberano da vida feliz da época da inocência do homem, como

era melancólico, fora também deus de influência nefasta, já que a proeminência intelectual a ele associada – ἀγκυλομήτης – também poderia gerar homens capazes de todos os crimes e profanações, desde que nascidos sob seu influxo. Saturno, como vimos, fora deus ctônico, sugerido não só por sua má fortuna, mas pelo chumbo, signo da macilência mórbida e lúgubre da morte.

Outros testemunhos, de Macróbio, sobretudo, sugerem a existência em tempo antigo de sacrifícios humanos durante as Saturnais. Exagero ou não, a morte do rei da festa poderia muito bem ser a imagem poderosa do destronamento de Saturno, de modo que a celebração, para tornar pleno o caráter de renovação de que se impregava, necessitava da morte, figurando, assim, a própria vida. A foice, pois, poderia ser o instrumento símbolo da colheita, mas também era arma que se brandia:

> XXXIV
>
> Falx
>
> Pax me certa ducis placidos curuauit in usus.
> Agricolae nunc sum, militis ante fui.
>
> 34
>
> Foice
>
> Brandiu-me a Paz do Príncipe em brandos trabalhos.
> Sou de um colono, já fui de um soldado [394].

Em que pese a ambivalência do deus e de seus ritos festivos, percebemos que em Marcial bem como na maioria das fontes latinas a que nos referimos, predominam o caráter positivo das Saturnais e a imagem sempre bondosa e benfazeja do rei-deus, companheiro de Jano.

[394] Mart. *Apoph.* 34.

Com efeito, de tal modo é presente o fator propiciatório dos festejos, que o poeta de Bílbilis, mais de uma vez em epigramas saturnalícios, principalmente nos poemas prefaciais de *Xênia* e *Apoforeta*, perfaz rejeição ao vitupério, abandonando temporariamente o viés invectivo de seus poemas, possibilidade epigramática pela qual é grandemente conhecido. O riso jocoso das Saturnais marciálicas não é dado do acaso, ou mero produto da licença típica da festa: para o poeta, riso é coisa séria. Marcial, como vimos, faz uso de variado vocabulário cujo fim é, além de rejeitar o vitupério, distinguir espécies do risível que correspondendo, como vimos, aos esforços doutrinários de passagens da *Poética* de Aristóteles e do excurso sobre o riso oratório no *Do orador* de Cícero, são operantes na própria composição de epigramas. Nesse sentido, parece-nos ser evidente a tentativa de Marcial de, pela composição de metaepigramas, inserir-se em uma longa tradição de ordem filosófica que considerava o riso uma de suas preocupações teóricas precípuas e, além disso, legitimar as Saturnais como subgênero epigramático, no mesmo patamar de outras espécies tradicionais do epigrama, como a vituperiosa, a convivial, a erótica, a pederástica, a risível, a descritiva, a enigmática, a votiva, a tumular.

Ora, os diversos exemplos que arrolamos foram indicativos do estatuto de espécie ou subgênero epigramático alcançado pelas Saturnais nos poemas de Marcial, uma vez que percebemos as estratégias empregadas pelo poeta com o fim de forjar unidade para os livros saturnalícios, gerando o efeito de concomitância, mediante clara *dispositio* dos poemas, entre a extensão dos livros e a duração das Saturnais romanas. Essa forma editorial, digamos, é nítida também pela especificidade léxica presente nos epigramas iniciais e finais dos livros em questão, em particular de *Apoforeta*. Não se pode deixar de notar também que, para o poeta, legitimar, como dissemos, os epigramas na qualidade de poesia decorosa a ser composta e fruída ao longo da festividade dependeu enormemente do esforço em incorporar um código que, segundo o testemunho ovidiano, era tipicamente

comum às Saturnais, a saber: os tratados jocosos de ampla circulação durante o *fumoso mense Decembri*.

M. Val. Martialis

Epigrammaton

Xenia et Apophoreta

[XIII] [XIV]

Breve Nota acerca da Tradução

Trata-se de tradução poética e vertida em metros fixos e, como já se indicou aqui, inédita em português. Procuramos manter o mesmo número de versos do original latino, replicando também, na medida do possível, as figuras e os mesmos elementos trópicos empregados pelo poeta, bem como as aliterações, assonâncias e outros recursos estilísticos, como *enjambements*, elementos icônicos presentes na sintaxe do verso original, quiasmos, etc. Na impossibilidade de replicá-los – sobretudo em virtude do pouco espaço permitido em português, para desvelar o estrato semântico imediato do poema –, optou-se por recriá-los, respeitando sempre os limites formais do verso vernáculo, por vezes perfazendo, com o fim de potencializar a fruição do poema, algumas alusões seja à tradição tradutória luso-brasileira de poesia antiga, como é o caso de *Apoph*. 66, seja ao repertório da poesia em língua portuguesa, observável, por exemplo, em *Apoph*. 209.

A imensa maioria dos poemas, constituída por dísticos elegíacos, foi vertida por um verso dodecassilábico, seguido de um decassílabo, na maioria das vezes acentuado na sexta sílaba, mas também, em alguns casos, na quarta e sétima sílabas (consoante em *Xen*. 17; 20; 66; *Apoph*. 26; 103; 199, 212; 223, etc); e, em outros, ainda que em menor número, na quarta e oitava sílabas (*Xen*. 104; 125; *Apoph*. 141 (140); 159, etc.). A despeito da presença preponderante dos dísticos elegíacos em *Xênia* e *Apoforeta*, talvez em função da unidade semântica que ensejem, há ainda, nos livros em tela, o emprego por parte do poeta de outras espécies métricas de fundamental importância para a tradição epigramática antiga. O Coliambo (ou Escazonte), de base iâmbica e, como vimos há pouco, associado a Hipônax, é o metro de *Xen*. 61. Para vertê-lo, achamos por bem empregar o decassílabo, com acento na sexta sílaba. Ora, o verso de Petrarca e Camões também fora o metro

preferido de Aretino e Bocage, o que demonstra, em nossa tradição, a grande variedade de temas e motivos atrelados ao decassílabo que, da mesma maneira que no gênero epigramático, podiam ser eróticos, amorosos, injuriosos, jocosos.

No caso dos epigramas, já mais numerosos, compostos em hendecassílabos falécios, utilizamos também o decassílabo, mas não sem algumas variações. O leitor verá decassílabos com o acento costumeiro na sexta sílaba combinados com decassílabos provençais (com a quarta e sétima fortes), como é o caso de *Apoph*. 92. 1 e 206. 2, ou sáficos (acentuados na quarta e oitava sílabas), como, por exemplo, em *Apoph*. 10. 2. A única exceção, é necessário que se diga, ocorreu no dístico dedicado ao Linguado (*Xen.* 81) – único epigrama em hendecassílabo falécio de *Xênia* –, que considerei por bem vertê-lo por dois hendecassílabos com a forte recaindo na sexta: o espaço ganho pela sílaba a mais permitiu que se mantivesse em vernáculo a estrutura em quiasmo do verso original.

Liber XIII

Xenia

I

Ne toga cordylis et paenula desit oliuis
Aut inopem metuat sordida blatta famem,
Perdite Niliacas, Musae, mea damna, papyros:
Postulat ecce nouos ebria bruma sales.
Non mea magnanimo depugnat tessera telo
Senio nec nostrum cum cane quassat ebur:
Haec mihi charta nuces, haec est mihi charta fritillus:
Alea nec damnum nec facit ista lucrum.

1

Para que atuns e olivas não percam as togas,
nem tema a imunda traça a triste fome,
perdei, Musas, meus danos – papiros do Nilo!
Eis! Ébrio inverno novo sal requer!
Meus dados não combatem co'altivo aguilhão,
nem cão, nem seis agitam meu marfim.
Meu livro são as nozes; meu livro é fritilo:
esses dados não trazem dano ou lucro.

II

Nasutus sis usque licet, sis denique nasus,
quantum noluerat ferre rogatus Atlans,
et possis ipsum tu deridere Latinum:
non potes in nugas dicere plura meas,
ipse ego quam dixi. Quid dentem dente iuuabit
rodere? carne opus est, si satur esse uelis.
Ne perdas operam: qui se mirantur, in illos
uirus habe, nos haec nouimus esse nihil.
Non tamen hoc nimium nihil est, si candidus aure
nec matutina si mihi fronte uenis.

2

Embora narigudo – e o tenhas afinal
enorme, que nem Atlas o carregue –
e possas tu zombar té do próprio Latino,
mais não podes dizer de minhas nugas
do que eu mesmo já disse. Roer dente com
dente ajuda? Regala-te com carne!
Vai! Anda! Aos arrogantes lança teu veneno!
Meus versos (bem sabemos) nada são.

Mas têm lá seu valor, se vieres ouvi-los
sem o cenho que trazes de manhã.

III

Omnis in hoc gracili Xeniorum turba libello
constabit nummis quattuor empta tibi.
Quattuor est nimium? poterit constare duobus,
et faciat lucrum bybliopola Tryphon.
Haec licet hospitibus pro munere disticha mittas,
si tibi tam rarus quam mihi nummus erit.
Addita per titulos sua nomina rebus habebis:
praetereas, si quid non facit ad stomachum.

3

Todos os Xênias desta graça de livrinho
quatro sestércios só te custarão.
Achas quatro demais? Pois que sejam só dois!
Trífon, o bibliopola vai lucrar!
Manda os dísticos como presentes aos hóspedes,
se, como eu, vês tesouro num vintém!
Nos títulos, verás os nomes dos regalos:
ignores, se algo faz-te mal ao estômago.

IV

Tus

Serus ut aetheriae Germanicus imperet aulae
utque diu terris, da pia tura Ioui.

4

Incenso

P'ra que tarde, no Etéreo, em governar Germânico
e mais na Terra, a Jove oferta incensos.

V

Piper

Cerea quae patulo lucet ficedula lumbo,
cum tibi sorte datur, si sapis, adde piper.

5

Pimenta

Céreo o papão reluz, com seu extenso dorso:
à sorte dado a ti, pimenta acresce.

VI

Alica

Nos alicam, poterit mulsum tibi mittere diues.
Si tibi noluerit mittere diues, emes.

6

Álica

O mulso um rico dar-te poderá; nós, a álica.
Se o rico não te der, hás de comprá-lo.

VII

Faba

Si spumet rubra conchis tibi pallida testa,
lautorum cenis saepe negare potes.

7

Fava

Se espumar descorada em rubro jarro a fava,
das lautas festas podes declinar.

VIII

Far

Inbue plebeias Clusinis pultibus ollas,
ut satur in uacuis dulcia musta bibas.

8

Trigo

Enche os jarros plebeus só com papas Clusinas,
p'ra que, vazias, bebas doce mosto.

IX

Lens

Accipe Niliacam, Pelusia munera, lentem:
uilior est alica, carior illa faba.

9

Lentilha

Toma do Nilo, brinde pelúsio, a lentilha:
mais cara é a álica, é barata a fava.

X

Simula

Nec dotes similae possis numerare nec usus,
pistori totiens cum sit et apta coco.

10

Sêmola

Contar não poderias seus dotes, seus usos,
pois que é próprio do cuca e do padeiro.

XI

Hordeum

Mulio quod non det tacituris, accipe, mulis.
Haec ego coponi, non tibi, dona dedi.

11

Cevada

Toma o que às mulas, tácitas, não dá o cocheiro.
Estes dons, dei-os para o taverneiro.

XII

Frumentum

Tercentum Libyci modios de messe coloni
sume, suburbanus ne moriatur ager.

12

Cereais

Trezentos módios toma da messe de um Líbio,
para que não te morra a quinta próxima.

XIII

Betae

Vt sapiant fatuae, fabrorum prandia, betae,
o quam saepe petet uina piperque cocus!

13

Acelgas

Para que acelgas, prândio artesão, tenham gosto,
quanto vinho e pimenta o cuca acresce!

XIV

Lactucae

Cludere quae cenas lactuca solebat auorum,
dic mihi, cur nostras inchoat illa dapes?

14

Alfaces

Os festins dos antigos a alface encerrava.
Diz-me: por que, nos nossos, ela é entrada?

XV

Ligna acapna

Si uicina tibi Nomento rura coluntur,
ad uillam moneo, rustice, ligna feras.

15

Lenha seca

Se cultivas teus campos aos pés de Nomento,
à vila, ó camponês, transportes lenha.

XVI

Rapa

Haec tibi brumali gaudentia frigore rapa
quae damus, in caelo Romulus esse solet.

16

Rabanetes

Dou-te estes rabanetes, felizes c'o inverno:
sói Rômulo comê-los lá no céu.

XVII

Fascis coliculi

Ne tibi pallentes moueant fastidia caules,
nitrata uiridis brassica fiat aqua.

17

Maço de Couves

P'ra que pálidas não te enfastiem as couves,
verdes se tornem com água nitrosa.

XVIII

Porri sectiui

Fila Tarentini grauiter redolentia porri
edisti quotiens, oscula clusa dato.

18

Alho de Picar

Sempre que tu comeres de Tarento o forte
alho, só beijes de bico fechado.

XIX

Porri capitati

Mittit praecipuos nemoralis Aricia porros:
in niueo uirides stipite cerne comas.

19

Alho-Poró

Manda notáveis alhos a frondosa Arícia:
repara, na haste nívea, a verde coma.

XX

Napi

Hos Amiternus ager felicibus educat hortis:
Nursinas poteris parcius esse pilas.

20

Nabos

Amiterno em ditosos campos os produz:
têm parco preço os de Núrsia corpudos.

XXI

Asparagi

Mollis in aequorea quae creuit spina Ravenna,
non erit incultis gratior asparagis.

21

Aspargos

À beira-mar cresceu tenro talo em Ravena:
Não terá mais sabor que aspargos sáfaros.

XXII

Uuae duracinae

Non habilis cyathis et inutilis uua Lyaeo,
sed non potanti me tibi nectar ero.

22

Uvas Duras

Às taças não convenho: a Lieu indigesta,
a ti, porém, abstêmio, serei néctar.

XXIII

Ficus Chiae

Chia seni similis Baccho, quem Setia misit,
ipsa merum secum portat et ipsa salem.

23

Figos de Quios

São como o velho Baco que Sécia mandou:
o vinho puro e o sal consigo trazem.

XXIV

Cydonea

Si tibi Cecropio saturata Cydonea melle
ponentur, dicas: 'Haec melimela placent.'

24

Marmelos

Se marmelo, de mel Cecrópio saturado,
servirem, digas: “que doces maçãs!”

XXV

Nuces Pineae

Poma sumus Cybeles: procul hinc discede, uiator,
ne cadat in miserum nostra ruina caput.

25

Pinhões

Os pomos de Cibele somos. Vai, viajante!
p’ra que em tua cabeça não caiamos!

XXVI

Sorba

Sorba sumus, molles nimium tendentia uentres:
aptius haec puero quam tibi poma dabis.

26

Sorvas

Nós somos sorvas, que ventres soltos contraem.
Convém dar estes frutos a um garoto.

XXVII

Petalium Caryotarum

Aurea porrigitur Iani caryota Kalendis;
sed tamen hoc munus pauperis esse solet.

27

Talo de Tâmaras

Nas calendas de Jano ofertam-se áureas tâmaras.
Mas este mimo soem dar os pobres.

XXVIII

Vas Cottanorum

Haec tibi quae torta uenerunt condita meta,
si maiora forent cottana, ficus erat.

28

Vaso de Figuinhos Sírios

Chegaram-te figuinhos metidos num vaso,
figos seriam, se maiores fossem.

XXIX

Vas Damascenorum

Pruna peregrinae carie rugosa senectae
sume: solent duri soluere uentris onus.

29

Vaso de Ameixas de Damasco

Ameixas por caruncho mui velho rugosas
come, pois a prisão de ventre aplacam.

XXX

Caseus Lunensis

Caseus Etruscae signatus imagine Lunae
praestabit pueris prandia mille tuis.

30

Queijo de Luna

O queijo que tem como selo Luna etrusca
aos escravos porá à mesa mil prândios.

XXXI

Caseus Vestinus

Si sine carne uoles ientacula sumere frugi,
haec tibi Vestino de grege massa uenit.

31

Queijo Vestino

Se sem carne desejas almoços frugais,
tens um queijo que vem de grei Vestina.

XXXII

Caseus Fumosus

Non quemcumque focum nec fumum caseus omnem,
sed Velabrensem qui bibit, ille sapit.

32

Queijo Defumado

Fogo ou fumo qualquer não bebeu este queijo:
mas do Velabro, que sim tem sabor.

XXXIII

Casei Trebulani

Trebula nos genuit; commendat gratia duplex,
sive leui flamma, sive domamur aqua.

33

Queijos Trebulanos

Trébula nos gerou. E louvores são dois:
com leve chama ou água derretidos.

XXXIV

Bulbi

Cum sit anus coniunx et sint tibi mortua membra,
nil aliud bulbis quam satur esse potes.

34

Cebolas

Se a esposa for gagá e o membro, peso morto,
nada senão cebolas vão fartar-te.

XXXV

Lucanicae

Filia Picenae uenio Lucanica porcae:
pultibus hinc niueis grata corona datur.

35

Salsichas da Lucânia

Cheguei! Sou filha de uma porca do Piceno:
a papas níveas lá se dão guirlandas.

XXXVI

Cistella Oliuarum

Haec quae Picenis uenit subducta trapetis
inchoat atque eadem finit oliua dapes.

36

Cesto de Azeitonas

Colhida às mós picenas, veio esta azeitona,
ela abre e finda todos os festins.

XXXVII

Mala Citrea

Aut Corcyraei sunt haec de frondibus horti,
aut haec Massyli poma draconis erant.

37

Limões

Ou são de um frondejante jardim de Corcira,
ou eram do dragão massílio os pomos.

XXXVIII

Colustrum

Subripuit pastor quae nondum stantibus haedis
de primo matrum lacte colustra damus.

38

Colostro

A cabritos recém-nascidos subtraiu
o pastor o colostro que te damos.

XXXIX

Haedus

Lasciuum pecus et uiridi non utile Baccho
et poenas; nocuit iam tener ille deo.

39

Cabrito

A grei lasciva – vã ao verdejante Baco –
se puna: tenra já fez mal ao deus.

XL

Oua

Candida si croceos circumfluit unda uitellos,
hesperius scombri temperet oua liquor.

40

Ovos

Se cândida onda gemas cróceas as envolve,
o garo hespério os ovos seus tempere.

XLI

Porcellus Lactans

Lacte mero pastum pigrae mihi matris alumnum
ponat, et Aetolo de sue diues edat.

41

Leitão

De mãe morosa quero à mesa a tenra cria.
Da fera etólia sirva-se o ricaço.

XLII

Apyrina et Tubures

Non tibi de Libycis tubures et apyrina ramis,
de Nomentanis sed damus arboribus.

42

Romãs e acerolas

Não te dou acerolas e romãs da Líbia:
mas provindas de ramos Nomentanos.

XLIII

Idem

Lecta suburbanis mittuntur apyrina ramis
et uernae tubures. Quid tibi cum Libycis?

43

O mesmo

Enviam-te romãs de ramos suburbanos
e acerolas caseiras. P'ra que as Líbias?

XLIV

Sumen

Esse putes nondum sumen; sic ubere largo
et fluit et uiuo lacte papilla tumet.

44

Teta de Porca

“Não está pronta!”, julgas: de úbere tão larga
e tão túmida, vivo leite emana.

XLV

Pulli Gallinacei

Si Libycae nobis uolucres et Phasides essent,
acciperes, at nunc accipe chortis aues.

45

Frangos

Aceitavas, se fossem da Líbia ou de Fásis;
por ora aceita as aves de uma chácara.

XLVI

Persica Praecocia

Vilia maternis fueramus Persica ramis:
nunc in adoptiuis Persica cara sumus.

46

Pêssegos Prematuros

Nos pés maternos, fomos pêssegos baratos;
nos adotivos, mui caros agora.

XLVII

Panes Picentini

Picentina Ceres niueo sic nectare crescit,
ut leuis accepta spongia turget aqua.

47

Pães Picentinos

Com níveo néctar cresce a Ceres picentina:
qual, com água, a tufar-se leve esponja.

XLVIII

Boleti

Argentum atque aurum facilest laenamque togamque
mittere: boletos mittere difficilest.

48

Cogumelos

Prata e ouro e capa e toga: mandar é mais fácil.
Cogumelos: difícil é mandá-los.

XLIX

Ficedulae

Cum me ficus alat, cum pascar dulcibus uuis,
cur potius nomen non dedit uua mihi?

49

Papa-Figos

Nutriu-me o figo; doce uva me apascentou.
por que não foi a uva a dar-me o nome?

L

Terrae Tubera

Rumpimus altricem tenero quae uertice terram
tubera, boletis poma secunda sumus.

50

Trufas

Rompemos com a tenra testa a nutriz terra:
trufas: os frutos sob os cogumelos.

LI

Turdorum Decuria

Texta rosis fortasse tibi uel diuite nardo,
at mihi de turdis facta corona placet.

51

Uma Dezena de Tordos

A ti, quiçá coroa de rosas ou nardo.
já a mim de tordos mais agrada urdida.

LII

Anates

Tota quidem ponatur anas, sed pectore tantum
et ceruice sapit: cetera redde coco.

52

Patos

À mesa um pato inteiro; mas só cerviz, peito
agrada: o resto manda ao cozinheiro.

LIII

Turtures

Cum pinguis mihi turtur erit, lactuca, ualebis:
et cocleas tibi habe. Perdere nolo famem.

53

Rolas

Rolinha no meu prato? Adeus, alface! E leva
os caracóis! Faminto quero estar.

LIV

Perna

Cerretana mihi fiat uel missa licebit
de Menapis: lauti de petasone uorent.

54

Pernil

Quem me dera um pernil Cerrete ou de Menápia!
o presunto devorem-no os ricaços.

LV

Petaso

Musteus est: propera, caros nec differ amicos.
Nam mihi cum uetulo sit petasone nihil.

55

Presunto

Que fresco! Sem tardar, chama os caros amigos!
O presundo, vencido, nada vale!

LVI

Volua

Te fortasse magis capiat de uirgine porca;
me materna graui de sue uolua capit.

56

Vulva

Talvez mais te cative a de uma porca virgem;
cativa a mim a de uma porca prenhe.

LVII

Colocasia

Niliacum ridebis holus lanasque sequaces,
inproba cum morsu fila manuque trahes.

57

Inhame

Rirás desta hortaliça e seu buço viscoso,
se a dentadas puxares os seus fios.

LVIII

Iecur Anserinum

Aspice, quam tumeat magno iecur ansere maius!
Miratus dices: “Hoc, rogo, creuit ubi?”

58

Fígado de Ganso

Vê como incha este fígado! É maior que um ganso!
Dirás atônito: “onde ele cresceu?”

LIX

Glires

Tota mihi dormitur hiems et pinguior illo
tempore sum quo me nil nisi somnus alit.

59

Arganazes

Passo o inverno a dormir e bem mais gordo sou
nesta época, em que só me nutre o sono.

LX

Cuniculi

Gaudet in effossis habitare cuniculus antris.
monstrauit tacitas hostibus ille uias.

60

Coelhos

Ao coelho habitar em tocas muito apraz:
mostrou ocultas vias ao rival.

LXI

Attagenae

Inter sapores fertur alitum primus
Ionicarum gustus attagenarum.

61

Francolins

Dos sabores das aves o primeiro
é o gosto, diz-se, dos francolins Jônios.

LXII

Gallinae Altiles

Pascitur et dulci facilis gallina farina,
pascitur et tenebris. Ingeniosa gula est.

62

Galinhas de Ceva

A galinha se nutre da farinha doce,
e das trevas também. Esperta gula.

LXIII

Capones

Ne nimis exhausto macresceret inguine gallus,
amisit testes. Nunc mihi gallus erit.

63

Capões

Para não definhar exaurindo a virilha,
perdeu os bagos: eis agora um Galo!

LXIV

Idem

Succumbit sterili frustra gallina marito.
Hunc matris Cybeles esse decebat auem.

64

O mesmo

A galinha se entrega – em vão! – ao macho estéril.
De Cibele convinha ser esta ave.

LXV

Perdices

Ponitur Ausoniis auis haec rarissima mensis:
hanc in piscina ludere saepe soles.

65

Perdizes

É muito raro vê-las nas mesas da Ausônia:
não é raro imitá-las na piscina [395].

LXVI

Columbini

Ne uioles teneras periuro dente columbas,
tradita si Gnidiae sunt tibi sacra deae.

66

Pombinhas

Tenras, não as violes com dente perjuro,
se és dos mistérios da deusa de Cnido.

LXVII

Palumbi

Inguina torquati tardant hebetantque palumbi:
non edat hanc uolucrem qui cupit esse salax.

[395] Em outras edições, encontra-se a seguinte lição para o pentâmetro: *Hanc in lautorum mandere saepe soles*, que assim o traduzimos: "Não é raro comê-las nas dos ricos".

67

Pombos

Pombos torcazes tardam a virilha e a embotam:
não coma esta ave quem quer a lascívia.

LXVIII

Galbuli

Galbina decipitur calamis et retibus ales,
turget adhuc uiridi cum rudis uua mero.

68

Verdelhões

Com varas, redes caça-se esta ave dourada,
quando a uva, nas vides, cresce ainda.

LXIX

Cattae

Pannonicas nobis numquam dedit Vmbria cattas:
mauult haec domino mittere dona Pudens.

69

Catas

Nunca a Úmbria ofertou-nos catas da Panônia:
Pudente ao seu senhor mandar prefere.

LXX

Pavones

Miraris, quotiens gemmantis explicat alas,
et potes hunc saeuo tradere, dure, coco?

70

Pavões

Sempre que estende a rica plumagem, adoras.
E o abandonas, cruel, às mãos do cuca?

LXXI

Phoenicopteri

Dat mihi pinna rubens nomen, sed lingua gulosis
nostra sapit. Quid si garrula lingua foret?

71

Flamingos

A pena rubra deu-me o nome: a língua, néctar
dos glutões, se pudesse, o que diria?

LXXII

Phasiani

Argoa primum sum transportata carina.
ante mihi notum nil nisi Phasis erat.

72

Faisões

Nos porões de Argos fui primeiro transportada:
nada antes conhecia além de Fásis.

LXXIII

Numidicae

Ansere Romano quamuis satur Hannibal esset,
ipse suas numquam barbarus edit aues.

73

Galinhas d'Angola

Embora farto Aníbal c'o pato Romano,
jamais comeu o bárbaro aves da África.

LXXIV

Anseres

Haec seruauit auis Tarpei templa Tonantis.
Miraris? Nondum fecerat illa deus.

74

Gansos

Do Tonante tarpeio os templos protegeu.
Pasmo? Um Deus não os tinha erguido ainda.

LXXV

Grues

Turbabis uersus nec littera tota uolabit,
unam perdideris si Palamedis auem.

75

Grous

Vais turvar versos, nem voará a letra toda,
se acaso a ave matar de Palamedes.

LXXVI

Rusticulae

Rustica sim an perdix quid refert, si sapor idem est?
Carior est perdix. Sic sapit illa magis.

76

Galinholas

Seja eu perdiz, galinha, o sabor não é o mesmo?
O sabor da perdiz está no preço.

LXXVII

Cycni

Dulcia defecta modulatur carmina lingua
cantator cycnus funeris ipse sui.

77

Cisnes

O cisne doces cantos entoa exaurido,
do próprio funeral cantor tristonho.

LXXVIII

Porphyriones

Nomen habet magni uolucris tam parua gigantis?
Et nomen prasini Porphyrionis habet.

78

Porfiriões

Ave tão parva tem o nome de um gigante?
E de um Porfirião verde também.

LXXIX

Mulli Viui

Spirat in aduecto, sed iam piger, aequore mullus;
languescit. Viuum da mare: fortis erit.

79

Ruivos Frescos

Respira o ruivo na água. Mas, fraco, sem forças.
Dá-lhe um mar e verás voltar-lhe as forças.

LXXX

Murenae

Quae natat in Siculo grandis murena profundo,
non ualet exustam mergere sole cutem.

80

Moreias

No fundo do mar sículo nada a moreia
que não mergulha a pele exposta ao sol.

LXXXI

Rhombi

Quamuis lata gerat patella rhombum,
rhombus latior est tamen patella.

81

Linguados

Embora um largo prato sirva um linguado,
o linguado é, porém, mais largo que o prato.

LXXXII

Ostrea

Ebria Baiano ueni modo concha Lucrino:
nobile nunc sitio luxuriosa garum.

82

Ostras

Ébria, cheguei há pouco do Lucrino em Baias:
nutre-me – fausta agora! – o garo ilustre.

LXXXIII

Squillae

Caeruleus nos Liris amat, quem silua Maricae
protegit: hinc squillae maxima turba sumus.

83

Camarões

Líris azul nos ama e as matas de Marica
guarda: dali viemos, grande turba.

LXXXIV

Scarus

Hic scarus, aequoreis qui uenit adesus ab undis,
uisceribus bonus est, cetera uile sapit.

84

Sargo

Do mar bravio veio exaurido este sargo:
boas vísceras, sem sabor o resto.

LXXXV

Coracinus

Princeps Niliaci raperis, coracine, macelli:
pellaeae prior est gloria nulla gulae.

85

Corvina

A primeira a sumir do mercado do Nilo:
P’ra gula em Pela, não há maior glória.

LXXXVI

Echini

Iste licet digitos testudine pungat acuta,
cortice deposita mollis echinus erit.

86

Ouriços-do-Mar

Fácil aos dedos punge co’aguda couraça;
casca à parte, será bem mole ouriço.

LXXXVII

Murices

Sanguine de nostro tinctas, ingrate, lacernas
induis, et non est hoc satis, esca sumus.

87

Mariscos

Tuas vestes, ingrato, tingem com meu sangue.
Se isso não basta, ainda sou repasto.

LXXXVIII

Gobii

In Venetis sint lauta licet conuiuia terris,
principium cenae gobius esse solet.

88

Cadozes

Embora seja lauto o banquete dos vênetos,
sói ao cadoz princípio dar à ceia.

LXXXIX

Lupus

Laneus Euganei lupus excipit ora Timaui,
aequoreo dulces cum sale pastus aquas.

89

Lobo do Mar

O tenro lobo as margens do Timavo espreita:
d'água doce com sal do mar nutrindo-se.

XC

Aurata

Non omnis laudes pretiumque aurata meretur,
sed cui solus erit concha Lucrina cibus.

90

Dourado

Não faz todo dourado jus ao preço e a fama:
só o criado co'a ostra do Lucrino.

XCI

Acipensis

Ad Palatinas acipensem mittite mensas:
ambrosias ornent munera rara dapes.

91

Esturjão

Do Palatino às mesas mandai o esturjão:
raros dons ornem ceias de ambrosia!

XCII

Lepores

Inter aues turdus, si quid me iudice certum est
inter quadripedes mattea prima lepus.

92

Lebres

Com asas, se ajuízo bem, o tordo é nobre;
Com patas, o melhor manjar é a lebre.

XCIII

Aper

Qui Diomedeis metuendus saetiger agris
aetola cecidit cuspide, talis erat.

93

Javali

Houve um – temível – que, nos campos diomedeus,
tombou sob ferro etólio: este era igual.

XCIV

Dammae

Dente timetur aper, defendunt cornua ceruum:
inbelles dammae quid nisi praeda sumus?

94

Corças

Do javardo, temíveis as presas; os cornos
ao cervo, amparo. E presas somos nós?

XCV

Oryx

Matutinarum non ultima praeda ferarum
saeuos oryx constat quot mihi morte canum!

95

Órix

Das feras da manhã, não é presa menor:
custou-me quantos cães o feroz órix!

XCVI

Ceruus

Hic erat ille tuo domitus, Cyparisse, capistro.
An magis iste tuus, Silvia, ceruus erat?

96

Cervo

Foi este quem, Cipreste, teu jugo amansou?
Ou este cervo, Sílvia, foi o teu?

XCVII

Lalisio

Dum tener est onager solaque lalisio matre

pascitur, hoc infans sed breue nomen habet.

97

Burrico Selvagem

Quando é tenro e da mãe só “o burrico” se nutre,
tem o nome pueril, mas transitório.

XCVIII (XCIX)

Caprea

Pendentem summa capream de rupe uidebis
casuram speres; despicit illa canes.

98 (99)

Cabra-Montesa

Do alto penedo, pensa, hás de ver esta cabra:
mas, à beira do abismo, os cães desdenha.

XCIX (XCVIII)

Dorcas

Delicium paruo donabis dorcada nato:
iactatis solet hanc mittere turba togis.

99 (98)

Gazela

Como agrado darás ao pequeno a gazela:
co’as togas, sói a turba libertá-la.

C

Onager

Pulcher adest onager: mitti uenatio debet

dentis Erythraei: iam remouete sinus.

100

Onagro

Que belo onagro! Termo porá à caça da
presa Eritreia: as togas agitai!

CI

Oleum Venafrum

Hoc tibi Campani sudauit baca Venafri:
unguentum quotiens sumis, et istud olet.

101

Azeite Venafro

Tens aqui o suor das bagas de Venafro:
mesmo cheiroso, à azeite vais cheirar.

CII

Garum Sociorum

Expirantis adhuc scombri de sanguine primo
accipe fastosum, munera cara, garum.

102

Garo dos Aliados

Da primeira sangria da sarda a expirar
o nobre garo aceita, cara dádiva.

CIII

Amphora Muriae

Antipolitani, fateor, sum filia thynni:
essem si scombri, non tibi missa forem.

103

Ânfora de Salmoura

Sou filha, reconheço, de um atum de Antípolis:
se fosse sarda, não me enviariam.

CIV

Mel Atticum

Hoc tibi Thesei populatrix misit Hymetti
pallados a siluis nobile nectar apis.

104

Mel Ático

Do Himeto de Teseu mandou-te a fera abelha
o nobre néctar dos jardins de Palas.

CV

Faui Siculi

Cum dederis Siculos mediae de collibus Hyblae,
cecropios dicas tu licet esse fauos.

105

Favos Síciulos

Quando deres, de encostas do Hibla, favos síciulos,
cecrópios poderás dizer que são.

CVI

Passum

Gnosia Minoae genuit uindemia Cretae
hoc tibi, quod mulsum pauperis esse solet.

106

Vinho de Uvas-Passas

Cnóssia vindima em Creta minoica gerou-te
isto: que sói o mulso ser dos pobres.

CVII

Picatum

Haec de uitifera uenisse picata Vienna
ne dubites, misit Romulus ipse mihi.

107

Vinho com Pez

Estes vinhos com pez de Viena vêm vinífera,
não duvides: a mim mandou-os Rômulo.

CVIII

Mulsum

Attica nectareum turbatis mella Falernum.
misceri decet hoc a Ganymede merum.

108

Mulso

Tu, mel ático, o doce Falerno perturbas?
só Ganimedes pode prepará-lo.

CIX

Albanum

Hoc de Caesareis mitis uindemia cellis
misit, Iuleo quae sibi monte placet.

109

Vinho de Alba

Das adegas de César, mandou este vinho
vindima, que no Iulo Monte é glória.

CX

Surrentinum

Surrentina bibis? Nec murrina picta nec aurum
sume: dabunt calices haec tibi uina suos.

110

Vinho Surrentino

Os de Surrento bebes? Copas de ouro ou murra
não uses: estes vinhos têm as próprias.

CXI

Falernum

De Sinuessanis uenerunt Massica prelis:
condita quo quaeris consule? Nullus erat.

111

Vinho falerno

De vinhas Sinuessas Falernos chegaram:
“de que cônsul?”, perguntas. De nenhum.

CXII

Setinum

Pendula Pomptinos quae spectat Setia campos,
exigua uetulos misit ab urbe cados.

112

Vinho de Sécia

A alta Sécia que os campos pontinos contempla
enviou seus tonéis da aldeia antigos.

CXIII

Fundanum

Haec Fundana tulit felix autumnus Opimi.
Expressit mustum consul et ipse bibit.

113

Vinho de Fundos

Produziu os Fundanos o outono de Opímio:
fê-los o próprio Cônsul e os bebeu.

CXIV

Trifolinum

Non sum de primo, fateor, Trifolina Lyaeo,
Inter uina tamen septima uitis ero.

114

Vinho de Trifólio

Não sou, confesso, do melhor Baco um Trifólio:
Contento-me em ser sétimo entre os vinhos.

CXV

Caecubum

Caecuba Fundanis generosa cocuntur Amyclis,
uitis et in media nata palude uiret.

115

Vinho Cécubo

Fermentam na fundana Amiclas nobres Cécubos:
no lodaçal, também vicejam vinhas.

CXVI

Signinum

Potabis liquidum Signina morantia uentrem?
Ne nimium sistas, sit tibi parca sitis.

116

Vinho de Sígnia

Signinos, bons p'ra ventre solto, vais beber?
P'ra não aprisioná-lo, enforca a sede!

CXVII

Mamertinum

Amphora Nestorea tibi Mamertina senecta
Si detur, quoduis nomen habere potest.

117

Vinho Mamertino

Se Mamertinos, velhos quais Nestor, ganhares,
de qualquer nome vais poder chamar-lhes.

CXVIII

Tarraconense

Tarraco, Campano tantum cessura Lyaeo,
haec genuit Tuscis aemula uina cadis.

118

Vinho de Tarragona

Tarragona, só aquém ao Lieu da Campânia,
vinhos gerou, rivais de etruscos jarros.

CXIX

Nomentanum

Nomentana meum tibi dat uindemia Bacchum:
si te Quintus amat, commodiora bibes.

119

Vinho Nomentano

Vindima de Nomento a ti manda meu Baco:
se Quinto ama-te, vais beber melhores.

CXX

Spoletinum

De Spoletinis quae sunt cariosa lagonis
malueris, quam si musta Falerna bibas.

120

Vinho de Espoleto

Se, de Espoleto as ânforas, anoso vinho
beberes, aos Falernos vais largar.

CXXI

Paelignum

Marsica Paeligni mittunt turbata coloni:
non tu, libertus sed bibat illa tuus.

121

Vinho Peligno

Do Peligno colonos mandam turvos Márs icos:
não tu, mas que o liberto, o teu, os beba.

CXXII

Acetum

Amphora Niliaci non sit tibi uilis aceti:
esset cum uinum, uilior illa fuit.

122

Vinagre

Não consideres vil o vinagre do Egito:
quando era vinho, ainda mais vil era.

CXXIII

Massilitanum

Cum tua centenos expunget sportula ciuis,
fumea Massiliae ponere uina potes.

123

Vinho de Massília

Quando cem cidadãos eliminar a espórtula,
hás de servir curados de Massília.

CXXIV

Caeretanum

Caeretana Nepos ponat, Setina putabis.
non ponit turbae, cum tribus illa bibit.

124

Vinho Ceretano

Nepos serve os de Cere – Sécios julgarás! –
mas não a todos: bebe-os só com três.

CXXV

Tarentinum

Nobilis et lanis et felix uitibus Aulon
det pretiosa tibi uellera, uina mihi.

125

Vinho de Tarento

Áulon, em lãs ilustre e em vinhas fértil, dê-te
raros novelos. Eu prefiro os vinhos.

CXXVI

Vnguentum

Vnguentum heredi numquam nec uina relinquas.
Ille habeat nummos, haec tibi tota dato.

126

Perfume

Perfume a herdeiro nunca deixes, nem teus vinhos.
Dê-lhe os cobres: o resto vai contigo!

CXXVII

Coronae Roseae

Dat festinatas, Caesar, tibi bruma coronas:
quondam ueris erat, nunc tua facta rosa est.

127

Guirlandas de Rosas

O Inverno dá-te, César, guirlandas precoces:
antes da Primavera, agora, tuas.

Liber XIV

Apophoreta

I

Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator
dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;
nec timet aedilem moto spectare fritillo,
cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:
diuitis alternas et pauperis accipe sortes:
praemia conuiuae dent sua quisque suo.
'Sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.'
Quis nescit? uel quis tam manifesta negat?
Sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,
quos tibi pro caelo filius ipse dedit?
Vis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenas?
'Lude,' inquis, 'nucibus'. Perdere nolo nuces.

1

O equestre, o senador, meu senhor, todos brincam,
enquanto usar o píleo agrada a Jove –
nem o escravo agitando o fritilo o edil teme
encarar: mesmo vendo os lagos gélidos! –,
toma a sorte que alterna pobres e abastados:
dar ao conviva o prêmio que lhe cabe.
“Mas é só tralha, nuga e o que for de mais vil!”
Há quem não saiba? Quem negue o inegável?
Mas que farei, Saturno, nestes ébrios dias,
que teu filho te deu em paga ao céu?
Que eu cante Tebas, Troia ou Micenas funesta?
“Vai! Joga as nozes!”. Não! Perder jamais!

II

Quo uis cumque loco potes hunc finire libellum:
uersibus explicitumst omne duobus opus.
Lemmata si quaeris cur sint adscripta, docebo:
ut, si malueris, lemmata sola legas.

2

Meu livrinho termina onde tu desejares:
cada tema é tratado em só dois versos.
Indagas por que títulos se acrescem? Eis:
leias, se preferires, só seus títulos.

III

Pugillares Citrei

Secta nisi in tenues essemus ligna tabellas,
essemus Libyci nobile dentis onus.

3

Tabuinhas de Tuia

Não fôssemos em tênues tabuinhas talhados,
peso da presa Líbica seríamos.

IV

Quinquiplices

Caede iuuencorum domini calet area felix,
quinquiplici cera cum datur altus honos.

4

Tabuinhas de Cinco Folhas

Com sacrifícios arde o pátio do senhor,
ao se inscrever na cera uma alta glória.

V

Pugillares Eborei

Languida ne tristes obscurent lumina cerae,
nigra tibi niueum littera pingat ebur.

5

Cadernos de Marfim

P'ra que a cera tristonha não tolde olhos lassos,
a letra negra pinte o marfim branco.

VI

Triplices

Tunc triplices nostros non uilia dona putabis,
cum se uenturam scribet amica tibi.

6

Tabuinhas Tríplices

Não dirás que cadernos são reles presentes,
quando tua garota escrever: vou.

VII

Pugillares Membranei

Esse puta ceras, licet haec membrana uocetur:
delebis, quotiens scripta nouare uoles.

7

Cadernos de Pergaminho

Julga-os de cera, embora sejam pergaminhos:
vais apagá-los, sempre que escreveres.

VIII

Vitelliani

Nondum legerit hos licet puella,
nouit quid cupiant Vitelliani.

8

Tabuinhas de Vitélio

Ainda que a garota não os lera,
bem sabe o que os Vitélios vão querer.

IX

Idem

Quod minimos cernis, mitti nos credis amicae.
Falleris: et nummos ista tabella rogat.

9

O mesmo

Breves que somos, cartas de amantes nos julgas?
Tolo! Vamos além: rogar dinheiro.

X

Chartae maiores

Non est munera quod putes pusilla,
cum donat uacuas poeta chartas.

10

Papiros Maiores

Não há por que julgá-los parvos dons,
quando um poeta os ofertar em branco.

XI

Chartae Epistolares

Seu leuiter noto, seu caro missa sodali
omnes ista solet charta uocare suos.

11

Papiros Epistolares

Tanto faz se enviada a amigo ou conhecido,
a carta a todos sói chamar: “meu caro”.

XII

Loculi Eborei

Hos nisi de flaua loculos implere moneta
non decet: argentum uilia ligna ferant.

12

Cofrinhos de Marfim

Fartá-los de outra coisa senão moedas de ouro
não convém: guarde a prata a vil madeira.

XIII

Loculi Lignei

Si quid adhuc superest in nostri faece locelli,
munus erit. Nihil est; ipse locellus erit.

13

Cofrinhos de Madeira

O que jaz na caixinha será teu presente.
Não há nada? A caixinha então será.

XIV

Tali Eborei

Cum steterit nullus uultu tibi talus eodem,
munera me dices magna dedisse tibi.

14

Dados de Marfim

Quando os dados quedarem c'as faces diversas,
vais dizer que te dei um bom presente.

XV

Tesserae

Non sim talorum numero par tessera, dum sit
maior quam talis alea saepe mihi.

15

Tésseras

Não seja igual ao dado em número, eu, a téssera.
Maior que a deles seja a minha sorte.

XVI

Turricula

Quae scit compositos manus inproba mittere talos,
si per me misit, nil nisi uota facit.

16

Torrinha

Mão ímproba, que os dados lança viciados,
se comigo os lançou, apela à sorte.

XVII

Tabula Lusoria

Hac mihi bis seno numeratur tessera puncto;
calculus hac gemino discolor hoste perit.

17

Tabuleiro

De um lado, um dobre seis a téssera rendeu-me!
De outro, uma peça dois rivais comeram.

XVIII (XX)

Calculi

Insidiosorum si ludis bella latronum,
gemmeus iste tibi miles et hostis erit.

18 (20)

Pedras de Tabuleiro

Se os combates dos pérfidos ladrões tu jogas,
esta pedra será aliado e rival.

XIX (XVIII)

Nuces

Alea parua nuces et non damnosa uidetur;
saepe tamen pueris abstulit illa natis.

19 (18)

Nozes

Jogo inocente as nozes, sem dano, parece.
Mas de muitos guris valeu o rabo.

XX (XIX)

Theca Libraria

Sortitus thecam calamis armare memento:
cetera nos dedimus, tu leuiora para.

20 (19)

Estojo de Cálamos

Que sorte deste! Lembra de armá-lo com cálamos!
Dei-te o estojo, o restante é encargo teu!

XXI

Graphiarium

Haec tibi erunt armata suo graphiaria ferro:
si puero dones, non leue munus erit.

21

Estojo de Estilos

São teus estes estojos das armas munidos:
para um menino, não é ninharia.

XXII

Dentiscalpium

Lentiscum melius: sed si tibi frondea cuspis
defuerit, dentes pinna leuare potest.

22

Palitos de Dentes

Aroeira é melhor. Falta a ponta frondosa?
Pode a pena a teus dentes dar alívio.

XXIII

Auriscalpium

Si tibi morosa prurigine uerminat auris,
arma damus tantis apta libidinibus.

23

Esgaravatador de Ouvido

Se te irrita a maçante comichão no ouvido,
contra o enorme desejo dou-te uma arma.

XXIV

Acus Aurea

Splendida ne madidi uiolent bombycina crines,
figat acus tortas sustineatque comas.

24

Agulha de Ouro

Para que mechas úmidas sedas não frustrem,
fixe a agulha e sustenha a torta coma.

XXV

Pectines

Quid faciet nullos hic inuentura capillos
multifido buxus quae tibi dente datur?

25

Pentes

Útil será se aqui cabelo algum achar
multifendido buxo dado a ti?

XXVI

Crines

Chattica Teutonicos accendit spuma capillos:
captiuis poteris cultior esse comis.

26

Cabelos

Espuma cata faz brilhar comas teutônicas:
és mais garboso em cabelos cativos.

XXVII

Sapo

Si mutare paras longaeuos cana capillos,
accipe Mattiacas – quo tibi calua? – pilas.

27

Sabão

Se tingires as cãs, longeva cabeleira,
toma – calva serás? – bolas matíacas.

XXVIII

Vmbella

Accipe quae nimios uincant umbracula soles:
sit licet et uentus, te tua uela tegent.

28

Guarda-Sol

Pega a sombrinha que triunfa sobre o sol:
mesmo ao vento ela deve te guardar.

XXIX

Causea

In Pompeiano tecum spectabo theatro:
nam flatus populo uela negare solet.

29

Chapéu

Estarei no teatro de Pompeu contigo:
o vento sói negar abrigo ao público.

XXX

Venabula

Excipient apros expectabuntque leones,
intrabunt ursos, sit modo firma manus.

30

Lanças

Pegarão javalis, acossarão leões,
ursos trespassarão, se tens mão rija.

XXXI

Culter Venatorius

Si deiecta gemas longo uenabula rostro,
hic breuis ingentem comminus ibit aprum.

31

Faca de Caça

Se tuas lanças longas perdidas lastimas,
a faca curta rasga um javali.

XXXII

Parazonium

Militiae decus hoc gratique erit omen honoris,
arma tribunicium cingere digna latus.

32

Cinturão e Espada

É glória militar, prenúncio de grata honra:
arma assim cinge o flanco de um Tribuno.

XXXIII

Pugio

Pugio, quem curua signat breuis orbita uena.
Stridentem gelidis hunc Salo tinxit aquis.

33

Punhal

Com curvo veio marca o punhal o breve arco:
fê-lo Salão vibrar nas águas gélidas.

XXXIV

Falx

Pax me certa ducis placidos curuauit in usus.
Agricolae nunc sum, militis ante fui.

34

Foice

Brandiu-me a Paz do Príncipe em brandos trabalhos.
Sou de um colono, já fui de um soldado.

XXXV

Securicula

Cum fieret tristis soluendis auctio nummis,
haec quadringentis milibus empta fuit.

35

Machadinha

Fez-se um triste leilão para saldar as dívidas,
por quatrocentos mil adquiriu-se esta.

XXXVI

Ferramenta Tonsoria

Tondendis haec arma tibi sunt apta capillis;
unguibus hic longis utilis, illa genis.

36

Itens de Barbearia

Estas são armas boas p'ra aparar teus pelos;
uma convém às unhas; a outra, à barba.

XXXVII

Scrinium

Selectos nisi das mihi libellos,
admittam tineas trucesque blattas.

37

Escrínio

Se os mais raros livrinhos não me deres,
cupins e traças vou deixar entrar!

XXXVIII

Fasces Calamorum

Dat chartis habiles calamos Memphitica tellus;
texantur reliqua tecta palude tibi.

38

Jogo de Cálamos

Mênfis às folhas hábeis cálamos of'rece;
que um outro junco cubra tua casa!

XXXIX

Lucerna Cubicularis

Dulcis conscia lectuli lucerna,
quidquid uis facias licet, tacebo.

39

Candeia de Alcova

Sou candeia da doce alcova cúmplice.
Que queres faças: minha boca é túmulo.

XL

Cicindela

Ancillam tibi sors dedit lucernae,
totas quae uigil exigit tenebras.

40

Vaga-Lume

Deu-te a sorte uma escrava da candeia,
que expulsa, vígil sempre, as trevas todas.

XLI

Lucerna Polymyxos

Inlustrem cum tota meis conuiuia flammis
totque geram myxos, una lucerna uocor.

41

Lustre

Meu ardor ilumina banquetes inteiros:
tantas flamas, banal candeia eu sou?

XLII

Cereus

Hic tibi nocturnos praestabit cereus ignis:
subducta est puero namque lucerna tuo.

42

Vela

Luzes vai conceder-te esta vela noturnas:
a candeia afanaram ao escravo.

XLIII

Candelabrum Corinthium

Nomina candelae nobis antiqua dederunt:
non norat parcos uncta lucerna patres.

43

Candelabro Coríntio

Antigo nome deu-me a candeia: a lucerna
em óleo não conhece os pais austeros.

XLIV

Candelabrum Ligneum

Esse uides lignum; seruas nisi lumina, fiet
de candelabro magna lucerna tibi.

44

Candelabro de Madeira

É madeira, não vês? Do lume cuida, ou de um
candelabro terás candeia enorme.

XLV

Pila Paganica

Haec quae difficili turget paganica pluma,
folle minus laxast et minus arta pila.

45

Bola Rústica

Esta bola é repleta de penas, mas dura:
é menor que um balão; maior que a pela.

XLVI

Pila Trigonalis

Si me nobilibus scis expulsare sinistris,
sum tua. Tu nescis? rustice, redde pilam.

46

Bola do Jogo Triangular

Se hábil de esquerda sabes jogar-me, sou tua.
Não o sabes? Devolve a bola, tolo!

XLVII

Follis

Ite procul, iuuenes: mitis mihi conuenit aetas:
folle decet pueros ludere, folle senes.

47

Bola de Fole

Convém-me a tenra idade; ide embora, garotos:
sou coisa de meninos e velhinhos.

XLVIII

Harpasta

Haec rapit Antaei uelox in puluere draucus,
grandia qui uano colla labore facit.

48

Bolas de Harpastum

“Ladrão!” se diz do atleta no campo de Anteu.
É veloz, mas em vão engrossa o colo.

XLIX

Halteres

Quid pereunt stulto fortes haltere lacerti?
Exercet melius uinea fossa uiros.

49

Halteres

Por que deixar um tolo halter moer os braços?
As vinhas exercitam mais os homens.

L

Galericulum

Ne lutet inmundum nitidos ceroma capillos,
hac poteris madidas condere pelle comas.

50

Chapéu

Para que fios tratados não fiquem imundos,
o chapéu manterá a coma cheirosa.

LI

Strigiles

Pergamon has misit. Curuo destringere ferro:
non tam saepe teret lintea fullo tibi.

51

Raspadores

É Pérgamo que os manda. Raspa-te c'a lâmina:
com lavadeira menos vais gastar.

LII

Gutus Corneus

Gestauit modo fronte me iuuencus:
uerum rhinocerota me putabas.

52

Galheteiro de Chifre

Na testa, há pouco, um bezerro portou-me:
mas de um rinoceronte me julgavas.

LIII

Rhinoceros

Nuper in Ausonia domini spectatus harena
hic erit ille tibi cui pila taurus erat.

53

Galheteiro de Chifre de Rinoceronte

Foi, na arena do Príncipe, o grande espetáculo:
é teu quem viu no touro um espantalho.

LIV

Crepitacillum

Si quis plorator collo tibi uernula pendet,
haec quatiat tenera garrula sistra manu.

54

Chocalhinho

Se um escravinho sobre ti pender chorão,
que a mãozinha o ruidoso sistro agite.

LV

Flagellum

Proficies nihil hoc, caedas licet usque, flagello,
si tibi purpureo de grege currit equus.

55

Chicote

Podes bater! De nada servirá a chibata,
se púrpura correr o pangaré.

LVI

Dentifricium

Quid mecum est tibi? Me puella sumat:
emptos non soleo polire dentes.

56

Dentifrício

Qual teu problema? Quero uma garota!
Não costumo limpar postiços dentes.

LVII

Myrobalanum

Quod nec Vergilius nec carmine dicit Homerus,
hoc ex unguento constat et ex balano.

57

Noz Aromática

O que Homero ou Vergílio em versos não cantaram
é o que subjaz no fruto e no perfume.

LVIII

Aphronitrum

Rusticus es? Nescis quid Graeco nomine dicar:
spuma uocor nitri. Graecus es? Aphronitrum.

58

Afronitro

És bronco? Não conheces grego? Sou a escuma
de nitro. És grego? Chamo-me Afronitro.

LIX

Opobalsama

Balsama me capiunt, haec sunt unguenta uirorum:
delicias Cosmi uos redolete, nurus.

59

Bálsamo

Os bálsamos cativam-me, aroma viril:
meninas, aos jasmins cheirai de Cosmo!

LX

Lomentum

Gratum munus erit scisso nec inutile uentri,
si clara Stephani balnea luce petes.

60

Creme de Fava

Belo presente! Nada inútil para estrias,
se em dia claro ao banho vais de Estéfano.

LXI

Lanterna Cornea

Dux lanterna uiae clusis feror aurea flammis,
et tuta est gremio parua lucerna meo.

61

Lanterna de Chifre

Sou a guia, cingida de chamas sou áurea,
e em meu regaço está a candeia, incólume.

LXII

Lanterna de Vesica

Cornea si non sum, numquid sum fuscior? aut me
uesicam, contra qui uenit, esse putat?

62

Lanterna de Bexiga

Não sou feita de chifre, mais fosca por isso?
Julga que sou bexiga quem me encontra?

LXIII (LXIV)

Tibiae

Ebria nos madidis rumpit tibicina buccis:
saepe duas pariter, saepe monaulon habet.

63 (64)

Flautas

A flautista ébria sabe nos arrebentar:
com uma ou duas de uma vez na boca.

LXIV (LXIII)

Fistula

Quid me conpactam ceris et harundine rides?
Quae primum structa est fistula talis erat.

64 (63)

Avena

Ris porque me forjaram caniços e cera?
Eis que a primeira avena assim se fez.

LXV

Soleae Lanatae

Defuerit si forte puer soleasque libebit
sumere, pro puero pes erit ipse sibi.

65

Pantufas de Lã

Se te faltar o escravo e as pantufas quiseres
calçar, será teu pé o próprio escravo.

LXVI

Mamillare

Taurino poteras pectus constringere tergo:
nam pellis mammas non capit ista tuas.

66

Sutiã

Coiro taurino os peitos teus abrangeria:
esse véu não suporta as tuas tetas.

LXVII

Muscarium Pauoninum

Lambere quae turpes prohibet tua prandia muscas,
alitis eximiae cauda superba fuit.

67

Abano de Pluma de Pavão

O que impede que as moscas provem teu jantar
foi a cauda soberba de ave exímia.

LXVIII (LXXI)

Muscarium Bubulum

Sordida si flauo fuerit tibi puluere uestis,
colligat hunc tenui uerbere cauda leuis.

68 (71)

Abano de Rabo de Boi

Se a poeira deixar as tuas vestes sujas,
que a leve cauda as limpe a açoitadelas.

LXIX (LXVIII)

Copta Rhodiaca

Peccantis famuli pugno ne percute dentes:
clara Rhodos coptam quam tibi misit edat.

69 (68)

Bolo de Rodes

Não parta a pontapés os dentes de teu pajem:
dê-lhe o bolo de Rodes bem famosa.

LXX (LXIX)

Priapus Siligineus

Si uis esse satur, nostrum potes esse Priapum:
ipsa licet rodas inguina, purus eris.

70 (69)

Pão Priapeu

Faminto? Vem pegar no meu Priapo! Vem!
Rói a pica à vontade: serás puro!

LXXI (LXX)

Porcus

Iste tibi faciet bona Saturnalia porcus,
inter spumantes ilice pastus apros.

71 (70)

Porco

Vai te render o porco boas Saturnais,
cevado entre raivosos javalis.

LXXII

Botulus

Qui uenit botulus mediae tibi tempore brumae,
Saturni septem uenerat ante dies.

72

Salsicha

A salsicha chegou-te no inverno, chegara-me
antes dos sete dias de Saturno.

LXXIII

Psittacus

Psittacus a uobis aliorum nomina discam:
hoc didici per me dicere CAESAR HAVE.

73

Papagaio

A mim – um papagaio! – os nomes vais mostrar.
Pois "AVE, CÉSAR!" já aprendi sozinho.

LXXIV

Coruus

Corue salutator, quare fellator haberis?
In caput intrauit mentula nulla tuum.

74

Corvo

Corvo saudador, por que, diz-se, és chupador?
Caralho algum o bico penetrou-te.

LXXV

Luscinia

Flet Philomela nefas incesti Tereos, et quae
muta puella fuit, garrula fertur auis.

75

Rouxinol

Deplora Filomela o crime de Tereu:
de emudecida a pássaro melódico.

LXXVI

Pica

Pica loquax certa dominum te uoce saluto:
si me non uideas, esse negabis auem.

76

Pega

Sou pega tão loquaz ao saudar-te: “Senhor!”,
que, não me vendo, vais dizer: “quem sois?”

LXXVII

Cauea Eborea

Si tibi talis erit, qualem, dilecta Catullo
Lesbia, plorabat, hic habitare potest.

77

Gaiola de Marfim

Se o teu é tal e qual ao que o amor de Catulo,
Lésbia, chorava, dê-lhe abrigo aqui.

LXXVIII

Narthecium

Artis ebur medicae narthecia cernis: habebis
munera quae cuperet Paccius esse sua.

78

Caixa de Remédios

Da arte da cura o estojo de marfim terás:
um presente que Pácio quereria.

LXXIX

Flagra

Ludite lasciui, sed tantum ludite, serui:
haec signata mihi quinque diebus erunt.

79

Açoites

Brincai, patifes! Mas, escravos, só brincai:
guardei por cinco dias os açoites.

LXXX

Ferulae

Inuisae nimium pueris grataeque magistris,
clara Prometheo munere ligna sumus.

80

Férula

Odiosa aos meninos, aos mestres mui grata,
lenho famoso, dom de Prometeu.

LXXXI

Pera

Ne mendica ferat barbati prandia nudi
dormiat et tristi cum cane, pera rogat.

81

Alforje

Não traga de um mendigo infeliz o jantar,
com cães não durma, o alforje é quem te roga.

LXXXII

Scopae

In pretio scopas testatur palma fuisse.
otia sed scopis nunc analecta dedit.

82

Vassouras

A palmeira nos prova: era cara a vassoura.
Porém, folga à vassoura o pajem deu.

LXXXIII

Scalptorium Eboreum

Defendet manus haec scapulas mordente molesto
pulice, uel si quid pulice sordidius.

83

Coçador de Marfim

Essa mão vai livrar-te as costas da molesta
pulga ou de algo que a pulga mais ignóbil.

LXXXIV

Manuale

Ne toga barbatos faciat uel paenula libros,
haec abies chartis tempora longa dabit.

84

Estojo de Livros

A toga ou manto criam rebarbas nos livros,
o abeto às folhas longa vida dá.

LXXXV

Lectus Pauoninus

Nomina dat spondae pictis pulcherrima pinnis
nunc Iunonis auis, sed prius Argus erat.

85

Leito Pavonáceo

Ao leito o nome dá a bonita – multicor! –
ave de Juno, que Argo fora outrora.

LXXXVI

Ephippium

Stragula succincti uenator sume ueredi:
nam solet a nudo surgere ficus equo.

86

Sela de Cavalo

Toma o manto que cobre o corcel, caçador:
pois sói nascer um figo do cavalo.

LXXXVII

Stibadia

Accipe lunata scriptum testudine sigma.
octo capit; ueniat quisquis amicus erit.

87

Leitos Semicirculares

Os assentos aceita em meia-lua ornados:
cabem oito. Que venham teus amigos!

LXXXVIII

Gustatorium

Femineam nobis cherson si credis inesse,
deciperis: pelagi mascula praeda sumus.

88

Petisqueira

É fêmea a tartaruga a decorar-me, crês?
Enganas-te: sou macho, dom do mar.

LXXXIX

Mensa Citrea

Accipe felices, Atlantica munera, siluas:
aurea qui dederit dona, minora dabit.

89

Mesa de Cedro

Aceita as matas, graça Atlântica, ditosas:
quem te der ouro, nugas te dará.

XC

Mensa Acerna

Non sum crispa quidem nec siluae filia Maurae,
sed norunt lautas et mea ligna dapes.

90

Mesa de Bordo

Não tenho veios, nem sou de moura progênie,
mas conheço também festins mui belos.

XCI

Dentes Eborei

Grandia taurorum portant qui corpora, quaeris
an Libycas possint sustinuisse trabes?

91

Dentes de Marfim

Às alturas elevam touros corpulentos,
e perguntas se aguentam traves líbicas?

XCII

Quinquepedal

Puncta notis ilex et acuta cuspide clusa
saepe redemptoris prodere furta solet.

92

Régua de Cinco Pés

A azinheira pontuda e repleta de marcas
sempre revela as fraudes do empreiteiro.

XCIII

Pocula Archetypa

Non est ista recens, nec nostri gloria caeli:
primus in his Mentor, dum facit illa, bibit.

93

Copos Originais

Vetustos, o cinzel de Mentor os forjou:
neles bebia, enquanto os fabricava.

XCIV

Calices Audaces

Nos sumus audacis plebeia toreumata uitri,
nostra neque ardenti gemma feritur aqua.

94

Cálices Audazes

Somos de vidro audaz, cinzel plebeu nos fez,
nem água nos ferir – fervente! – pode.

XCV

Phiala Aurea Caelata

Quamuis Callaïco rubeam generosa metallo,
glorior arte magis: nam Myos iste labor.

95

Taça de Ouro Cinzelada

Embora me enrubesça o galaico metal,
alcanço a glória na arte: ardil de Mis.

XCVI

Calices Vatinii

Vilia sutoris calicem monimenta Vatini
accipe; sed nasus longior ille fuit.

96

Cálices Vatinianos

Aceita o cálice, obra reles de Vatínio:
tinha, porém, maior o narigão.

XCVII

Lances Chrysendetae

Grandia ne uiola paruo chrysendeta mullo:
ut minimum, libras debet habere duas.

97

Travessas com Incrustações em Ouro

Com parvo ruivo ricas travessas não sujes:
que, no mínimo, pese duas libras!

XCVIII

Vasa Arretina

Arretina nimis ne spernas uasa monemus:
lautus erat Tuscis Porsena fictilibus.

98

Vasos de Arrécio

Peço-te: não desprezes os vasos de Arrécio.
Sob argila Porsena fora esplêndido.

XCIX

Bascauda

Barbara de pictis ueni bascauda Britannis;
sed me iam mauolt dicere Roma suam.

99

Cesto

Bárbaro, sou o cesto que vem dos Bretões.
Porém, Roma a dizer prefere: “é meu!”

C

Panaca

Si non ignota est docti tibi terra Catulli,
potasti testa Raetica uina mea.

100

Copos de Argila

Se conheces a terra do douto Catulo,
já bebeste em meus jarros vinho rético.

CI

Boletaria

Cum mihi boleti dederint tam nobile nomen,
prototomis – pudet heu! – seruio coliculis.

101

Vasos de Cogumelos

Os cogumelos deram-me nome tão nobre.
Inda assim – que vergonha! – sirvo as couves.

CII

Calices Surrentini

Accipe non uili calices de puluere natos,
sed Surrentinae leue toreuma rotae.

102

Cálices Surrentinos

Não são de barro vil os cálices – aceita-os –,
mas da delgada argila de Surrento.

CIII

Colum Niuarium

Setinos, moneo, nostra niue frange trientes:
pauperiore mero tingere lina potes.

103

Filtro com Neve

Ouve: copas de Sécios adoça na neve.
Vai tingir linho com vinho barato!

CIV

Saccus Niuarius

Attenuare niues norunt et lintea nostra:
frigidior colo non salit unda tuo.

104

Saco de Neve

Também o linho sabe derreter a neve:
do filtro não emana água mais fria.

CV

Vrceoli Ministratorii

Frigida non deerit, non deerit calda petenti.
Sed tu morosa ludere parce siti.

105

Jarrinhas de Mesa

Fresca? Tem! Quente? Tem! Não falta água a ninguém!
É um perigo brincar co'a dura sede.

CVI

Vrceus Fictilis

Hic tibi donatur pansa ruber urceus ansa.
Stoicus hoc gelidam Fronto petebat aquam.

106

Jarra de Cerâmica

Rubra jarra de longa asa ganhaste, nela
Frontão, o estoico, fresca água levava.

CVII

Calathi

Nos Satyri, nos Bacchus amat, nos ebria tigris,
perfusos domini lambere docta pedes.

107

Cálatos (taças em forma de flor)

Baco nos ama, Sátiros e o ébrio tigre,
que os pés molhados lambe do senhor.

CVIII

Calices Saguntini

Quae non sollicitus teneat seruetque minister
sume Saguntino pocula facta luto.

108

Cálices Saguntinos

O escravo as taças sirva e as guarde desatento,
pois são do barro feitas de Sagunto.

CIX

Calices Gemmati

Gemmatum Scythicis ut luceat ignibus aurum
aspice. Quot digitos exuit iste calix!

109

Cálices adornados com Pedraria

O ouro brilha na taça com fogo da Cítia!
Vê! Este cálice mil dedos despiu!

CX

Ampulla Potoria

Hac licet in gemma, seruat quae nomina Cosmi,
luxuriose, bibas, si foliata sitis.

110

Frasco Perfumado

Nesta jóia, que o nome – é fás! – de Cosmo ostenta,
bebas, se tens de aromas sede, Fausto.

CXI

Crystallina

Frangere dum metuis, franges crystallina: peccant
securae nimium sollicitaeque manus.

111

Vasos de Cristal

Temes quebrar cristais, mesmo assim vais quebrá-los:
pecam mãos firmes, pecam mãos zelosas.

CXII

Nimbus Vitreus

A Ioue qui ueniet, miscenda ad pocula largas
fundet nimbus aquas: hic tibi uina dabit.

112

Nuvem de Vidro

Para apurar as copas, nuvens Jove envia,
de água abundantes: destas chove vinho.

CXIII

Murrina

Si caldum potas, ardenti murra Falerno
conuenit et melior fit sapor inde mero.

113

Vasos de Murra

Se o tomas quente, a murra harmoniza no ardente
Falerno: tem sabor por isso insigne.

CXIV

Patella Cumana

Hanc tibi Cumano rubicundam puluere testam
municipem misit casta Sibylla suam.

114

Prato de Cumas

Eis teu prato, vermelho da argila de Cumas:
casta Sibila manda-te um patrício.

CXV

Calices Vitrei

Aspicis ingenium Nili: quibus addere plura
dum cupit, ah quotiens perdidit auctor opus!

115

Cálices Vítreos

Eis o engenho do Nilo: ao burilar os cálices,
quantas vezes o artista os fez em cacos!

CXVI

Lagona Niuaria

Spoletina bibis uel Marsis condita cellis:
quo tibi decoctae nobile frigus aquae?

116

Bilha de Neve

Bebes Espoletinos ou vinhos dos Marsos:
p'ra que o nobre frescor de fervida água?

CXVII

Idem

Non potare niuem sed aquam potare recentem
de niue commenta est ingeniosa sitis.

117

O Mesmo

Não beber neve, mas beber água gelada
da neve é de engenhosa sede invento.

CXVIII

Idem

Massiliae fumos miscere niualibus undis
parce, puer, constet ne tibi pluris aqua.

118

O mesmo

Basta de defumados Massílios com neve,
garoto, ou vai custar-te mais essa água!

CXIX

Matella Fictilis

Dum poscor crepitu digitorum et uerna moratur,
o quotiens paelex culcita facta mea est!

119

Penico de Barro

Quando o escravo não vem num estalar de dedos,
é comum o colchão ser meu rival.

CXX

Ligula Argentea

Quamuis me ligulam dicant equitesque patresque,
dicor ab indoctis lingula grammaticis.

120

Colher de Prata

Cavaleiros e nobres chamam-me colhé,
aos gramáticos – néscios! – sou colher.

CXXI

Coclearia

Sum cocleis habilis sed nec minus utilis ouis.
Numquid scis, potius cur cocleare uocor?

121

Colheres para Caracóis

Hábil com caracóis, útil, porém, com ovos.
Sabes por que me chamam Caracol?

CXXII

Anuli

Ante frequens sed nunc rarus nos donat amicus.
Felix cui comes est non alienus eques.

122

Anéis

Hoje é raro encontrar quem nos dê de presente.
Feliz quem tem amigo cavaleiro.

CXXIII

Dactyliotheca

Saepe grauis digitis elabitur anulus unctis,
tuta mea fiet sed tua gemma fide.

123

Cofre para Anéis

O anel sempre desliza dos dedos untados:
tua jóia estará comigo a salvo.

CXXIV

Toga

Romanos rerum dominos gentemque togatam
ille facit, magno qui dedit astra patri.

124

Toga

“Os senhores do mundo, esse povo togado”,
fez quem deu ao ilustre pai os astros.

CXXV

Idem

Si matutinos facilest tibi perdere somnos,
attrita ueniet sportula saepe toga.

O Mesmo

Se acordar cedo não te irrita, sempre a espórtula
terás em paga à toga bem puída.

CXXVI

Endromis

Pauperis est munus sed non est pauperis usus:
hanc tibi pro laena mittimus endromida.

126

Capa de Exercícios

É presente de pobre, mas pobre não usa:
em lugar do capote mando a capa.

CXXVII

Canusinae Fuscae

Haec tibi turbato Canusina simillima mulso
munus erit. Gaude: non cito fiet anus.

127

Manto de Lã Escura de Canúsio

Esta lã de Canúsio, ao turvo mulso símile,
é tua! Dura muito.Vai! Alegra-te!

CXXVIII

Bardocucullus

Gallia Santonico uestit te bardocucullo.
Cercopithecorum paenula nuper erat.

128

Capote dos Santões

A Gália vem vestir-te com manto Santão.
Era há pouco o capote de macacos.

CXXIX

Canusinae Rufae

Roma magis fuscis uestitur, Gallia rufis,
et placet hic pueris militibusque colos.

129

Capa de Lã Vermelha de Canúsio

Roma prefere mais a fosca; a Gália, a ruiva,
e esta agrada a meninos e soldados.

CXXX

Paenula Scortea

Ingrediare uiam caelo licet usque sereno,
ad subitas numquam scortea desit aquas.

130

Pênula de Couro

Sob céu sereno, põe o pé na estrada, mas,
sob a tormenta, o couro, que não falha.

CXXXI

Lacernae Coccineae

Si ueneto prasinoue faues, quid coccina sumes?
Ne fias ista transfuga sorte uide.

131

Túnicas Carmesins

Se amas o azul ou verde, por que o carmesim?
Vê se um vira-casaca não te tornas!

CXXXII

Pilleum

Si possem, totas cuperem misisse lacernas:
nunc tantum capiti munera mitto tuo.

132

Píleo

Se eu pudesse, mandava-te mantos inteiros:
mas só tua cabeça brindo agora.

CXXXIII

Lacernae Baeticae

Non est lana mihi mendax nec mutor aheno.
Sic placeant Tyriae: me mea tinxit ouis.

133

Lacernas Béticas

Minha lã não é falsa, nem me muda o cobre,
como as Tírias: tingiu-me minha ovelha.

CXXXIV

Fascia Pectoralis

Fascia, crescentes dominae compesce papillas,
ut sit quod capiat nostra tegatque manus.

134

Sutiã

Sutiã, guarda os grandes seios da Senhora!
P'ra que eu possa pegá-los e cobri-los.

CXXXV (CXXXVII)

Lacernae Albae

Amphitheatrali nos commendamus ab usu,
cum teget algentes alba lacerna togas.

135 (137)

Lacernas Brancas

Pedimos que nos use nos Anfiteatros,
quando cobrimos, brancas, frias togas.

CXXXVI (CXXXV)

Cenatoria

Nec fora sunt nobis nec sunt uadimonia nota:
hoc opus est, pictis accubuisse toris.

136 (135)

Trajes de Jantar

De tribunais, juízos, de nada sabemos.
O que sabemos? De leitos bordados.

CXXXVII (CXLII)

Focale

Si recitaturus dedero tibi forte libellum,
hoc focale tuas adserat auriculas.

137 (142)

Echarpe

Se para o meu sarau te mandar um convite,
que a echarpe as orelhinhas tuas guarde.

CXXXVIII (CXXXVI)

Laena

Tempore brumali non multum leuia prosunt:
calfaciunt uilli pallia uestra mei.

138 (136)

Capote

Vestes tênues, no Inverno, não são lá muito úteis:
eu tenho estofo p'ra aquecer teus pálios.

CXXXIX (CXXXVIII)

Mantele

Nobilius uillosa tegant tibi lintea citrum:
orbibus in nostris circulus esse potest.

139 (138)

Toalha de Mesa

Linho felpudo cubra a cidreira tão nobre:
em minha mesa a mancha jaz dos cálices.

CXL (CXXXIX)

Cuculli Liburnici

Iungere nescisti nobis, o stulte, lacernas:
indueras albas, exue callaïnas.

140 (139)

Capuzes Libúrnios

Às lacernas juntar-nos, ó tolo, não sabes:
tu as vestiras brancas, tira-as verdes.

CXLI (CXL)

Vdones Cilicii

Non hos lana dedit sed olentis barba mariti:
cinyphio poterit planta latere sinu.

141 (140)

Calçados Cilícios

Não sou de lã, mas feito da barba do bode:
teu pé se esconda no regaço Cínife.

CXLII (CXLI)

Synthesis

Dum toga per quinas gaudet requiescere luces,
hos poteris cultus sumere iure tuo.

142 (141)

Trajes de Festa

Enquanto a toga folga feliz cinco dias,
hás de usar estes trajes à vontade.

CXLIII

Tunicae Patauinae

Vellera consumunt Patauinae multa trilices,
et pingues tunicas serra secare potest.

143

Túnicas de Patávio

Muitos velos o pano de Patávio gasta,
só serra talha mantos tão espessos.

CXLIV

Spongea

Haec tibi sorte datur tergendis spongea mensis
utilis, expresso cum leuis imbre tumet.

144

Esponja

Dá-te a sorte esta esponja, boa para as mesas
limpar, quando, premindo-a, leve atufa.

CXLV

Paenula Gausapina

Is mihi candor inest, uillorum gratia tanta,
ut me uel media sumere messe uelis.

145

Pênula Felpuda

Tal meu candor, tamanha a graça de meus pelos,
que mesmo na colheita me usarias.

CXLVI

Ceruical

Tingue caput Cosmi folio, ceruical olebit:
perdidit unguentum cum coma, pluma tenet.

146

Travesseiro

Se a nardo cheira a nuca, a Cosmo o travesseiro:
jaz na pluma o perfume dos cabelos.

CXLVII

Cubicularia Gausapina

Stragula purpureis lucent uillosa tapetis.
Quid prodest si te congelat uxor anus?

147

Cobertores Felpudos

Felpuda a colcha vibra no brocado púrpura.
Para quê? Se a mulher – velha! – é só gelo?

CXLVIII

Lodices

Nudo stragula ne toro paterent,
iunctae nos tibi uenimus sorores.

148

Colchas

As colchas não se expõem no leito nu!
A ti viemos, em par, como irmãs.

CXLIX

Amictorium

Mammosas metuo; tenerae me trade puellae,
ut possint niueo pectore lina frui.

149

Lenço

Temo as tetudas! Dá-me já à tenra menina!
P'ra que, de um níveo colo, o linho goze.

CL

Cubicularia Polymita

Haec tibi Menphitis tellus dat munera: uicta est
pectine Niliaco iam Babylonos acus.

150

Cobertores Coloridos

Estes dons Mênfis deu-te: a agulha babilônica
já foi vencida pelo ordume egípcio.

CLI

Zona

Longa satis nunc sum; dulci sed pondere uenter
si tumeat, fiam tunc tibi zona breuis.

151

Cinto

Agora sou bastante longo, mas se o ventre
crescer, pequeno cinto a ti serei.

CLII

Gausapum Quadratum

Lodices mittet docti tibi terra Catulli:
nos Helicaonia de regione sumus.

152

Cobertor Quadrado

Colchas te envia a terra do douto Catulo:
já nós, somos da pátria de Helicáon.

CLIII

Semicinctium

Det tunicam locuples: ego te praecingere possum.
Essem si locuples, munus utrumque darem.

153

Cinto Estreito

Oferte um rico a túnica... posso eu cingir-te.
Ah! Fosse eu o ricaço, os dois dar-te-ia.

CLIV

Lanae Amethystinae

Ebria Sidoniae cum sim de sanguine conchae,
non uideo quare sobria lana uocer.

154

Lãs Ametistas

Ébria do sangue de uma concha da Sidônia,
não vejo por que dizem que sou sóbria.

CLV

Lanae Albae

Velleribus primis Apulia, Parma secundis
nobilis; Altinum tertia laudat ouis.

155

Lãs Brancas

As melhores da Apúlia; as segundas de Parma.
Em terceiro as ovelhas que Altino honram.

CLVI

Lanae Tyriae

Nos Lacedaemoniae pastor donauit amicae:
deterior Ledae purpura matris erat.

156

Lãs Tírias

O pastor ofertou-nos à amiga espartana:
a púrpura de Leda era pior.

CLVII

Lanae Pollentinae

Non tantum pullo lugentes uellere lanas,
sed solet et calices haec dare terra suos.

157

Lãs Polentinas

Não produz lãs plangentes em negro somente,
essa terra também nos dá seus cálices

CLVIII

Idem

Lana quidem tristis sed tonsis nata ministris,
quales non primo de grege mensa citat.

158

O mesmo

É triste, eu sei: a lã é p'ra escravos rapados,
quais de má cepa os que a mesa conclama.

CLIX

Tomentum Leuconicum

Oppressae nimium uicina est fascia plumae?
Vellera Leuconicis accipe rasa sagis.

159

Enchimento Leucônico

O estrado é muito rente da pluma que esmagas?
Aceita os velos de leucônios saios.

CLX

Tomentum Circense

Tomentum concisa palus Circense uocatur.
Haec pro Leuconico stramina pauper emit.

160

Enchimento Circense

Almofadas de Circo não passam de juncos!
Pobre compra essa palha, não leucônicos.

CLXI

Pluma

Lassus Amyclaea poteris requiescere pluma,
interior cycni quam tibi lana dedit.

161

Pluma

Lasso, vais descansar sobre a pluma de Amiclas:
um cisne te brindou com suas penas.

CLXII

Faenum

Fraudata tumeat fragilis tibi culcita mula.
Non uenit ad duros pallida cura toros.

162

Feno

Engana a mula! E vás enchendo teu colchão.
Cuidados não reclamam duras camas.

CLXIII

Tintinabulum

Redde pilam: sonat aes thermarum. Ludere pergis?
Virgine uis sola lotus abire domum.

163

Campanhia

Dá a bola! As Termas chamam! Vais jogar ainda?
Só da Virgem que limpo vais partir!

CLXIV

Discus

Splendida cum uolitant Spartani pondera disci,
este procul, pueri: sit semel ille nocens.

164

Disco

Sublime o voo dos discos de Esparta. Meninos!
Cuidado! Foram uma vez fatais.

CLXV

Cithara

Reddidit Eurydicen uati: sed perdidit ipse,
dum sibi non credit nec patienter amat.

165

Cítara

Ao vate devolveu Eurídice: perdeu-a,
ao se perder, impaciente amando.

CLXVI

Idem

De Pompeiano saepe est eiecta theatro
quae duxit siluas detinuitque feras.

166

O mesmo

Do Teatro Pompeu é comum ser banida
quem guiou matas e deteve as feras.

CLXVII

Plectrum

Feruida ne trito tibi pollice pusula surgat,
exornent docilem candida plectra lyram.

167

Plectro

Para que bolhas não surjam acres nos dedos,
ornem plectros a Lira dócil alvos.

CLXVIII

Trochus

Inducenda rota est: das nobis utile munus:
iste trochus pueris at mihi canthus erit.

168

Arco

Mete-lhe a roda e dás-nos um útil presente:
aos meninos um arco, a mim um aro.

CLXIX

Idem

Garrulus in laxo cur anulus orbe uagatur?
Cedat ut argutis obuia turba trochis.

169

O mesmo

Por que vagueiam no aro ruidosos anéis?
P'ra que aos arcos sonoros ceda a turba.

CLXX

Signum Victoriae Aureum

Haec illi sine sorte datur cui nomina Rhenus
uera dedit. Deciens adde Falerna, puer.

170

A Estátua de Ouro da Vitória

Deu-lhe a Vitória o Reno (o nome deu também!).
Serve, garoto, vezes dez Falernos!

CLXXI

Βρούτου παιδίον fictile

Gloria tam parui non est obscura sigilli:
istius pueri Brutus amator erat.

171

O Garotinho de Bruto em Argila

Não é obscura a glória desta estatueta:
Bruto era o amante desse menininho.

CLXXII

Sauroctonos Corinthius

Ad te reptanti, puer insidiose, lacertae
Parce; cupit digitis illa perire tuis.

172

O Matador de Lagartos Coríntio

Do réptil pouca a vida, pérfido menino!
Por tuas mãos deseja ele morrer.

CLXXIII

Hyacinthus in tabula pictus

Flectit ab inuiso morientia lumina disco
Oebalius, Phoebi culpa dolorque, puer.

173

A tela de Jacinto

Do infando disco volta os olhos moribundos
o moço ebálio, culpa e dor de Febo.

CLXXIV

Hermaphroditus Marmoreus

Masculus intrauit fontis, emersit utrumque:
pars est una patris, cetera matris habet.

174

O Hermafrodita de Mármore

Másculo entrou na fonte, em dois ele emergiu:
parte é do pai, as outras tem da mãe.

CLXXV

Danae Picta

Cur a te pretium Danae, regnator Olympi,
accepit, gratis si tibi Leda dedit?

175

A Pintura de Dânae

Por que o preço de Dânae, ó Senhor do Olimpo,
aceitou, se de graça deu-te Leda?

CLXXVI

Persona Germana

Sum figuli lusus russi persona Bataui.
Quae tu derides, haec timet ora puer.

176

A Máscara Germana

Sou do oleiro a piada, a máscara do ruivo
batavo: ris do medo do menino.

CLXXVII

Hercules Corinthius

Elidit geminos infans nec respicit anguis.
Iam poterat teneras hydra timere manus.

177

O Hércules Coríntio

O guri – sem olhar! – enforca as serpes gêmeas.
Já a Hidra as tenras mãos temer podia.

CLXXVIII

Hercules Fictilis

Sum fragilis: sed tu, moneo, ne sperne sigillum:
non pudet Alciden nomen habere meum.

178

O Hércules de Argila

Sou frágil, mas advirto: não me menosprezes!
Não se envergonha Alcides de meu nome.

CLXXIX

Minerua Argentea

Dic mihi, uirgo ferox, cum sit tibi cassis et hasta,
quare non habeas aegida. “Caesar habet”.

179

A Minerva de Prata

Diz-me, virgem feroz, tens hasta, portas elmo.
Por que não tens escudo? “César tem”.

CLXXX

Europe Picta

Mutari melius tauro, pater optime diuum,
tunc poteras Io cum tibi uacca fuit.

180

A Europa Pintada

Podias, Pai Sublime, um touro teres sido,
quando fez Io em vaca transformar-se.

CLXXXI

Leandros Marmoreus

Clamabat tumidis audax Leandros in undis:
'mergite me fluctus cum rediturus ero.'

181

O Leandro de Mármore

Furiosas Leandro clamava nas ondas:
“sorvei-me, vagas! Quando eu regressar!”

CLXXXII

Sigillum Gibberi Fictile

Ebrius haec fecit terris, puto, monstra Prometheus:
saturnalicio lusit et ipse luto.

182

O Pequeno Corcunda em Argila

Ébrio estes monstros fê-los Prometeu na Terra:
nas Saturnais brincou também com barro.

CLXXXIII

Homeri Batrachomachia

Perlege Maeonio cantatas carmine ranas
et frontem nugis soluere disce meis.

183

A Batracomiomaquia de Homero

Devora as rãs em verso meônio cantadas
e faz sorrir o cenho às minhas nugas.

CLXXXIV

Homerus in Pugillaribus Membranis

Ilias et Priami regnis inimicus Vlixes
multiplici pariter condita pelle latent.

184

Homero em Livrinhos de Pergaminho

Ulisses – inimigo de Príamo – e a Ilíada
jazem ocultos sob a pele em dobras.

CLXXXV

Vergili Culex

Accipe facundi Culicem, studiose, Maronis,
ne nucibus positis ARMA VIRUMQUE legas.

185

O Mosquito de Vergílio

Eis de Marão facundo O Mosquito, doutor!
Não leias, nozes depostas, as Armas!

CLXXXVI

Vergilius in Membranis

Quam breuis inmensum cepit membrana Maronem
ipsius uultus prima tabella gerit.

186

Vergílio em pergaminhos

Marão, o grande, jaz em breve pergaminho,
que traz na prima página seu rosto.

CLXXXVII

Μενάνδρου Θαΐς

Hac primum iuuenum lasciuos lusit amores;
nec Glycera pueri, Thais amica fuit.

187

La *Thaïs* de Ménandre

Brincou, aqui, os jogos lascivos dos jovens;
Taís foi sua amiga, mas não Glícera.

CLXXXVIII

Cicero in Membranis

Si comes ista tibi fuerit membrana, putato
carpere te longas cum Cicerone uias.

188

Cícero em pergaminhos

Tens um amigo nestes livros. Pensa em ti
a percorrer veredas mil com Cícero!

CLXXXIX

Monobyblos Properti

Cynthia – facundi carmen iuuenale Properti –
accepit famam, non minus ipsa dedit.

189

O Monobyblos de Propércio

Cíntia – o jovem poema do agudo Propércio! –
ganhou fama: não menos fez por ele.

CXC

Titus Liuius in Membranis

Pellibus exiguis artatur Liuius ingens,
quem mea non totum bibliotheca capit.

190

Tito Lívio em pergaminhos

Em peles estreitou-se exíguo o enorme Lívio,
que todo não comporta a biblioteca.

CXCI

Sallustius

Hic erit, ut perhibent doctorum corda uirorum,
primus Romana Crispus in historia.

191

Salústio

Eis aqui, como contam os corações doutos,
o primado da História em Roma: Crispo.

CXCII

Ouidi Metamorphosis in Membranis

Haec tibi multiplici quae structa est massa tabella,
carmina Nasonis quinque decemque gerit.

192

As Metamorfoses de Ovídio em pergaminhos

Eis o maço de folhas reunidas que, múltiplas,
reúne os quinze cantos de Nasão.

CXCIII

Tibullus

Vssit amatorem Nemesis lasciua Tibullum,
in tota iuuit quem nihil esse domo.

193

Tibulo

Nêmesis fez do amante, Tibulo, um braseiro:
em casa deleitou-lhe ser um nada.

CXCIV

Lucanus

Sunt quidam qui me dicant non esse poetam:
sed qui me uendit bybliopola putat.

194

Lucano

“Não é poeta!”, dizem alguns sobre mim:
“é sim!”, diz o livreiro que me vende.

CXCV

Catullus

Tantum magna suo debet Verona Catullo,
quantum parua suo Mantua Vergilio.

195

Catulo

Ao seu Catulo, tanto deve a grã Verona,
quanto Mântua, pequena, a seu Vergílio.

CXCVI

Calui De Aguae Frigidae Usu

Haec tibi quae fontes et aquarum nomina dicit,
ipsa suas melius charta natabat aquas.

196

Do Uso da Água Fria de Calvo

Fontes e tipos d'água estão nestes papéis,
que agradam só nadando nas tais águas.

CXCVII

Mulae Pumilae

His tibi de mulis non est metuenda ruina:
altius in terra paene sedere soles.

197

Mulas Anãs

Destas mulas não deves temer despencar:
sóis sentar quase mais alto no chão.

CXCVIII

Catella Gallicana

Delicias paruae si uis audire catellae,
narranti breuis est pagina tota mihi.

198

A Cadela Gaulesa

Da cadelinha queres ouvir as delícias?
Impossível contá-las numa página.

CXCIX

Asturco

Hic breuis ad numeros rapidum qui colligit unguem,
uenit ab auriferis gentibus Astur equus.

199

O Cavalinho das Astúrias

Eis o ritmo dos lestos cascos do pequeno
Astúrio, vindo de auríferos povos.

CC

Canis Vertragus

Non sibi sed domino uenatur uertragus acer,
inlaesum leporem qui tibi dente feret.

200

O Cão de Caça

Não para si, mas para seu dono o cão caça
e te trará no dente a lebre incólume.

CCI

Palaestrita

Non amo quod uincat, sed quod succumbere nouit
et didicit melius τὴν ἐπικλινοπάλην.

201

O Palestrita

Amo-o não porque vence e, sim, porque se dobra:
aprendeu, no tatame, a se dar bem.

CCII

Simius

Callidus emissas eludere simius hastas,
si mihi cauda foret, cercopithecus eram.

202

O Macaco

Esperto, sei fugir aos dardos que me atiram.
Era cercopiteco, se com rabo.

CCIII

Puella Gaditana

Tam tremulum crisat, tam blandum prurit, ut ipsum
masturbatorem fecerit Hippolytum.

203

A Garota de Cádiz

Ela mexe as cadeiras tão bem – doce e lúbrica! –
que Hipólito tocava uma também.

CCIV

Cymbala

Aera Celaenaeos lugentia matris amores
esuriens Gallus uendere saepe solet.

204

Os Címbalos

Os bronzes da mãe, prantos de amores celenos,
um Galo esfomeado sói vendê-los.

CCV

Puer

Sit nobis aetate puer, non pumice leuis,
propter quem placeat nulla puella mihi.

205

O Menino

Quero um tenro menino (não por pedra-pomes!).
Assim, menina alguma há de agradar-me.

CCVI

Cestos

Collo necte, puer, meros amores,
ceston de Veneris sinu calentem.

206

O Cinto de Vênus

Prende ao pescoço o puro amor, menino,
o cinto quente do seio de Vênus.

CCVII

Idem

Sume Cytheriaco medicatum nectare ceston:
ussit amatorem balteus iste Iouem.

207

O mesmo

Toma o cinto do néctar de Citera pleno:
esta cinta deixou em brasas Jove.

CCVIII

Notarius

Currant uerba licet, manus est uelocior illis:
nondum lingua suum, dextra peregit opus.

208

O Estenógrafo

As palavras que corram! As mãos são mais rápidas:
a destra a obra finda, a língua tarda.

CCIX

Concha

Leuis ab aequorea cortex Mareotica concha
fiat: inoffensa curret harundo uia.

209

A Concha

A concha torna lisa a casca Mareótica:
corre a pena sem pedras no caminho.

CCX

Morio

Non mendax stupor est nec fingitur arte dolosa.
quisquis plus iusto non sapit, ille sapit.

210

O Bobo

A sandice não mente, nem finge por arte:
quem não sabe em excesso, muito sabe.

CCXI

Caput Veruecinum

Mollia Phrixei secuisti colla mariti.
Hoc meruit tunicam qui tibi, saeue, dedit?

211

A Cabeça do Carneiro

Cortaste a goela tenra do macho de Frixo.
Que prêmio a quem te deu, malvado, a túnica!

CCXII

Pumilius

Si solum spectes hominis caput, Hectora credas:
si stantem uideas, Astyanacta putes.

212

O Anão

Se olhasses a cabeça, crê-lo-ias Hector:
se em pé o visses, verias Astíanax.

CCXIII

Parma

Haec, quae saepe solet uinci, quae uincere raro,
parma tibi, scutum pumilionis erit.

213

O Broquel

É vencido amiúde, e vence raramente,
eis teu broquel, escudo para o anão.

CCXIV

Comoedi Pueri

Non erit in turba quisquam Μισούμενος ista:
sed poterit quiuis esse Διὶς ἐξαπατῶν.

214

Os Atores da Comédia

Nessa trupe, o Misoúmenos ninguém será:
se quiseres, alguém fará o Exápatōn.

CCXV

Fibula

Dic mihi simpliciter, comoedis et citharoedis,
fibula, quid praestas? 'Carius ut futuant.'

215

A Fíbula

Em que ajudas os cômicos e citaredos?
Fíbula, diz-me! “As fodas cobrar caro”.

CCXVI (CCXVIII)

Auceps

Non tantum calamis sed cantu fallitur ales,
callida dum tacita crescit harundo manu.

216 (218)

O Caçador de Pássaros

Não só varas, mas cantos enganam as aves,
enquanto astuta a cana se aproxima.

CCXVII (CCXVI)

Accipiter

Praedo fuit uolucrum: famulus nunc aucupis idem
decipit et captas non sibi maeret aues.

217 (216)

O Falcão

Foi das aves pirata: agora, mero fâmulo,
captura e chora as aves que não tem.

CCXVIII (CCXVII)

Opsonator

Dic quotus et quanti cupias cenare nec unum
addideris uerbum: cena parata tibi est.

218 (217)

O Despenseiro

Diz-lhe quantos (e quanto!) queres para a ceia,
nada mais: e o jantar está na mesa!

CCXIX

Cor Bubulum

Pauper causidicus nullos referentia nummos
carmina cum scribas, accipe cor, quod habes.

219

O Coração do Boi

Porque, pobre advogado, versos não te rendem
vintém, aceita o coração que tens.

CCXX

Cocus

Non satis est ars sola coco: seruire palatum
nolo: cocus domini debet habere gulam.

220

O Mestre-Cuca

Arte não basta ao cuca: gosto servil não!
Deve um chef paladar do senhor ter.

CCXXI

Craticula cum uerubus

Rara tibi curua craticula sudet ofella;
spumeus in longa cuspide fumet aper.

221

A Grelha com Espetos

Que tua grelha sue sob as costeletas;
e a crepitar, no espeto, arda o javardo.

CCXXII

Pistor Dulciarius

Mille tibi dulces operum manus ista figuras
extruet: huic uni parca laborat apis.

222

O Confeiteiro

Mil doces essas mãos te farão: obras de arte.
A abelhinha trabalha só p'ra ele.

CCXXIII

Adipata

Surgite: iam uendit pueris ientacula pistor
cristataeque sonant undique lucis aues.

223

Pastéis

Levantai! Os meninos já compram lanchinhos!
E as aves cantam cristadas à Aurora!

Bibliografia

1) EDIÇÕES DE MARCIAL

MARCI VALERII MARTIALIS. *Epigrammata*. Avec commentaires anciens et nouveaux, fragments inédits, recherches, dissertations, index, portraits, cartes géographiques, plans de sieges et batailles, tableaux, etc par N. E. Lemaire. Bibliothèque Classique Latine ou Collection des Auteurs Classiques Latins. Seconde Souscription. Paris, imprimée par Didot, 1837.

FRIEDLAENDER, L. *M. Valerii Martialis epigrammaton libri*. Mit Erklärenden Anmerkungen. Amsterdam: Verlag Adolf M. Hakkert, 1961.

MARTIAL, *Epigramas*, (org.) Pierre Richard. v. 1-2. Paris: Garnier Freres, 1931.

_____, *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac, Collection de Universités de France. Paris: "Les Belles Lettres", 1930.

_____, *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac, 2a. Ed., Collection des Universités de France. Paris: "Les Belle Lettres", 1961.

_____, *Epigrams*. With an English translation by Walter C. A. Ker, The Loeb Classical Library, vol. II. Cambridge, MA: Harvard University Press/ London William Heinemann, 1978-1979.

_____, *Epigrams*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey, The Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, vol. I, 2002 – II, 1993 – III, 2005.

MARTIALIS, M. Valerii, *Epigramaton liber*. Genova: Universitá di Genova, 1980.

_____. *Epigrammata.* Recognouit breuique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay. Editio Altera, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, Oxonii e typographeo Clarendoniano, Oxford University Press, 1987.

_____. *Select epigrams*. Edited by Lindsay and Patricia Watson. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. *Book XIII, The* Xenia. Text with introduction and commentary by T. J. Leary. London: Duckworth, 2001.

_____. *Book XIV, The* Apophoreta. Text with introduction and commentary by T. J. Leary. London: Duckworth, 1996.

2) TRADUÇÕES DE MARCIAL

MARCIAL. *Epigramas*. Introducción, traducción y notas de Juan Fernández Valverde y Antonio Ramirez de Verger, Biblioteca Clássica Gredos. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

MARCIAL. *Epigramas*. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel; tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Lisboa: Edições 70, vol. I-II, 2000; vol. III, 2001; vol. IV, 2004.

MARZIALE, Marco Valerio, *Gli epigrammi: la reccolta completa dei versi impietosi i pungenti del piú acuto e satirico poeta della Roma dei Flavi*. Texto latino a fronte, Edizione integrale a cura di Cesare Vivaldi. Milano: Grandi Tascabili Econimici, 1993.

MARTIAL, *The epigrams*. Selected and translated by James Michie, London: Penguin Classics, 1978.

MARTIAL, *Épigrammes*. Traduction nouvelle par Mm V. Verger, N. A. Dubois, J. Mangeart, Paris: C.L.F. Panckoucke, 1834-1835.

3) MARCIAL NO BRASIL

ASCHER, Nelson. *Poesia alheia*; *124 poemas traduzidos*. Tradução e organização de Nelson Ascher. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998, pp. 66-67.

FIGUEIREDO, Luiz Antônio; FONDA, Enio Aloísio; KHOURI, Omar. *Epi /gramática Marcial*. Pirajuí: Nomuque Edições, 1978.

LEONI, G. D. *A literatura de Roma*. São Paulo: Nobel, 1954, pp. 234-236.

MESQUITA. *Poesia*. Seleção e prefácio de Ary de Mesquita. 2 vols. Rio de Janeiro: Jackson, 1970, vol. I, pp. 85-87 ("Clássicos Jackson", XXXVIII).

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (organizadoras). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 229-247.

OLIVA NETO, João Angelo. *Falo no jardim, Priapéia grega, Priapéia latina*. Cotia: Ateliê Editorial / Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, pp. 295-299.

_____. "Um epinício, um epigrama: duas traduções". In *Cadernos de literatura em tradução*, nº 3. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH / USP, 1999, pp. 73-76.

PAES, José Paulo. *Poesia erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 34-35.

PIGNATARI. *31 Poetas, 214 poemas: do Rig Veda e Safo a Apolinaire*. Uma antologia pessoal de poemas traduzidos com notas e comentários por Décio Pignatari. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 55-68.

SENA. *Poesia de 26 séculos. De Arquíloco a Nietzsche.* Antologia, tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena. Coimbra: Fora do Texto, 1993, pp. 43-49.

4) FONTES ANTIGAS

THE GREEK ANTHOLOGY. With an english translation by W. R. Paton, in five volumes; Cambridge: Harvard University Press/ London: William Heinemann, vol. I-II and V, 1960; vol. III, 1958; vol. IV, 1956.

ANÔNIMO. *De physiognomonia liber*. Tradução anotada de Leonardo Davine Dantas. Iniciação Científica. (Graduando em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Orientador: Paulo Sérgio de Vasconcellos, 1999.

ANTOLOGIA PALATINA*: epigramas helenísticos*. Traducción e introducciones de Manuel Fernández-Galiano, Madrid: Gredos, 1978.

APÍCIO. *De re coquinaria*. Ed. C. Giarratano; F. Vollmer. Leipzig: Teubner, 1922.

_____. *De re coquinaria*. Mary Ella Milham (ed.). Leipzig: Teubner, 1969.

ARISTÓTELES. *Poética.* Tradução, comentário e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____, *Retórica*. Introdução e tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmbouse Alberto e Abel de Nascimento Pena, Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1998.

_____, *Art rhétorique et art poétique*. Traduction nouvelle avec texte, introductions et notes par Jean Voilquén et Jean Capelle, Paris: Garnier Frères, 1944.

_____, *Retórica das paixões*. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca e prefácio de Michel Meyer, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Problems. Rhetorica ad Alexandrum*. With an English translation. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna; introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1997.

ATENEU. *The learned banqueters*, vol. VIII. Edited and Translated by S. Douglas Olson. Cambridge, Mass.: Harvard Universit Press, 2012.

AUGUSTO. *Res gestae divi Augusti*. With an English translation by F. W. Shipley. Cambridge, Massachussets; and London: Harvard University Press, 1998.

AUSÔNIO. *The works of Ausonius*. Oxford: Clarendon Press, 2003.

BAILEY, SHACKLETON (ORG), *Anthologia latina*, Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Stuttgart: Teubner, 1982.

BING, PETER & COHEN, RIP, *Games of Venus: an anthology of Greek and Roman erotic verse from Sapho to Ovid*. Introduced, translated and annotated by Peter Bing and Rip Cohen, The New ancient World, New York: Routledge, 1993.

CATÃO. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

CALLIMACHUS. Edidit Rudolfus Pfeiffer. Oxford: Clarendon Press. Vol. 1: *Fragmenta*, 1959; vol. 2.: *Hymni et epigrammata*, 1963.

_____. *Himnos, epigramas y fragmentos*. Traducción de Maximo Brioso Sanchez e Luis Alberto de Cuenca y Prad, Madrid: Gredos, 1980.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto, São Paulo: EDUSP, 1996.

CATULLUS, TIBULLUS, PERUIGILIUM VENERIS. The poems of Gaius Valerius Catullus, translated by F.W. Cornish; Tibullus, by J.P. Postgate; and Pervigilium Veneris, by J.W. Mackail. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press: W. Heinemann, 1995.

CÍCERO. *De oratore*, texte établi et traduit par Edmond Courbaud et Henri Borneaqui, Paris: "Les Belles Lettres", 1966-1985.

_____. *De oratore libri III*. Kommentar von Anton D. Leeman, Harm Pinkster und Edwin Rabbie. Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag, 1989.

_____. *Dell'oratore/ Marco Tullio Cicerone*. Con un saggio introduttivo di Emanuele Narducci. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1994.

_____. *De natura deorum*, *Academica*. With an English Translation by H. Rackham, M.A. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press/ London: William Heinemann Ltd., 1957.

_____. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. *De l'invention*. Texte établi et traduit par G. Achard. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

_____. *On the republic. On the laws*. Translated by Clinton W. Keyes. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1928.

_____. *Letters to Atticus*, Vol. IV. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Mass.;/ London: Harvard University Press, 1999.

_____. *Letters to Friends*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachussets/ London: Harvard University Presso, 2001.

_____. *Letters to Quintus and Brutus, to Octavian, Invectives, Handbook of electioneering*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Mass.: / London: Harvard University Press, 2002.

_____. *Tusculan disputations*. Translated by J. E. King. Cambridge, Mass.: / London: Harvard University Press, 1927.

_____. *De officiis*. With an English translation by Walter Miller. London: W. Heinemann / New York: The MacMillan CO., 1913.

_____. *Dos deveres*. Tradução de Angélica Chiappetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Pro Caelio; De provinciis consularibus; Pro Balbo*. With an English translation by R. Gardner. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1958.

_____. *On the republic; On the laws*. Translated by Clinton W. Keyes. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1928.

CLÁUDIO PTOLOMEU. *Tetrabiblos*. With na English translation by F. E. Robbins. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1940.

COLUMELA. *On agriculture*, Vol. I. With an English translation by Harrison Boyd Ash. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1941.

CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM. Consilio et Auctoritate Academiae Litterarum Borussicae. Editum Berlin. Vol. I, Part.; Vol. VI, Part. I. I. Inscriptiones Latinae Antiquissimae. Edd. G. Henzen, C. Huelsen, T. Mommsen. 1893. Vol. VI, Edd. E. Bormann, G. Henzen, 1876.

DIOMEDIS. *Artis grammaticae libri III*. Flavii Sosipatri Charisii. *Artis grammaticae libri V*. Ex Carisii *Arte grammatica excerpta*. Ex recencione Henrici Keilii. Leipzig, Teubner, 1887 (Keil., H. *Grammatici Latini*, vol. I)

DÍON CÁSSIO. *Roman history*. Vol. VII. With an English translation by Earnest Cary. Cambridge, Mass.: Harvard University Press / London: W. Heinemann, 1955.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Roman antiquities*. With an English translation by E. Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

EDMONDS, J. M., *Elegy and iambus: geing the remains of all the Greek elegiac and iambic poets from Callinus to Crates, excepting the choliambic writers*. Newly edited and translated by J.M. Edmonds, vol. II, The Loeb Classical Library, Cambridge, MA: Harvard University Press / London: Heinemann, 1982.

ELIANO. *On characteristics of animals*. With an English translation of Alwyn Faber Scholfield. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1972.

ÊNIO / CECÍLIO. *Remains of old latin*. Vol. 1. With an English Translation by E. H. Warmington. Cambridge: Harvard University Press, 1935.

ETYMOLOGICUM MAGNUM SEU VERIUS LEXICON SAEPISSIME VOCABULORUM ORIGINE INDAGANS EX PLURIBUS LEXICIS ET GRAMMATICIS ANONYMI CUIUSDAM OPERA CONCINNATUM. Add.

codd. mss recensuit et notis variorum instruxit Thomas Gaisford, STP. Amsterdam, Adolf M. Hakkert – Publisher, 1962.

FESTO, Sexto Pompeu. *De uerborum significatu quae supersunt cum Puali Epitome*. Thewrewkianis copiis usu edidit Wallace M. Lindsay. Hildesheim: Georg Holms Verlagsbuchhandlung, 1965.

THE HOMERIC HYMN TO DEMETER. Ed. by N. J. Richardson. Oxford, at the Clarendon Press, 1974.

HALM. Carolus. *Rhetores latini minores*. Ex Codicibus Maximam Partem Primum Adhibitis. Leipzig (Teubner), 1868. Dubuque, Iowa-Reprint Libray, s/d.

HEPHAESTIONIS. *Enchiridion* (HFAISTIWNOS. *Egxeiridion Peri Metrwn*). Cum commentariis ueteribus edidit Maximilianus Consbruch. Accedunt uariae metricorum graecorum reliquiae. Lipsiae, in ardibus B. G. Teubneri, MCMVI.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Teogonia: a origem dos deuses*. Edição bilíngue. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. Théogonie: Les travaux et les jours. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

HOMERO. *Ilíada/ Odisséia*. Tradução dos versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

_____. *Ilíada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2004.

HOPKINSIN, NEIL (ed.). *A Hellenistic Anthology*, Cambridge Greek and Latin classics, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HORACE, *Satires, Epistles and Ars poetica*, with an English translation by H. Rushton Fairclough, London: Harvard University Press, 1978.

_____, *The odes and epodes*, with an English translation by C. E. Bennett, Cambridge, MA: Harvard University Press/ London: William Heinemann, 1988.

HORÁCIO. *Odes e epodos*. Tradução e nota de Bento Prado de Almeida Ferraz; introdução de Antonio Medina Rodrigues; organização de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Arte poética*. Introdução, Tradução e Comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.

_____. *Sátiras*. Tradução e notas de Antônio Luís Seabra. Prefácio de Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D.

IÂMBLICO. *I misteri degli egiziani: teste greco a fronte*. Introduzione, traduzione e note di Claudio Moreschini. Milano: BUR rizzoli, 2009.

INSCRIPTIONES LATINAE SELECTAE. Edidit Hermannus Dessau. Vol II. Pars II. Editio Secunda Lucis Ope Expressa. Berolini MCMLV.

JUVENAL AND PERSIUS. *Satires*. with an English translation by G.G. Ramsay. London: Harvard University Press, 1999.

L. CAELI FIRMIANI LACTANTI. *Opera omnia. Accedunt carmins eius quae feruntur et L. Caecilii qui scriptus est De mortibus persecutorum liber. Recensuerunt Samuel Brandt et Georgius Lavbmann. Pars I: Divinae institutiones et epitome divinarum Institutionum*. Recensuit Samuel Brandt. Pragae / Vindobonae / Lipsae, F. Tempsky, G. Freytag, MDCCLXXX.

LUCIANO. *How to write history; The dispsads. Saturnalia. Herodotus or Aetion; Zeuxis or Antiochus; A slip of the tongue in greeting. Apology for the "Salaried Posts in Great Houses"; Harmonides; A conversation with Hesiod; The scythian or The consul; Hermotimus or Concerning the Sects. To one who said "you're a Prometheus in words". The ship or the wishes*. With an English translation by K. Kilburn. Cambridge, Mass.: Harvard University Press / London: William Heinemann, 1957.

MACROBIO. *Saturnalia*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1963.

MANILIUS. *Astronomica*. With an English translation by G. P. Goold. Cambridge: Harvard University Press / London: William Heinemann, 1977.

OVÍDIO. *Les fastes*, tome I, livres I-III, texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris: "Les Belles Lettres", 1992.

_____, *Les métamorphoses*, texte établi et traduit par George Lafaye, Paris: "Les Belles Lettres", 1928.

_____, *Metamorfoses*, tradução de Bocage e introdução de João Angelo Oliva Neto, São Paulo: Editora Hedra, 2000.

_____, *Amores; Medimina faciei femineae; Ars amatoria; Remedia amoris*. Edidit brevique adnotatione critica instruxit E. J. Kenney, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1989.

P. OVIDI NASONIS. *Amores, Medicamina faciei femineae, Ars amatoria, Remedia amoris*. Edidit breuique adnotatione critica instruxit E. J. Kenney. Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1973.

_____. *Tristia, Ex Ponto*. With an English translation by Arthur Leslie Wheeler. Cambridge, Mass.: Harvard University Press / London: W. Heinemann Ltd., 1939.

_____. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

PAUSÂNIAS. *Description de la Grèce*. Texte établi par Michel Casevitz; traduit par Jean Poulloux; commenté par François Chamoux. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

PETRÔNIO. With an English translation by Michael Heseltine. SÊNECA. *Apocolocyntosis*. With an English translation by W. H. D. Rouse. London: W. Heinemann / New York: The MacMillan CO. 1913.

_____. *Satíricon*. Apresentação Raymond Queneau. Tradução e Posfácio de Cláudio Aquati. São Paulo: CosacNaify, 2008.

PLATÃO. *Opera*. Tomo I, II, III, IV, V. Recognouit brevique adnotatione critica instruxit John Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1987.

_____. *A república*. Introdução, Tradução e Notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 8ª. Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PLINE, LE JEUNE. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Les Belles Lettres. Tome II, livres IV-VI, 1955.

PLINY, THE ELDER. *Natural history*. With an English translation by D. E. Eichholz. Cambridge/ London: Harvard University Press. Vol. X: books 35-36, 1962.

PLUTARCH. *Paralles lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. Vol. VI. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

_____. *Moralia Vol. IV: Roman questions. Greek questions. Greek and Roman parallel stories. On the fortune of the Romans. On the fortune or the virtue of Alexander. Were the Atheniens more famous in war or in wisdom*. With an English translation by Frank Cole Babbitt. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1936.

POESIA GREGA E LATINA. Seleção, notas e tradução direta do Grego e do Latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1964.

QUINTILIANO, *Institutio oratoria*, with an English translation by H. E. Butler, Cambridge, MA: Harvard University Press/ London: William Heinemann, books I-III, 1996; books IV-VI, 1995; books VII-IX, 1996; books X-XII, 1998.

SALÚSTIO. *The war with Catiline; War with Jugurta; Selections from the histories; Doubtful works*. With an English Translation by J. C. Rolfe. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's Sons, 1921.

SÊNECA. *Ad Lucilium epistulae morales*. Vol. I-II. With an English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Mass.: Harvard University Press/ London: W. Heinemann, 1979 (vol. I); 1970 (vol. II).

SUETÔNIO. *Os doze Césares.* Introdução e Notas de Paulo Matos Peixoto. Tradução brasileira de Gilson César Cardoso de Sousa. Guarulhos, SP: Germape, 2003.

_____. *The lives of the Caesars*. Vol. 1 – 2. With an English translation by J. C. Rolfe. London: W. Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

SERVII GRAMMATICI. *Qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen. Vol. III, fasc. I: *in Bucolica et Georgica commentarii*. Recensuit Georgius Thilo (ed.). Lipsiae, in aedibus B. G. Teubneri, 1887; fasc. II, Hildesheim, Georg Holms, 1986.

SUIDAE LEXICON. *LEXICOGRAPHI GRAECI*. Vol. 1. Pars III, K-O, W. Edidit Ada Adler. Editio stereotypa editionis primae (MCMXXXIII), Stuttgart, Teubner, 1967. Pars IV, P-Y.

Edidit Ada Adler. Editio Stereotypa editionis primae (MCMXXXV). Stuttgart, Teubner, 1989.

TACITE. *Annales*. Texte etabli et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

TERTULIANO. *Apology; De spectaculis*. With an English translation by T. R. Glover. Cambridge, Mass.: Harvard University Press/ London: William Heinemann Ltd., 1977.

THE SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. In three volumes. With an English translation by David Magie. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's Sons, 1922.

TIBULLE ET LES AUTEURS DU CORPS TIBULLIANUM. Texte établi et traduit par Max Ponchont. Paris: Les Belles Lettres, 1924.

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Introdução e tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.

_____. *History of Rome*. Books I and II. With an English translation by B.O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

VARRÃO. *On the Latin language*. With an English translation by Roland G. Kent. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1977.

_____. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

VERGÍLIO. *Eneida*. Tradução e notas de Odorico Mendes; apresentação de Antonio Medina; estabelecimento do texto, notas e glossário Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Enéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

_____. *Appendix Vergiliana*; recognouerunt et adnotatione critica instruxerunt W. W. Clausen, F.F.D. Goodyear, E. J. Kinney, J. A. Richmond. Oxford: at Clarendon Press, 1966.

_____. *Bucólicas: edição bilíngüe*. Tradução e comentário de Raimundo Carvalho; em apêndice: tradução de Odorico Mendes. Belo Horizonte, MG: Tessitura/ Crisálida, 2005.

_____. *As Geórgicas de Virgílio*. Transladadas à Portuguez por Antonio Feliciano de Castilho; comentadas por Othoniel Motta e precedidas de um estudo acerca de Virgílio. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *Les Géorgiques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

_____. *Eneida brasileira ou tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro por Manuel Odorico Mendes*. Organização de Paulo Sérgio de Vasconcellos *et al*.; Tradução de Manuel Odorico Mendes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

WEST. M. L. *Iambi et elegi Graeci ante Alexandrum cantati.* Oxford, 1989, v. I.

XENOFONTE. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. With an English translation by E. C. Marchant and O. J. Todd. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1923.

_____. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

5) TRABALHOS MODERNOS

ACHCAR, Francisco, *Lírica e lugar-Comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ADAMS, J.N., *The Latin sexual vocabulary*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1982.

ANDRÉ, J. – M. "L'esclavage sous Néron: statut juridique et condition réelle. In *Neronia 1977*. Clermont-Ferrand: Adosa, 1982, pp. 13-22.

AGNOLON, Alexandre. *O catálogo das mulheres: os epigramas misóginos de Marcial*. Coleção Letras Clássicas. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. "*Imagines physiognomonicae*" In: Martins, Paulo; Cairus, Henrique F.; Oliva Neto, João Angelo (org.). *Algumas Visões da Antiguidade*. Coleção Estudos Clássicos. Vol. 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, pp. 14-30.

_____. "Filênis, de *belle de jour* à alcoviteira: matéria erótica na *Antologia Grega*". *Classica (Brasil)*, 2013 (aceito para publicação).

AICHER, Peter J. *Rome alive: a source-guide to the ancient city*. Vol. 1. Mundelein, Illinois: Bolchazy-Carducci Publishers, 2004.

ASFORA, Vanessa. *Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX)*. Tese de Doutoramento apresentada ao PPG em História Social da FFLCH-USP. Orientação: Prof. Dr. Hilário Franco Jr. São Paulo, SP, 2009.

AUERBACH, Erich. *Mimesis, a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. *História, retórica e mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Dissertação apresentada ao PPG História da Universidade Federal de Ouro Preto, orientação: Prof. Dr. Fábio Faversani. Mariana, MG, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Anna Blume / Hucitec, 2002.

BARBERA, Mariarosaria. "Um gruppo di lucerne plastiche del Museo Nazionale Romano: ipotesi sulle fabbriche e sulle 'incluenze' alessandrine" In: *Archeologia classica, rivista del dipartimento di scienze storiche archeologiche e antropologiche dell'antichità*. Vol. XLV, 1, 1993, pp. 186-231.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURNIKEL, W. "*Untersuchungen zur struktur des witzepigramms bei Lukillios und Martial*". In : *Philologus* Supplement 22 (2). Wiesbaden, Steiner, 1980.

CAIRNS, Francis. *Generic composition in Greek and Roman poetry*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 1972.

CAMERON, Alan. *The Greek Anthology from Meleager to Planudes.* Oxford: Clarendon Press, 2003.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

CAIROLLI, Fábio. *Pequena gramática poética de Marcial*. 2005. Iniciação Científica. Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: João Angelo Oliva Neto.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. Metamorfoses *em tradução*. Relatório Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como trabalho de conclusão de pós-doutoramento. São Paulo, 2010.

CESILA, Robson T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Dissertação apresentada ao IEL-UNICAMP para obtenção do título de Mestre. Orientação: Prof. Dr. Paulo Sérgio Vasconcellos. Campinas, SP, 2004.

_____. *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bílbilis*. Tese de Doutoramento apresentada ao PPG em Lingüística do IEL-UNICAMP. Orientação: Prof. Dr. Paulo Sérgio Vasconcellos. Campinas, SP, 2008.

_____. "Saturnais: uma época para ler Marcial" In: *Phaos – Revista de Estudos Clássicos*. IEL / Unicamp, no. 5, 2005, pp. 13-29.

CIAVOLELLA, Massimo; IANNUCCI, Amilcare A. (org.). *Saturn: from Antiquity to the Renaissance*. University of Toronto Italian Studies 8. Ottawa, Canada: Dovehouse Editions Inc., 1992.

CITRONI, Mario. "Marziale e la letteratura per i Saturnali (poetica dell'intrattenimento e cronologia della pubblicazione dei libri)" In *Illinois classical studies*. Volume XIV, 1&2. Miroslav Marcovich, editor. Spring / Fall, 1989, pp. 201-226.

CHAMPLIN, Edward. *Nero*. Massachusetts: Belknap Press / Harvard University Press, 2003.

CLARKE, Graeme. "Third-century christianity" In BOWMAN, A.; CAMERON, A.; GARNSEY, P. (ed.). *The Cambridge ancient history, Volume XII: The crisis of Empire*. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 589-671.

CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

COURTNEY, Edward. *The fragmentary Latin poets*. New York: Oxford University Press, 2003.

CRAWFORD, M. H. *Roman republican coinage*. Cambridge, 1974.

CSILLAG, P. *The augustan laws on family relations*. Davenport: John Deere Publishing, 1976.

D'ARMS, J. H. "The Roman *convivium* and the idea of equality" In MURRAY, O. (ed.). *Sympotica. a symposium on the symposion*. Oxford, 1990, pp. 308-320.

DE HUMANA PHYSIOGNOMONIA. Iohannis Battistae Portae Neapolitani. Libri IV. Francofurti, 1618.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. Tradução de Maria Lúcia Machado, tradução das notas de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

DEZOTTI, J. Dejalma. *O epigrama latino e sua expressão vernácula*. Dissertação apresentada na FFLCH-USP para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas. Orientação: Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

DIXON, Suzanne. *The Roman family*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

DOLANSKY, Fanny. "Celebrating the Saturnalia: religious ritual and Roman domestic life" In Rawson, Beryl (ed.). *A companion to families in the Greek and Roman worlds*. Wiley-Blackwell, 2011.

DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaique, avec un appendice sur la religion des Étrusques*. Paris: Payot, 1974.

ELSE, Gerald F. *Aristotle's* Poetics*, the argument*. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

EYBEN, Emiel. *Restless youth in ancient Rome*. London and New York: Routledge, 1993.

FANTHAM, Elaine. *The Roman world of Cicero's* De Oratore. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FANTUZZI, M.; HUNTER, R. (org.). *Tradition and Innovation in Hellenistic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no* Satyricon *de Petrônio*. Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 1999.

_____. *A sociedade em Sêneca*. Tese de Doutoramento em História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. FFLCH-USP, São Paulo, SP: 2001.

FERNANDES, Marcelo Vieira. *Manílio, Astronômicas: tradução, introdução e notas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP, para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas. Orientação: Profa. Dra. Ingeborg Braren. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

FOWLER, W. Warde, M.A. *The Roman festivals of the period of the republic: an introduction to the study of religio of the Romans*. London: Macmillan and Co., Limited/ New York: The Macmillam Company, 1899.

FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRAZER, Sir James George. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1982.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

_____. *Grécia e Roma*, São Paulo: Editora Contexto, 2001.

GARNSEY, Peter; SALLER, Richard. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.

GENTILI, Bruno, "Epigramma ed elegia". *L'epigramme Grecque*. Entretiens sur Antiquité Classique, Tome XIV. Genève: Vandoevres, 1968.

GELZER, Matthias. *The Roman nobility*. Translated with na introduction by Robin Seager. Oxford: Basil Blackwell, 1969.

GHEY, Eleanor (ed.); LEINS, Ian (ed.); CRAWFORD, M. H. (contribution by). *A catalogue of the Roman Republican coins in the British Museum with descriptions and chronology based on M. H. Crawford,* Roman Republic Coinage (1974). London, 2010.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *História noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRIFFIN, Miriam. *Seneca: a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GRIGNON, C. "Commensality and social morphology: na essay of typology" In SCHOLLIERS, P. (ed.). *Food, drink and identity. Cooking, eating and drinking in Europe since Middle Ages*. Oxford: Berg. 2001, pp. 23-33.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*, trad. Hildegard Fernanda Feist, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GROCOCK, Christopher; GRAINGER, Sally. *Apicius: a critical editions with na introduction and English translations of the Latin recipe text*. Totnes: Prospect Books, 2006.

GRUEBER, H. A. *Coins of the Roman Republic in the British Museum*. British Museum: London, 1970.

GUASTELLA, Gianni. "Saturn, lord of the golden age" In: CIAVOLELLA, Massimo; IANNUCCI, Amilcare A. (org.). *Saturn: from Antiquity to the Renaissance*. University of Toronto Italian Studies 8. Ottawa, Canada: Dovehouse Editions Inc., 1992.

GUTZWILLER, Kathryn (org.) . *The new Posidippus: a Hellenistic poetry Book*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HASEGAWA, Alexandre Pinheiros. Dispositio *e distinção de gêneros nos* Epodos *de Horácio: estudo acompanhado de tradução em verso*. Tese de Doutoramento apresentada do PPG Letras Clássicas da FFLCH-USP, orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto. São Paulo, SP, 2010.

HUTCHINSON, G. O. *Hellenistic poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

_____. *Talking books: readings in Hellenistic and Roman books of poetry*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ICONOLOGIA di Cesare Ripa Perugino, cavalier di SS. Mauritio et Lazaro divisa in tre libri. Venetia: Presso Cristoforo Tomasini, 1645.

JOLY, Fábio Duarte. *Libertate ops est. Escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d.C.)*. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.

JONES, Robert Epes. 'Cicero's accuracy of characterization in his dialogues' In: *The american journal of philology*, vol. 60, no. 30, 1939, pp. 307-325.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturn and melancholy: studies in the history of natural philosophy, religion and art*. Nendeln / Liechtenstein: Kraus Reprint, 1964.

KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Tradução de Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LAGES, Susana Kampff. "*Melencolia I*: uma interpretação" In: MARQUES, Luiz (org.). *A constituição da tradição clássica*. São Paulo: Hedra, 2004, pp. 209-221.

LEITE, Leni Ribeiro. *Marcial e o livro*. Vitória, ES: EDUFES, 2011.

LAURENS, Pierre, "Martial et L'épigramme Grecque du Ier siècle après J. C." In: *Reuve des études latines* (REL), XLIII, Paris: "Les Belles Lettres", 1965, pp. 315-341.

LEVICK, B. M. "Nero's *quinquenium*". In *Collection Latomus*, v. 180, 1983, pp. 211-225.

LEVINE, Philip. 'Cicero and the literary dialogue' In: *The classical journal*. Vol. 53, no. 4, Jan. 1958, pp. 146-151.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *Continuity and change in Roman religion*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

LIVINGSTONE, Niall; NISBET, Gideon (org.). *Epigram*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LUCK, Georg. *Arcana mundi: magic and the cccult in the Greek and Roman worlds: a collection of ancient texts*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

LUGLI, Ubaldo. *La magia a Roma*. Gênova: ECIG, 1989.

MACGEOUGH, Kevin M. *The Romans: new perspectives*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, Inc., 2004.

MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARTINS, Paulo. "Parataxe e *imagines*" In: *Revista de estudos filosóficos e históricos da Antiguidade*. Campinas, no. 24. Jul, 2007 / jun. 2008, pp. 137-173.

_____. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: EDUSP, 2011.

MATTINGLY, H. *Coins of the Roman Empire in the British Museum*, vol. 1. London, 1923.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MORGAN, Llewelyn. "Neither fish nor fowl? Metrical selection in Martial's *Xenia*" In *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 103, 2007, pp. 385-406.

OLIVA NETO, João Angelo. *Falo no jardim: Priapéia grega, Priapéia latina*. Tradução do grego e do latim, ensaios introdutórios, notas, iconografias e índices João Angelo Oliva Neto. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

_____. "Riso invectivo x riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira" In: *Letras clássicas*, no. 07, 2007.

_____. "Marcial: uma sombra na ribalta" In AGNOLON, A. *O catálogo das mulheres*. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. "Bibliotextos: o livro e suas imagens na antiguidade" In: Martins, Paulo; Cairus, Henrique F.; Oliva Neto, João Angelo (org.). *Algumas Visões da Antiguidade*. Coleção Estudos Clássicos. Vol. 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, pp. 177-187.

PREDEBON. Aristóteles A. *Edição do manuscrito e estudo das* Metamorfoses *de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire.* Dissertação apresentada FFLCH-USP para obtenção do título de Mestre. Orientação: Prof. Dr. João Ângelo Oliva Neto. São Paulo, SP, 2006.

PRATA, Patrícia. "*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto" In: *Aisthe*. no. 4, 2009, pp. 38-53.

PUELMA, M. "Epigrama: osservazioni sulla storia di un termine Greco-Latino" In: *Maia: rivista di letterature classiche*. Nuova serie / fascicolo II / anno XLIX, maggio-agosto 1997, pp. 189-213.

RABBIE, Edwin. 'Wit and humor in Roman rhetoric' In: *A companion to Roman rhetoric*. Edited by W. Dominik and J. Hall. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de história da cultura clássica: volume II, cultura romana*. 4ª. Edição, revista e atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

RICHLIN, Amy, *The garden of Priapus: sexuality and aggression in Roman humor*. New Haven / London: Yale University Press, 1983.

RICOTTI, Eugenia Salza Prina. *L'arte del convito nella Roma antica*. Studia Archaeologica, 35. Roma: 'L'Erma' di Bretschneider, 1993.

ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROLLER, Matthew B. *Dining posture in ancient Rome: bodies, values, and status*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

ROSEN, R. M. "Hipponax, Boupalos and the conventions of the Psogos" *In: Transactions of the american philological association*, Vol. 118. (1988), pp. 29-41.

SALLER, Richard P. "Familia and domus: defining and representing the Roman family and household" In SALLER, R. P. *Patriarchy, property and death in the Roman family*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 74-101.

SALLES, Catherine, *Nos submundos da Antiguidade*, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no* Do orador *de Cícero: um estudo à luz de* Ad familiares*, I, 9, 23*. Tese de Doutoramento apresentada ao PPG em Letras Clássicas da FFLCH-USP. Orientação: Profa. Dra. Zélia L. V. de Almeida Cardoso. São Paulo: FFLCH / USP, 2009.

SCHAEFFER, *The art of laughter*. Nova York: Columbia University Press, 1981.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEAR, David R. *Roman coins and their values*. London: Spink, 2000 (vol. 1), 2002 (vol. 2), 2005 (vol. 3).

SOHM, P. L. "Dürer's *Melencolia I*: the limits of knowledge" In *Studies in the history of art*. Washington: National Gallery of Art, 9, 1980, p. 13-32.

STERN, Henri. "A propos des poésies des móis de l'*Anthologie Palatine*" In *Revue des Étude Grecques*, 1952, pp. 374-382.

_____. *Le Calendrier de 354: étude sur son texte et ses illustrations.* Institut Français d'Archéologie de Beyrouth. Paris: Libraire Orientaliste Paul Geuthner, 1953.

SULLIVAN. J. P. *Martial: the unexpected classic, a literary and historical study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SUTHERLAND, C. H. V.; CARSON, R. A. G. *The Roman imperial coinage*. Volume I. London: Spink and Son Ltd., 1984.

SWAIN, S (ed.). *Seeing the face, seeing the soul: Polemon's* Physiognomony *from Classical Antiquity to Medieval Islam*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SWANN, Bruce W. *Martial's Catullus: the reception of an epigrammatic rival*. New York / Zürich: Georg Olms Verlag Hildesheim, 1994.

TESAURO, Emanuele, *Tratado dos ridículos da obra Il Cannocchiale Aristotelico, editado em Turim em 1670, por Bartolomeo Zavatta*. Tradução de Cláudia De Luca Nathan, Campinas: Centro de documentação Cultural Alexandre Eulálio, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Dionisismo, poder e sociedade: na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do IEL-UNICAMP, orientação: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos. Campinas, SP, 2006.

ULLMAN, B. L. "Classical authors in certain mediaeval florilegia" In *Classical Philology*, vol. 27, no. 1, 1932, pp. 1-42.

VALETTE-CAGNAC, Emmanuelle. *La lecture à Rome: rites et pratiques*. Paris: Éditions Belin, 1997.

VEYNE, Paul, *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o ocidente*. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. *A sociedade romana*. Lisboa: Edições 70, 1990.

VOLK, Katharina. *Manilius and his intellectual background*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

WEBB, Percy H. *The Roman imperial coinage*. Vol. V. London: Spink, 2001.

WEST, Martin. *Studies in Greek elegy and iambus*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1974.

_____. *Greek metre*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

_____ . *Iambi et elegi Graeci ante Alexandrum cantati*. Oxford, 1989, v. 1

YATES, Frances A. *A arte da memória*. Tradução de Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

6) DICIONÁRIOS

BAILLY, A. *dictionnaire grec-français*. Rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1994.

DAREMBERG et SAGLIO. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Ouvrage rédigé par une société spéciaux, d'archéologues et de professeurs sous la direction de MM. CH. Darember et Edm. Saglio. 1877-1919. [http://dagr.univ-tlse2.fr/sdx/dagr/index.xsp].

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ Fundação de Assistência ao Estudante, 1994.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2000.

GAFFIOT, Félix. *Dictionaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1979.

GLARE, P.G.W. *Oxford latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille, 2ª. Ed. Lisboa: Difel, 1993.

HARVEY. P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LEWIS & SHORT. *A Latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1989.

LIDDEL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart, Sir. *A Greek-English Lexicon*. Compiled by Henry George Liddel and Robert Scott. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones, with the assistance of Roderick McKenzie. With a revised supplement. Oxford: Oxford University Press, 1985.

PEACOCK, D. P. S. *Pottery in the Roman world: an ethnoarchaeological approach*. London/ New York: Longman, 1982.

RICH, Anthony. *Dictionnaire des antiquetes romaines et grecques*. 3ª. Ed., Paris: Didot, 1883. [http://www.mediterranees.net/civilisation/Rich/].

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. Redigido segundo o plano de L. Quicherat. 11ª. Ed., Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000.

Thesaurus linguae latinae. Index librorum scriptorum inscriptionum ex quibus exempla adferuntur / editus iussu et auctoritate consilii ab academiis societatibusque diversarum nationum electi. Editio altera. Lipsiae: In Aedibus B. G. Teubneri, 1990.

Índice de Imagens

FIGURA 1: RIC 252 – Denário de Prata (32 - 29 a.C.) – The British Museum, Londres.

FIGURA 2: RRC 50/4 (Ghey, Leins & Crawford, 2010, 50. 4. 2) – The British Museum, Londres. Moeda de bronze, período republicano. 209 - 208 a.C. Obverso: Saturno coroado, perto da nuca: *S[aturnus]*; Reverso: Proa de uma nau, acima um S (*Saturnus*).

FIGURA 3: RRC 56/3 (Ghey, Leins & Crawford, 2010, 56. 3. 10) – Moeda de Bronze, 211 a.C. (*circa*) – The British Museum, Londres.

FIGURA 4: BMCRR Rome 4058 – Denário de Prata de Juno Moneta (46 a.C.) – The British Musem, Londres.

FIGURA 5: Saturno. Casa dos Dióscuros, Pompeia (séc. I d.C.). 68x41cm. – Museo Archeologico Nazionale, Nápoles.

FIGURA 6: RIC V 606, RCV (2005) 10170 – Moeda de Bronze, séc. III d.C. Reinado de Galieno (254 – 268 d.C.). Obverso: Galieno com vestes drapejadas, em torno a inscrição: GALLIENUS AUG[USTUS].

FIGURA 7: RRC 310/1b, Denário de Prata, 106 a.C. – The British Museum, Londres.

FIGURA 8: Reverso de um denário de prata da época republicana (89 a.C.). Tarpeia sob escudos, resiste inutilmente aos soldados sabinos prestes a matá-la. Acima uma lua crescente. Abaixo a inscrição L[VCIVS] TITVR[IVS], o nome do emissor da moeda. RRC, 344/2a-b. – The University of Virginia Art Museum, Numismatic Collection.

FIGURA 9: *Melencolia I*, Albrecht Dürer (1514). Anhaltische Gemäldegalerie, Dessau, Alemanha.

FIGURA 10: Dezembro. *Calendário de 354*, manuscrito de Viena (1500-1510), Biblioteca Nacional, ms 3416.

FIGURA 11: Provável afresco saturnalício. Homens jogando (dados?). *Osteria della via di Mercurio*, Pompeia, século I d.C.

FIGURA 12: Homens jogando dados. Mosaico romano de El Djem, Tunísia, século III d.C. Bardo Museum, Tunis.

FIGURA 13: Escravos ocupados com os preparativos de um banquete. Mosaico de Cartago, 225x240cm. 180-190 d.C. Museu do Louvre, França.

FIGURA 14: Musicistas em um banquete. Afresco romano (detalhe), século I d.C. Museo Nazionale Archeologico di Napoli.

FIGURA 15: Cena de Banquete. Repare-se ao fundo um escravo ou escrava desempenhando suas funções. O vinho e a mulher desnuda – talvez uma cortesã – deixam entrever o ambiente licencioso dos banquetes. Afresco romano, Herculano, Campânia. 62-79 d.C. Museo Nazionale Archeologico di Napoli.

FIGURA 16: Cupidos negociando o vinho (detalhe). Afresco romano, segunda metade do século I d.C. *Casa dos Vetii*. Pompeia. Essa pintura mural faz parte de um longo conjunto de imagens, nas quais os *cupidines* desempenham diversas tarefas do cotidiano, geralmente reservadas a escravos e libertos.